



A SOCIEDADE SEM ROSTO

Vitória Morais

Editor

Thiago Domingues

Projeto Gráfico e Editorial

Cachalote

Revisão

Gabriel Santos Carvalho

Copidesque

Heitor Melo

Diagramação

Rodrigo Rodrigues

Capa

Vinicius Ribeiro

Copyright © Viseu

Copyright © Vitória Morais

Todos os direitos desta edição são reservados à

Editora Viseu

Avenida Duque de Caxias, 882

Telefone: 44 - 3305-9010

e-mail: falecom@eiseu.com

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Morais, Vitória

A sociedade sem rosto / Vitória Morais – 1ª ed. – Maringá: Viseu, 2019.

ISBN

1. Romance 2. Literatura brasileira

I. Morais, Vitória. II. Título.

82-3

CDD-869.93

Índice para catálogos sistemáticos:

1. Romance: Literatura brasileira B869

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, incluindo ainda o uso da internet, sem a permissão expressa da Editora Viseu, na pessoa de seu editor (Lei nº 9.610, de 19.2.98).

SUMÁRIO

FIGURA I - O corpo	9
FIGURA II - As relações	38
FIGURA III - Os padrões.....	62
FIGURA IV - Os diagnósticos.....	82
FIGURA V - As vozes.....	101
FIGURA VI - Os amores.....	116
FIGURA VII - Os significados	137
FIGURA VIII - As tragédias	168
FIGURA IX - As inseguranças	185
FIGURA X - Os detalhes.....	211
FIGURA XI - As partidas.....	214
FIGURA XII - A alma.....	232

FIGURA I

O corpo

Aqui estou eu novamente. Sem nada nas mãos, ou nos braços, ou nas pernas. Aqui pois sou um ser que sente; um ser que sempre sente. Não preciso ter nada comigo para poder estar em contato com as outras dimensões possíveis de serem exploradas e desembaraçadas pelo nosso fio de esperança vital, na qual emana para todos, perceptivelmente. Não tenho nada! Na verdade, a realidade verdadeira é essa. Que não tenho nada, mas sinto que possuo tudo quando tenho esses relances estranhos que assustam-me quase sempre. É alguém me dizendo que devo fazer algo. Fazer algo de extraordinário. Não é? É sim, sinto que sim. E quando sinto, é como se uma fé estranha e assustadora, me tornasse alguém capaz de vencer impossíveis derrotas. Mas olha, estou aqui esperando, não sei o quê – para não sei aonde. Talvez o instinto de aventureira venha me balancear de vez em quando, para me fazer perceber o que são as verdadeiras aventuras, as inconstâncias da vida; e não esse meu usual teatro mental na qual crio o cenário todo para mim, e ainda passo para o mundo como se fossem coisas reais, mas não foi nada disso. Foi tudo dentro da minha cabeça. Uma loucura.

Mas então esse instinto de aventura às vezes me enlaça sem querer e não caibo mais em rótulo algum por aqui.

Estava pensando nas paredes brancas em que olho sempre, todos os dias, todas as noites, todas as tardes, e elas nunca me dão um foco, ou um ponto a seguir com firmeza nas lacunas imaculadas do ser. Elas estão aqui, e não parece mais que eu olho para elas – mas sim, que elas olham para mim. Assustadas, amedrontadas, como se quisessem que eu sáísse de suas visões por um tempo. Mas então, as olho! E nesse olhar entre as quatro paredes brancas, vou me olhar no espelho. Completamente nua. E dentro da minha nudez falante e evasiva, surge a conclusão anônima e inabitual sobre mim mesma e o físico que tanto me engloba: eu sou o fruto da minha própria imagem. Quer dizer, a imagem de quem eu sou me cria para o mundo de fora – dando, assim, aos outros, milhares de possibilidades de pensarem determinada coisa sobre mim. Aquelas coisas na qual não faço ideia – pois não estou no universo do outro. Me olhei.

E continuava me olhando. Olhava meu corpo magro, meu rosto aparentemente hidratado, e sorri forçadamente para ver no que é que dava.

Não dava em nada. Nunca dava em nada, pois ali era somente um teatro para mim mesma; o outro, talvez, nunca veria aquelas cenas na qual dispunha de todo o meu tempo de sono, o tempo da noite, da madrugada expelida unicamente para as objetividades inanimadas das invenções e criações próprias. E são tudo, pontes e instrumentos para criações, sei disso. Mas acontece um fato raro e absolvente dentro das maledicências da criação: o criador conduz a criação, mas a criação sem a cautela acaba tornando-se um tornado de realidades infundadas e sem causas.

Aí está! Esse momento aqui que me olho no espelho, ele está cercado e emaranhado de situações embaraçosas comigo mesma. Tudo porque a minha criação está me cercado de loucuras. Ela está beirando a loucura para mim mesma! Penso no que não se devia pensar, analiso cousas que não devia; comparo fatos, preposições e possibilidades. E claro – não chego a lugar algum.

Ontem eu estava na praia, depois de ter andado oito quilômetros dentro de uma multidão alegre e feliz. Na praia, observei as pessoas, seus corpos com biquínis e sungas. Comecei a reparar em suas magrezas, em suas gorduras, em tudo que não deve-se comparar, mas não que eu tivesse dado um sentido pejorativo para tudo isto: eu comparava elas comigo, e eu nem as conhecia. Pois, para se comparar, era preciso conhecer; e o conhecer é sempre um mistério, uma onda que surge, e segundos depois, desaparece. O conhecer é volúvel, mutável, efêmero. Este é um dos piores absurdos que eu chego a cometer dentro dos meus naufrágios em navios mentalizados, aonde passeiam utilmente ao lado do coração. Mas enfim tento dar um sentido para essas análises, que por ora são distantes, outras oras são tão íntimas que mal consigo colocar para fora as análises, pois elas parecem tão frias. E a frieza exposta, assim, por muito tempo – congela.

Olhava para meu rosto vermelho como camarão na frente do espelho, todo o meu rosto ardia. O sol geralmente faz-me bem, mas o que o sol faz quando se aproveita dele por muito tempo, é doloroso; faz arder mesmo. Ele se fixa durante o dia, mas além disso, o mesmo não suporta que seu brilho seja ofuscado por longo tempo; quando se faz isto, ele queima quem estiver próximo demais.

Olhava para meu corpo novamente – toda a sua diferença de anos para cá, pensando nele como se fosse mero instrumento. E não o é? Eu creio que

sim, um instrumento natural; que pode ser de todas as formas e de todos os tamanhos. Mas e quando essa forma muda após uma mudança de hábitos e então – seu psicológico estranha e logo sente-se estranho? Pode ser estranho, sim, quase sempre é. As mudanças são sempre estranhas. Mas, o psicológico estranha e logo se desespera, por conta de uma coisa boa a acontecer, é um psicológico viciado nos tormentos. Percebi-me assim, viciada nas sensações de tristeza e de desânimo; logo quando vi meu corpo mudar para melhor, e senti-me, assim, mais disposta a outras coisas; mas meu psicológico estranhou tudo isso, e ainda estranha, e ainda se desespera pelas mesmas razões, as razões nas quais não tenho mais motivos para deixar-me à toa por aí. Nem mesmo render-me aos paralelepípedos desengonçados da vida.

O psicológico viciado em tormentos é a pior parte de se consertar dentro de uma mudança geral em si mesmo. É a reta final para se render às transcendências ocultas.

Mas calma. Eu ainda olhara para meu corpo nu no espelho, olhava para ele, tendo uma visão de cima para baixo, abaixando a cabeça. Olhando minhas partes de baixo e acariciando toda a minha pele.

Havia algo de misterioso no corpo humano.

Eu sempre senti isso, desde a mais tenra idade. Não se pode falar dele em público, sobre suas supostas intimidades e gostos sobre ele, que olhares estranham, se constroem, dão risada; enfim, inúmeras reações, todas para mascarar uma vergonha de se falar do corpo humano, de se falar do corpo nu.

O meu corpo estava nu. Ele estava, com certeza, e não havia ninguém para olhá-lo, a não ser eu. E os vizinhos, porque nem mesmo na maior privacidade do mundo conseguirei ficar só. Mas não falo somente dos vizinhos que perambulam procurando pessoas nuas na janela. Digo, nunca conseguirei ficar só – pois tenho um grau de consciência tão elevado, que até parece que não sou eu que tenho essa consciência. Ela é tão torturante para comigo mesma, e me pergunto por ora, se sou eu mesma que falo comigo. Se não é outra pessoa a qual vive em mim e ronda, circula, mortifica a minha presença com a ilustre nudez da consciência.

A nudez do corpo também lembrava – e, para alguns, instigava o apetite sexual. Isto é, para a visão social na qual vê o corpo nu como um objeto puramente sexual. Não que isto fosse raso, ou até mesmo sem graça; o ato sexual é necessário para determinadas circunstâncias despencarem uma certa

amorosidade e leveza nas estimulações e rigidezes do corpo. O sexo tornava a rigidez imperial em um corpo leve após o estímulo. Mas creio que tudo isso possa se dissipar e se destruir após decepções e abalos constantes nas relações que se institui no ato do sexo.

Ora, se perde a vontade quando se é a todo tempo rebaixado como se fosse indigno de possuí-lo, ao menos uma vez, com alguém na qual consideram digno – muito maior: alguém que controla os atos sexuais. E então, daí se perde toda a vontade de sexo, de desejo, de anseio pelo contato do corpo. Quando se é tirado toda a sua dignidade de possuir este sentimento, ele não existe mais; alguém lhes tirou sua barbatana e sobrou somente o corpo frio e seco. Esta é a glória maior de nunca ter sido chamada de nada constrangedor em relação a sua imagem e aparência. Pois, quando se é chamado e humilhado pelas piores cousas, então a vontade do sexo e o anseio por ele, desaparecem; como se, de fato – não existisse dignidade dentro de si para tal atitude com outrem.

Mas, enfim, existe uma barreira dentro do corpo nu que impede uma possível transcendência para a fuga das náuseas recorrentes da vida mundana. O corpo nu significa que se está presente no mundo, isto eu sei, isto eu tinha consciência a todo tempo que eu me olhara no espelho. E quando se está presente no mundo, como se pode deixar as satisfações do corpo de lado? E não falo do corpo com as vestes, pois as vestes são a máscara e o disfarce do corpo; nunca vemos ele como é realmente com as vestes, elas enganam e mentem; incorporam algo que não é. Falo do corpo nu, naquele que existe a vergonha ou a liberdade. Na vergonha, o corpo se encolhe, na liberdade, ele se abre.

Eu nunca sei o que fazer quando me olho no espelho por inteiro. Digo, não sei o que fazer pois é uma carne para se sustentar, e me pergunto se sou responsável o suficiente para cuidar desta carne durante anos! Digo, a responsabilidade de se carregar o próprio corpo por aí vêm no automático, já depositamos certa confiança nele e seguimos adiante. Mas e se de repente ele parasse de funcionar? Se esse botão automático que temos em relação a responsabilidade sobre a nossa própria carne se quebrasse? Viveríamos todos inseguros em sustentar nossos corpos apenas com o poder que o cérebro pode proporcionar a ele para seguir – ou nem mesmo isto. Creio que, se todo mundo pensasse o quão é responsável pela sua própria carne no mundo, quase todos se desesperariam. Uns não pensariam, abstrairiam – outros, tornar-se-iam lunáticos vivendo com medo até da sua própria sombra. E até a sua própria

sombra é uma responsabilidade imensa – carregá-la pelas ruas durante o dia. Tudo tem um peso, tudo tem um cargo, uma responsabilidade.

Mas somente por que estas ideias se tem um peso, não significa que também não circundam dentro da leveza. Uma coisa que as pessoas que se relacionam com o corpo nu não entendem: uma coisa não anula a outra. O apetite sexual que o corpo nu pode instigar não anula o fato de sua nudez – também ser a verdadeira pureza e a essência dos afetos incondicionais.

Eles não compreendem; eximem em si mesmos, uma bruteza impossível de se renegar, enxergam a brutalidade na sexualidade, sendo vista como uma indelicadeza para quase todos. É feio de se ver, de saber, de se ouvir. Uma beleza vital ser transformada em brutalidade indubitável.

Mas então, ainda olhara meu corpo nu e estava tudo ali. Meus ossos, pele e compostura. Não havia nada de errado com ele, mas mesmo assim – eu via algo de errado. O que é que estava errado nele, afinal? A magreza? Não, não poderia ser. A altura? Também não. Mas a alma me acendia para uma ausência de medo, como se eu tivesse que enfrentar o meu corpo todos os dias, para só assim – o erro do corpo imagético sumir. Sim, o corpo era uma imagem! Uma imagem criada por nós mesmos; o adorando, o supervalorizando, mas em troca de quê? Ele era somente o sustento de toda a nossa estrutura; era isto, e sua beleza estava somente nessa sua força, nessa sua capacidade de sustentar uma vida, que pode perambular por aí graças a nosso sonambulismo hereditário. Nosso corpo nos modifica, nos faz seres visíveis no mundo, e não somente almas penadas, mas os tratos mórbidos e sórdidos para com eles são impossíveis de serem contados no dedo.

Digo e penso tanto sobre o corpo porque tenho uma simples obsessão que me faz pensar a todo tempo sobre minha própria existência, como a minha existência se perpetua nos ambientes onde passo. Mas creio que é assim com todo mundo, por isso observo atentamente. Pois sei que – absolutamente toda vida que respira, toda vida que está viva, está destinada a causar alguma sensação nos ambientes; e o corpo é o que sustenta toda essa energia que irá causar sensações nos demais seres vivos, após a entrada daquela alma sustentada pelo corpo em determinado lugar.

Também tenho a nobre consciência de que todos os meus pensamentos sobre o corpo e sua nudez, e como ele é visto pelo social, pode não levar a lugar algum. E quase nunca leva a lugar algum, somente com uma suposta prática

da nudez ser incorporada para virar costume – aí então, teríamos um avanço. A partir da prática que se sucede ao costumeiro, creio que caminhamos para o lugar certo. Quando aquilo não mais choca, não assusta; é porque tornou-se costume. Mas, é claro, dentro de toda essa gama de populações mentais existem os pensamentos apaixonados e os pensamentos desapaixonados; que são reflexos do corpo com as vestes e sem as vestes.

Os pensamentos desapaixonados são aqueles inconstantes, que não se interligam nem mesmo se concatenam. São aqueles pensamentos com tendência a se mostrarem perturbadores se não os observar constantemente, atentamente. Já os pensamentos apaixonados são os que seguem sempre um caminho, uma linha reta, uma força que lhes é sugerida a todo tempo para tornar-se algo maior; para tornar-se ação, a ação da realeza. E, no caso do corpo nu, o corpo nu de frente ao mundo, é uma força de realização, uma força de vontade, vinda de um pensamento apaixonado, que todos costumam ver como um delírio, ou seja – vinda do pensamento desapaixonado. Sendo que – o que engloba os verdadeiros pensamentos desapaixonados, aqueles pensamentos sangrentos e turbulentos, são parecidos com as vestes, os panos que nos vestem para cobrir a natureza corporal.

Agora, me veio uma infatigável ideia querendo me atirar às comparações: a minha razão, a razão do meu corpo nu, nunca será a mesma razão de um outro animal, que não o humano. A minha razão é curiosa – se estende até os máximos pontos das margens e das periferias de um centro. É uma curiosidade acerca das minhas mecânicas, dos meus gostos, das minhas vontades, dos meus desprazeres, das minhas características que podem ser boas e ruins a depender de quem as vê! Pois bem, a minha razão não é predominante nos prazeres dos sentidos ou dos prazeres carnavais. E talvez seja por isso – que ao olhar meu corpo nu no espelho, me impossibilito de ver um possível apetite sexual ali, ou ao menos – quando imagino outro corpo nu junto ao meu, não me traz honrosas vontades de mover-me em direção a este prazer que imagino agora. Este prazer, tão venerado e idolatrado.

As situações nas quais me cabe possivelmente deleitar os prazeres do sexo seriam aquelas aonde a alma já está completamente infiltrada e encantada com o que se vê e com o que se toca, diante de mim. Quando todas as minhas ideias já disseram para o meu corpo o que eu deveria fazer com aquelas sensações criadas: partir para a possível ação súbita de cometer uma vontade sexual.

Mas nem por isso – farei também. A consciência ainda existe em mim, e por existir a consciência, ainda penso sobre o que deveria fazer com tais sensações; se divido com o outro ou se guardo para mim. Não nego que alguns corpos nus instigam mais apetites do sexo do que outros; mas estes corpos se juntam ao meu somente na minha imaginação composta, aonde misturo o fato com as possíveis possibilidades disto se acometer na realidade. E mesmo que se acometa, a imaginação composta me dá um combustível de saber quem eu sou dentro desses contextos aonde não se pode falar em voz alta, não se pode verbalizar em alto som, os das minhas próprias ideias eróticas.

E a razão curiosa começa daí! A curiosidade pode existir em níveis interiores e exteriores. E os animais que não o humano, possuem uma racionalidade na qual predomina a intuição pela sobrevivência através dos sentidos. A razão humana é mais peculiar – pois ele se indaga sobre os porquês das coisas, ele se encanta com sua própria curiosidade em relação a conhecer o que existe e como essas cousas existem.

O meu corpo nu no espelho agora está me dizendo como poderei mostrar aos outros o aspecto mais improvável dessa faceta humana: a inocência de um corpo sem roupa. Era isto em que eu pensava a todo tempo desde que cheguei em casa.

Como transformaram inocência em malícia? Como conseguem fazer isto? Creio que a manipulação, a vontade de vingança de algo, a fome pela destruição, chegou a determinado ponto dentro da história que são passados todos esses sentimentos negativos para nós – até hoje – e engolimos com o passar do tempo, causando a famosa alienação; que mata e corrói aos poucos. Tudo porque alguém semeou a negatividade do seu próprio egoísmo. Agora, lhes pergunto: em alguém de hoje, existe o real merecimento de egoísmos de outrem serem passados adiante? Provavelmente falarão que poderá ser uma questão de vidas passadas, ou até de missão de vida.

Sim, concordo; porém, existe a fiel diferença entre se fazer o que é preciso, e com isso – gerar um sofrimento necessário para fazê-lo – e a outra é o sofrimento desnecessário em níveis irrelevantes para a saúde de alguém. Muito pelo contrário, o sofrimento desnecessário e exacerbado impossibilita disto ser uma missão de vida, já que o sofrimento em maior grau impede alguém de fazer qualquer coisa, seja ela o que for.

Não me levem a mal, sou eu, uma pessoa profundamente conectada com

o meu ser interior; mas aqui, em situações nas quais vejo em que a vida de alguém está sendo jogada fora sem o maior uso da mesma, me entorpece os sentidos e fico surda para qualquer compreensão que meus guias peçam-me para ter com o suposto disseminador de discórdias. A conversa, o diálogo, a compreensão mútua enaltece-me, e só com ela posso sentir que fiz meu papel principal dentro de toda a confusão da vida. Porém, existem ainda os que vivem embrutecidos, sem saber trocar uma palavra sequer; ao invés disto, trocam-se socos, tiros e xingamentos.

A violência roubando o lugar da comunicação honesta. Mas, no fundo, todos dizem prezar pela paz e pelo amor.

Sem a compreensão mútua que vem da comunicação honesta e sincera, não há como ter acordos de paz, não há como sanar as carências afetivas, as vontades de ressentimentos, os desejos impiedosos de invadir e invalidar o outro; nada disto se resolve sem um lado compreender o outro. E, para isso – há de haver exercícios mentais constantes e sair da superficialidade da sua própria redoma de mundo. Não para pensar o sentimento do outro, mas sim senti-lo, como se fosse seu. Não provocará dano algum e ainda se sobressai como a felicidade plena. Creio eu – que seja essa uma espécie de plenitude.

Mas, tudo bem. Voltando ao meu corpo nu. Ele está aqui, parado ao espelho; não sei se sou eu que estou olhando para ele ou se é o espelho que o julga horrivelmente simplesmente por ele estar assim, esbelto. Não sei se quem julga é o objeto ou o sujeito. Eu nunca sei; por que, os objetos às vezes têm resquícios dos sujeitos que o tocaram, e o toque é a mais sutil presença de determinada sensatez do cuidado com o outro. Então, nunca sei se o sujeito, o qual tocou naquele objeto que provavelmente está julgando, foi um maledicente ou um puritano. Ou, talvez – nenhum dos dois. Ou talvez, o objeto não tenha nem mesmo vida, como dizem. Não tem vivacidade; porém, o sujeito que o criou, tem. E muita. É por isso que acho que os objetos são capazes dos mais possíveis julgamentos; tudo que o objeto passa, se se mostra ao contrário para ele, sua presença já é inválida para você, e por isso, o objeto deseja não estar mais ali.

Pois bem, o meu corpo nu sempre gostou do espelho – então duvido que o mesmo esteja me julgando, já que ele me é útil a todo tempo. Mas sua utilidade é somente o ato de usá-lo em algumas ocasiões, ele não é meu obsessivo; mas talvez o criador do espelho tenha um simples desejo que ele o seja.

E eu não sei se, quando olho para meu corpo, tenho a mesma visão sobre ele

que o criador do espelho teria. Provavelmente, o mesmo estaria tão obcecado em sua própria criação servir de necessidade para a civilização viciada em sua própria imagem, que nem mesmo pensara no que os sujeitos, donos dos corpos que refletem no espelho, pensaria sobre toda essa confusão.

Alguém bate na porta de casa. Eu morava sozinha, e frequentemente, viam me visitar. Amigos, alguns familiares – e o síndico do prédio de cinco andares no qual eu morava, perturbando-me o juízo para pagar as devidas contas no dia. Mas, mal ele sabe que sempre pago tudo adiantado, e por isso reclama sem mesmo perceber os meus atos, reclama por reclamar. Reclama pelo hábito, reclama sem o uso da razão.

Essa é a hora em que desabo em relação ao meu corpo nu: ter de vestir-me novamente para abrir a porta para alguém. A civilização esconde o nu, os comportamentos intrínsecos e as vontades mais particulares de suas próprias naturezas. Mas tudo bem, aqui eu assumi para mim mesma que também sou uma espécie de puritana, e, mesmo que não olhassem com malícia ou espanto um corpo nu, eu mesma preferiria cobrir-me somente pela autopreservação.

Me vesti para ver quem era. Abri a porta. Era uma velha amiga; Julia. Ela foi logo entrando invasivamente, enquanto eu – como sempre – em meus pensamentos lentos, o raciocínio um pouco precipitado em relação a minha própria interpretação do seu gesto ser visto como uma invasão para mim. Ora, ela era minha amiga, poderia entrar, pois já nos conhecíamos. Isto é um fato para mim. Mas se até com meus amigos mais próximos necessito da minha reserva extrema e absurda, e logo quando eu meditava sobre meu corpo nu no espelho, no meu grande ápice momento do dia, esperando pelo triunfo de se chegar a alguma ideia que pudesse me fazer transcender a agonia dos corpos sexualizados, ela chega, entra no espaço e muda de assunto. E então, sou obrigada a correr para o outro assunto que ela traz; na qual, provavelmente, não será do meu agrado, pois as pessoas quando querem ver umas às outras querem conversas sobre as trivialidades mais inoportunas.

- E então, o que está fazendo? Hoje é sexta-feira! – Ela disse – Não quer sair?

- Eu acabei de chegar, estou morta. – Falei – Preciso descansar.

- Sei – Ela disse, em tom suspeito – E para onde foi, que está tão morta assim? Praia, não é? Estou vendo pelo seu rosto queimado.

- Sim... – Fui desmotivada – E agora só quero cair na cama.

O que na verdade eu não queria; aquilo na verdade eram desculpas inventadas para continuar os meus processos existenciais e reflexivos nos momentos que estou sozinha. Aonde posso aproveitar esses momentos, sem a perturbação de ninguém. As perturbações alheias eram as coisas que mais irritavam nestas horas aonde a inspiração exige que eu a trate como superior em meio às outras almas estranhas sondando pelos ares. E a alma de Julia era uma alma que desprezava as inspirações, tudo que ela queria eram diversões passageiras.

Mas aonde era mesmo que eu errara dentro desses mistérios que são as relações humanas? As minhas atitudes fechadas só mostram mais ou menos para quem capta as sutilezas – que na verdade sou completamente aberta. E por isso, me fecho na minha redoma; tudo por causa disto, porque sou aberta. E se sou aberta, não suporto ser sugada a todo tempo pelas malícias de outrem. Sofro, e não posso fazer nada com esse sofrimento, somente esperar que cesse. Existem certos momentos em que mostro por meio de atitudes essa minha postura aberta, porém – a expectativa em cima de mim cresce compulsoriamente, então, me fecho novamente. E tenho uma obrigação inconsciente comigo mesma de carregar o mundo nas costas (o que, sinceramente, não é de minha escolha, queria que fosse).

Mas o que acontece é que – o que os outros veem em primeira instância no outro, e logo depois, veem a outra parte da pessoa quando o conhecem na intimidade, acham que, o que viram na primeira impressão, não era verdade. Ou então, se é anulado quando se conhece a outra parte. Mas isso é errôneo, uma mentira. Um lado não anula o outro, eles estão sempre ali. As minhas atitudes fechadas na aparência e as atitudes abertas na intimidade (ou ao contrário) estão sempre ali, um não anula o outro, um não nega o outro. Pelo contrário! Quem nega são as pessoas de fora, que acham que um ser é composto somente de um lado, e assim – os outros que ouvem aquilo sobre suas próprias imagens, se enganam sobre quem são de verdade. E se perdem de si mesmos, pois ouvem em exacerbo o lado exterior, que lhes diz que eles são uma coisa só, e não uma composição de inúmeras características.

Bom, as relações humanas... elas são complicadas. Ainda não sei quando as amo e quando as odeio. E tudo isso vem de uma necessidade talvez individualista de querer estar sozinha a todo tempo. Ora! Se sinto vontade de estar sozinha a maior parte do tempo é porque a maioria das pessoas não me contentam, se elas não me contentam, será que me acho superior por causa disto?

Não se trata de se achar tal coisa, mas do que esse sentimento representa para mim e para o mundo que enxerga. Sem se prender a rótulos; sua representação é mais aguda e mais forte que qualquer outro sentimento de possível apego que eu possa sentir em relação a alguém.

Será isto – um contato maior com um ser superior? Ou talvez seja só eu que procrastino o aprendizado de se conviver com os outros? Mesmo sendo tão diferente, tão árduo e desafiante, por que renegar? Apesar dos pesares, se obtém um prazer fiel e honroso dentro do meio: o respeito. Pelo menos, é o que consigo quando estou confiante nas horas dos conflitos e das tomadas de decisões.

- Tudo bem. – Julia disse – Então, pelo menos, posso dormir aqui?

- Pode.

- Ótimo! – Ela animou-se – Então vou ali no mercado comprar umas cervejas, chamar um pessoal.

Apesar do meu cansaço e da minha vontade de ficar sozinha, que eu necessitava, não me surpreendi com essa atitude dela, já imaginava que faria isso; mas quando acontece, é sempre frustrante, apesar da imaginação ter lhe poupado de possíveis somatizações emocionais. A imaginação para mim – era crucial nesse ponto de imaginar coisas catastróficas, e quando elas realmente acontecem não me sinto tão abismada, pois foi como se eu já tivesse visto tudo isso antes. A cena se repetindo, não me acometeu nada dentro da imaginação, por que se acometeria adentro da realidade também? Porém, ela às vezes prega peças. Ela é muito saborosa, mas muito nociva. Ela pode instruir em seus sonhos um caminho de desencana e aí, fica sem saber para onde se vai depois de um tempo.

A imaginação poderá te guiar para um caminho de nervosismos constantes ou de uma elevada suspensão para os céus. A escolha é própria da pessoa, apesar de sabermos que essa escolha é difícil de ser tomada, e quando se é tomada para a segunda opção, se fica sozinho, longe de tudo e de todos. Se necessita. Por isso que é uma escolha obviamente fácil, mas quando se vê de perto, com um olho microscópico, não é tão fácil assim de escolher. Pois começamos a enxergar a teia de complexidades existentes ali naquela escolha aparentemente óbvia.

Mas a imaginação que eu cito, é praquelas pessoas que têm os verdadeiros poderes de imaginar objetivos surreais, não praquelas – aonde a imaginação

é apenas a memória, lembranças, momentos que se acometeram, o que para mim, não é a verdadeira imaginação, mas sim somente um ato de relembrar as sensações, e não de cria-las no momento, como a verdadeira imaginação complexa na qual citei agora.

Mas eu não sei. Tudo isso que penso são meras suposições de condições que nem sei mesmo se existem do outro lado, do lado deles. Só imagino, interrogo-me se é mesmo verdade o que dizem e faço as ligações através de um raciocínio; na qual, apesar de ter a capacidade de fazer relações, sei que ele pode me levar a determinados abismos. Mas, graças a sua capacidade de fazer essas mesmas relações, logo percebo que é um abismo. E assim, recuo. Mas o ato de recuar, como posso interpretá-lo? É um ato covarde ou simplesmente uma cautela maior que os outros? É aí que está. Depende de quem vê, de quem assiste, e quem vê, pode ser uma pessoa com um histórico, personalidade, criação, predisposições, extremamente opostos ao meu (e com certeza irá ser), então se cria ambíguas complexidades de como se enxergar o mundo. Através de que lente, afinal? E qual lente pode ser considerada a verdade?

Existe a verdade das situações, a verdade das pessoas, a verdade da moral e da ética. Existe a verdade universal. A verdade das religiões. Então, de que verdade se fala?

- Tudo bem... – Eu aprovei com desânimo, mesmo ela não tendo feito nenhum gesto de pedido para a minha possível aprovação de seus planos dentro da minha casa – Mas eu quero silêncio, você sabe que prezo por isso.

- Eu sei, não vamos fazer barulho algum. Pode voltar para seu quarto e permanecer lá, não vamos incomodar ou quebrar nada. Mas, claro, se você quiser se juntar a nós, iríamos amar a sua ilustre presença.

- Por que iriam amar a minha ilustre presença?

- Ora... porque é diferente! Você estando em um grupo, ao invés de se resguardar a todo tempo, só para você.

- Mas, eu gosto de estar entre pessoas. – Rebatí.

- Sei que gosta..., mas não tem paciência para a imbecilidade de alguns, não é? Eu te conheço, Eloá.

E o me conhecer era uma acusação estranha. Digo, alguém realmente conhece tão profundamente um outro ser? Pode até conhecer, mas se conhece, saberá que a profundidade é tão funda que não se é possível chegar lá somente

com seu corpo físico, se necessita de algo a mais, principalmente para personalidades mais volúveis e efêmeras, como as de Julia. Entendo que sua análise seja baseada somente nos contextos onde me viu, mas não está comigo a todo tempo, logo, não pode me conhecer como sou por inteiro. Quem eu sou sozinha é a parte mais profunda e densa de mim mesma, aonde ninguém nunca teve um contato próximo; e disto posso dizer que é arduamente desgastante conhecer alguém por inteiro. Suas impressões são baseadas no que você é e no que já vivenciou e nunca no que o outro é de verdade, ou como o mesmo se enxerga.

Quem eu sou para ela, não é o que eu sou para mim. Mas concordo com ela na maioria das vezes, simplesmente porque sua opinião é uma opinião social, e não pessoal; então concordo, pois faço parte do meio, mas não sou ele, e sei quem sou quando estou sozinha, então discordo também.

Arre! Estou farta de ter certos pensamentos aonde não me levam nunca para lugar algum, somente para o ponto aonde iniciei os pensamentos. Volta tudo para o mesmo ponto, para o começo, o início, logo quando chego no final. A conclusão que tinha tomado sobre determinado assunto se dissipa e é como se eu rebobinasse uma fita dentro da minha cabeça. Somente existe uma única conclusão acerca de tudo isto: que nunca existirão conclusões e, por ora, é perda de tempo desgastar-se com o mesmo assunto centenas de vezes, a fim de achar outras minúcias que ninguém tenha percebido, pois isto é um passo atrás da loucura. Quero dizer, a loucura social, a extrema. Pois, loucos, todos são. Pois a loucura é a falta de contato com a realidade; e quem é que está na realidade, afinal? E não vivendo em seus respectivos mundos paralelos, com suas próprias convicções e pensamentos? Quem se ousaria chamar de sã?

Estou cansada de estar circulando pelos mesmos assuntos algumas vezes, mas continuo fazendo, pois sei que é necessário. É necessário, pois os assuntos nas quais já fiz isto determinadas vezes ao longo da minha vida, se desmancharam em conclusões definitivas nas relações com o outro, com os seres ao meu redor, com os que habitam fora de mim. E sempre dá certo; eles compreendem as minhas loucuras, e estas loucuras passam a fazer sentido depois de um tempo, pois todo mundo possui essa loucura tão determinada dentro de si. Essa loucura na qual, todos se identificam, e disso, nenhum da raça humana tem como fugir.

Enquanto Julia fala algumas coisas sobre cousas cotidianas da rotina, sobre

a casa, a arrumação da mesma, o que se é necessário comprar, o que se é necessário fazer durante a semana, estou aqui pensando em filosofias profundas nas quais provavelmente nunca serei capaz de verbalizar tudo completamente como penso; principalmente porque meus pensamentos são feitos de imagens, e essas imagens representam ideias que ainda nem mesmo formaram palavras e nenhuma linguagem que faça sentido no mundo externo. Ainda não, ele magicamente sai quando tenho um impulso por dentro que me obriga a continuar. E estranhamente, consigo passar as imagens nas quais tenho pensado por tanto tempo. E as imagens viram inspiração. Este é o meu mundo particular, na qual poucos tem acesso; e esse acesso somente se abre na inspiração intencional, ou inspiração que recebe uma graduada atenção.

- É... Me sinto cansada e desmotivada quando ouço determinadas coisas ou vejo determinadas coisas. – Eu concordei com ela – Então, eu vou voltar para o quarto.

- Tudo bem. – Ela falou – Pode ir, eu tomo conta da casa.

Só espero que amanhã eu não encontre nada fora do lugar (o que é uma impossibilidade, já que minhas arrumações e meu senso de organização não é muito visível para a maioria dos seres), apesar de que isto também é pedir demais para pessoas que só estarão indo para um lugar para se desligarem um pouco do resto das responsabilidades e aonde só querem acalmar os nervos fazendo o que bem quiserem, e isso inclui a desordem.

Sei de tudo isso, não concordo, irrita-me e mesmo assim, permito. Por que será que permito coisas nas quais tenho plena consciência de que irei me aborrecer no final de tudo?

Fui andando até o meu quarto e fechei a porta delicadamente. Ainda pensando nisso. Ainda pensando nessa questão do permitir coisas nas quais não gosto. Talvez a minha atitude inata de compreensão não permita também que o meu outro lado intolerante se manifeste. Existe os dois, que conflitam sem parar dentro de cada ser: um lado que se aceita para o público, e o outro lado que se nega, que fecha as cortinas para a plateia. E esse lado que se nega para os outros, acaba saindo como um choque, um surto, um lapso, um terror! Mas a pessoa, que assim soltou esse lado que se negava a tanto tempo, não se assemelhou a nada terrorista, mas sim a uma descarga de alívio de seu corpo adensado.

O meu lado intolerante sempre se nega a sair, é sempre ele, e nunca o lado

compreensivo, na qual quer estar sempre na frente. Quero dizer, creio que mostramos um lado que achamos melhor mostrar para os outros através da nossa inteligência, de acordo com a nossa visão diante do mundo e do que fazem conosco. Mostrar o lado compreensivo é mais doloroso, torturante e penoso. E ainda por cima, o lado intolerante não se sobressai muito, então se tem a impressão de que ele não existe. Mas é claro que existe, apesar de estar escondido. O julgamento na qual mantenho sobre todos que me cercam, e esse julgamento se torna maléfico se não contrapeso com o meu lado compreensivo, se ele se torna aprendiz somente do lado intolerante; se torna sombrio e escuro com o passar do tempo.

Mas cheguei aqui a outro aforismo instantâneo: existe um lado em mim que odeia a vida, e esse lado não se importa com a hora que a morte chegue. E existe outro lado em mim que ama a vida, e esse lado morre de medo que a morte chegue a qualquer momento. E a batalha que se trava entre os dois é uma poção perfeita para uma possível autodestruição humana. Todas as fugas já existentes, e que já se habituaram nas possíveis rotinas de todos, são fugas desse possível enfrentamento entre estas duas partes; a que ama, e a que odeia.

Tirei minha roupa novamente assim que cheguei no quarto, e continuei a minha pequena gama de deleite ao meu corpo nu. Ora, o que é que doía tanto em mim na nudez? O que é que doía, afinal? doía em mim, ou doía no outro? Os julgamentos dos outros constantemente penetra na nossa psique e nos vemos loucos até certo ponto da vida, pois percebemos que aquilo que julgávamos tão assombroso em nós, na verdade, não é nosso, era o julgamento do outro que penetrou por todo o meu organismo em ocasiões suscetíveis.

Mas não somente na nudez. A nudez é só um contexto que achei ocasional pensar sobre agora, somente porque eu estava contemplando-o em meu corpo, em toda a sua estrutura.

A sociedade toda – ela se dirige diretamente a nos fazer acreditar que são os donos da verdade, e assim, passar esta verdade para os mais crédulos e ingênuos; os impressionáveis. Como em um show de horrores! Eles fazem isto sem pesar as possíveis consequências da famosa máquina humana que está ali, ouvindo aquilo; como sua individualidade receberá toda aquela informação absoluta, impossível de ser contestada? E se contestada por um outro indivíduo que não é tão ingênuo assim, é como se seu “sistema” humano quebrasse ou desse pane. Não importa quem a sociedade escolha como bode expiatório; até

o próprio bode se torna vítima de suas próprias palavras, no momento em que as semeia para os mais novos, os menos conhecedores. E o ciclo se cria eternamente, de pessoas pouco racionais que aprendem somente a repassar o que ouvem, sem nem mesmo prestar atenção no que aquilo significa de verdade. Como a maioria dos acadêmicos, que decoram e acumulam conhecimento, mas nunca refletiram realmente sobre eles! E tudo isso é triste, é podre, fedido; não tenho vontade de estar perto de nenhum deles, pois o pensar para eles não é prioridade, e se não é prioridade, como posso assim conviver? Obter uma compreensão mútua de um bom convívio?

O mundo é decadente, mas não por causa das pessoas em si, a culpa não é das coisas que existem. Mas sim de quem criou os poderes e aqueles que obtém o poder de forma errada, estúpida e ignorante. Esses, sim, são os primários da arte de não pensar em nada; os que realmente deveriam pensar, os que obtém a força acima dos outros para pensar em um bem maior, não pensam. E os que não podem fazer nada em relação às situações decadentes do mundo, os que estão embaixo socialmente, são os que mais pensam, pois sofrem. O sofrimento torna a angústia tão avassaladora que o pensamento tem que se tornar alguma coisa, ele precisa tornar-se entendimento sobre os horríveis sistemas que nos controlam e controlam a grande maioria das nossas ações em grupo, e.... infelizmente, isoladamente. Até quando estamos sozinhos, os sistemas estão também dentro de nós, nos movimentando internamente, sabendo cada passo até dos próprios pensamentos, e o sistema sorri, quando te vê sentindo e pensando coisas nas quais ele programara para todos. A maldição é severa e, quem não se permite abrir os olhos para tal fato, está fadado a uma vida de desespero e sofrimentos constantes. Apesar de que – saber de todas essas cousas não faz o sofrimento dissipar-se, porém, ter consciência dele é importante para se manter em pé, firme neste chão. Mas, quando alguém sai dessa fiel regra sistemática deles, eles irritam-se e usam todos os bodes expiatórios possíveis e próximos do indivíduo que se nega a agir igual. Tentam de todos os modos corrompê-lo também. E quando não conseguem, quando não há escapatória, a matança para ele é a única solução.

Estou falando do sistema e de todos os outros microssistemas como se fossem pessoas de verdade, mas não são, e como não são, ficamos perdidos, sem saber para onde jogamos toda a nossa raiva, angústia, raiva, ódio da nossa vida não ser como esperávamos que fosse. Sim, é isto que deixam todos confusos!

Não é uma pessoa de carne e osso, mas sim a carne e o osso são fragmentos de contextos inúmeros que duram há séculos. E dentro desses séculos, os bodes fizeram parte de tudo – como se fossem eles, o próprio sistema. De fato, a personificação é necessária para quem se compromete a ajustar o bem-estar de todos, mas não se deve culpar somente o que se comprometeu a estar lá em cima, mas ver que todos eles fazem parte de uma natureza corruptível, que acontece com quase todos, dentro das dominações de mãos invisíveis dos sistemas sociais. Mãos invisíveis; sim, você as sente te dominando com o passar do tempo, mas não consegue enxergar quem o faz.

Pois o meio, ele é a quebra de toda a nossa verdadeira natureza pessoal; o meio maldito que me faz entrar em crise quando permaneço nele por muito tempo! Digamos que o meio seja o que corrompe e, dentro dessa corrupção, dessa nossa traição para com nós mesmos, nos enxergamos aonde? Não nos vemos mais, não podemos nos ver mais como somos, já fomos sugados o suficiente pela presa. E disso, de não nos vermos mais como realmente somos, surge o desamparo e o desespero de estarmos sozinhos com nós mesmos, de precisarmos sempre da exteriorização para estarmos satisfeitos com a nossa vida. Sem o exterior (que é o veneno perfeito dos sistemas), surge a vontade de matança, se não do outro, de si mesmo, que, mais cedo ou mais tarde, acaba por finalizar o ciclo das ideias deles de paz e chega nas práticas contrárias; a dos conflitos, superiores aos das ideias que se tanto prezavam.

Eles dizem tanto que querem a paz, mas se submetem facilmente aos que os seus sentidos lhe ordenam. Prezam tanto a razão, mas suas razões não se equilibram com as emoções desenfreadas de se fazer guerra a todo tempo. Esse instinto irresistível de destruir o outro, em prol de suas próprias legítimas vontades.

Não há – em hipótese alguma, alguém que seja capaz de ser justo, e ao mesmo tempo, passional. A passionalidade, esse impulso das emoções, inverte toda a justiça que deveria ser feita e cumprida; as emoções da passionalidade, elas são em prol de si mesmo, e as razões podem ser em prol de si mesmo, mas também, do outro. Não há como ser justo sem medir, sem pesar os lados, e só se é possível pesar os lados quando as emoções ainda não conscientes de si não interferem, só é possível pesar os lados quando existe o sentimento; que nada mais é do que a consciência de suas emoções e das do outro, e o entendimento que elas causam no corpo, arrumando assim uma aparente harmonia entre a

razão e a emoção, graças a sentimentalidade da consciência.

Então, a justiça nasce. Ela nasce daí. Desse leve e delicado contraponto de uma balança, aonde a raiz dela se vê sem o sofrimento. Mas e quando esse sofrimento é exagerado, e mais uma vez, se volta a passionalidade da situação? Bom, não há como justificar ou explicar nada com vômitos e arrotos sujos sobre o que se acha que se sente, mas sim ter a convicção firme sobre o que se sentiu e medir isto de acordo com o que o outro também sentiu no momento; vendo, na verdade, quem fez algo e quem deixou de fazer. Ou se a injustiça é, na verdade, um dos erros de caráter de alguém.

A história de não existir o sofrimento até mesmo na razão, isso é algo impossível. O sofrimento na verdade – é a verdadeira coisa que nos une. Não, não é a razão – pois ela é toda comportada de opiniões divergentes, que na verdade criam a guerra entre e fora de nossa própria espécie (apesar de ser um princípio para a igualdade); a razão é um súdito apenas, dessas tantas explicações sobre o que se deve fazer acerca da verdade da igualdade. O sofrimento sabe que não somos diferentes um do outro, não somos diferentes de outros seres; pois os outros seres são capazes de tamanhos sôfregos, assim como qualquer um dos humanos que se autojulgam intocáveis. Os motivos podem ser diversos, mas é o sofrimento; ele é o maior marcador de vitórias e de derrotas, mais do que se possa imaginar. O sofrimento é o que mede nossa resistência, nossa habilidade de nos aproximarmos e nos afastarmos do outro. Ele é o verdadeiro ingrediente que sustenta o amor e o ódio.

Então, a grande pergunta é: o quanto você sofreu até ter chegado aqui? E o quanto esse sofrimento pode ajudar a humanidade a se equilibrar na balança das verdades relativas? E por que o sofrimento do outro é maior ou menor que o seu? E por que isto é definitivo em relação às forças particulares de cada ser?

A grande verdade da balança é esta: o sofrimento mede a força. O quanto se sofre é mais ou menos o quanto de força se tem.

Deitei na minha cama novamente nua. Sentia algumas sensações estranhas chegando no estômago; talvez seja o nervosismo de saber que inúmeras pessoas frequentariam a minha casa em poucos minutos. Quero dizer, creio que já tinham chegado. Já ouvia repentinas batidas de portas e gritos para Julia. Era uma festa na minha casa, literalmente. Talvez, pior do que imaginei que seria. Não quero culpar a minha amiga por isso, pois eu sou a principal culpada pelo sentimento que estou sentindo de insatisfação na minha própria casa. Claro,

eu permiti que acontecesse, então – quem, além de mim mesma, sofreria pelo meu próprio ato de permitir? Mas não sou por isso, somente sei que sou eu, a única pessoa que é comprometida com a dor. Tentava não pensar muito nisso.

Enquanto eu observava meu corpo deitado na cama, o tocava delicadamente, imaginava agora o que outros achariam desse gesto para consigo mesmos, e se o faziam em tempos de ócio. Não em tempos de ócio: acredito que alguns faziam até em tempos aonde não tinham tempo de fazer, mas por conta do narcisismo implantado em suas razões, estavam a todo tempo neste ritmo compulsório de se olharem como deuses. E os outros, a outra parte da população, não fazia, nem em tempos de ócio, pelo ódio a si mesmo, que aprenderam a ter, a vergonha de terem um espelho em casa. Agora, me pergunto quem implanta este amor próprio obsessivo e este ódio irreversível. Estes extremos polos que se perdem e que parecem tão pequenos depois que se entende como é desnecessário usar somente um deles – são pequenas, quase nulas, como ondas de uma piscina.

Mas, que mistério é esse que o corpo tem? Um corpo nu, um corpo com roupa, um corpo fazendo sexo, um corpo dançando, um corpo se movimentando, um corpo cumprimentando outro. Que mistério é esse que os corpos têm enquanto se comunicam uns com os outros? Esta comunicação é clara ou precisa de mais uma declaração verbalizada para ter a certeza absoluta sobre o que o corpo falou? Não sei. Sinto que a linguagem verbal ajuda a pactuar com o que o corpo disse, transformar aquilo que o corpo diz em uma forma de contrato, uma promessa, pois as palavras são isso: promessas, não é a comunicação mais fiel, apesar de podermos chegar às minúcias de cada centro que quisermos saber com elas, mas as outras linguagens abrem portas maiores e mais abrangentes sobre o que se quer sentir e o que se quer deixar subtendido. O corpo, por exemplo, esse grande comunicador, que o dono acha poder esconder, mas não consegue, está ali, falando o tempo todo, e o próprio dono despercebe. Não há como fugir da comunicação; da verbalização podemos facilmente nos esquivar, mas da comunicação, nunca. Pois até quando não se fala, também está se falando, por outras partes, em outros âmbitos, com outras armas.

E é isso que há de misterioso no corpo: a sua fala. A fala muda, feita de códigos ocultos, e imperceptível para os mais ignorantes. Os mais atentos sabem que devem tudo ao que o corpo falou, antes mesmo da boca precisar abrir,

pedindo para ser visto de alguma forma pelos mais cegos, isto é o que eu chamo claramente dos pedidos do corpo, e das inspirações da áurea, aonde mexem com o movimento corpóreo interno de nossas aversões e de nossos gozos.

Não há como um corpo ser banido de dentro das relações, principalmente os olhos, as principais profundezas da alma, impossíveis de serem arrancados dos fardos de mostrar-se ao mundo. Pois a alma mostra-se exatamente como o é, como aquela carcaça é, a alma expõe tudo aquilo que se tenta esconder de todos. Ele é um medidor de caráter, mesmo sem podermos tocá-lo. E, claro, todos percebem a alma – os olhos são inegáveis para a permissão de alguém no mundo íntimo do outro. E o mundo íntimo do outro também é o seu corpo nu, na qual insistem na ideia antiquada de pudor.

O ser humano tem um instinto original em relação a inovação e a criação de coisas. Ele necessita disso, de criar coisas, para sentir-se importante e útil, tanto para ele quanto para o resto dos humanos. Mas, chega em um determinado ponto aonde o limite dessa criação é ultrapassado e, o que era um utensílio apenas para sentir-se útil e ajudar outrem à possíveis melhoras, acaba virando obsessão. Mais uma vez, repito, o limite da imaginação é ultrapassado, e tudo aquilo que era belo, torna-se obsidiado. E através dessa criação; a criação das roupas, como enfeites, moda, formas de tornar-se belo aos olhos do outro, o processo civilizatório transformou-se um processo de alienações ocultas, em uma obrigação a vestir-se. Quero dizer, tornou-se obsessão.

Eu não sei como todos os costumes foram implantados e revitalizados de geração em geração, mas se assim o foi, então a grande maioria aceitava-se às submissões de suas próprias criações. A criação devorando o próprio criador.

Mas, voltando às dúvidas de Julia sobre o que eu acho ou não de estar entre as pessoas, ou determinadas pessoas: a questão não são elas, mas sim o que fazem e o que dizem. Elas, em si – são seres nascidos e pronto. Mas suas corrupções tornaram-se tão gigantescas e engrandecidas que é difícil se adivinhar quem uma pessoa é somente olhando para ela. Quer dizer, são conjuntos de fatores. Como saber como alguém agirá no meio ou sozinho?

Eu, particularmente, senti-me completamente exausta e cansada após ter chegado em casa hoje, tudo porque ouvi coisas que me tocaram de forma negativa. Essas coisas perduram e, às vezes, são coisas sobre mim, às vezes não são. Tudo depende da situação, do contexto em que se insere aquilo. E de repente, me senti como sempre me senti; a desmotivação me pegou de surpresa e o

coração agora, apesar de sensato – está triste. Ora, ele há de se animar, sei disso. Sei que ele há de se animar, mas porque o oposto dele aparece em determinadas ocasiões? E esse cansaço é tão aguçado que me sinto sem noção das coisas que acontecem ao meu redor, quando estou latejando de dormência interna. Quero dizer, há um mundo interno extremamente intenso e rico, que precisa ser preenchido com coisas boas! Mas, onde estão as coisas boas agora? Tento procurar. Por isso necessito estar sozinha. Pois sozinha, encontro. Pois sozinha, resolvo estas lacunas vazias com belezas e harmonias. Mas, dentro da realidade a coisa acontece de modo diferente. Às vezes, aquela tela da realidade faz um contraste tão imenso com o que tenho por dentro que entro em desespero! Sim, é cruel. Mas não vou desistir de nada, sei disso. Ouvi coisas de tempos passados que entranharam em minha mente; mas, olha, essas coisas que agora estão entranhadas estão coligadas com fios invisíveis de alta voltagem que me tornam quem sou hoje. Então, sabendo disso, devo me lamentar por alguma coisa? Sabendo que o que se passou, era para ter passado? A lamentação deve existir nessas horas? Quando a consciência brota e lhe diz que o acontecido não seria de outra forma?

Não; a lamentação não existe, mas existe a melancolia da lembrança. O ato de lembrar traz melancolia e, em certos momentos, a tristeza aguda. Mas nada que se resolva, com perspectivas esperançosas sobre o futuro.

Quero dizer, as lembranças, tanto positivas quanto negativas, estão aí para lhe trazerem experiências. Mesmo eu tendo a sensação de que já conheço tudo, as experiências novas se fundem com as antigas, das sensações de já conhecer. Do novo com o já conhecido.

Agora, lhes pergunto: o que isso tem a ver com o corpo? Com o que o corpo fala e com o que ele representa na sua mais natural forma? Bom, superficialmente, nada. Mas por não ter nada na superfície, consigo cometer ligações imensuráveis por não ter nada a ver. As lembranças e as expectativas do futuro causam sensações no corpo. E dessas sensações, surgem decisões e indecisões na qual quem lhes ordena fazer ou deixar de fazer é a própria linguagem mestra do seu corpo.

O corpo é o mestre da comunicação; não importa o que se verbalize. Nada fala melhor que ele. E o meu só pede silêncio o tempo todo. Mas ignoram as ordens do meu corpo – e se ordenam apenas pelo seu próprio linguajar particular, sem causar o possível equilíbrio entre o que os corpos querem dizer um para o outro.

E tenho de agradecer um pouco por não ter vínculos íntimos com nenhum homem dentro de casa, senão o contato com o meu corpo nu seria bem mais anulado por mim mesma. As sexualizações que todos eles fazem, mesmo quando não verbalizam, mesmo quando não falam, mesmo quando está só no plano do pensamento, se percebe, se sente, aqueles olhares indiscretos ou discretos, que se lança exatamente porque se vê o corpo da mulher como uma coisa a ser conquistada, ou objetificada, ou estuprada, ou desejada, ou seja lá o que for o que eles sintam ou pensem sobre invadi-la, sem mesmo que ela perceba que o faz. Mas que grande erro! Quer dizer, a minha vida toda fui tolhida de andar por aí livremente sem roupas me apertando o corpo, enquanto ele, com seu grande falo querendo conquistar o mundo, acha que assim, manda em tudo e em todos. Assim é o homem. E assim é a minha aversão pelas suas construções de vida. E assim, confesso minha áspera sinceridade em relação à eles e seus verbos, que usam tentando achar que vão enfeitiçar alguém. Bom, não me enfeitiçam, é uma pena mesmo. Pelo contrário; sei muito bem de seus mecanismos para tentar encobrir coisas que fazem inconscientemente, para sentirem-se menos culpados por aquilo na qual foram construídos por essa nossa triste sociedade, com suas desumanizações perfeitamente encaixadas nos homens. E assim desumanizados, desumanizam também o outro sexo, a mulher. Quer dizer, tentam; não conseguem. Elas enlouquecem com as vontades de controle do homem, mas não desumanizam. Não; não desumanizam, nunca. São somente tolhidas, reprimidas e caladas. Mas, malditos sejam os homens, nessa escala horripilante e de dar arrepios, no sistema fúnebre vivenciados por todos nós. Malditos são os homens, os verdadeiros representantes desse sistema que não mostra seu rosto, pois não têm um, e por isso – usa-se de diversos disfarces para mascarar a escuridão de seu ser artificial, que pode ser destruído a qualquer momento, pela inteligência humana e natural.

Que bom, tenho um corpo feminino, que bom. Ele me cerca de cuidados para mim mesma e para o outro, me enche de completude. Me enche de mim mesma, sem ter a necessidade perpétua ocidental, de precisar de alguém. Que bom que é este corpo de fêmea – que me penetra de sabedoria e conhecimentos através da intuição aguçada da vida. A mulher sempre sabe da vida, seja pela quietude ou pela euforia, seja pela profundidade ou superficialidade, seja pela vaidade ou simplicidade; ela sempre sabe o próprio caminho que deve seguir, ela mesma traça as rotas para si mesma, de acordo com sua própria conduta interna. Elas não precisam do corpo do homem para sentir-se completa; são

eles, na verdade que necessitam do corpo delas, e assim, inverte-se o papel dentro das manipulações sociais comuns, dentro das alienações vigentes: acha-se sempre que ela precisa dele, mas ela, a mulher, desde mais nova, já sente que há algo de errado nessa ordem que ela aprende; mas, como somos aprendidos a ignorar o que sentimos, ela também ignora esse sentimento de ter algo errado dentro de tudo isso, aceitando os grandes contornos que fazem dentro de seu próprio caminho.

O corpo feminino fala mais que o seu oposto, o masculino. Ela é capaz de passar mensagens melhores; e a rigidez do corpo do homem foi instituída pelos ensinamentos da masculinidade. A rigidez, a dureza etc. Ele não aprende a falar por outros lugares. Na verdade, não sei por onde fala. Por onde o homem fala as verdades, se ensinaram seus corpos somente a controlar, e não a expressar? É triste. Toda a história é triste, enquanto a mulher foi a menosprezada, a incapaz, a subalterna, vista como uma mera criatura inferior, tudo isto foi invertido somente porque ela é o sexo mais capaz de conciliar tudo, todas as linguagens, as relações, as sociedades. Ela é capaz de conciliar e não se corrompe tão fácil como o outro, o homem. Que, para mim – é o verdadeiro segundo sexo, e não ela. A mulher é a verdadeira criadora do mundo; seu corpo dá à luz a outros seres, e essa é a prova máxima dela sobre a fala e o fazer, que seu próprio corpo manifesta.

Mas, de fato – assim como o sistema faz com o homem, também o faz com a mulher. Ensinam elas a agirem como seres ignorantes, como crianças, as infantilizam para parecerem, de fato, que precisam de alguém ali para protegê-las, pois não sabem fazer isto por si mesmas, devido a crer que a fêmea humana é estúpida.

Mas, voltando aos olhos; e também, ao rosto, instrumento de mais tamanha verdade e que incrimina automaticamente todos que o olha. Um rosto sereno será sempre um rosto sereno? Um rosto raivoso será sempre um rosto raivoso? Eu creio que não, apesar dele poder mostrar nossas emoções, sem que possamos saber que os outros a captaram; passa, assim, toda a sua pessoa, em uma condição sentimental para outro, despercebidamente. Mas, então, uma pessoa serena é uma pessoa serena, porém – seu rosto, em determinadas circunstâncias, se torna raivoso; e as pessoas que assim a captarem, enxergaram então esta impressão, ou a pessoa que ela é, pelas suas percepções da camada e da atmosfera que assim a cerca e circunda entre seu corpo, como se fosse

um campo de força? Então, o que há de ser captado pelo externo: a emoção do momento, instantânea, ou a rigidez do âmago, a imutável alma?

Esse é um dos truques confusos da comunicação não-verbal: nada está claro, mas ao mesmo tempo, tudo está. É o momento, e o momento permanece ali, que agora já é passado. Posso lhes dizer que a parte mais delicada e frágil, suscetível a passar a impressões certas sobre nós, mas que não queremos que ninguém as veja, são as expressões faciais. Quero dizer, a expressão é aquilo que ela é, mas ao mesmo tempo, não o é. As expressões me expressam bem, porém – muitas vezes não sei se aquela pessoa está captando muito bem aquela minha expressão, às vezes tendo a pensar que aquela expressão é somente para mim! Mas não é. A expressão é o ato de expressar-se, jogar para fora, comunicar-se, apresentar-se. E as expressões faciais são as que faço, sem nem mesmo me dar conta de que estou me comunicando de forma indireta com os que estão ao meu redor. Então... tudo é comunicação, até quando não quero, até quando insisto em não querer.

Um pé no mundo já é um sinal de ser vista inteiramente por ele, e este pé que coloquei, que pus com intenção de praticar o impulso, já pode indicar tamanhas evidências sobre mim mesma, e sobre como ele leva meu corpo para fora, ou simplesmente recua para dentro novamente. Depende do meu estado de espírito. Tudo depende do meu estado de espírito. O meu espírito guia-me através das tendas herméticas dos meus movimentos corpóreos, com os mecanismos já aprendidos para proteger-me da insensatez e da decadência de alguns humanos. E eles percebem isso, por isso afastam-se, e quando não afastam-se, é porque existe ali a falta do respeito para com algo na qual ele não conhece, ou talvez a curiosidade de experimento, latejante e incontrolável, que também pode provocar a falta do respeito com a próxima situação ou a próxima pessoa.

De onde vem as tradições do mundo, em pensar de determinada forma sobre determinados atos? De onde vem todos esses costumes de conhecimentos que são tão convictos para serem usados dentro dos contextos pessoais? Quem irá dizer que o meu pé do lado de fora representa alguma coisa, que não simplesmente um pé do lado de fora? Quem irá dizer que isto pode representar uma pessoa cautelosa, ou medrosa?

Qual é a necessidade de rotular tanto as pequenas e mínimas coisas? Como o corpo reage a isso? Ele se comunica, sim, ele diz que isso incomoda, mas a ignorância dos demais é aparentemente predominante. E acho que isto é o

que sustenta as famosas tradições. A ignorância de não perceber que coisas, informações, pessoas, comportamentos novos estão constantemente chegando e se inovando durante as épocas e as gerações a todo tempo. A falta de percepção e de tato: esta é a base das tradições. E o corpo está gritando, sedento por informar, por enviar mensagens, mas os corpos fechados para a linguagem quase nunca se inclinam até a boca do outro que está próximo, desejoso para transmitir o segredo em seu ouvido.

Não digo que as intenções das tradições sejam ruins, pelo contrário, normalmente não o são; e é muito importante que se faça a leitura de intenções quando algo se é suspeito demais. Mas, sejam elas boas ou ruins, neste caso, não compactua com o esforço de cada um, em se dominar espiritualmente, emocionalmente e mentalmente, da sua maneira, dentro de sua própria redoma de individualidade. Ou, talvez compactue, mas não com tanta liberdade pessoal como se não existisse as tradições.

Ora, digo e assumo que sou uma tradicional, apesar de tanto criticar as tradições. Aliás, tudo que sou, crítico constantemente. É só para me fazer perceber de que, o que eu sou não é nada além de algumas miragens mentais. Para os outros talvez, e até para mim mesma. Mas essas miragens, com o tempo enrustidos dentro das zonas sentimentais, acabam tornando-se símbolos e ideais, para a própria pessoa que projeta essas miragens aos elementos visíveis da vida cotidiana.

Alguém bate na porta. Provavelmente seria Julia.

- Eloá! Venha aqui fora por um segundo, só para falar com o pessoal. – Ela grita para mim, com tom de animação.

Não estou exatamente irritada por ter de me vestir novamente, por ter de parar o fluxo das minhas reflexões e pensamentos para, assim, poder me ausentar da minha nudez corpórea, na qual só tenho um contato mais íntimo quando não há ninguém por perto na minha própria casa. Pois, até com outrem, não me permitiria nunca entrar em um contato mais íntimo comigo mesma, até porque os olhos dos outros são os olhos dos outros. Eu estaria sempre a imaginar – com aquela presença ali observando a minha nudez – o que ele estaria a pensar de mim e das minhas possíveis deformidades, trejeitos e jeitos de andar e de se mexer. Já que, com a nudez, se pode ver mais claramente o corpo da pessoa e, conseqüentemente, ver mais claramente o que seu corpo diz, mas a pessoa não quer dizer; ou não tem coragem, bravura na língua, etc.

Isso; o contato com o corpo é tão verdadeiro e tão honesto que não se pode guardar segredos. Não, o segredo é uma cousa criada pela mente que quer enferrujar, o guardar segredos não é uma cousa na qual se possa disfarçar sem que o corpo desminta tudo que se tente passar. Quando falo o corpo, isso inclui também as expressões faciais e os olhares na qual mencionei antes. Se pode fingir um sorriso, mas se percebe quando é falso. Se pode fingir uma satisfação sexual, mas se percebe quando se está somente provocando gestos teatrais em sua frente. Já a questão do amor, essa é mais complicada, eu poderia falar que se poderia fingir amar, mas saberia quando se está mentindo... Mas o amor é muito complexo e com variadas definições, então ele não pode ser retratado como algo que se pode ser fingido ou não, pois simplesmente é, em determinadas formas, em diferentes circunstâncias. E, até nisso – os olhos falam, os olhos podem falar se se ama ou não, apesar das suas ações parecerem fingidas ou não. Não se precisa fazer nada, mas sim olhar nos olhos.

Os olhos são portais para essa dimensão espiritual que recusamos, evitamos em penetrar, um no olhar do outro. Por qual motivo essas recusas tão densas e insuportáveis, nas quais me cheiram a algo quase fétido se não se pode nunca entender o que o outro fala, através de seu próprio olhar? Através de seu próprio estado de espírito, refletido ali – naqueles globos oculares efêmeros, que podem mudar somente com um toque de almas, feitas pelas trocas de olhares?

Mas, me vesti, finalmente e novamente. Abri a porta com aquele meu rosto de sempre: como se tivesse acabado de respirar fundo, esperando por algo que eu sabia que seria insatisfatório de ver ou de presenciar.

Julia estava extremamente sorridente – era algo na qual realmente a fazia feliz, as festas e a diversão. Essa mesma coisa que a fazia feliz, também me deixava feliz, mas não pelas mesmas razões. Eu gostava de ter pessoas na minha casa, o ato de agregar pessoas me era um ponto forte; eu particularmente, amava isso, e organizar tudo para que eles possam estar os mais confortáveis possíveis. Agora, dependendo de quem e de quando. Já com Julia, ela procurava a diversão, não importando com quem; mas procurava. Nossa amizade se rege dessas diferenças, a base da amizade não são as semelhanças, muito pelo contrário; então, daí sim – se romperia o elo constantemente com todas as pessoas, se fosse isso que sustentasse tudo. Mas, o que verdadeiramente está ali, sustentando qualquer coisa, é a sintonia. Isso pode ser algo que vem do amor sim – mas como saber se o amor também está presente dentro ou fora da sintonia presente entre as almas?

Ela puxou meu braço para fora do quarto, e pude ver. Algumas pessoas desconhecidas, outras conhecidas, e as pessoas conhecidas eram amigas de longa data. Fazia tempo que eu não as via.

- Eloá! – Uma delas gritou – Há quanto tempo! Como está você? Poxa, está diferente! Está mais bonita, mais magra também.

- Estou bem! E como está você? – Tentei parecer animada, mesmo cansada.

E de fato, eu estava querendo ficar animada, até porque me enaltece completamente – a interação e a comunicação com pessoas que me querem bem, que percebo estarem atentas na interação, na comunicação, no afeto, nos olhos, na linguagem do corpo. E essa minha colega, fazia tempos que eu não a via, ela era uma dessas pessoas atentas a tudo. Atenta ao que se fala, ao que se ouve; apesar dos estímulos de um lugar cheio, não se deixa levar facilmente pelas distrações que acontecem.

Ela tocava no meu braço, o acariciando, levemente, e olhando em meus olhos, sorrindo. Mas não eram aqueles sorrisos sem a vontade de sorrir, eram aqueles até um pouco exagerados, graciosos e dignos de serem postos para uma exposição, para contagiar outros. Seus olhos brilhavam.

- Estou bem, a vida sempre com seus altos e baixos, mas... vou levando. – Ela parecia um pouco em desalento ao falar isso, como se lembrasse de uma coisa específica, na qual tivesse a deixado assim de repente.

- E aconteceu alguma coisa nela para te deixar assim agora? – Fui direta, curiosa para saber o que se passava dentro de sua cabeça.

Ela demorou a responder, parece ter entrado em processos constantes e intensos de emoções turbulentas dentro de si, até que se mostrou chorosa. Seus olhos; que brilhavam por conta da alegria, agora brilhavam pelas lágrimas presas no olhar, retidas por algo, não querendo descer até o rosto.

- Se não quiser falar, tudo bem, eu entendo. – Eu disse – Agora, espero que isso não te sufoque, e te deixe doente. Pois você sabe...

- Quando se afeta um, esse um afeta todos os outros ao redor. – Ela completou, com uma fala na qual eu costumava sempre falar quando éramos mais próximas.

- Isso. – Eu sorri, e sem percebemos, fomos nos aproximando mais da parede, para ficarmos apoiadas ali – Que bom que se lembra das coisas que lhe falo. Mas, o que eu ia dizer, na verdade, é que quando se adoecer também,

não só afeta o outro, mas afeta tudo que se faz. A doença que falo, é a doença da alma. A verdadeira doença, que abrange todas as outras... se sua alma é ou encontra-se doente, afeta todo o resto. Emoções, físico...

- Todas as coisas estão conectadas. – Ela completou.

- Sim.

Essa minha colega, chamada Maria, era uma mulher jovial e alegre, mas por vezes a encontrava tendo crises de choro; mas um choro de ira misturado com tristeza. Não sei, eram espécies de lágrimas excêntricas. Eu não poderia descrevê-los, seria inútil. Entender o que se passa dentro de outros é tão óbvio e, ao mesmo tempo, extremamente complexo; óbvio porque está ali, na nossa cara, nos mostrando a verdade, querendo que nós enxerguemos ela, e complexa porque nós não queremos enxergar aquela verdade ali, que estamos vendo.

Inventamos milhões de linguagens desconexas sobre o que se está vendo, que acaba perdendo-se da verdadeira coisa que é, e que precisa ser resolvida. As alternativas e as resoluções todas se desmancham aos poucos à medida que se inventa outras interpretações para a verdade. E daí, não se resolve nada, não se problematiza nada, pois se está ali, distorcendo a verdade em sua frente.

É a linguagem do corpo: ela não mente. Mas, de tanto mentirmos através da fala, da linguagem mais idealizada pelos outros, por queremos nos enfeitarmos para os outros e para nós mesmos, acabamos entrando nessa complexidade eterna entre a verdade e o que se deturpa a partir dessa verdade. Por isso, a corrupção, as deslealdades, as mentiras, essas malditas palavras da linguagem que nos deixam enlouquecidos aos poucos!

É atentar-se às intenções, ao tom de voz, às posturas corporais, aos olhos, à áurea, ao estado de espírito, e não às palavras. As palavras são inúteis; não são elas que criam sociedades, sistemas e relações, mas sim as pessoas que as usam, suas intenções. Atente-se ao que está por trás das palavras, e não nelas, em si e puramente.

- Foi muito bom falar com você. Já me sinto melhor. – Maria disse.

E de fato, ela estava. Não estava dizendo isso por eu achar que consegui fazê-la sentir-se melhor; não, mas estava comprovado. Seu corpo antes estava encolhido, agora, mesmo apoiado na parede, pude perceber uma maior abertura. O corpo não mente, mas nós sim.

Quando encontrar-se em situações de risco, ou de dúvida, desconfiança etc., lembre-se que o corpo envia mensagens a todo tempo, e não tem como não enviar; ele não deixa de enviar, assim como nosso cérebro (que também é parte do corpo).

Eu poderia passar tempos e tempos falando como o corpo é a base de tudo. Sim, o corpo é a base de tudo. Tudo que sai dele, está inserido em todos, na sociedade, nas comunidades, nos grupos. O corpo é base; desde a alimentação e saúde, até a forma como nos relacionamos com as pessoas, como criamos as coisas, como somos, como chegamos em algum lugar, como obtemos prazer, como reagimos, tudo isso reflete em como você se insere frente ao mundo. E você inserido frente ao mundo, faz parte de algo.

O corpo é a passagem que a alma quer que se abra espaço para ela progredir aqui nesse plano material, mas não se permite pela grande maioria, pela falta de cuidado com o mesmo. Pela falta de cuidado consigo, e conseqüentemente, com o outro.

O corpo é começo da alma rondando por aqui.

Tenho que passar para a próxima parte, próximo intimamente do corpo, senão, perduro aqui até o final.

FIGURA II

As relações

Nossa! Isso aqui... sinto que tenho muito a falar, mas ao mesmo tempo desconheço, pois logo quando me alegro em descobrir determinada coisa sobre alguém, logo em seguida me decepção, pois observo determinadas coisas neles que entristecem-me por completo. Deixam-me constantemente abalada. As relações são – para mim – um dos fragmentos da nossa vida em matéria, mais paradoxais e proibidos de se fugir, por mais alucinante que seja. Até o ser mais isolado e privativo, como eu, necessita das relações. Pois, esta natureza humana, obriga-nos ao sociável.

Mas, aqui digo: a sociabilidade se dá de formas diversas, dependendo da singularidade de cada um. A minha sociabilidade se dá com uma forma de comunicação mais discreta, uma interação tranquila e calma, sem abalos nervosos ou tumultos; a grande maioria da população do ocidente se arrisca a estar dentro dessa forma de sociabilidade, que é a outra, com tendências completamente agressivas e violentas.

Os tumultos provocam a ira – querendo ou não – e eles estão prontos, preparados e desejosos pela ira! Todos eles. É por isso que a minha relação com eles é complicada, se complica pelo estilo de vida. E o estilo de vida desejoso pela ira a qualquer momento, como se praticasse a destruição e a violência, enquanto se prega a paz através do discurso. Essa é a maior contradição de todos eles. E essa contradição contradiz os meus princípios. Por isso digo que é paradoxal. Não só para mim, que não me adequo a isso, mas até entre eles, quando se assemelham uns aos outros, quando gostam das mesmas coisas, nem eles mesmos sabem lidar com seu próprio semelhante.

Mas, assumo mesmo, esta área talvez seja a mais árdua e a mais crucial de se dizer e de narrar sobre determinadas situações que se passaram com algumas pessoas.

Eu poderia dizer que existem as relações humanas, as relações entre os animais, entre os seres vivos, no geral. Mas, especificamente, estou falando das relações entre os seres humanos.

Eu poderia entrar nesta área tão delicada, a separando e a fragmentando, entre: as relações superficiais, as relações íntimas, as relações de conveniência, e as relações espontâneas.

As relações superficiais se assemelham um pouco com as relações de conveniência; apesar de ambos servirem para sustentarem imagens próprias, as superficiais abrangem mais do que a conveniência, uma relação superficial pode se dar de formas convenientes e inconvenientes. Enquanto a conveniência existe para suprir uma certa vantagem ou valor, dentro daquela relação, a superficialidade é o ato de introdução, como um presságio ao que deveria ser algo íntimo ou conveniente. A superficialidade, que é a superfície, o chão, onde todos nós nos encontramos no dia a dia e podemos andar com nossos próprios pés; é a introdução. O andar é a introdução; agora, aonde se quer chegar com o andar? Se faz questão da intimidade, ou se faz questão da conveniência dentro das relações. Alguns se mascaram, dizem que são um, mas na verdade, são outro. E tem a maioria das pessoas, que podem suportar o peso dos dois tipos de relação.

Agora, a intimidade, para mim, é algo precioso e que necessita ser mantido. E dentro da intimidade, não falo da convivência – mas sim, do ato de aprofundar-se no outro. E quando se aprofunda no outro, esquece-se da conveniência que se era os relacionamentos, no geral. E quando digo aprofundar-se no outro, significa se fazer entender, causar um estado de pacificação temporária. E digo isto lembrando-me do oposto da paz, que é a guerra, ela poderia se dar em qual das três relações? Pergunto-me.

A guerra se dava, primeiramente, pela discordância de vontades, valores ou anseios. E a discordância é parceira da intimidade e da conveniência, pois, dentro da conveniência, existe o falso e o não-espontâneo, tudo para se manter alguma vantagem sob determinada coisa ou pessoa. Porém, o falso, um dia – é descoberto, é tirado a máscara. O falso sempre cai, isto é um fato. E quando cai, se cria a guerra, pois o verdadeiro descobre que o outro, que se dizia verdadeiro, era falso. E dentro da criação de guerra, há de ser necessário a entrada da intimidade, que forma o acordo de paz. Isto é, o aprofundar-se no outro, no caso – o aprofundar-se no que é falso. Então, em resumo: a população detesta a intimidade pois ela desmascara tudo e todos. A conveniência não desmascara, porém, ela é temporária. E esse tempo, dentro da conveniência, se estabelece a partir de quanto tempo as pessoas que estão se relacionando ali podem sustentar essa máscara.

Agora, me perguntam: mas aonde as relações superficiais entram na história? Eu lhes digo: ela é o ar. Ela é o definidor, se vai se criar a guerra, ou se vai se criar a paz. Pois, o seu nome próprio já diz: é superfície. E o que fazemos com a superfície? Decidimos para onde vamos andar, qual caminho iremos seguir. Irá se perfurar ou irá se falsificar? Irá adentrar, ou irá permanecer na porta? E sim, existem muitas pessoas que se relacionam desse modo: pela superfície, sem saber se se aprofundam, ou se são somente convenientes, quando se é preciso.

Agora, a última, e a que considero mais sagrada: as relações espontâneas, na qual não se dão em nenhum parâmetro dentro de sociedades, sistemas, ou ordens de como relacionar-se entre si. Esse tipo de relação, gosto de ressaltar como a mais especial pois se trata de uma relação conjunta aonde, entre eles, se criam guerras inúmeras, mas essas guerras, minutos depois, se transformam em acordos de paz. Os outros tipos de relações chamam este tipo de pessoas inconvenientes e infantis. Somente porque seu enquadramento não existe em nenhuma dessas ordens que geram sofrimentos instantâneos e, ao mesmo tempo, perpétuos. Dentro das relações espontâneas, não se estabelece regras sobre como manter-se juntos. Ele se mantém juntos até suas respectivas vontades morrerem. E quando a de um morre, mas a do outro não, eles necessitam dizer, não deixar nada na sombra.

E outro fator, aonde a relação espontânea se torna o tipo mais especial, é o conceito de tempo aqui, totalmente deturpado. Dentro das relações espontâneas, não se precisa de tempo para conhecer o outro, não precisa medir quanto tempo se conhece algo, para quê? Eles se perguntam; só a intensidade já basta. Eles não cabem em caixas de relações, este é o tipo de relação que sustenta as outras relações, que deixam as outras – querendo ou não, serem livres para serem quem são; pois, como eu disse, fazem questão de não deixar nada na sombra. E se algo é deixado na sombra por muito tempo, apodrece e morre. Raramente se encontra esse tipo de relação em altas elites, relações econômicas, e áreas da sociedade aonde se está centrado uma forte competitividade para o poder e para o dinheiro. Este tipo de relação é raro: não está presente em qualquer lugar, não é fácil de se encontrar. É como se existisse uma forma de código para este tipo: alguns deles se tolhem quando estão em determinados ambientes e borbulham por dentro, pois percebem a sensação de não pertencimento em si mesmos.

Agora, dentro dessas quatro relações que citei, as relações hierárquicas também podem existir; e existem, de fato. Uma relação de pai com o filho, da

mãe com a filha, pode ser uma relação espontânea, íntima ou conveniente. Superficial não pode ser – pois o parentesco já existe ali e, por isso, já se sabe qual caminho seguiu com aquelas determinadas pessoas dentro dos espaços e meios junto a eles. Ok, certo. Estou aqui, dentro de uma situação aonde – não sei se a relação com as determinadas pessoas se baseia na intimidade ou na conveniência. A espontaneidade não pode ser, pois tenho receio em falar as coisas que acho e que penso para eles; o pai e a mãe. O patriarca e a matriarca, falarei com mais profundidade sobre isto adiante, em como estas figuras são inventadas para o puro controle dos mais jovens. Então – talvez eu possua uma ingenuidade escondida, na qual acredito sem questionar sobre como os valores que estão me sendo passados são valiosos. Mas, tudo isto porque valorizamos o que os mais velhos dizem? Eu não sei porquê. Pois bem. Caio na grande cilada em me deixar seguir pelo grande discurso dos adultos, em fazer o que eles querem. Mas, quando falam de modo doce, como não fazer? É aí que está a armadilha! Cair na armadilha dessa doçura e acabar fazendo o que me deixa infeliz. O que me deixa tonta, querendo morrer. Acabar fazendo o que reprime a minha verdadeira essência criadora, fazendo o que não quero; fazendo o que eles querem que eu faça! Somente por serem consideradas pela sociedade – as figuras respeitáveis.

Vale ressaltar que alguns deles são muito dignos para tal tratamento, mas a questão aqui, não é se são ou não dignos, mas sim sobre tolher a verdadeira essência do filho ou da filha dentro da relação. Sobre reprimir as verdadeiras vontades, desejos, sonhos de suas crias, na qual prezaram tanto em lhes dar uma boa vida! Ora, a boa vida se conquista por si próprio, se conhecendo, conhecendo o que gosta, conhecendo suas virtudes e seus defeitos; a humanidade começa a errar aí. A minha geração – não sei como chamá-la corretamente –, se está quebrando paradigmas como um todo dentro da sociedade, está tentando arduamente mudar esse esquema de hierarquização dentro das relações familiares. Tudo bem! A tentativa é o que vale, afinal. Mas, continuando: a boa vida que os pais querem dar aos filhos, não existe. Eles confundem suas respectivas vontades de controle, com o tal do amor que se sente por eles. Eles creem que dão liberdade aos filhos, quando na verdade, estão os controlando; e quando não os controlam, estão segurando suas vontades de controlá-lo.

É isto que tem de ser mudado também, dentro das relações: a vontade do controle. Dentro das relações como um todo (não digo somente a dos pais e

filhos), existe muita uma síndrome de Narciso, rondando pelas camas acolchoadas e bagunçadas dos embrulhos das intimidades ou de conveniências. Não sei qual dos dois, mas o controle existe. Agora, dentro da profundidade de todos os esquemas, se pode dissipar facilmente este controle. Se pode, pois agora se está tendo consciência dele.

Bom... eu me sinto triste por estar fazendo algo que me tolhe, e esse tolher que eu me refiro é o meu tempo de ócio para o melhor aproveitamento da organização dos meus pensamentos – e assim, adentrar nos meus projetos. Nas minhas criações; odeio quando a minha vontade de expressão é tolhida. Eu até poderia dizer que ninguém gosta disto, mas sim, não gostar é diferente de necessitar que não seja feito tal coisa que não se gosta; se não, se enlouquece, se larga tudo e vai seguir seu instinto puramente reprimido por tanto tempo. E agora, o que acontece quando esse instinto criador foi reprimido por tanto tempo, mas foi achado? Não se quer perder novamente, óbvio. Então, as garras que antes não se mostravam como perigosas ou fatais – se soltam das unhas das mãos, e se cria o medo e o susto com o que está se presenciando! As garras se soltando, se alinhando nas mãos verdadeiras de alguém felino, mas que se reprimia, se escondia por tanto tempo; por vontade (sua própria ou de outrem) de estar enquadrado em um espaço na qual não lhe pertence, um espaço na qual o tempo está te refinando, querendo que seja o ideal que te sufoca aos poucos! Que sufoca sua natureza instintiva, sua natureza criadora, sua natureza animal.

A minha natureza está se sentindo sufocada. Mas, com o quê?

A solto, e me dizem: sua inconveniente! Sua grosseira, ríspida, mal-educada! Eles não sabem, mas detesto bons modos. Para que estes bons modos foram criados, afinal? Somente para isto que citei. O de enclausurar o animal de cada um dentro de um cubículo que não se pode sair nunca. Mas, qual é o grande problema, seus idiotas? Eu diria vermes, mas não o são; pois também são vítimas dos bons modos. Eu quero comer como quero, falar o que penso e o que sinto, sentar como desejo, rir alto ou rir baixo. Gritar, expressar-me de corpo e alma. Mas não sei se faço nem metade dessas expressões que expresso aqui pela escrita.

- Eloá, acho que você deveria fazer este curso. É muito parecido contigo. Será bem-sucedida, tenho certeza. – Ela diz.

- Sim, eu concordo, até porque você tem todo esse senso de seriedade e é

extremamente observadora, assim como eu. – Ele completa, se gabando.

O grande problema é estar me sentindo presa a um estado de espírito que não cabe, que não se encaixa com a minha alma grande e já vivida. Todos eles dizem o que eu deveria fazer – como se eu não soubesse do que eu realmente tenho de fazer aqui, e não o que eles desejam. É como tentar encaixar uma peça de um quebra cabeça em outro jogo, e não naquele. A imagem que se formará não fará sentindo nenhum, e só vai ver que está disfuncional quando tiver completado todo o jogo. Alguém se perguntará: “E aquela peça estranha ali? O que está fazendo ali?” É isto; eu sou uma peça de um quebra cabeça que não está aqui. Eu tenho de achar o meu jogo, o jogo no qual me encaixo. Se não, sofro, sinto-me sozinha, e, se não acharem o meu jogo, vão acabar me jogando no lixo! Será sôfrego.

Estou agora com vontade de chorar. O que fazer quando não me permitem o meu trabalho e estudos serem vistos com o que já faço, com o que já sinto? Com o que já crio?

Por que não me permitem viver como uma mera criadora e pensadora destas maledicências tão tenebrosas que me dão vontade de chorar? O controle. Não somente das relações – mas de toda a sociedade. A necessidade de controle da sociedade. Essa maldição – na qual se transforma os inofensivos em loucos, os ativos em pilantras, os bondosos em sofredores, e os líderes em arrogantes.

A sociedade possui a maldição de transformar as benignidades das pessoas em coisas desprezíveis. É por isto que me faz ter vontade de chorar, e de gritar. O grito que necessito e que, sem ele – não sei bem quem eu sou. Sem o meu famoso grito mudo – o grito que todos ouvem somente com o olhar que lanço para determinada circunstância. Este meu grito é – sem dúvida –, a minha negação para as oficinas de doenças que a sociedade cria ao longo dos séculos. Agora, a oficina da presença, da expressão necessária que me move ao redor do mundo somente sendo uma nômade mental, já me é necessário para falecer em paz.

A plenitude vem simplesmente quando acabo de dissertar sobre uma ideia que tive, uma criação que esteja pronta a ser posta em projetos inéditos. Não quero as famosas tolhidas das instituições. Não quero que me calem pois acham que não sei mais do que eles; mas sim, sei de forma igual, apenas de formas diferentes. A minha intuição segue aquele enredo de saber sobre as coisas através da alma, coisas que os diplomados têm dificuldade em entender.

- Eu não quero fazer nada que reprima minha criatividade. Isto, para mim, seria mortal. O fim da minha vida. – Eu lhes disse, com um tom desanimador.

- Mas é claro que isso não vai acontecer! – O pai foi logo fazendo seus discursos para comover, ou até para me fazer acreditar em algo que, no fundo, eu não acreditava – Terão outras coisas para se fazer, não é só isso que você está pensando. Afinal, eu também fiz este curso, é recomendável seguir as tradições da nossa família, pois já se é um caminho conhecido.

- Mesmo assim, muita coisa para ler, para absorver, para estudar, não terei tempo para mim! Para exercer minha criatividade, como ela deve ser exercida. Eu gosto de aprender, não levem isto a mal, é só que... há uma necessidade muito forte em mim que precisa ser colocada para fora. A necessidade de criar! E não espero que vocês entendam isso. Afinal, não exercem isso, não sabem como funciona o processo de criação.

- E o que é que você quer criar, afinal? – A mãe perguntou, como se estivesse falando com uma criança.

- Tudo que me vier a cabeça. Minha imaginação precisa de vida.

E, de fato, não duvido que ambos ainda me achem uma mera criança, que necessita de estímulos para se manter viva e agitada a todo tempo.

Meu pai falou agora de tradições. Ele era um monarca não-assumido. Era como se a quebra de paradigmas que a sociedade e as gerações futuras tentam a todo tempo avançar de acordo com, sofresse um processo de efeito retrógrado pelas tradições familiares. Não me lembro muito bem se já mencionei sobre essas continências usurpadoras das tradições, mas vale ressaltar, vale repetir novamente. Afinal, na repetição a memória tem mais vantagem depois, quando presenciar um evento parecido com o que se repetiu a todo tempo dentro da cabeça.

E manter tradições é diferente de manter uma filosofia de vida. As tradições chegam até um certo ponto aonde não faz mais sentido continuar, já a filosofia de vida, não. A filosofia de vida sempre existe com um propósito, uma causa maior do porquê se está seguindo. Afinal, é a raiz de algo mais profundo que a própria ideia de vida, é viver a ideia, em si.

Eles, então, se mantiveram calados e pensativos. Nessas situações, eu sei bem que as relações se davam desta forma: ou estariam realmente pensando no que eu falei, ou estariam discordando mentalmente, mas sem dizer nada.

Ou seja, a relação se transformaria em uma relação superficial aqui, pois não se sabe para qual caminho se irá a partir daí, até que alguém abra a boca. Só se tornará íntima ou conveniente, quando alguém se posicionar. Quando alguém quiser entender, ou quando alguém se recusar a entender e sair, então respectivamente será uma intimidade criada, ou uma recusa dela, que será, depois da recusa, uma relação de conveniência; pois se é familiar, e familiares sanguíneos, infelizmente, nesta sociedade – se atura, se é obrigado a conviver. Então, se é uma relação de conveniência. O porquê? Quero falar sobre isto depois, mas ainda é uma incógnita.

- A necessidade da arte, da cultura e da expressão. Vocês se importam com isso? – Fui sincera em minha pergunta – Porque não está me parecendo.

- Mas é claro que isso é importante para nós, eu sempre quis ser dançarina.

- E por que nunca foi?

- Ora, Eloá... – A mãe parou um pouco, para pensar no que me responder, me parecia estar com um olhar saudosista – A vida não me proporcionou isso.

Mas quem é a vida de que ela tanto falava, e culpava? Quer dizer, que vida é esta que todos insistem em resmungar sobre ela? Estou agora personificando a vida – pois ela é merecedora de personificação. Somente para perceber que não há sentido nenhum em se estar parado, esperando que os outros façam o seu trabalho. Imaginemos como essa pessoa se sentiria, essa pessoa que recebe a carga de todas as pessoas. A vida, no caso. Uma pessoa só – suportaria o peso das frustrações de todos os habitantes terrestres? Mas é claro que não, essa pessoa morreria. De uma forma ou de outra, morreria pela falta de cuidado para consigo mesmo. Então, faço esta pergunta para todos: a vida terá de proporcionar algo para seu desejo sozinha? Não se fará nada para conquistar tal objetivo? Me pergunto. Me pergunto sobre as inúmeras desculpas alheias para justificar uma suposta frustração.

Mas, tudo bem. Afinal de contas, todos nós fazemos parte desta suposta frustração, mesmo que indiretamente. Quando achamos que não somos, na verdade – estamos sendo coniventes com as frustrações de outrem. Eu sei que, dentro da cabeça de cada um, naquela consciência larga ou pequena de cada ser, não existe nenhuma possibilidade de ser conivente com qualquer tipo de desgraça alheia. Mas, teoricamente, eles acham isso. Este é o maior erro: aprender a teoria, e não se perceber após o aprendizado. A grande maioria deles não se percebem em nenhuma lástima da vida, pois se perceber, para eles,

é sinônimo de estar consciente, e estar consciente de tudo a todo tempo dói. É uma tarefa difícil, devo dizer, devo assumir. Por oras sinto que me pesa um pouco a cabeça. Mas é esta a grande graça da vida: o autoconhecimento que a consciência proporciona; e o conhecimento sobre o exterior que te ronda, que lhe faz viver em harmonia com as orquestras escondidas dentro dos órgãos rojando pela piedade do bem-estar.

- Mas, então – Ela mudou de assunto – O que acha de concursos?

- Mãe – Eu disse, séria – Eu não me importo com as coisas que sua geração se importa. Os tempos são outros.

- Mas você não acha que precisa de dinheiro para sobreviver? – Ela perguntou.

- Sim, mas existem inúmeras formas de se ganhar dinheiro.

- Como você acha que ganhará dinheiro? – O pai questionou-se, com expressões mostrando reprovação na minha futura resposta.

- Já disse! Criando coisas, bolando meus próprios projetos.

Novamente – aquela sensação de ser criança para eles – me remoendo. Não que isto fosse ruim, mas para eles era um breve sinal de imaturidade. Mas, sabiam que eu não o era, eles só queriam que suas supostas vontades, gostos, fossem transferidos todos para mim. Queria que sua filha fosse uma extensão deles; não é isso que é, na realidade – a relação familiar comum e esperada por todos? A hierarquia que se concretiza, que se tome o mesmo caminho, que se faça as mesmas coisas somente para preservar uma tradição na qual – no final de tudo, não há sentido nenhum, pois não produz nada de inovador, produtivo e que provoque mudança. Somente se reproduz comportamentos que já se conhecem, já se adequaram na morbidez destas famosas tradições familiares.

Mas, então, essas tradições, como entram dentro das relações espontâneas? A qual – como eu disse, é a mais rara? As tradições são boas até certo ponto que não se provoque um sufocamento enraizado dentro do outro corpo, que se sente aprisionado por carregar opiniões que não são suas. Talvez sejam – mas queira mostrá-las de outra forma. E as relações espontâneas detestam carregar o peso nas costas. Mas não porque são irresponsáveis, mas sim pelo fato de perceberem que o instante é mais engrandecedor para eles do que qualquer outra coisa que aconteceu ou que venha a acontecer.

E com essas tradições que se necessitam mais ser valorizadas e conserva-

das, os valores ancestrais de alguns são mais tendenciosos à compreensão da diversidade que outros. Estas tradições sim – são as que merecem ser mantidas. Quando falo dos contextos privilegiados tradicionais, não tenho coragem nem de nomear de tradição, mas sim – de um comportamento inumano. Pois, querendo ou não, quem há de nascer e crescer com inúmeros privilégios, o umbigo fica mais inflado dentro de sua própria visão e não se enxerga mais nada além disso. Agora, quem nasceu dentro deste meio ríspido e energúmeno e chegou à consciência necessária de sair disso pois percebe-se que é um aprisionamento mortal, há de se fazer um exercício constante em si mesmo para se perceber de outra forma, uma forma diferente da qual se foi criado. Na qual chamam de ovelha negra, eu acho.

Agora, quero dizer aqui, que estas tradições na qual falo, podem existir em todos os tipos de relações. E há as tradições benéficas e as tradições maléficas. Os familiares, as amigadas, os conhecidos, semi-conhecidos, os namorados, casados, relação de vendedor e comprador, etc. Todos eles são vítimas dos benefícios e malefícios de uma boa ou de uma má tradição. Infelizmente, a grande maioria se aceita acorrentado dentro de tradições enclausuradas, como se vivesse em um quadrado de aço. Conseguem se mover, mas não conseguem sair, e nunca suportam promover toda essa suposta mudança de lugar de um lado para outro, em uma libertação digna para si mesmo. Pois bem, quando se percebem presos a tradições maléficas, nas quais não concordam e que agri-dem sua individualidade e direito de expressão, já se toma um passo enorme rumo ao auto aprimoramento. Que, em suma, é o passo cardinal, o primeiro, o principal. O se perceber.

O se perceber atado às relações sugadoras é o motivador de mudança. E quando falo em relações, é qualquer uma que seja! Até as relações espontâneas podem cair nessa cilada de ser uma relação sugadora. A espontaneidade, essa cousa desejada e iluminada, também está suscetível à sua própria usurpação.

A relação aonde se concentra maior número e ocorrências de pessoas reclamando sobre suas devidas relações seria na intimidade. Sim – ela é um fator primordial e precioso para qualquer convivência ser pacífica e permanente, ela é a maior destruidora de conveniências também. Ela destrói tudo que há, todo resquício que sobra de superficialidades. Vamos dizer que a intimidade é um divisor de águas para uma relação. Com ela se tem oportunidade de se adentrar em outros mundos inimagináveis! Possibilidades de mundos distantes

de si mesmo, na qual a oportunidade dar-se-ia uma riqueza imensa para quem decidisse, assim, afundar ali; mas não afundam, quase nunca afundam. Pois, sair de si mesmo e entrar no outro é uma das tarefas mais árduas que existem.

Por isso, a intimidade está fadada às guerras, pois ninguém entra no universo do outro. Ninguém está muito interessado em adentrar ali, onde nada te pertence e nada é seu, é somente do outro. Ninguém está interessado em se doar e, por isso, a intimidade é muitas vezes desprezada pelo bom e velho padrão da sociabilidade. E assim, ela é vista como a vilã, a destruidora das relações mais inúteis que existem: as de conveniência. As superficiais não chegam a ser destruídas, pois essas relações nem mesmo chegam a ter o mínimo interesse de ter uma intimidade ali; ele já está em outro lugar, construindo relações supérfluas com outrem mais agradável, que aparente sempre maior simpatia. Afinal, a superficialidade não costuma se agradar muito pela espontaneidade de alguém. Geralmente, não. Mas, apesar disto, ele possui importância.

Não quero aqui dizer que as relações superficiais não são importantes. São, e muito! Sem elas, não saberíamos distinguir quando estamos avançando para algo maior e mais fundo, ou somente interpretando personagens, e não retirando a fantasia que a superficialidade possui.

Seria duro demais dizer-lhes que não tenho interesse algum por profissão alguma, principalmente porque quem os sustenta é um sistema quase falido e apodrecido? Ora, a área do direito era algo que me interessava pelo seu princípio de justiça, mas sabemos que a realidade por dentro não é bem assim. Todos que vão por este meio, com o tempo, se perdem nas teorias e acabam se rendendo a arrogâncias das imagens de advogados, juízes etc., esquecendo de fazer um trabalho impecável e preciso, que é ser justo; concentram-se nas imagens, no status, no financeiro. A arte também me interessava absurdamente, porém – essa coisa de tornar a arte acadêmica e teórica, é uma coisa sem nexo, já que ela é o oposto de tudo isso; a arte serve para quebrar essas regras. Assim como a biologia, nutrição, ciências sociais... Todos os conhecimentos desses cursos são realmente absorvidos através de outros contextos, da observação da natureza, da prática da cozinha e do contato com a diversidade, respectivamente. Então, o curso em si, a academia, não era tão necessário quanto eu pensava. Era arduamente sincero, o meu descaso; e a exposição do meu descaso, extremamente difícil de ser compreendido. Principalmente por eles.

Após uns vinte minutos, saí da sala aonde estávamos, deixando meus pais

ali, conversando sozinhos sobre qual seria o rumo da minha vida. Afinal, são eles que escolhem, dentro da cabeça deles; pois me criaram. Quer dizer, eu mesma me criei, eles me sustentaram financeiramente. Esse tipo de característica que tenho, de independência, é um sustento enorme para fugir de possíveis relações venenosas e sugadoras, que falei anteriormente. Só se prende às relações fingidoras quando se sente dependente delas. Se não se sente, já teria se percebido em qual confusão estava metido e pesaria as coisas. Valerá mesmo a pena, me manter dentro de uma relação estranha como essa, aonde só faz confundir-me até eu mesma duvidar da própria pessoa que sou? Pois bem.

Saí da sala de um consultório, aonde estávamos, me encontrei do lado de fora da rua com um amigo meu. Quero dizer, não sei se posso chamar disto. Ele fazia, atualmente – parte das minhas relações convenientes, mas teve uma certa época que já tinha sido uma relação íntima. O nome dele é Theo, mas sempre o chamávamos de Boina na época do colegial – por ele, o tempo todo, estar com uma boina em sua cabeça. Parecia que essa época havia passado, pois agora estava com seus cabelos todos a mostra.

- Ei, Eloá! – Ele me gritou – Aonde estava?

Ele tinha um cabelo enorme que batia na cintura, com cachos muito bem definidos, que cobriam quase seus olhos e sua pele escura; sua visão ficava impossibilitada de me ver completamente; então, ele retirou os cachos dos olhos e sorriu.

- Ah... – Eu ainda me encontrava um pouco confusa sobre a conversa atemorizadora que tive com eles na sala – Eu estava aí em cima com meus pais.

- É muito bom te encontrar por aqui. Me conte, o que anda fazendo? – Ele animou-se, batendo em meu ombro de leve como um gesto de saudação.

- Nada, na verdade. – Fui levemente rude no tom de voz, apesar de não conseguir fingir outra coisa além do meu ânimo atual.

E aí está um ponto interessante em mim, em como lido com relações de conveniência: elas, para mim, não são convenientes. Quero dizer, não consigo transformá-las em conveniências; sempre acabo as transformando em belos inconvenientes para a outra pessoa, por esse meu modo ser, de nem mesmo tentar parecer outra coisa, que não eu, que não o meu estado de ânimo atual, que não o meu estado de espírito, agora presente. E as relações de conveniência não entendiam isto, eles não captavam esta transcendência tão imediata e certa que é a espontaneidade dando pontadas, dizendo-me para não ouvir

nada além disto, além do que sucede o agora interiormente. É o avanço da memória brilhante, o retrocesso da ânsia desesperadora não querendo mais puxar-me para um outro redemoinho.

Theo, esse meu amigo de conveniência, se encontrava parado sem saber o que dizer após a minha resposta. Olhei para seus olhos e percebi certa confusão, pois não sabia o que responder para mim. Ele não queria mostrar vergonha ou algo do tipo, nem mesmo constrangimento. Então, coçou sua cabeça e sorriu, sem graça. Eu sorri para ele também, para não parecer arrogante. Mas, na realidade, eu não era arrogante, não estava com vontade de sorrir para ele. Então, por que sorri? Me pergunto. Sim, essas são as malditas relações de conveniência, onde se faz o que não se quer fazer. Essas são as piores... eu tinha deslembrado de como esses são os piores relacionamentos. Dar risada, falar, movimentar-se, tudo contra ao seu favor, mas em prol de algo que nem mesmo faz sentido se manter ali, posto. Não vale a pena.

A conveniência não vale a pena. Ela é o lixo que muitas vezes não pode ser descartável. E quando se percebe isso, a espontaneidade entra, dá espaço para a alegria de vivenciar seu coração já corrompido, entristecido e amordaçado pelo excesso de controle dentro de si mesmo.

- A gente se vê por aí, então. – Ele disse, envergonhado, e saiu sem olhar em meus olhos novamente.

Bom, foi tão rápido que nem mesmo percebi que o meu jeito ranzinza tenha dificultado uma possível aproximação com ele. Mas, de qualquer modo – talvez ele já está esteja fraco emocionalmente e não tenha entendido muito bem o meu humor agora. Ou, talvez tenha sido eu, eu poderia ter me esforçado mais para ter sido mais agradável. Quem sabe?

Quem sabe se fui eu a errada ou se foi ele? Quem sabe se não há nada de errado e, na verdade, sou eu que estou inventando e problematizando algo que nem ele mesmo lembrará daqui há uma semana? De qualquer modo, me dói não poder ser agradável e simpática; mas tenho que não ser às vezes, em nome da minha espontaneidade, a qual nunca consigo podar, ou velar, de um jeito de outro. Mas e se eu pudesse, como seria? Seria alguém consideravelmente falsa? Eu não seria eu, de forma alguma. Pois, o que distingue os relacionamentos espontâneos de outros, seria isto: ela é a base que sustenta toda a personalidade dos indivíduos. Não importa quem seja a pessoa, se ela age com espontaneidade, será sempre ela; não se falsificará, não se passará por

nenhuma outra personalidade, que não a dela mesmo.

As relações espontâneas geralmente são bem mais complexas do que qualquer outra, mas, ao mesmo tempo, tão simples. Tudo parece estar no seu devido lugar, mas tudo se desestabiliza ao mínimo toque. Pois não se guarda o que incomoda, não se guarda o que faz mal, esta é a espontaneidade agindo em prol de si e de outros. A espontaneidade pode incomodar milhares de pessoas que escondem, fazem questão de velar as coisas. Sim, a raridade incomoda; talvez, não só aqueles que escondem, mas aqueles que se refinam a cada dia, aqueles com uma pompa e uma vaidade infundável e desnecessária. Incomoda todos eles. Mas, este incômodo gera o que em mim e em outros espontâneos? O que é que pode caber dentro de nós, se falamos da sagacidade do instante? Nada, nada deles pode nos caber. Nada deles pode infiltrar-se em nós, como um sanguessuga. Essa é a verdade. Pois, quando tentam fazê-lo, os espontâneos já jogam para fora; pois o negativo neles é como um alimento podre que se come e se necessita vomitar para não causar nenhum problema no estômago. Há de se jogar fora os alimentos podres fora, para que não nos provoquem nenhuma forma de intoxicação. É a mesma coisa com sensações, sentimentos, pensamentos.

- Ei, Theo! – Chamei-o novamente, e pedi seu número.

Pedi seu número pela pura vontade de sair e de tentar reviver algumas das coisas perdidas e passadas. Quero dizer, não somente por isso, mas o sentimento de solidão novamente me asfixiava e eu necessitava de certa companhia, mesmo que essa companhia fosse isso, mera conveniência. Ignorei o fato de ter sido rude em minha resposta, e o fato dele ter ficado constrangido com isto.

Talvez todas as relações, no âmbito geral, possam atingir um nível harmônico e chegarem ao clímax atemporal de todas se tornarem uma só. Quero dizer, todas as formas, os moldes, os encaixes, aonde elas são bem-feitas, criadas e inseridas em grupos, comunidades, laços de afetos e desafetos, possam todos entenderem uns aos outros através daquela compreensão tão buscada pelos demais. Mas, é difícil conseguir pelo exercício constante de se deixar de lado pelo outro; e se unir, até que todos os relacionamentos da sociedade não provoquem mais nenhum tipo de atrito com ninguém, e nem rompa com a liberdade e expressão do outro, e nem a sua própria, mas sim – busque o equilíbrio perfeito e exato de como essas duas vontades, de duas partes, possam se encaixar em uma grande harmonia inofensiva.

A questão toda é que a sociedade está infestada e impregnada de relacionamentos por conveniência, e parece que morreram aí, mofaram, apodreceram nesta fase. E então, a intimidade, a espontaneidade e a superficialidade (o lugar que precisamos estar para saber qual rumo seguir) todas elas se perdem e perguntam-se qual é o seu papel dentro dos relacionamentos humanos; de tão conveniente que estão todos eles, em não acharem lugar para si mesmos, se esquecem. Os humanos esquecem também. E o pior: quem coordena, lidera e governa os grandes lugares que precisa de ordem, como os países, os Estados e as cidades, estão, todos eles, sendo somente convenientes. E assim, através da obsessão pela conveniência, se cria mentiras, se opõe à verdade concreta e aos fatos, somente para resguardar um lugar de conveniência entre todos. Um lugar aonde a casa já caiu há muito tempo, e só quem não percebe é quem quer sustentar a imagem de conveniência.

Pois bem, dane-se. Todos esses pensamentos meus não vão chegar a lugar algum, de qualquer forma. São indagações, julgamentos, suposições, impressões, sempre possibilidades, evidências, e nunca o concreto. Fui andando de volta para casa, já que era próximo do escritório em que eu estava com meus pais, mais ou menos uns trinta minutos andando. Alguns acham isso longe demais, não suportam andar tanto pelas ruas da cidade. Mas, ora, que deselegância tamanha é subestimar a força das suas próprias pernas de andar quilômetros afora. Claro que chega uma hora em que se tem de parar para abastecer através da energia parada e em repouso. Mas, tirando isso, não há por que recusar o que as minhas pernas têm a me oferecer, de bom grado, de graça e ainda, são minhas. Não são emprestadas, são minhas. Mas que grande vitória, penso eu. As pessoas que andam de carro não percebem o que estão a perder; entendendo esse mundo civilizatório, aonde se obriga a não perder o horário, o tempo, como se ele tivesse prazo de validade. Como se você tivesse um prazo de validade e, assim, o carro te ajuda e te apoia nessa ideia em acreditar que você tem sim – um prazo para chegar em determinado lugar, se não é descartado sem mais nem menos. Entendo que o carro tem sua função na sociedade doente; ele perpetua a força de perceber-se sem individualidade própria, sem condicionamento interior, ele anula que você é você, e funciona do jeito que se precisa funcionar; ele te transforma em mais uma máquina, assim como ele.

Os carros são uma das máquinas que fazem o trabalho de transformar os não-máquinas em máquinas, como eles. Os carros são a ajuda essencial de

que o capitalismo precisa para se esquecer de sua própria potencialidade física e psíquica. Dentro de um carro, se sente preso, indefeso e irritadiço. Se está sozinho e isolado – isto é bom. Mas não é bom quando se compete com outrem alheio nas estradas. Então, não se está sozinho! Se está competindo com outro, a todo tempo. Quem será o mais rápido, o melhor manobrista etc.? São coisas inúteis, e não faço questão nenhuma de manter-me dentro deste círculo louco e transtornado, onde todos estão beirando a sua própria destruição.

Pois bem, carros são mecânicos e nos dispõem a esquecer de nós mesmos e das nossas próprias capacidades. Por isso, eu gostava de ir andando. Por isso eu tinha uma preferência inata por me explorar, cada vez mais. Fui andando para casa. Cheguei lá, estava Julia e mais três amigas, sentadas no chão, jogando baralho. Uma delas, Samantha, tinha o rosto um pouco enfurecido; eu não havia entendido muito bem o porquê.

- Eloá, você deixou a porta do seu quarto aberta, lá onde estavam as minhas roupas guardadas. Vim pegar hoje, e estavam todas estraçalhadas. Seu gato destruiu todas as minhas roupas! – Ela queria parecer calma e diplomática ao me contatar sua insatisfação, mas não conseguiu, foi agressiva.

- Não fui eu. – Respondi com serenidade e paciência – Alguém deixou a porta aberta.

- Mas só mora você aqui. – Ela disse.

- Mas anteontem Julia decidiu trazer pessoas para cá. Provavelmente deve ter sido alguma dessas pessoas. Não me culpe por algo que não fiz.

- Mas o quarto era seu, era sua responsabilidade. E mais responsabilidade ainda, tinham coisas que não eram suas! – Ela não parava de jogar a culpa em mim, como se eu fosse aquele bode expiatório de antigamente.

E sim, parece que eu ainda continuava uma espécie de bode expiatório, após tanto tempo. Parece que – não importa o quanto o tempo passe, sempre somos o que somos para as pessoas! Uma imagem muito bem definida e projetada para eles. Era esse tipo de relacionamento que eu, arduamente e com um pouco de amargura, tentava evitar a minha vida toda. Aquelas pessoas que lhe culpam por qualquer coisa que aconteça, porque são egoístas demais e necessitam jogar sua raiva em alguém que não se enfureça com a sua raiva. E essa pessoa sou eu. A pessoa que não se enfurece nunca quando alguém joga a sua raiva, insatisfação, decepções em cima de mim. Por mais que a pessoa perceba que não estou nem mesmo ouvindo, nem mesmo prestando atenção

nela, no que diz, quando ela percebe que não mostro nenhum interesse e nenhuma comprovação ou acordo; eu não demonstro raiva. E por isso, elas continuam. E por isso, elas prosseguem jogando bagagens em cima da minha cabeça, pois as minhas reações nunca são explosivas. Não sei se isto pode ser considerada uma tragédia ou uma dádiva.

De qualquer modo, esses relacionamentos me sugam e quero logo dar um fim neles. Nesses casos, não sou muito forte psiquicamente, quando os conflitos chegam até mim como cousas inesperadas e surpresas; e então, falo qualquer coisa (mesmo que eu não acredite no que estou dizendo e não concordo com a minha submissão e passividade) somente para livrar-me do conflito e deixar minha psique livre, longe de impactos duradouros que me provocam sempre doenças emocionais.

- Então... – Eu falei baixo, mas com um tom de ironia, fazendo um gesto com a mão direita, como se estivesse explicando algo, mostrando a palma – Desculpe por isso?

As minhas desculpas, na verdade, eram desculpas de não saber muito bem o que falar, somente para livrar-me deste conflito, aparentemente sem contexto. E não era somente a aparência momentânea, mas sim – no ínfimo daquele drama, não há contexto algum! Não há, nunca, contexto em um drama, pois os dramas são normalmente inventados por toda nossa intensidade de viver as coisas da forma mais vívida possível! E isto provocou nesta minha colega – tão intensa – um fervor interno para suprir essa necessidade de exuberância tão grande dentro de si. E, por isso, o seu drama; é a intensidade que chama, clamando para ser saturada, gastada, vivida plenamente, pois saberá que daqui há uma hora, já estará tão cheia de si novamente. Creio dizer que a intensidade é uma das emoções mais poderosas que temos dentro de nós. Ela é a cólera, a que pode provocar-nos doenças se não cuidarmos bem, se deixarmos ela se soltar à vontade; mas também nos protege, nos cria milhares de anticorpos inéditos para toda a estrutura do nosso corpo se saciar brevemente com estas maravilhas que a intensidade de viver provoca.

Então, por mais que eu olhe para Samantha e seu rosto enfurecido de desgosto por mim, entendo que toda a sua intensidade, conectada altamente ao fio da raiva, tenha de explodir neste instante, em prol de seus outros fios, com um medo instintivo de que todos eles sejam desligados de uma hora para outra; por conta de uma pequena emoção que não se deixou à mostra, por

responsabilidade única e insubstituível de uma básica emoção que não tomou o controle do próprio controle no momento em que ele necessitou assumir-se como descontrole. Que, na verdade, o descontrole é a raiva tomando o controle. As emoções intensas tomando controle; e não há nada demais nisso, não há nada de ruim, é uma cousa pura, um grito de criança (quando se está consciente e sóbrio desta condição, é claro).

- É bom que você compre outras novas para mim! – Ela gritou, abriu a porta da entrada, e saiu arrebatando tudo, quase como se quisesse causar prejuízos ou danos no apartamento em que eu residia.

- Não esquentar não, Eloá – Julia falou – Amanhã ela nem vai se lembrar dessas roupas. Só se lembrou quando chegou aqui porque viu uma das camisas soltas pelo chão.

Julia queria tentar apaziguar as coisas, mas só piorava, pois ao invés de buscar um equilíbrio certo para a situação, ela queria que simplesmente eu esquecesse a situação e fosse fazer outra coisa mais trivial e supérflua, do que pensar realmente no que aconteceu e chegar a um consenso. Julia não via dessa forma, ela não era de conversa, mas sim de esquecimento.

Era um dos relacionamentos de amizades que eu tinha e retinha um amor imenso, mas que, ao mesmo tempo, em épocas de desesperos auto culpados, não me ajudavam muito. Esses tipos de relacionamentos de amizades que faziam-me esquecer dos problemas, eu poderia compará-los com uma balança. Um grão a mais em um dos lados e o relacionamento poderia cair em desequilíbrio, e, assim, eu cair-me-ia em desequilíbrios também, sem ajustes propícios. Pois, tudo que eles me fazem esquecer, na verdade são as coisas nas quais necessito lembrar! Necessito lembrar das dores, angústias, problemas, preocupações, pois só me lembrando delas, é que poderei saná-las, achar um método que eu faça um corte habilidoso e engenhoso, mas sem interromper todo o seu andamento dentro do meu circuito único e com extremidades de sutilezas.

- E você, Julia? – Mudei de assunto – O que ainda está fazendo aqui? Não já deveria ter voltado para casa?

- Calma. – Ela se defendeu usando de seu humilde artefato em dizer o que quer, mas sem sair de sua posição de conforto – Só estava aqui dando uma esfriada da festa de anteontem.

- Para quê? Para dar outra festa? – Fui irônica em minha pergunta, sabendo

que ela poderia usar da minha bondade em deixar as coisas passarem sem fazer nada, para esquematizar outra festa.

Eu nunca fui o tipo de pessoa que leva desaforo e que deixa passar abatido as impressões que recebo da minha intuição; mas, assim como é feito, não deixo passar abatido, e também me recolho quando alguém me dá um argumento plausível sobre determinada circunstância, aonde eu estava vendo só o meu lado. Porém, não sei se isto chega a ser algo benéfico, pois constantemente saio de mim, das coisas que acredito e que venero, por conta do outro, saio da comodidade das minhas crenças; para acreditar no outro. E assim, passo a minha vida me doando para o outro. Isto é benéfico quando se exala em teorias e ideias. Mas e quando eu mesma pratico isto, pois não tem jeito, pois sou assim, e só assim, poderei concretizar a minha segura e potente felicidade? Continuo sendo, é simples. Mas existem as situações aonde não sei para onde recorrer, se para os meus ideais ou para a minha compreensão. O meu conforto para onde corro no externo é sempre a compreensão, e o meu conforto interno são sempre os meus ideais. Junto os dois, e não sei o que é que se forma dentro de mim; o que é que sou, um complexo, talvez.

A verdadeira seguridade das minhas compreensões com o outro é a seguridade das minhas crenças. Este é o ponto principal. E é este o ponto que todos deviam seguir para tornarem-se pessoas dignas; personificar-se por inteiro, até o calo do pé, no que acreditam; agir conforme a crença. Este é o ponto de segurança mais fiel que perdura. Mas não, preferem idolatrar a sua própria crença do que agir como ela! Preferem falar, discursar, provocar idolatrias mundo à fora, mas a ação continua nula. Ora essa. Aonde estão os verdadeiros andantes da vida? Dispostos a buscar sempre uma capacidade nova de autoaprimoração? Onde estão os humanos que gostam de se conectarem com a perfeição, de vez em quando? É este, o outro ponto!

A perfeição não existe em nós seres humanos, é um fato, porém, querer alcançá-lo é um sinal de diferença entre eles, quando não se torna uma obsessão ou um sentimento de superioridade. Quando se quer alcançar a perfeição sempre, mas sem a intenção de causar discórdia ou negatividades que prejudiquem a si mesmo, não há como ver isto como algo ruim. Querer a perfeição, sem comparar-se com outros, é sinal de que sua alma provavelmente já sabe como as coisas por aqui acontecem e quer fazer tudo de um jeito certo, sem que esteja fadado a qualquer forma de erro. E isto não é ruim.

Confesso que tenho esta pequena obsessão pela perfeição e, ora ou outra, detesto os conflitos, pois eles retiram aquele altar de perfeição de dentro da minha imaginação, na qual sonho tanto em tê-lo próximo de mim! Mas, calma. Sei que sou humana e nenhum humano chega neste nível; talvez somente na morte. Talvez, esta seja minha última reencarnação e sinto que tenho de fazer as escolhas certas, no máximo grau de perfeição, as quais não beiram nem a um por cento de arrependimentos. Mas se bem que – a questão de arrependimento são hipóteses de pessoas não muito bem resolvidas consigo mesmas, que não se entendem tão profundamente ao ponto de perceber que, em tudo, há um caminho a ser percorrido e outro que irá necessitar ser deixado de lado, mesmo que este último se fortifique logo em seguida e não se saiba disso. E o caminho que irá ser percorrido, muito provavelmente, mostrará um caminho perfeito para percorrer o que já se foi esquecido, o que necessitava ser deixado de lado.

- Claro que não! – Ela disse, insatisfeita com a minha pergunta, mas mesmo assim, ainda sentindo que havia algo por detrás daquilo – Só não quero voltar para casa por agora, lá está tudo horrível. As pessoas com quem convivo me dão nos nervos.

Eu nunca sei bem com quem Julia convivia; a última vez que eu soube eram dois homens e uma mulher dividindo um apartamento de dois quartos, e ela dividia o quarto com essa mulher. Hoje em dia, não sei mais no que deu, não sei se foram despejados ou algo do tipo. Prefiro não perguntar, pois sei que ela trará o problema inteiro para mim, para eu obter uma solução. Apesar de obter uma vigorosa vontade em perguntá-la sobre sua vida inconstante e parasitária, pois tinha, admito, e para ela também, um enorme prazer e regozijo em ajudar o que quer que fosse, e o que quer que estivesse em minha frente, não iria fazê-lo, pois isso só me traria mais descontentamento em não poder resolver o problema dos outros.

Este sacrilégio em resolver o problema dos outros me leva à abismos e enrascadas constantes. Não sei bem se resolver o problema dos outros, mas sim envolver-me por inteiro, de entrega, a outro. E aí está o perigo, o abismo! Confiar em todos pode ser maléfico, as armadilhas aparecerão constantemente e não se pode nunca estar desatento aos riscos de cair em ruas sem saídas. Até então, me parece muito pequeno e mesquinho todo tipo de desencorajamento a todo tipo de questão dentro das relações. Afinal, as relações realmente saudáveis e fiéis servem-nos principalmente como encorajamentos para se enfrentar

o dia de amanhã, com garra e coragem. Elas são, na verdade – uma espécie de mãe que se sustenta nela, para poder se erguer novamente para a vida. Meus pais, amigos, encorajam-me ou desencorajam-me para o que quero? Os irmãos competem comigo, mas não que isso me abale, só acho triste demais ter de conviver com esse tipo de obstáculo no caminho, já que um irmão é algo pela qual prezo tanto e tenho como base para as possíveis motivações dos meus sonhos. Mas o irmão, às vezes, nem mesmo acredita que eu consiga realizar meu sonho. Estes instantes, em que eu percebo que de nada vale a pena confiar em outros, nem mesmo na pessoa que se é mais íntima, para lhe contar seus verdadeiros objetivos. Mas, mesmo assim, eu continuo confiando, mesmo escrevendo e pensando que não vale a pena; não se pode modificar as programações internas, a sua grande alma que veio para cá, destinada a viver determinados processos. Por mais que se reclame dos obstáculos, continuará a passar por isso. Porém, a mudança interior é a que modificará a sua verdadeira intenção diante de todo o contexto.

Queria dizer tudo isso aos irmãos competitivos, mas os mesmos estarão em outra espécie de vibração na qual chego muito longe e não quero me envolver. Mas, para mim – é extremamente árduo não me envolver, principalmente porque já possuo o laço muito bem atado de anos com o indivíduo. E se me envolvo, sinto que me perco de mim. É terrível, importar-se com os outros, querer ajudar, mas ao mesmo tempo, de se afastar, pois aquela presença ali não me estimula, não me comove, não me encoraja a ir mais longe. E o não ir mais longe seria, talvez, ajudá-los de outra forma.

Mas, enfim – as relações familiares também possuem um grau de conveniência extrema, calorosamente misturado com a intimidade. Disso, não se pode negar. Às vezes, se pensa que é íntimo, para os mais ingênuos, mas quando se vê em outras circunstâncias, aquilo ali era apenas uma conveniência para o outro lado. A grande questão é esta: o que fazer nestas relações, aonde um lado se pensa que é íntimo, mas o outro está somente sendo conveniente? É o erro do ingênuo, que pensa que já possui intimidade, ou o erro do malicioso, que sabe persuadir o outro para parecer que aquilo é uma intimidade, ou, na verdade, é tudo mera conveniência? Talvez não há um erro, mas somente visões distintas; uma visão facilmente manipulável (a do malicioso conveniente), e a outra, que persiste sempre a mesma, que não sai do seu próprio eixo, que é firme (a do ingênuo).

Alguns até diriam que a ingenuidade não é firmeza, apresentam ambos como antagonicos. Mas creio que são quase a mesma coisa. Não há nada mais firme e corajoso do que viver a vida com ingenuidade. Se é inocente sim e, mesmo quando não se consegue provar que se é inocente, a vida, uma hora ou outra, mostra para ele ideias nas quais ele possa mostrar sua inocência.

- E quem seriam essas pessoas? – Decidi perguntá-la, para ser mais direta.

- Bom... Pessoas diferentes de mim. Pessoas de outras classes.

- Como assim? – Eu não havia entendido.

- Pessoas pobres, pessoas ricas. Aquilo está parecendo uma república.

- E como você exatamente se meteu nisso?

- Eu não tinha escolha. Era isso, ou morar na rua. Fui despejada da última vez. Está tudo errado, Eloá. Tudo errado. As coisas não tinham de acontecer como acontecem. Vejo também coisas que não gostaria de ver lá dentro de casa. E me dá nos nervos, por isso, fujo.

- O que você vê?

- Pessoas ricas roubando o dinheiro de pessoas que não têm nada. E, às vezes, o que não tem nada também não sabem como reagir diante disso, até porque se fosse o contrário, eles é que seriam julgados. Mas enfim, está tudo errado. Vejo essas coisas erradas acontecerem e não posso fazer nada.

De fato, Julia não poderia fazer nada senão a de ser a ponte entre ambas as classes com quem convive, até porque – ela é a verdadeira ponte. Ela é a classe mediana. E é uma subdivisão na qual está muito bem informada sobre as coisas, e tem a sensibilidade para sentir-se mal com a falta de honestidade de outros. E, por estar bem informada sobre ambos, sobre coisas nas quais ambos estão se lixando, pois um extremo é obcecado pelos seus bens e pelos seus luxos, e o outro extremo é obcecado pela sua própria sobrevivência; pela vontade de viver, pelo desejo de se estar vivo amanhã. Ambos pensam em si, porém – os ricos, pensam mais em questões materiais; não são como os pobres, que pensam em si de forma mais necessária e básica para sua própria manutenção de necessidades. E a classe média, a classe aonde Julia se encontra, é aquela em que sustenta todos esses centralismos de ambos, é o que pensa sobre quem é injustiçado e quem é o que comete injustiças. A classe média é a que pensa, separa e discute por nada. É a que protesta em prol de outros que são injustiçados, porém – os verdadeiros injustiçados nem sabem que

são injustiçados, e quando lhe falam isso, se assustam. E quem lhe fala isso, normalmente é a classe média, a possuidora de conhecimento, que crê que é o herói de toda a história do país.

Claro – não há nada demais em terem heróis, eles existem e vão continuar existindo. Porém, a corrupção de outros é uma coisa muito intrínseca de se mudar, pois vem de dentro e vai para fora. É algo da índole da pessoa que governa, que está ali mandando, e fazendo o que bem quiser. Pois bem, é muito bom saber que a distribuição de renda é desigual e precária, mas para isso acabar, se é preciso conhecer muito bem os seus próprios governantes – e quando digo conhecê-los, digo conhecer até o foro mais íntimo de sua alma! Pois, até aqueles mais aparentemente firmes são facilmente corruptíveis. E aqueles aparentemente frágeis, são os que mais resistem. Se é preciso tomar cuidado com as aparências e as propagandas. Então, conhecendo o foro íntimo de seu governante, poderá decidir qual deles é o mais honesto e que se mantém mais firme diante dos obstáculos e perturbações externas. Se não houver ninguém firme entre os que se elegem (e provavelmente não há, pois isto é para poucos, e os poucos que existem, com certeza não irão querer governar) então se opta por ninguém, e permanece o anterior. É melhor do que confiar em alguém que não se conhece intimamente.

É isto; as eleições têm de ser como as relações de intimidade, e não como as de conveniência, que surgem em todas as partes como epidemias. Mas, o grande problema é que a politicagem é devastada de conveniência e supérfluas necessidades secundárias; não há nada de íntimo ali, é isso que é triste. A intimidade não existe no ambiente político entre quem vota e quem é votado, e por isso – se confia em alguém pela propaganda que faz de si mesmo e quem confia nestes, são, na verdade – ingênuos. Não, eu não sou ingênuo por pensar em uma solução para todos estes problemas da sociedade e do mundo, e de ter esperança neles. É o restante da população que é a ingênuo! Que confia em simples propagandas e carismas falsos, criados somente pois se tem um determinado apoio dos padrões de comportamento e de aparência física. E só depois que se percebe que se confiou na capa de alguém, e não no conteúdo de seu livro.

O conteúdo de alguma coisa é visceralmente ligado à sua intimidade. Só se pode chegar ao conteúdo quando se penetra no íntimo. As relações de intimidade não de salvar as durezas das necessidades supérfluas, e transfor-

má-las em necessidades básicas e espirituais. As necessidades espirituais são todas aquelas conectadas ao bem da sentimentalidade positiva. É isto que tem de ser perseguido para o bem maior de uma população e de uma sociedade.

- Vamos viajar, Eloá. Vamos fugir de tudo isso.

- Não – Eu disse, segura de mim – Vamos conhecer nossa terra primeiro, aonde moramos. Fugir não traz paz, fugir não cura as dores de uma mazela. É indo além das impressões, que podemos, finalmente, sentir todas essas mãos de escárnio, chorando como crianças, e sonhando como verdadeiros corações sábios.

- Você tem certeza? – Ela perguntou-me.

- Eu não fujo das fraquezas. Elas, com o tempo, se tornam fortalezas. E só se vê que é fortaleza através da espera.

- Espera? – Julia retrucou.

Eu mudei a palavra, logo em seguida, mas ainda, firmando-se na anterior:

- Esperança.

FIGURA III

Os padrões

Vou lhes avisar que os temas que penso e abordo são todos conectados e interligados, assim como tudo na vida; então é muito comum um tema falar de outro anterior, ou posterior, e assim por diante. É uma coisa comum que sempre acontecerá, a repetição também faz parte dos ciclos necessários. E a repetição para o bem, mesmo que seja monótono, também se torna uma espécie de padrão, na qual irei falar aqui.

Assim como a filosofia, ousa assumir e se mostrar em todo lugar e a todo tempo na vida. A repetição é como a filosofia, a filosofia é como a repetição, ou talvez, ambos sejam o mesmo. Elas existem para mostrar-nos que as coisas sempre têm de voltar para o início, sempre tem de serem rebobinadas e começadas do começo para se perceber o que se mudou e o que se continua no mesmo lugar. E se as coisas que mudaram foram realmente para o bem ou não. É para isto que a filosofia serve – ela é tão chata e exigente em aparecer a todo tempo pois quer lhe mostrar, como uma mãe cuidadosa, que as coisas ruins podem lhe acometer! Por isso, é preciso tomar cuidado consigo mesmo e com as coisas que se aprende enquanto vive, e questioná-las enquanto se está quase enclausurado no senso comum. Mas, existem alguns que não precisam disto tanto quanto outros, são os éticos por natureza. Que já pensam demais antes de tomarem alguma decisão e suas possíveis consequências, pensam demais na sua própria existência dentro do meio e como isso afeta o contexto dela.

Pois bem, os padrões. O que falar dos padrões? Existem inúmeros, mas os mais ressaltantes e chamativos são os padrões de beleza e os padrões de comportamento. E, o mais primordial: o padrão social. A beleza mais angelical e o comportamento mais carismático. Estes são – comportamentos idealísticos, padrões. Talvez a pessoa nem seja tão angelical assim, e o comportamento daquele carismático seja constantemente grosseiro e rude na realidade (a realidade que eu digo, no plano da intimidade). Os padrões os obrigam a agirem dessa forma, querendo ou não. Os malditos padrões que lhe fazem não ser quem você é, pois na verdade, logo quando se é imposto esses padrões goela à baixo, ainda se é muito novo e nem se sabe quem se é ainda; nem se sabe

seus próprios gostos e virtudes. Ainda está conhecendo o mundo quando estes padrões lhes são sugeridos como imposições e ordens, mais do que como uma mera sugestão.

Existem outros tipos de padrões, os padrões da fala, os padrões de como se deve viver, padrões de sexo, padrões de gosto, padrões de sentimentos, padrões de opinião, padrões de hábitos (as rotinas), etc. Falarei deles posteriormente, mas os mais importantes são os que citei, porque normalmente sustentam os outros padrões, e são eles que espalham a propaganda para enganar os ingênuos através das falsas impressões.

Os padrões de beleza e de comportamento estão na religião, por exemplo, na imagem de Jesus sendo adorada como um homem branco de traços finos e com um rosto de anjo. Claro que, quando falo padrão de beleza, não digo somente da beleza externa europeia, que foi imposta. Falo da beleza em todos os aspectos; a beleza do discurso, que está inserido quando se olha para alguém, causando assim, um hipnotismo, que o torna – querendo ou não – bonito. E daí então, a beleza da lábia se torna um padrão de beleza, pois a lábia é o discurso pronto. E o discurso pronto tem a capacidade de persuadir e hipnotizar – conectado ao padrão de comportamento. Creio que ambos não são muito diferentes um do outro.

Esses dois têm, como se fossem “filhos”, descendentes e assim se cria a árvore genealógica dos padrões. E nascem os restantes dos padrões, que são mais secundários e coletivos.

Essas necessidades coletivas são funções destes – os que acionam os padrões – para que funcionem, assim, os outros padrões. E seu plano de manipular toda a população funciona corretamente. Mesmo que eles sofram, não sabem por quê sofrem, pois não têm acesso aos que os outros têm, e assim, não se tem como explicar a sua necessidade, que na verdade é coletiva, não individual. Mas os padrões, nos quais todos já estão tão acostumados a se fincarem, não saem desta zona; e os que se acomodam nos padrões de comportamento, se beneficiam disto pois, quando se acomoda em um padrão, não se sabe como sair dele sem ajuda. E que ajuda as pessoas possuem dos outros para saírem dos padrões? É muita pouca, e não se sustenta por si só.

E dentro destes tantos padrões, existe também um padrão invisível, que vive na margem. É o padrão da educação. Que não chega nem mesmo a ser um padrão, já que é um assunto ignorado. Aquele padrão existente no micro

e no macro, o padrão aonde se acha que tal coisa é um bicho para se aprender, quando, no futuro, quando não se sabe, tem de se voltar para aonde se achou tudo aquilo muito chato para rever, pois não se aprendeu o necessário. Falo da matemática, no sentido micro. Agora, no macro, é a desvalorização da educação que dão aos de baixa renda, e aos que dão também aos que tem oportunidade de aprender, mas de nada valorizam aquilo que recebem com tanta facilidade. O padrão baixo, vulgar e excludente, é o padrão da educação.

Eu estava no ponto de ônibus, esperando algum ônibus que passasse na casa da minha tia por parte de mãe, que morava na cidade baixa. Bem diferente de mim – eu era uma das privilegiadas que estava estacionada na média da nossa pirâmide social. E no ponto de ônibus, estava uma propaganda de um homem branco sorridente e carismático. De novo, o carisma penetrando em todos. Vai ver este homem parado posando para a foto não era nem carismático, porém, se adequava muito bem aos padrões requeridos de beleza externa. E na propaganda, estava a marca de uma pasta de dente, com uma mensagem: “Seus dentes, tão limpos que viram diamante.” Bom, eles quiseram supor de que os dentes do homem sorridente se tornaram brilhantes após usar aquela pasta de dente. Creio que seja meio impossível os dentes se tornarem tão brancos somente com o uso dessa pasta, e claro, as pessoas no começo acreditam nisto, mas após perceberem que as propagandas são falsas e dissimuladoras, desistem; param no ponto e nem mesmo prestam atenção ou olham para uma propaganda qualquer que passe. Não sei se por estarem desatentos, dentro de seus próprios mundos, ou se porque, realmente, as propagandas não fazem mais sentido algum para a grande maioria dos trabalhadores.

Enfim, nada é tão ruim ou tão bom, depende como se usa essa coisa na qual se está. No caso, o padrão. Como se usa esse padrão aonde se está inserido? Usa ele para abrir a mente dos demais, ou apenas para aproveitar-se de situações na qual lhe agradem, em atos egoístas? Depende de como se usa a coisa na qual se está inserido, ou se possui. O padrão é ruim, porém – se usá-lo para iluminar severas mentes engaioladas, ele se torna bom. Quando se está em um padrão de hábitos, mas dentro desses hábitos, por exemplo, se consegue tirar aprendizado, então ele não é ruim, mas sim uma ferramenta essencial. O padrão se torna a ferramenta essencial, quando usado para o bem. Assim como conhecimento; quando se tem conhecimento demais sobre algo, se pode usá-lo para o bem ou para o mal, para si mesmo e para tirar vantagem, ou para simplesmente compartilhá-lo em prol de algo maior.

Tudo nos padrões, dentro dos padrões na vida, e como se usará esses padrões, depende exclusivamente da sua índole. Depende de como essa índole absorve as coisas que recebe, de como ela agirá conforme o que aprendeu. Algumas pessoas creem que aprenderam alguma coisa, mas na verdade não aprenderam nada, só acumularam conhecimento e os usam quando lhes é conveniente, para conquistar algo de seu próprio desejo egoísta. E isto não é aprender, isto não é ter uma índole honesta. Isso é se tornar corrompido pelo meio.

Agora, não falei dos padrões sociais. Creio que seja o mais essencial de todos, e o que sustenta os outros, mais chamativos. Os comportamentos e as belezas. Tudo que advém da sociedade pode ser um padrão. Pois a sociedade necessita, em si, criar padrões, estabelecendo regras, compromissos, organizações, planejamentos. E assim, se criam os padrões. Mas, então, me pergunto se é assim mesmo que tinha que ser – ou se tinha de ser diferente para o sofrimento cessar, ou diminuir. Não, não seria de outra forma, os padrões são inevitáveis. Agora, o grande problema é que ele se torna alienante, dormente e cego para aqueles que estão neles. O problema nunca é a cousa em si, mas sim o que se faz com ele.

Logo quando vi a propaganda carismática e cheia de beleza chamativa, deparei-me com uma cena meio chocante, fazendo um contraste gigantesco com a propaganda: um menino de rua deitado no papelão, tentando dormir. Quando o olhei, ele me olhou nos olhos. Não soube o que dizer através dele, só continuava a me olhar, a me encarar. Olhei novamente para o homem na propaganda e para o garoto, fui percebendo quem estava fora do padrão e quem não estava. Fui percebendo que os padrões são limitadores até das próprias necessidades básicas do humano. Até de se ter uma moradia decente, precisamos fazer parte de um padrão; o padrão do dinheiro.

Olhei para ele novamente e comecei a sentir vontade de chorar. Ele me olhara como se quisesse minha ajuda. Mas, como eu iria ajudá-lo assim, tão rapidamente e facilmente? Como? Eu queria fazer alguma coisa, para essa voz interna calar e deixar-me em paz. Eu tomei coragem e decidi ir até ele. Eu sorri, mas ele não sorriu de volta. Agachei em sua frente, e lhe perguntei:

- Você está precisando de alguma coisa?
- Tia, compra um lanche pra mim.

Ok, era isto mesmo que eu iria fazer. Havia uma lanchonete e um homem

que vendia redes do lado de fora do seu carro, bem ali em frente. Não era cobertor, mas poderia servir como um.

- O que você quer de comida?

- Um pão com ovo. – Ele me respondeu rapidamente.

Voltei a ficar em pé, e fui andando em direção a lanchonete. Primeiro, parei em frente ao carro das redes, e comprei uma marrom e branca para o menino, depois fui seguindo entrei na lanchonete com cheiro de gordura e com ventiladores ligados no teto, espalhando todo aquele ar abafado. Pedi seu pão, sentei-me em uma das cadeiras, e esperei ficar pronto.

Fiquei pensando neste menino, que eu acabara de entrar em contato. E pensando nele, me veio toda a situação da pobreza social. Alguns dizem que – a pobreza é algo que sempre existiu e sempre existirá. Pensando que ela sempre existirá, em maior ou em menor escala, está verbalizando então, um fato imutável, logo, impossível de se acontecer mudanças. Isso nada mais é do que uma mera desculpa para justificar a irresponsabilidade que se tem com a vida humana. As vidas humanas que não só necessitam das necessidades básicas, mas também da educação para proporcionar emoções positivas acerca da sua relação com os demais. E nisso entra uma estranha questão ignorada, a da espiritualidade.

A educação tem o papel de instigar o processo do pensamento criativo, provocando maior número de cidadãos com ideias inovadoras. Sem a criatividade, passa-se a ver as coisas (estudo, trabalho) como obrigação, para ganhar sustento, e não como um prazer. E vendo como obrigação, não sentirá graça em fazer, logo fará de qualquer jeito. E daí, também surgem as atitudes de corrupção, já que não se faz pelo gosto, mas sim pela imposição desenfreada da sociedade.

Ela – a sociedade – às vezes é vista como uma propaganda enganosa. De primeira, é tudo muito bonito e elegante, mas depois que se percebe, com a consciência já amadurecida, os golpes e os furos que se perfurou na sua psique, se tem raiva, se cria o ódio, se tem vontade de fugir, ou de destruir alguma coisa (uma instituição, talvez). Mas, uma coisa é vera: quanto mais se sofre, mais todos eles lucram. Eles, estes miseráveis que não tomam conta da educação e deixam a pobreza se alastrar; eles, que deveriam representar este menino na qual eu estou comprando um pão com ovo agora. Quem se importa com o outro quando tudo que lhe resta é batalhar pela sua sobrevivência quase nula,

inexistente para as estatísticas que ignoram a humanidade que lateja em cada um de nós?

Aonde estão os seres humanos de verdade? Aonde está a verdadeira humanidade? Eu só observo comportamentos maquinais.

E nestes comportamentos maquinais, observo a complexidade se transformando em níveis que se dá nós na cabeça e não se pode mais viver adequadamente como deveria se viver. Ora, tenho eu o direito de reclamar de complexidade? Eu – uma pessoa tão complexa como sou, se não sei se sou sol ou se sou chuva, não sei se sou fria ou quente, não sei se sou divertida ou séria, não sei qual dessas minhas duas facetas as pessoas veem mais e isto é algo que me corrói. Não saber como o outro nos vê é a maior tortura que o meu perfil de pessoa já se ousou a pousar em cima. A maior tortura são as imaginações audaciosas de como ser alguém adequada. Mas, não me adequo, não me adequo por ser complexa demais.

E as coisas que são complexas demais emaranhadas em um determinado ponto aonde as confusões já nos dão sinais em estado de vislumbre muito bem planejados de como nos desenroscamos das nossas próprias confusões. Saber como os outros me veem me dói o peito, me dói a cabeça e não sei para aonde seguir, pois no mesmo instante, fico confusa. Não sei para onde ir, não sei. Não sei qual ônibus pegar mais, agora que já me distraí completamente dentro dos meus próprios pensamentos. O que estou fazendo aqui nesta lanchonete cheio de pessoas fechadas que me olham feio? Por que me olham assim?

Ah, sim. O pão do pobre menino. O menino que, provavelmente, também nem pensa nisso. Não pensa nas coisas que eu penso. Pensa no que ele vai comer amanhã, aonde ele poderá arranjar comida. Este tipo de pensamento de sobrevivência é digno até demais, e alguns das minhas classes diriam que é o verdadeiro e o único que deveríamos ter. Os outros que pensam em coisas que vão a fundo, que não seguem uma linha reta, que desviam constantemente do seu próprio destino, para eles, para os que mandam – não passa de perda de tempo. Ora, o que é o tempo, afinal? Por qual motivo todos eles acham uma perda? Perda é o que eles fazem. Gastam a vida preciosa tentando se tornar pessoas ricas e poderosas, somente para esbanjar arrogância e soberba por aí. Ok. Mas, o que isso vai lhes trazer? Conforto material. Sim, concordo. Mas, e esse conforto traz algo a mais? Traz algo maior e mais divino? Traz o bem? Ele traz o bem para alguém? Não há graça alguma em se ganhar alguma coisa,

se não se divide com alguém. Não que a felicidade seja compartilhada, mas os agradados que se recebe são tão imensos que se tem uma vontade obcecada em se compartilhar com outrem!

Não é verdade? Não é verdade que se tem imenso prazer em fazer o outro feliz? Bom, eu tenho. Alguém mais está comigo neste triste e infeliz caminho?

Eles são o verdadeiro padrão, obcecados em transformar os inocentes em padronizados também. Obcecados em colocar os inocentes em caixas, aonde eles estão, e aonde eles permanecem. Fechados, trancafiados em bolhas sufocantes, onde nem percebem que estão perdendo o ar, perdendo o próprio ar que respiram, e que não pagam! É isto que falta, é isto que se passa percebido por estes malditos.

Esses dias aconteceram tantas coisas comigo que nem sei mesmo aonde está a instabilidade da minha psique. Tento voltar para onde estou agora, mas é difícil. Quando penso no momento em que estou vivendo, não estou mais vivendo ele. Isso é estranho e simultaneamente delicado. Prazeroso de se pensar, mas, sem o limite apropriado, se torna loucura dentro de uma linha tênue extremamente fina e imperceptível. Anteontem um homem que vende mobílias disse que não possui fé pois não vou a igreja. Mas como ele sabe disso? Eu afirmei que tinha, mas ele negou. Quer dizer, ele negou algo que só acende em mim, que existe e reside em mim; então, como pode ser isso? Não se trata de algo objetivo ou concreto. Ter fé não se trata de concretismo, ter fé se trata de esperança interna, de cores vivas nas emoções circundantes. Provavelmente é ele – que não possui a fé que tanto idolatra. Pois, quem possui algo internamente e inato, em naturalidade de seu próprio ser, não há necessidade alguma de afirmar isto para os outros, negar o que existe de mais belo em cada um, somente para superiorizar sua própria religião, que, inclusive – é um padrão. O padrão cristão-religioso.

Existem inúmeros padrões em meras situações cotidianas e nem percebemos isto! Nem percebemos que – quando saímos de casa pela manhã para fazer as devidas obrigações da rotina, já estamos cometendo um padrão. E quando fugimos deste padrão e decidimos ser autônomos, estudar e trabalhar de jeitos autônomos, nos enfiamos dentro de um padrão criado por nós mesmos. Então tudo acaba em padrão. Mas, só porque se acaba em padrão, não significa que não exista algo de inovador.

Enfim, tudo acontece dentro da minha cabeça, não sou de fazer política.

Não sou de politicagem. Às vezes, acontece de discursar – mas pela necessidade da comunicação, e não pelo próprio jogo que o discurso propõe para um debate. Eu não gosto de jogar; principalmente através da língua, da lábia. Todos os padrões se acometem dentro da minha cabeça, a criação de padrões existe, mas eu a ressalto e faço ressalva para mim mesma e só me afasto de quem possui muita politicagem, pois sei que facilmente nesta sociedade misteriosa e obscura, a arte do debate é usada para o mal. O mal, que me refiro, é a manipulação mascarada. Quer dizer, o que tem de mais em um simples debate para trocar ideias? Não há mal algum! Ora essa, falando do modo como eu falo agora, não há mal algum. Mas, a essência já mal-intencionada (digo a essência pois a alma já vem com a gente, e não há como mudar o que vem da alma), usará esta arte do debate, da língua, para ganhar sempre algo em cima da desgraça de alguém. É sempre isto, o espaço na qual tudo acontece se mistura e é previsível.

- Aqui, senhora, seu pão. – O cozinheiro deu-me o lanche, e saí rapidamente, deixando o dinheiro em cima do balcão.

Andei rápido até aonde estava o menino, agachei-me e dei o lanche para ele. O vapor da comida quente tinha o deixado com os olhos brilhando. Ele me olhou, e sorri novamente. Dessa vez, ele retribuiu o sorriso.

- Brigada, tia. Você é uma pessoa muito boa. – E arrancou um pedaço do pão, violentamente.

O que significava ser uma pessoa boa? Isto sempre me assustava, o real significado das coisas, e como as pessoas distorcem ele. Quer dizer, compreí-lhe comida, pois estava passando fome. Isto é ser boa? Bom, qualquer pessoa deveria, ao ver seu semelhante passando fome, ajudá-lo. Não deveria ser assim? Algumas vezes não faço pois sei que alguns deles recusam a ajuda. Mas, mesmo assim, creio que a maioria de nós perdeu toda a sensibilidade para a humanidade intrínseca em todos. Observe os ricos: todos eles são mesquinhos e arrogantes, até perderem tudo. Quando perdem seus bens materiais, observe como agem. Mudam de comportamento; procuram se tornar pessoas mais espirituais, amorosas e caridosas. A perda material, para eles, provoca uma verdadeira mudança de vida. E, se não provoca, tornam-se insatisfeitos com eles mesmos, e se matam, literalmente.

Bom, tudo se trata de caráter, no final das contas. O caráter de um honesto será sempre esse, o caráter de um corrupto será também esse, independente

do que ocorre em sua vida externa. É duro dizer isto, pois alguns acreditam na mudança interior. Existem diversas mudanças interiores, mas a questão essencial e principal, que é o próprio definidor de escolhas imperiais, é esta: a ética intrínseca.

Saí dali, e voltei para o ponto de ônibus, aonde eu olhara para aquela propaganda do homem sorridente sem parar, tentando desmistificar e desvendar todo aquele comportamento. Com certeza – é um padrão comportamental. O sorriso. O sorriso bonito, adequado, bem dado. Mas, e se eu não quiser sorrir? Qual é o problema de não demonstrar felicidade, ou até algo que esperam de mim? Qual é o grande problema de enclausurar-me em mim mesma e permanecer lá por dias? Deu, o tempo todo e incansavelmente, estar em mim mesma tentando desvendar o meu próprio mistério de existência; e o mistério do que me ronda. Tarefa difícil, não é? Sei disso, e constantemente as paixões pelo pensar, pelo desvendar o indesvendável, deixam-me a mercê das indecisões premeditadas. Estas indecisões deixam-me confusa sobre as pessoas, sobre o que elas creem e acham de mim. Ora, como o menino sabe que sou uma pessoa boa? Por que paguei um lanche para ele? Qualquer um faria isto. O que na verdade – são estas conclusões sobre nós que as pessoas tiram? Hoje uma conhecida chamou-me de engraçada. Ora, isto é totalmente o oposto do que sou. Posso muita seriedade em mim, seriedade aguda e intrínseca, que não sai, seriedade sofridora. Então, como saber mesmo do que se tratava aquela sua afirmação sobre mim, se foi sobre a minha pessoa ou sobre um estado bem específico meu, no qual eu estava incorporando-me infielmente ao meu complexo de ser eu? O que era, afinal, ser engraçada para ela? Eu não sou isto que estou pensando ser. Bom – não sei, eu constantemente não estou satisfeita com o que os outros acham de mim. Pois sou tudo ao mesmo tempo, sou duas em uma, e isso por ora provoca confusão nas pessoas em relação a mim, assim como provoca em mim também! Ninguém me entende, pois nem eu mesma me entendo, sou uma eterna mal resolvida, presa nos meus complexos arbitrários da espontaneidade de ser eu mesma. Não deixo de ser eu mesma, mas sempre sinto que me encolho no canto e quero esquecer o mundo. Mas, isto também não é ser eu?

Ou estou cansada demais para resolver-me comigo mesma, ou estou animada demais para expor meu potencial criativo, sem tempo para resolver este emaranhado de complexos existenciais. Então, para onde vou? Eu sou um

complexo. E isto é um tipo de padrão. É o meu próprio padrão. Agora, como dar fim neste padrão? Não se dá, nunca se dá fim no padrão que criamos para nós mesmos. Quando se sai de um, se entra em outro que cause um conforto semelhante. E é este o fim. A ausência de fim.

O meu ônibus chegou. Entrei nele, paguei minha passagem e sentei-me em um dos bancos. O ônibus estava vazio – o conforto que eu gosto e aprecio. Assentos vazios por toda parte. Um vazio de presenças. Isto é o que mais aclamo dentro dos ambientes sociais; ambientes vazios. Principalmente o automóvel que transporta seu corpo para outros lugares. Pois se tem viagens sonhadoras olhando pela janela e, quando se está muito cheio, o tumulto desconcentra o foco dessas viagens. Que são externas, mas passam a ser internas quando se olha para a janela. E isto... Nossa! Isto é revigorante, saudável e satisfatório. Olhar algumas pessoas sentadas olhando para a janela, tendo suas próprias viagens ocultas e com acesso privado, olhando para uma possível paisagem ali passada rapidamente. Isto significa que estas pessoas ainda sonham. Quando vejo que elas sonham, meus sonhos também não morrem. Eles vivem e revivem a cada vez que minha visão percebe um outro alguém sonhando ao meu lado. A necessidade de estar atento a tudo o tempo todo é sufocante, e nos mata aos poucos. Tudo bem, ninguém provavelmente tem a necessidade tão grande de romantizar as coisas como eu tenho, e para isso – necessito de um tempo estimado de solidão isolada, sem interrupções. Mas até os outros necessitam dessa bolha própria para se reestabelecerem. Ou talvez, seja só delírio meu? Eles não se preocupam nenhum pouco em se reestabelecer? Estou vendo eles como meus espelhos. Estou fazendo isso novamente.

Mas, tudo bem. Quando me sentei em um dos assentos, voltei a pensar no menino. O que será que ele fazia em suas horas livres, isto é – quando não estava ali tentando arranjar comida de algum jeito? Provavelmente não era só ele ali, mas uma família. E como eu morava perto, creio que o encontraria em outras vezes rondando por ali. Ou talvez ele seja um nômade à procura de algo a mais. À procura da competição com outros, por esta necessidade básica: o alimento.

Mas sim, até nisso – somos competitivos. Quando digo nós, digo toda a raça humana. A raça humana é competitiva por natureza, pois precisa pensar em si até mesmo nas horas de sobrevivência. Sendo necessidades básicas ou necessidades secundárias, ele está ali, competindo, mas do seu próprio modo,

discretamente ou ferozmente, mas está ali, esperando ou lutando para o seu próprio agrado. Lembro-me de áreas humanas, que especificam bem, dentro delas, dizendo não há competição tão grande como há em outras áreas, como a área de naturais, em termos de teoria. Mas agora, pergunto-me: quem trabalha com humanidades está, na verdade, mascarando suas próprias vontades e desejos, para dizer que não é competitivo ou egoísta dentro daquele âmbito em prol da própria área onde se trabalha? Isto é ser desumano, creio eu. Negar-se em prol de uma coisa que lhe sufoca, é desumano. Os humanos, então – são desumanos.

Os outros, os mais estranhos e irracionais, que querem competir com a natureza, com coisas que já estão ali, que já existem, não se trata de ideias inovadoras, mas sim de descobertas de se reconhecer o que já existe, e pronto. Mas competem por isso, por algo que é Absoluto; porém, ninguém nunca saberá a verdade absoluta a não ser que se observe atentamente. E observar atentamente significa parar. E parando, se volta para dentro. E mesmo quando se observa atentamente, verá um sangramento, um vasão de significados diversos. Não há nada de absoluto, e nem nunca existirá. Ou, talvez, seja o ambiente ocidental que modifique estas coisas e as transformam-nas em coisas corruptíveis – para mim, ao menos.

Enfim, todos os conhecimentos dados pelos teóricos já são vistos e sabidos pelas pessoas que não possuem nenhum acesso àquilo. Tudo que eles fazem é modificar a linguagem para torná-la mais segregada, e assim, classificar as pessoas dentro de suas respectivas classes, através do seu grau de linguagem. Esse grau não é grau de conhecimento, de saber – pois isto, todos têm; todos possuem a pequena moeda dourada do saber, que, se possibilitando uma possível abertura para troca, voltamos para casa sabendo muito mais do que se aprendeu lendo um livro acadêmico. E aquele menino provavelmente saberia mais da vida do que eu.

Desde o momento em que nascemos, já começamos a aprender. Aprendemos a nascer. E até quando morremos, aprendemos a morrer. Tudo; até o ato mais inútil e desnecessário, é um aprendizado. Creio que isso também poderá entrar no campo da natureza, as leis imodificáveis, e esta é uma delas.

Há um grau maior de competitividade em relação a coisas que se sentem sobre a sociedade e toda a natureza que engloba ela, mas que, no conhecimento teórico, se torna racional; e não mais está em um campo emocional.

Cheguei no meu destino. Saí do ônibus lentamente, e fui andando até a casa da minha tia. Era um tipo de pequeno condomínio, e cheguei lá, então o porteiro me olhou estranhando:

- Quem é?

- Lígia está aí? Do terceiro prédio, terceiro andar.

Ele não me respondeu, abriu o portão. Eu entrei. Fui andando até o seu prédio, e interfonei. Ela demorou para me atender, mas não me deixou de lado.

- Entre, minha filha! – Eu nem disse sequer uma palavra, e abriu o portão para deixar-me entrar.

Minha tia era um fenômeno humanístico. Ela era totalmente expansiva e falante. Mas, eu não me incomodava com isso, quando não me incomodasse em determinadas horas, que eu precisaria estar sozinha comigo mesma, não havia problema. Fui subindo as escadas, pois detesto esperar pelo elevador. Esperar pelo elevador me leva a uma ideia intensa e desesperadora sobre a inércia humana. Eles acostumaram-se a esperar sempre pelo elevador, não fazendo nenhuma redundância sobre seu grande poder e artifício de andar com os próprios pés. De usá-los quando algo está a demorar; e isto não significa ser impaciente, mas saber a hora exata e certa de começar a se mexer para o futuro. Para algo que te espera no andar de cima.

Nem precisei tocar a campainha, pois a porta já estava aberta. Entrei, limpando meus sapatos no tapete de fora da casa.

- Minha sobrinha! – Ela gritou, abraçou-me, apertando como se eu fosse um objeto, e não uma pessoa.

Depois que deixou-me respirar, pude olhar para seu rosto e aprofundar-me bem em seus olhos. Creio que os abraços são uma forma de saudar um corpo carente de caricias, mas também – impede de, primeiramente, o contato ser olho a olho. Para, após o contato profundo dos olhos, decidir se valerá a pena ou não abraçar. Pois, o que esses globos oculares transmitem, são perfeitamente conjecturas que foram capitadas em planos intangíveis e inteligíveis para a racionalidade humana se sobressair sobre as sensações que sentimos. A racionalidade não chega até a atmosfera das sensações, apesar de descrevê-la muito bem.

- Como você está, tia? – Perguntei, forçando um pouco o riso.

- Estou ótima! Melhor agora, que te vi. Venha sentar aqui na mesa da sala.

Agora, iria formular como essa sua fala soava tão previsível, mas decidi deixar para lá. “Melhor agora que te vi”, o que isso significa afinal? Ela fala isso para todos, sem nem pensar sobre o que se está falando, ou só foi para mim, espontaneamente, aonde realmente – saiu de uma abordagem específica do seu coração para lançar-se diretamente a um destino exato? Nunca saberei. Mas é possível que não tenha sido para mim; como alguém pode ser tão rápido em presenciar suas próprias estruturas sentimentais e, logo em seguida, formular uma frase rápida para dizer-lhe, logo no começo do encontro? Se esta frase fosse verdade, ela deveria ser dita no final de algum encontro, e não no começo.

No final, haverá profundezas emergindo dos diálogos enriquecedores. Se não dos diálogos, dos acontecimentos.

Me sentei em uma cadeira de madeira na mesa de vidro da sala, fiquei ali.

- Quer um café?

- Eu aceito, sim. – Eu disse, um pouco tímida.

Ouvi o barulho do café caindo dentro da xicara, e então, rapidamente, percebi a mesma voltando para perto de mim e entregar-me.

- E então, minha querida, o que me conta de bom?

- Ah, tia, eu não sei... – Esse era meu modo indireto de começar desabafos – Estou meio insatisfeita.

- Com o quê?

- Bom... – Pensei um pouco, e disse – Com a sociedade, no geral.

- Ah! Mas você sempre esteve assim. Me diga, é por conta dos homens malditos de novo? – Ela deu risada de sua própria pergunta.

- Também.

- Ora..., mas por que tanta aversão dos mesmos?

- Tia – Eu peguei em sua mão, e olhei em seus olhos – Não é por nada não, e não espero que você entenda isso um dia. Mas, os homens são os grandes violentadores de tudo que você vê. Eles provocam sofrimento em todo lugar, pois possuem um quê de egoísmo muito mais avançado que o da mulher. O egoísmo na verdade, surge dele mesmo, e não da fêmea mulher.

- Por que acha isso?

- Observe como toda a nossa cultura gira, em torno de quem gira. Observe quem governa, quem manda, quem violenta, quem ordena. Quer dizer, eles

criam leis para defenderem-se deles mesmos. Não há menor sentido nisso. A solução está em eles saírem do poder, aí sim – a paz poderá governar concretamente. Acho que o problema não é o ser humano, mas sim o macho humano estar em uma posição de dominação perante os outros, e isso inclui a fêmea. Eles a tratam como tratam os animais, ou como tratam seus objetos de enfeites.

Fui bebendo meu café preto, enquanto ela se mantinha pensativa sobre meus desabafos sociais e existenciais. A cada vez que eu dava uma golada, ela também dava.

- Você pode ter razão. Mas, não esqueça que, para cada coisa, existe sempre uma coisa contrária a essa coisa, que existe ali dentro deles. – Ela disse – Mas, o que faríamos? Exterminaríamos os homens da face da terra?

- Não. – Eu fui com a voz firme – Tirá-los do poder! Nem sei como eles chegaram lá, em primeiro lugar.

- É uma longa história! – Ela falou – Tudo isso envolve como as sociedades foram construídas.

- Enfim, tia... – Voltei para o assunto quando percebi ela saindo dele no mesmo instante – A questão é que, não suporto como as coisas sempre andaram, desde que sou muito pequena, observo como essas coisas funcionam. O sistema, e como ele opera dentro da intimidade da minha vida e na de outros. Sabe, é desgastante ter de conviver com esses controles pesados, que nem sabemos de onde vem! O homem destrói e distorce a vida dos outros seres, mas não sabemos de onde vem esta vontade sua de destruir.

- Sei bem, minha sobrinha. Sei que você sempre teve esse senso de observação, e sempre foi muito crítica a tudo que vê e ouve! Mas, quero te aconselhar a uma coisa: espere o momento certo para lançar a verdade para os outros. Tem alguns que não aguentam ouvir logo de cara, sabe disso, não é? Então, tem de ser um momento onde tudo esteja propício a sua possível crise, e logo após, o renascimento.

Minha tia Lígia era professora de psicologia, atuava sozinha, dando aula em casa. Tudo que ela me falava tinha um gosto a mais pois ela entrava em minha psique tão profundamente, que parecia que eu estava falando com outra parte de mim. E, de fato – era assim que eu costumava falar com a minha outra parte, com o meu outro lado. Do mesmo modo na qual ela acabara de falar comigo, eu dizia a mim mesma, constantemente. E, havia nisso, algo de divino e insuperável. Havia a tranquilidade, o teor de alívio de saber que meus

segredos estavam seguros com alguém, em algum lugar. Eu sabia: ela não usaria aquelas coisas contra mim.

Ela estava certa. A minha criticidade inata era uma forma incrível de proteger-me dos males que me rondavam. Eu não era uma pessoa que costumava cair em manipulações, sempre tive muita consciência e observava (e ainda observo) quando alguém tenta-me manipular pela simples lábua, que bem sei que é um artifício espetacular do homem. Pois ele quer controlar, quer dominar, quer estar sob o poder de todas as coisas. Das coisas mínimas até as coisas mais extremas. Como por exemplo, de uma simples conversa, até um país inteiro. Era assim que eu sempre os observei, desde menor: Os seres que querem controlar tudo, pois são os verdadeiros fantoches do sistema; ou dos sistemas. Os que fogem desta regra são normalmente apelidados de coisas inúmeras e pejorativas, e segregados dos grupos de homens. E assim, estes vão buscar apoio nas mulheres, pois se sentem sós demais, dentro desta recusa em serem também mais um fantoche.

Bom, em relação a ter horário para falar a verdade, espero que saia de forma espontânea. Prefiro não ouvir ninguém, pois – se ouço, fico louca, sinto que os meus parafusos estão se soltando. Acabo não me ouvindo e, se não me ouço, perco o contato com a minha maior fonte: a minha força interior. E é isto, que todos querem roubar, ou tirar de mim. Sentem-se fracos interiormente, e por isso, querem também enfraquecer-me através de vários meios. Para eu tornar-me mais um deles. Não nego que sinto raiva. Sinto raiva de todos eles – não sabem o que fazem, não sabem o sofrimento que causam, que provocam, e que raiva que me dá quando são sonsos, prepotentes e maléficos somente em abrirem suas bocas. Mas essa raiva logo é revestida, dentro de alguns dias, em uma vontade paranormal e irracional de ajudá-los.

- Entendi. – Eu disse, apesar de ter pensado outras coisas, mas eu também não estava muito aberta a debater sobre.

- Você tem senso crítico, porém, é muito romântica. E, com esse romantismo, é capaz de compreender tudo isso sem provocar alvoroço, olhando tudo com muito detalhe.

Percebi uma coisa que me aflige: a minha desconfiança com tudo se mostra muito velado para o lado de fora. Desconfio – com meu senso de criticidade exagerada, porém, não desapareço nem um pouco para os outros. Para eles – estou acreditando em tudo e em todos, como se eu fosse uma mera ingênu.

Ingênuos são eles – que acham que sou ingênuo. Pobres são eles, pobres de sensibilidade para perceber isto.

- Tudo é feito de padrões, minha sobrinha. Não esqueça isto. – Gritei por dentro, novamente os padrões, mas não sabia do que se tratava a sua fala – Tome cuidado.

- Com o quê? – Perguntei, curiosa.

- Para não criar um padrão de romântica, quando na verdade também, por dentro, critica tudo agudamente e com um modo afiado. Criar um padrão para si mesma! Vigie se os dois lados estão sendo mostrados.

Bom, ela estava certa. Todas as pessoas possuem uma tendência irreversível de achar que alguém é somente aquilo que estão vendo. No caso, as pessoas menos sensíveis aos fatores externos, aos que nada atingem. E ainda tem o fator da primeira impressão marcar profundamente alguém. Normalmente, as primeiras impressões estão sempre certas. Quando se conhece alguém, e acha que a pessoa é aquilo, modificando completamente a impressão que se recebeu dela, está cometendo um triste engano. A primeira impressão, na realidade – é aquilo que a pessoa é no fundo, o que ela te mostra após se conhecerem, é a sua máscara. Não que a sua máscara não faça parte dela, pois faz, claro que faz. A máscara – querendo ou não, acaba fazendo parte de nós mesmos. Porém, o seu fundo, o seu intrínseco, o seu ser mais profundo, é aquela primeira impressão que ela passa para outros.

Mas, todas essas minhas análises sobre as pessoas se dão pelo fato de também me analisar e cobrar absurdamente. Toda essa desconfiança se trata, muitas vezes, de me conhecer tão a fundo, e achar que os outros se conhecem tão a fundo também, ao ponto de crer que elas sabem muito bem o que estão fazendo a todo momento, às vezes com a consciência de prejudicar. Mas, eu sei, elas não sabem o que fazem. E isto é triste, muitas vezes. E neste caso, só me resta a compaixão e o amor por elas. E aí que entra o meu lado puro. É aí que entra: quando aceito minha desconfiança pelas pessoas e passo a amá-las, pois percebo que as mesmas não se percebem, e por isso, merecem todo o amor do mundo. Pois sei que dificilmente receberam o que achavam merecer.

Esta é verdadeira beleza: o equilíbrio. As minhas trevas se unindo com o meu sol que está por vir em todo amanhecer de um novo dia, com uma nova consciência se expandindo.

Enfim, os padrões se estabeleceram novamente na minha realidade, talvez

porque eu tenha tido pensado demais nela. E quanto mais pensamos, mais atraímos. Ou melhor, mais manipulamos vibrações. Alguns achariam que – quanto mais pensamos, mais repelimos algo. Não sei se, em sua completude, isto é uma verdade. Creio que o pensamento estagnado, o pensamento obcecado e grudento, gera o enxote, o afastamento. Mas, agora – o pensamento decidido e consciente de si, o pensamento que provoca sensações de certas maiores e invisíveis, estes sim, são as verdadeiras atrações magnéticas de um tempo caótico em desrespeito a toda a humanidade, que preza (ou deveria prezar) pela sistemática de um altruísmo atingível. E daí o pensamento obsessivo, que está obcecado, se torna um padrão. Um padrão interno, que fica enclausurado em um cubículo azulado que se penetra em um fundo aonde os padrões se invertem em profundidade; crendo que são profundidade. Quando, na verdade, são somente padrões.

As pessoas costumam achar que sabem pensar. A questão é: o pensamento não é ruim, mas até que se torna um padrão, ele se torna maléfico. Pois vive estagnado, sem ação, sem nada para oferecer ao autor dos próprios pensamentos. E daí o autor, sem achar a devida solução para seus pensamentos, se torna vítima, se torna escravo da mente. Pois se deixou tornar um padrão. Quando se torna escravo, já se vê aí um padrão. Por obra de quem, social ou pessoal – não sabemos. Isto depende da situação observada.

- Mas, enfim, tudo no seu tempo! Não é mesmo? E como está sua mãe? E seu pai? Estão bem?

- Estão, eu acho. – Falei com uma voz murcha.

- O que houve? Aconteceu alguma coisa entre vocês?

Queria lhes dizer algumas verdades, mas, para não entrar em um poço fundo de agonias, incertezas e conjecturas, decidi respondê-la com uma resposta simples:

- Mais ou menos.

Eu sabia que esta minha resposta simples geraria uma gama de acontecimentos e de verdades que sairiam à tona, provocando o que eu mais desprezava e evitava, naquele instante: o poço. Ou seja, o que expliquei anteriormente, tudo que advém de querer evitar-se, pode provocar uma aproximação ainda maior, só pelo ato de se estar provocando isto. Tudo em que se olha e, de repente, se transforma – essa transformação foi tudo fruto da nossa concepção de olhar modificado. Como um corte de cabelo provoca nos rostos; um corte pode

aparentar maior proeza ou leveza em determinado rosto, já um outro corte em um mesmo rosto, irá deixá-lo com aspecto completamente oposto ao do outro corte; mas sempre foi o mesmo rosto. É isso que quero dizer: a realidade de fora sempre será a mesma, mas os pensamentos que os convergem, que se propiciam deles, a força dos mesmos ao serem externalizados, provoca um furacão capaz de provocar as mudanças necessárias em todo o enredo. Mas foi sempre a mesma coisa. Elas mudam, mas – ao mesmo tempo – continuam as mesmas.

Então, essa minha resposta, querendo ou não, provocaria um ímpeto para o aprofundamento, pois eu sou, de uma forma inata, aprofundada em tudo. Não sei ser útil sem o aprofundamento. Pois bem, eu iria explicar o meu “mais ou menos” sem a resposta da minha tia sobre a sua suposta curiosidade em ouvir-me dizer.

- Conversar sobre meus sentimentos em relação a questões acadêmicas com eles não é muito bom. – Eu disse – Eles fazem como os trabalhadores de lá, se acorrentam em uma ideia somente para fins profissionais. Não focam em outra coisa, senão em prazos, competitividade, o ganho material.

- Ora, Eloá... entenda-os. Foram vivências diferentes.

Eu os entendia, obviamente. Senão, não estaria tranquila em relação a toda situação de como o mundo gira, e de como as sociedades foram sendo construídas ao longo do tempo. E de como tudo isso se tornou... tudo isso que se tornou. Enfim, todo aquele discurso de que querem nos ensinar a pensar, a ter um senso crítico mais apurado, tudo isso me parece extremamente contraditório, já que – o que fazem com os estudantes é encherem-nos de tarefas e atividades para fazer, com a intenção de deixar seu tempo completamente cheio e sem lugar para qualquer outra coisa. E o aprender a pensar, a criticar, a aprofundar-se em algo, requer tempo, requer ócio, requer espaços de plenitude. Então, como se tem isso dentro de vidas atarefadas e sem nenhum tempo de descompromisso com a vida? Isso, para mim, é contraditório e quase impossível. Mas, enfim – caímos novamente, em um novo padrão: o padrão de ensino nas instituições. E vemos agora, como a origem de algo, normalmente, na prática, foge de seu contexto. Dizem que o discurso é que foge da prática; mas o discurso é necessário, acontece que ele é usado muitas vezes com malícia ou pelo egocentrismo. Ele é necessário; porém, sua necessidade se dá pelas intenções boas de quem olha para os princípios, para as origens e para as boas

intenções. Quando digo boas intenções, significa o verdadeiro pensamento e atenção, voltados para o outro, intensamente e profundamente.

Este é outro aspecto: fazer algo pelo outro, mas fazer pelo mecanismo ou pela visão que outros terão de ti. Quando, na verdade, o pensamento está em outro lugar, não está ali, no ato da solidariedade pela solidariedade, apenas. Está apenas ali, reproduzindo algum tipo de roteiro que mandaram-lhe fazer. Os seres humanos teatrais, a maioria deles, creio eu, caem no mesmo redemoinho. Essas pessoas estão, infelizmente, fadados à escravidão da sua própria pobreza de espírito, presos dentro de suas ignorâncias que circulam por aí, como se fossem poderosas. Sem interesse algum de se aprender, ou aprender o que lhe persegue e o que lhe rodeia.

Digo, a maioria das pessoas necessitam desse ócio para produzir o pensamento estruturado. Claro que estamos todos sempre pensando, mas existe diferença entre os pensamentos funcionais e que são levados à produtividade. E os pensamentos disfuncionais, na qual somente geram alguns distúrbios e caos para as outras pessoas na qual se convive.

Eles mandam-me pensar, mas acontece que – já penso demais. É capaz de meu cérebro explodir em pedaços se eu exceder este limite. Seria mesmo, uma louca, como dizem eles, os que diagnosticam os outros. Os diagnosticadores. Os diagnosticadores sociais; os que criam mais padrões para ressaltar mais ainda a inexistência da sua individualidade subjetiva. Falarei sobre os diagnósticos que aprisionam a subjetividade humana, mais na frente.

Creio que o motivo de tanto desespero interior sobre estas coisas, é que estou constantemente confundindo a ideia com o que realmente acontece, ou aconteceu. Alguém me fala algo, e logo me desespero, pois crio uma ideia, e me concentro nesta ideia, e não no fato sobre a ideia dita, sobre o que ocorreu. E daí as coisas todas se misturam e há de desesperar-se ou de tornar-se facilmente passional, sem motivo algum. Pois, o passional, na realidade é isto – as ideias tomam conta dele, e assim, enlouquece, não se concentrando no fato real, no fato verídico, olhando para todos os lados, para perceber que, aquele motivo na qual embruteceu-se, não passa de um mero objeto neutro. É neutro, mas isto não se recusa o fato de sentir; o sentir nada tem a ver com a passionalidade.

- Mas quero que você faça uma coisa. Tenho uma tarefa para você. – Minha tia disse.

- O que é? – Apresentei curiosidade.

- Quero que vá para um consultório amanhã, analisar uma conduta, escondida, sem ela saber. Já que você está tão insatisfeita com os padrões sociais.
- Ela falou com um ar de ironia, mas ao mesmo tempo, com um incentivo verídico e nobre.

- Consultório?

- Sim, se quiser, pode ir ver como os médicos...

De repente, minha tia engasgou-se, e não conseguia mais parar de tossir. Subitamente, ela se rompeu e se incorporou em um estado grave e penoso de saúde, logo quando falava sobre isto. A sua tosse fez com que sua respiração ficasse insuficiente e sufocante. Lembrei-me agora: ela tinha problema nos pulmões. Pediu para eu pegar a bombinha na cozinha, e fui até lá rapidamente. Dei a bombinha para ela, e ela foi inspirando o ar, mas, como eu estava prevendo, nada adiantava.

Não olhei para ela, não perguntei se podia apesar de ter feito, pois agora eu até estaria desrespeitando sua escolha de ir e vir, mas decidi chamar uma ambulância. Peguei meu celular e disquei o número. Assim que eu dei o endereço, eles informaram que estavam a caminho. E minha tia olhava para mim, em desespero – com um toque fortalecedor de calma. E este é o padrão mais nobre e honrado de todos: o de manter a calma em momentos ansiosos.

FIGURA IV

Os diagnósticos

Chegamos no hospital, mas a minha tia já estava sã de seu estado, apesar de não conseguir respirar direito. Ela disse que sentia como se sua garganta estivesse fechando, mas não era problema de alergia, já que ela nunca teve alergia a nada; somente tinha os pulmões falhando por ter sido anos e anos fumante ativa. Chegamos na recepção, o homem que estava sentado não olhou para nós, olhava somente para seu celular. Tive que bater no vidro para ele olhar, assustado.

- Diga. – Ele falou.

- Minha tia aqui, está com falta de ar.

- Certo, vou pedir para a senhora sentar na cadeira, que te chamo. – E olhava para o celular novamente.

Sentar na cadeira? Creio que a irresponsabilidade desses ajudantes do Estado era irreversível. Qual é a necessidade de tratar as coisas dessa forma? Ele estava ciente de que falta de ar provoca morte? Bom, creio que a morte não era algo tão grave assim para ele, já que o mesmo deve ver isso acontecer todos os dias. Ele não deve se desesperar com isso até agora – pois não é com ele, ou com alguém próximo. Se fosse, a sua transformação seria tamanha. Todos eles, normalmente, são assim! Tratam as coisas com pouco caso, banalidade, até aquelas mortes tornarem-se meras estatísticas. São apenas números, não são pessoas. Infelizmente, essa é a importância que dão a tudo e a todos. Mas, não se é digno de reclamar de nada este atendente, já que o mesmo faz a mesma coisa que os que estão em cargos mais altos fazem – talvez faça até pior.

Eu sei: ele irá reclamar, cedo ou tarde – de um comportamento de outro que prejudique ele, e não o beneficie em toda a sua estrutura ególatra e egocêntrica. Quero dizer, não sei bem se egocentrismo, talvez seja apenas... uma dormência mental. A pessoa ainda vive em instâncias digitais e imagéticas que levam a comportamentos tendenciosos, levam a desprezar o ser em sua frente, suas necessidades, as partilhas de ajuda etc. O que será que está por trás de tudo isso? Por qual motivo as tendências da maioria são todas fadadas

a este ar de despreocupação com o outro ou com coisas que abrangem mais o desabamento da infraestrutura privada? Privada que digo, emocionalmente falando. Eles estão e são todos emocionalmente privados; suas armações de aparência são meramente auto lucrativas. Não se dividem nunca com a conduta suposta de outrem.

Mas, claro, não se envolvem, preferem sempre manter-se em si mesmos a todo tempo. Não se envolvem nunca com o outro, pois acham-se ali dentro de alguma zona frágil e suscetível no próprio cérebro, um lugar de conforto. O estardalhaço todo que se promove dentro dessas circunferências com o outro são por conta da falta de envolvimento.

A falta de interesse em conectar-se com os outros gera a indiferença, que provoca a falta de comunhão e compreensão mútua, gerando um caminho tortuoso até a falha de toda uma gama de relações harmoniosas, acreditando que, com a indiferença se ganha algum benefício, crendo que pensar em si é a melhor alternativa a se fazer, pois a razão em seu ser está completamente negatizada. Mas, a minha grande angústia é querer saber: por que eles não se interessam?

Porque eles não possuem este interesse que preza, acalenta e harmoniza o ser com a alma, por qual razão estas circunstâncias me deixam tão suscetíveis a pensar sobre essas questões? Por que quem está calado não está sendo ouvido?

Não é nem por benefício em si, mas pode ser também por um medo construído socialmente, de relacionar-se profundamente, criando as conexões necessárias para se promover algo maior, mesmo com as diferenças entre todos. A grande maioria deles tem essa coisa, que prefiro chamar de quase doença. Eu agora, que acabo virando a diagnosticadora, quando os observo perdidos, sem o ócio existencial necessário para se pensar sobre si e sobre sua própria conduta, e como ela deve mexer com o outro, no fundo mais visceral de seu ser, e só acatando a sua total visceralidade, intensidade, profundidade – somente compreendendo o mesmo por inteiro, é que o amor se vence. É quando a conexão forma a importância, e a importância faz pensar. Quando alguma pessoa, assunto, mudança, pragmatismo, é importante, sempre se pensa. Sempre se pensa nas feridas das circunstâncias imaginativas. A conexão provoca medo, e o medo afasta, faz todos eles recuarem, quando o que deveriam fazer é seguir adiante, mas estacionam na rua engarrafada do comodismo.

Os fins, os objetivos deles, são meramente materiais. Creio que a indiferença

ao outro seja o nível de evolução da alma que cada um traz para cá, para a terra, no momento em que nasce – e infelizmente, a grande maioria das almas ainda está em busca de um materialismo a ser conquistado, sem chances desse desejo ser reduzido, até porque, a alma, assim como todos em geral – necessitam aprender, ainda. Agora, aqueles com almas mais antigas são os deslocados do redemoinho. São os que não compreendem tanta injustiça, violência e mesquinha. Eu não consigo entender; e talvez eu nunca entenda. Mas tento, de vez em quando, entrar no outro. Mas, quando faço este exercício, o cansaço é enorme e tenho vontade somente de vegetar nas arbitrariedades ambíguas entre a vida e a morte. Um cansaço senil, prestes a zarpar para, talvez – nunca mais voltar. Afinal, minha alma poderá ser tão senil que se sucumbirá pelo espaço e a via láctea tomará conta do seu pó estrelado.

Respondi para ele, mantendo a firmeza, e procurando não me exaltar.

- Moço, ela está passando mal! Isso é urgente.
- Olha, infelizmente estamos sem médicos para atender agora.
- Viemos com a ambulância!

Mas, antes dele poder me dar outra desculpa, ao invés de tentar resolver o problema das angústias dos pacientes e dos acompanhantes, surgiram médicos nos chamando para a ala mais a fundo do hospital.

Acompanhei minha tia até a ala que os médicos estavam chamando, e até um determinado momento, eles pediram-me para esperar do lado de fora. Não havia entendido muito bem o porquê de uma acompanhante não poder entrar com o paciente. Mas, quando estávamos nos separando dentro do labirinto do caminho do hospital, minha tia olhou-me com um ar sereno, e a perguntei, na mímica, se ela estava com medo. Ela deu risada, e não me deu resposta satisfatória, alegando que a minha pergunta tivesse sido uma brincadeira.

Pode ter sido para ela, claro. Mas, é que, pensando muito bem, o medo na verdade não existe. Ninguém sente, no fundo do seu ser, um sentimento de medo. Todas essas sensações que sentimos e nomeamos com isto, estes nomes assustadores que damos, são meras projeções dos outros se fortificando em ti, fazendo-se totalmente presente em sua memória, e alienando todo o seu ser. O nome desta sensação, na verdade, arrancando sua raiz, chama-se alienação das emoções. Pode até ser uma manipulação, porém – uma manipulação mais indireta. As projeções são passadas de consciência para consciência, sem nunca saber quem é o verdadeiro autor, tornando-os, todos inconscientes, dormen-

tes, inibindo seu poder de sentir e pensar por si próprio. E as projeções são mascaradas, fazendo com que todos caiam na armadilha tenaz de formá-los ferramentas minúsculas do sistema.

Essas manipulações das emoções acontecem com qualquer um, basta fechar os olhos para não perceber o que se acontece, quando se está dormindo.

O medo é uma projeção, inventada mentalmente (normalmente, para se dar um sinal de alerta para o corpo), e por consequência – passa para o sentir corporal, as mensagens de perigo. O sentir medo vem de uma projeção mental, mas o medo nunca é, e nunca foi, um sentimento genuíno – nascido das entranhas do seu ser, ele é projetado, somente serve para alertas e avisos de perigo; e as pessoas o levam como seus guias eternos, esquecendo que quem se guia é si mesmo, e não as preocupações sobre possíveis alertas de crises.

Pode ser, simplesmente, que eu esteja errada. Talvez eu só esteja pensando no coração de uma criança. Pois o coração de criança não possui medo, e talvez eu só esteja pensando nele, pois é a simbologia mais genuína e pura que pude encontrar para definir a ausência do medo.

Mas, enfim – os diagnosticadores estavam ali, levando minha tia para algum lugar que eu só saberei após a sua saída. Os diagnosticadores não são somente os médicos comuns, mas os psiquiatras, os julgadores, os que sempre concluem algo sobre alguém sem esperar saber como as coisas andarão mais para frente. Como se – um simples diagnóstico fosse capaz de definir o problema de alguém, tão complexo em sua estrutura e em sua magnitude de soluções. Os diagnosticadores são os precipitados, normalmente. Não somente os precipitados, como os que não se arrecadam de culpa alguma por terem cometido um ledor engano de tratar alguém como se fosse somente a vertigem de uma característica desequilibrada.

É isso, normalmente – os diagnosticadores taxam alguém como se fosse somente aquela armadura, aquela visível aparência. Aquela coisa que se está a mostra, só. E daí, diagnosticam a partir do que está visível aos sentidos; do que está tangível. Ignoram a outra parte que não se mostra, não se sobressai tão facilmente, que está ao fundo, aonde só se pode decolar tendo sua vista de cima, quando souber deixar os diagnósticos em segundo plano e concentrar-se na raiz, na solução, e não fazer um diagnóstico para limitar mais ainda o suposto paciente, sobre o que ele tem e sobre sua visão sobre si mesmo.

E falo dos diagnosticadores em geral, dos médicos, dos psiquiatras, dos fal-

sos conselheiros (que na verdade, se fazem de conselheiros, o que eles querem é exercer um poder de mando indiscretamente para se fingir que não existe ali, uma figura que tem vontade de controlar), etc. Tudo que se possa imaginar que se taxa, se rotula, se julga, está ali: uma espécie de diagnosticador.

Esperei sentada, na sala de espera, durante uns dez minutos. Onde estará minha tia? Nessas horas, a imaginação me puxa para uma intensidade de cataclismos, impossível de se retrair ou reprimir. Sabe, está tudo tão bem harmonizado, está tudo tão bem. A maldita imaginação pensa em desventuras bárbaras, para sanar uma indelicada calamidade de desesperar-se por nada, de desesperar-se à toa.

Pois a espera em um hospital é isto. E os pensamentos avoados de tragédias são, na sua real virtude e característica desalmada, a vontade de desesperar-se por algo que ainda não se sabe, ainda desconhece, ainda não conhece. Ainda não se sabe nada sobre aquela espera e sobre o que se passa nos corredores ocultos, aonde acontecem as feitiçarias negativas dos diagnósticos. E aonde esses diagnósticos são jogados no colo do paciente, sem mais nem menos, sem um suposto apoio de como irão receber aquelas verdades; não absolutas, porém, as tentativas de contestá-las são, em sua maioria – falhas dentro dos ambientes onde nasceram os diagnósticos.

E além dos diagnósticos, o que há por trás das doenças é algo mais simples do que se imagina. Toda doença pode ser revestida facilmente quando se concentra a nível de alma em todas as coisas alegres que vê – transformando tudo em algo bom para se ver, para se ouvir, para se crer – mesmo as coisas rotuladas como erradas e tenebrosas. E quando se olha para o lado ruim, olhe com reflexão, e não com ódio. As doenças nada mais são que estes pequenos abismos de ódio acumulados. Toda doença é curadora, ela vem somente para depois se curar. Assim como tudo na vida – vêm, mas nunca é para ficar, pois se ficasse, de nada iria adiantar para nós, pois estagnaríamos em uma estação eterna, somente com um fruto único, enquanto tantos outros mais saborosos estão nascendo.

Quando se acredita fielmente que se recupera de algo, ou que está se recuperando, então já está curado. Fiz isso a minha vida toda, desde criança – quando ficava doente, quase não sentia ela em mim, pois eu não me prendia às suas sensações. E por isso, ela ia embora naturalmente, sem eu mesma me dar conta de que foi. Eu estava liberta, em coisas mais avançadas do que uma

mera doença. Eu estava liberta nos prazeres imaginativos de algo que não precisa de remédio, e nem nunca precisará.

Não, eu não quero nada complexo. Eu quero coisas simples, coisas que façam o coração palpitar de um minuto para o outro, subitamente. E os diagnósticos são o oposto disto, eles querem complicar as coisas. Todos eles querem complicar as coisas para tornarem-se loucos, adequados às complexidades estranhas de cousas sistematizadas. Horrível! Como se pode viver assim? Diga-me, como alguém pode viver nestas condições, emaranhado em teias, sem saber para onde ir? Olha, eu sou uma pessoa extremamente complexa, penso demais e acabo me emaranhando também. Mas... como sou assim, tenho de passar todos esses pensamentos para fora de forma simples. E é nessa simplicidade que se conquista as coisas. É nessa simplicidade que se ganha o verdadeiro conhecimento.

Pois, lhes digo, a verdade suprema que todos atingiram, mas que negam ela a todo instante: o conhecimento verdadeiro e puro está no cotidiano das conversas e das ações simples. Mas, infelizmente – o mundo tende a complicar as coisas demais. Por qual razão? Por qual razão eles complicam o conhecimento, o tornando coisa evitável, repugnante e difícil? Desde quando o conhecimento para se adquirir é difícil? Quem inventou isso foram os diagnosticadores! Os que querem rotular e segregar demais o que não nasceu para tal. O que se acontece quando se permanece preso demais em uma caixa? Vira pó? Eu acharia que sim; porém, o conhecimento nunca vira pó, ele é eterno – e mesmo assim, continua preso em uma caixa, provocando desarmonia em tudo, pois alguns acham que o conhecimento é isto, e outro acham que é aquilo.

A segregação do conhecer e do saber é a verdadeira maldição nas relações dos seres humanos. Veja, é por isso que rompemos relações, nos separamos um do outro, não falamos com determinada pessoa, tudo por conta de um achar que sabe mais que o outro sobre a vida. Por todos eles acharem que, sua forma de conceber o saber, é sempre a suprema. É sempre pelo saber, pela verdade, pela nossa própria verdade que estamos a todo tempo – conflitando e guerreando. Então, diga-me, como sanar toda essa discórdia? Como sanar a discórdia das verdades?

De repente, minha tia apareceu, pedindo para eu acompanhá-la até o consultório, aonde o médico prescreveria algum medicamento. Mas, no caso dela, não havia medicamentos, era somente uma questão de salvação. Me levantei

da cadeira e fui lá.

- E aí, tia? – Perguntei quando cheguei perto dela.

- Não era nada. Eu só tinha me engasgado. – Ela deu risada.

- Ora, tia! – Eu parecia irritada, mas na verdade não estava – Então por que aquele drama todo?

- Ah, você me conhece. Sou dramática! – Ela, novamente, deu risada. – Mas é que, depois do engasgo, comecei a sentir a falta de ar, que eles não levaram muito a sério.

- E para onde está me levando agora?

- Para o consultório.

Chegamos lá, sentamos nas cadeiras enquanto o médico escrevia algo em seu computador, concentrado. O barulho das teclas me confortava, apesar do estranho silêncio de não saber que intenção era essa. Decidi esperar sua tão esperada reação. A sua expressão parecia mudar, de um minuto para o outro, subitamente. Olhou para nós duas, finalmente.

- Então, você é sobrinha dela?

- Sim. – Eu respondi.

- Olha... – Ele tirou seus óculos, calmamente – Eu sugiro seriamente que você leve sua tia a um psiquiatra. Como ela se desespera assim, achando que vai morrer, somente por que se engasgou?

- Psiquiatra? – Eu perguntei novamente, para não achar que era eu que estava louca.

- Sim. Ela não está bem. – Falou com um ar de prepotência.

Eu olhava para minha tia sempre que ele olhava para mim, mas não olhava para ela. Ela estava serena e não parecia irritar-se com o que ele dizia. Parecia mais que a mesma tinha vontades de dar risada. Ficamos em silêncio por um tempo, até que ele decidiu, novamente, quebrar o silêncio.

- Então, terminamos por aqui.

Levantamos da cadeira rapidamente, e saímos de sua sala.

O engraçado sobre os diagnósticos é que eles, sem mais nem menos, ordenam-nos a fazer determinada coisa, sem nem mesmo pensar sobre as consequências pessoais. Novamente, a falta de aprofundamento gera este diagnóstico, a ordem de se ter alguma coisa que ele não quer investigar. E quando não se

quer investigar algo, a coisa parece que apodrece aos poucos, e daí não tem mais direito algum de controlar a cousa morrendo e intoxicando outros que podem se alimentar daquilo.

As vibrações energéticas atemorizadoras parecem como coisas podres na geladeira, se deixamos lá a cousa podre, sem jogá-la fora, o fedor começa a alastrar pela casa toda, até que não há mais alternativa alguma: ou se joga logo fora aquilo que está podre, ou se morre intoxicado com o odor. Se morre de inúmeras formas, devo acrescentar. Não se pode procrastinar ou deixar para depois – algo que já está deteriorado, pois não há mais nada para fazer ali.

Voltando ao corpo: às mensagens, às sensações, às perturbações que o corpo recebe quando está sendo capturado para fazer parte deste tipo de malignidade humana. Para fazer parte de algo obrigado, se é sujeito a entrar em determinados parâmetros para não se contentar com nada, não ser feliz em nada! Isso, por acaso – é vida? Não me parece. O mundo moderno é triste, todos sabem disso. Todos sabem que ele é um dos agentes de extinção da humanidade interior de cada um. Mas todos fecham os olhos perante a isso. Todos fecham os olhos, se fecham, não estão observando o que está acontecendo com o mundo, somente porque não são com eles, e por isso – não vão ser afetados. Bom... eles não vão ser afetados agora. Mas, posteriormente, virão as consequências.

Minha tia é tão beirada às paranoias sobre a morte, não é por causa dela; mas sim programaram, provavelmente, em sua cabeça, o medo da morte, o medo da doença. O medo.

Programaram o medo. O medo é uma programação.

Já falei sobre isso anteriormente, mas vale ressaltar, pois é na ressalva que se faz o aprendizado, quando não se aprende na primeira vez.

Bem, o corpo. O corpo cheio de calcanhares de Aquiles, o corpo infestado de aromas que exalam de diversos locais, para diversas pessoas, para uma diversidade de acontecimentos. O corpo exala a insatisfação, a angústia, a vontade, o desejo, a alegria, a risada. O corpo afasta e repele, o corpo aproxima e compartilha. O corpo não acha algumas coisas certas, o corpo sente que há algo de errado em sentir determinadas coisas, e por isso, se sente mal. O oposto também serve, ele percebe que algumas coisas o fazem bem, e por isso – se sente magnífico. Mas, aqui, não falo de vício. Vício não é um sentimento do corpo, mas sim uma obsessão, mexendo com outras interfaces territoriais e marítimas dos espaços humanoides. Há sonhos e premonições existentes

neste campo, que mexem absurdamente com o corpo. Sonhos aterrorizadores, sonhos catastróficos, nojentos, humilhantes e sanguessugas. Todos estes sonhos, os quais nos desagradam, o corpo sente, e informa as estranhas sensações que necessitam serem liberadas, de certa forma. Os aromas que precisam ser exalados para o mesmo se purificar.

Ideias inconcebíveis no plano real (normalmente as vistas em sonhos), ideias que lhe assustam absurdamente, são sinais talvez – de que é a hora de aprofundar-se naquela ideia, ou que aquilo está ali, na espreita, na espera, na frente da porta fechada de sua psique, querendo sair para ser consumida, e assim, completamente dissolvida por seu organismo. As ideias absurdas, dolorosas e nojentas também precisam ser dissecadas ao máximo, absorvidas para, depois disto, nunca mais voltarem. Pelo menos, nunca mais voltarem a serem o que eram antes. E assim, se consegue uma ponta da libertação, um pequeno gosto do que ela significa.

Mas, tendo em conta todas essas anomalias que os seres humanos desenvolvem, ainda por cima reclamam de cousas que eles mesmos provocam, de que eles mesmo são responsáveis. O ato da reclamação é um ato inútil e sem sentido, tendo em vista que a vontade de reclamar é sobre a insatisfação de alguma angústia em alguma área específica da vida. E a angústia por ela gerada é, normalmente, coisas que se escolheu e que se fez. Então, por qual razão reclamar, se há de entender que foi o próprio que provocou isto?

Agora, a reclamação não é o mesmo que desabafo. São coisas extremamente diferentes; o desabafo se centra no sentimento, no que se está por dentro e ninguém vê. A reclamação é algo externo, que lhe provoca incômodo pela situação não lhe provocar nenhuma espécie de auto enobrecimento. Pois a reclamação vem daí: aquilo de que se reclama, normalmente, é uma coisa contida de querer sempre que lhe olhem com bons olhos, e quando isso não acontece – surge a reclamação, pois o seu eu não está sendo valorizado. Diferente do desabafo que, no caso – é por conta do eu desvalorizado, mas abrange um plano mais amplo, o plano da intimidade, e do desenvolvimento de uma possível solução para o problema.

Apesar delas possuírem um fio condutor, não são a mesma coisa, o desabafo atua em vibrações diferentes da reclamação. O desabafo instiga mais uma certa empatia, já a reclamação – instiga um certo deslocamento ou incômodo minucioso, naquele que está ouvindo.

- Quero ir nessa psiquiatra, para ver o que ela tem a dizer sobre o meu suposto caso. – Ela dizia isso, com um ar de ironia e reprovação sobre o que ele falou.

Mas é claro que era um ar de reprovação. Ela era professora de psicologia e completamente determinada em suas críticas à essas formas de diagnóstico. Provavelmente, só iria lá para poder dizer a psiquiatra que ela estaria errada, se estivesse, no caso. E estar errada, no caso – é dar um diagnóstico precipitado sobre ela. E é claro que daria – pois eles, normalmente confundem, traços de personalidade, com distúrbios mentais. E é aí que está o erro: é uma linha tênue, aonde sempre se tem que tomar o cuidado para não bambear e cair do lado errado, o lado da precipitação. E quem irá sofrer com isto, não é nunca quem diagnostica, mas sim aquele que recebe aquilo que ele é, em uma receita.

Voltamos para casa dela, mas somente para nos arrumarmos. Sua decisão em ir a algum psiquiatra estava certa, e sua fome de atacar também.

2

Por qual motivo eu enjoava tão rápido de roupas? Era um hábito que eu sempre pensava enquanto escolhia, toda manhã, as vestimentas. E não é enjoar, como se eu quisesse jogar fora, mas de repente não me enaltecia mais, ela em cima do meu corpo. E isso não quer dizer um hábito irreversível de consumo, muito pelo contrário, quando compro roupas novas, me dá uma sensação eterna de vazio e náuseas, como se aquilo que eu estivesse fazendo não fizesse sentido algum, não há porquê. Então, eu estava escolhendo uma roupa para vestir na casa da minha tia, e me soou este questionamento sobre as roupas e sobre o meu corpo. Novamente, o corpo, a origem de tudo. Novamente, ele e as demais cousas que tocam nele, seus empecilhos e suas verdades, seus mistérios e suas luzes.

E, ao longo dos anos, eu começo a achar-me bonita com as roupas antigas. Quero dizer, enjoo delas rapidamente, mas logo após um determinado tempo se passar, retorno para elas novamente. O valor continua sendo o mesmo, talvez tenha sido a volubilidade da minha mente que tenha se consolidado, fazendo com que eu não achasse mais valor no que, na verdade – nunca se perderia o valor. Está aí a concepção da futilidade, jogar fora pois se crê que seu prazo de validade já se extirpou, quando, na verdade, nada tem prazo de validade para existir, e aí entra o aprofundamento, quando se descobre o verdadeiro

significado daquilo que se achava ter um suposto prazo de validade.

Ou talvez eu seja uma daquelas que espera algo ficar antigo, só para depois poder usar. É, provavelmente seja isso: as antiguidades, para mim, possuem uma aparência mais sábia e calcada na tenacidade. Eu sou adepta às antiguidades, e os modismos me irritam, mudando rapidamente minhas expressões – como se eu estivesse com fome de algo que não existe.

Será que a mudança de estilo de uma pessoa determina como a vão olhar de fora? Quer dizer, suas roupas são frequentemente reflexo do que ela é, como os outros a olham no externo. Talvez ela nem mesmo seja aquilo, porque muitas vezes ela nem mesmo sabe quem é, mas a visão dos outros por você é sempre determinada pelo o que se escolhe vestir. Roupas são enganadoras, produzem um efeito sedutor nos outros para satisfazer a imagem que criaram em suas cabeças de personagens inventados pela mídia a partir de escolhas de vestimentas. Um dos fatores, claro. Não é só isso.

Qual dos estilos se adequa mais a sua personalidade? No meu? Nenhum. Pois o tempo todo descubro fragmentos diferentes em mim, e isso faz com que meu estilo seja duvidoso. Posso ser o que quiser, pois, de certa forma, estarei honrando algum fragmento meu; escondido, velado.

Essa confusão por qual roupa usar e vestir é tão complicado, que acabarei usando uma manta pelo corpo, todos os dias pelo resto da vida. Roupas são tecidos! São tecidos que cobrem o corpo! Até o próprio tecido sagrado transformam em objeto de vaidade.

Coloquei um pouco de perfume nos pulsos, no pescoço e atrás das orelhas. Esse é um método que não sei se todos usam, nunca perguntei para as pessoas sobre aonde escondem seus respectivos aromas em seu corpo, em qual parte deles está velada seu desempenho aromático. Mas o aroma do perfume ser colocado no pescoço era sem dúvidas algo universal, e existia o ritual dos perfumes em todos os lugares, pois parece-me uma forma de evitar um cheiro que seu corpo tenha a possibilidade de exalar (e muito provavelmente o vai), com o passar do dia. Mas o perfume era aquela marca indescritível sobre para onde se vai, e para quem se apresenta; para quem se quer mostrar este cheiro? Este cheiro, que nem é seu? É comprado, e exposto em vitrines? E que, sendo assim – qualquer um poderia ter o mesmo cheiro que o seu?

A fragrância do perfume era, sem dúvida, uma apresentação de dualidades aromáticas: sentir-se bem com seu próprio cheiro, pois é o outro que se sentirá.

É querer me agradar, agradando o outro.

Mas, voltando ao nosso objetivo: ir para o psiquiatra. Estava vestindo uma roupa grafite que achei, quando minha tia me chamou no corredor.

- Já vou! – A respondi, gritando de volta.

Abri a porta de uma pequena varanda, que estavam mantidas guardadas algumas roupas minhas; e fui em direção a ela, que já estava com a porta aberta na sala, esperando-me para descer junto as escadas.

- Que demora para vestir uma roupa. – Ela reclamou, mas com um tom leve.

- Você me conhece. Sou lenta. – Repeti sua frase do hospital, apenas mudando a última palavra.

Ela olhou para mim, encarando-me, sem saber o que falar ou sentir. E como era desgastante e horroroso quando alguém nos imita, pois nunca sabemos se aquela imitação era por deboche ou somente uma forma de querer intimidade. Nunca vai se saber, a não ser que se pergunte, pois, os opostos chegam tanto às beiradas dos extremos, que começam a se assemelhar.

- Mas pensei que era lenta para entender as coisas. É lenta até para vestir-se, nas coisas práticas?

Minha tia era a típica pessoa que se relacionava com os outros através de formas espontâneas. Ela fazia parte daquele grupo marginal e raro: os das relações espontâneas.

- O que é a lentidão, afinal? – Perguntei-lhe.

- Uma demora. Mas, depende do que se demora.

- Como assim? – Fiquei curiosa.

- Depende do que se demora para acontecer, vai que sua lentidão seja um causador de uma paciência anormal.

- Pode ser... Na verdade, a lentidão e a paciência se assemelham em muito.

- Se assemelham não, são a mesma coisa, muitas vezes. Tome cuidado com o que os outros te falam, quando lhe chamarem de lenta pejorativamente... se trata, na verdade, de um elogio. São eles que estão perdidos na própria ignorância, em não perceberem que estão tecendo-lhe elogios.

- Assim como tudo que está preso em sua própria bolha, em sua redoma frágil, crê que está tudo certo, que está tudo bem, mas quando se sai dela, é tudo inverso.

Ela não me respondeu, me mantive pensativa em relação a essa sua resposta, saímos, descemos a escada, e eu ainda estava a pensar. Ainda pensando sobre o que fazer, sobre como agir, sobre como falar, sobre como praticar tudo. Sobre como ser menos lenta. De repente, minha cabeça sentiu implosões contínuas, com sensações de peso, mas isso logo cessou, quando cheguei a minha própria conclusão, sobre a minha própria condição:

Isso era só fleuma; se encandecendo nos mais belos bosques verdes das estruturas harmônicas de cada cavidade específica nossa, se envaidecendo nas dádivas que as atitudes vagarosas têm a proporcionar, para si e para o outro.

Dentro da eternidade da imensidão.

3

A consulta foi marcada rapidamente, pois a minha tia tem inúmeros contatos com pessoas dessa área. Obviamente porque ela fazia parte dessa área, então estava em sua zona territorial. Ela estava em seu lugar de estabilidade.

Ela estava nas fugas isoladas de seus neurônios.

Pois com o já conhecido, se pode obter uma certa fuga das diversidades da vida, permitindo isolar-se em seu próprio mundo particular, alterando rapidamente seu estado de humor e seu balanceamento vibracional, aonde sua alma repousa, faz casa, está por aqui, seguro.

A minha tia foi chamada. Fui junto com ela entrar no consultório, apesar de não poder, mas tinha interesse pela local. Quando abrimos a porta, deparamos com um consultório completamente exótico e interativo, com quadros, molduras vazias, bonecos de argila, e estátuas modernas. Não parecia ser ruim; olhei para a psiquiatra, e ela era aparentemente simpática.

- Não sei se eu podia entrar, mas se quiser que eu saia... – Eu falei para ela, olhando em seus grandes olhos, com um sorriso gigante em seu rosto agigantando-os mais ainda.

- Pode entrar após a consulta se quiser.

Respeitei, e me mantive do lado de fora. Deixei um último sorriso com elas e fechei a porta. Sentei-me. O consultório da psiquiatra me parecia mais como uma exposição de obras de arte. E essas artes, provavelmente, tiravam o aspecto frio e acinzentado de como um consultório costuma ser. Não existe nada que seja absoluto. E este consultório foi o exemplo perfeito disto. E todas

as pessoas no fundo sabem que – não existe coisa nenhuma que seja absoluta, completamente certa; sempre vai haver uma outra verdade que se completa com essa que se diz absoluta. No caso, a frieza apática do senso comum espelhado nos cenários dos consultórios.

No fundo, todos sabem, todos sentem, mas ignoram essa pasmosa verdade libertadora. E, por isso – enlouquecem em alguma fase da vida, meramente porque passaram a vida toda acreditando em coisas absolutas, em seres absolutos, em suas honradas e consagradas verdades absolutas. Passaram a vida acreditando que a vida era regida por coisas absolutas. O que é completamente ao contrário, depois que se chega no tempo de amadurecer – e quando descobrem – percebem o quanto foram tolos e então, conhecem uma loucura que lhe suga o sangue a todo tempo. São obrigados a saírem de sua zona, e a viver coisas relativas. E dentro dessa relatividade, eles conhecem o prazer da vida, que se estende na relatividade das coisas. Mas, dependendo de como a pessoa esteja, dificilmente verá aquele prazer como prazer, verá mais como um estorvo.

Tudo que é absoluto, um dia – tende a morrer. Mas o relativo, ele não morre. Podem achar que morreu, mas ele sempre está lá, na espreita, esperando para aparecer novamente. O relativismo não morre; ele não pode, nunca, ser liquidado. Sem ele não há como seguir adiante, sem ele não há nem a fé nem o ceticismo. Sem ele não há como questionar, como equilibrar, como obter certezas. Pois a certeza só se tem após a relativização das circunstâncias. Ele está em toda parte. Até dentro do absoluto, o relativismo está atuando – como parasitas, mas está atuando.

Todos esses diagnosticadores e psiquiatras tinham um interesse em comum: o de exercer seu poder de profissionalismo sob a saúde alheia, a partir do que veem, a partir das conclusões que tiram. Sim, isso é certo, é a partir de sua perspectiva, sendo assim – um efeito tremendamente absolutista. Se provoca no paciente a perspectiva da pessoa que comete o diagnóstico, sem intervir na opinião do mesmo, somente porque se tem conhecimento necessário sobre aquela gama de assuntos sobre a saúde mental. Ora, o que é o conhecimento sem a inteligência, sem a reflexão? Bom, não é nada. E o que não falta são profissionais usando seus conhecimentos contra a própria pessoa que necessita do seu maior potencial de inteligência, pois ele está lidando com a saúde humana, algo extremamente delicado, sutil, frágil.

Podemos dizer então – que o conhecimento deles é absoluto, já o conheci-

mento do paciente não é. Ele é apenas um enfermo; como se pudesse ser jogado fora toda a sua individualidade. Como se salva pessoas assim, com essa lógica?

Bom, estaria eu sendo romântica em estar sempre imaginando ideais para as coisas. Lembrando agora do que minha tia havia me dito antes. O romantismo em mim era natural; mas, por que a subestimam tanto? É ela que dá o verdadeiro combustível para imaginação fluir e criar novas âncoras para os abismos infinitos da vastidão amorosa que o ser humano venha a tornar oportuno! Sim, eu diria – que o amor é um dos frutos do romantismo. Sem ele, como pode haver amor? Eles andam juntos, e quando digo amor, não é o romântico, como costumam chamar (apesar do nome ser o mesmo e por isso mesmo acharem que o amor só é aquele que se concentra na base da relação de casal), mas é o amor em todos os sentidos, em todos os âmbitos. É o amor universal – o amor das chamas criativas, acesas, mas que nunca queimam. Pois não é como a paixão, que são chamas brutas, capazes de provocar um milhão de queimaduras. Não. O amor universal é aquela chama leve, breve, que o vento poderá vim para lhe sacudir um pouco, apenas para subir-lhe mais o lume.

Vê, sem o amor universal nada se pode fazer em prol da humanidade, serão somente desgraças atrás de desgraças! Então, se não há nada a se fazer sem o amor universal, como podem ignorar o romantismo da vida? Ignorar e desprezar a visão romântica da vida? Sempre sofri com a famosa fama de ingênua, dada aos românticos, normalmente. Por verem graça, bondade, amor em alguma ponta pura dentro de uma coisa completamente suja. Eles mancham-se na corrupção, e os errados são quem permanecem puros, intactos, fixos? Há alguma coisa errada nessa história, nesse roteiro da vida. Tem algo errado, e todos sabem disso, sentem, mas nada fazem, deixam-se serem corrompidos também.

Mas, então, voltando ao campo externo: uma sala de espera, dentre várias salas de psiquiatria. Estou diante de um ambiente aonde se vão os aparentes “loucos” que necessitam de ajuda. Mas, diante dessa loucura, sempre refuto coisas repetidas e necessárias: a grande questão é que, a grande maioria das pessoas se deixam enlouquecer (no caso, a loucura que digo, é alguma característica sua, por natureza, ser triplicada de tamanho no mundo externo e intensificada essa triplicidade) é por conta de não aceitarem, não assumirem as suas próprias loucuras, os seus próprios transtornos! Quem aqui, vivendo em uma sociedade como a nossa, não possui transtornos mentais? Nenhum,

nem o ser mais lucido e sã que se encontrará, aquele ali também terá, uma boa dose de loucura, talvez até pior do que os outros, pois para se chegar em um estado de lucidez, é preciso de uma dose dobrada de loucura.

E existem as loucuras conscientes de si, que são as não vistas pelos outros – e as não conscientes, que são vistas pelos outros. Cada uma, possui graus e forças diferentes de atuação. Os loucos sem consciência usarão tudo isto no externo, e os outros perceberão. Os loucos com consciência se controlarão ao máximo para mantê-la por dentro, afim de entendê-la melhor, antes que possa soltar qualquer ponta dela para alguém. Existem as pessoas, suas almas e respectivos desejos; e isso vai findar, e definir a loucura de cada ser existente.

Os sintomas são enganosos, os sintomas são passageiros. Os sintomas não definem nada, não definem alguém. E a grande armadilha é esta: crer que todos os sintomas lhe autenticam como um ser, como uma pessoa. Necessita se identificar com algum diagnóstico para se sentir entendida como algo; entendida, compreendida. Ou aprisionada. Aprisionam reações e condutas.

Pois bem, então, para onde se olha e para onde se avança? E para onde deve fechar-se o caminho, a fim das más perturbações não lhe físgarem o juízo? Bom, eu não sei. Essa sempre será a minha única resposta para tudo, para todas as questões. Eu não sei.

Digo que sei, falo sobre meus pensamentos, mas todas essas verdades e esses valores não passam de meras comoções da minha parte para entreter o outro, quando estou achando-me monótona demais, ou quando vejo que o outro necessita de uma ajuda sincera. Mas, não são, nem um pouco, absolutas, como já expliquei, o absolutismo sempre acaba morrendo.

Minha tia, de repente, sai do consultório. Sua expressão está contida, mas me parecia aliviada de certa forma. Tanto ela, quanto a psiquiatra, vieram até a mim. Caminhavam com um andar leve e tranquilo, sem perpassar muito nervosismo.

- E então? Como foram? – Tentei parecer agradável com ambas.

A minha necessidade de ser agradável com desconhecidos (no caso, a psiquiatra) era, na realidade, um mecanicismo criado por mim para soar-me, muitas vezes, agradável. Mas, claro – só fazia isso com quem eu simpatizava. Não há como expressar algo na qual eu não esteja sentindo. Isso é impossível para mim. Isso, na verdade – é a verdadeira falsidade. Expressar algo (ou dissimular uma expressão), que na verdade não existe por dentro, não se entra no

campo emocional ou espiritual. O teatro pode ser uma espécie de dissimulação dramática; ele tem como objetivo atingir o público, ter audiência, plateia, para olharem para o mesmo ali, interpretando personagens. A vida pode ser uma personificação do teatro. Melhor dizendo:

A vida é uma cópia malfeita do teatro. Todos estão interpretando personagens, mas não há ninguém para vê-los, a não ser eles mesmos – não há ninguém para perceber que há uma pessoa de mentira ali, que a verdadeira está ausente; e isto que é triste. E também não há ensaios, ou roteiros lhe dizendo o que falar e o que fazer a todo tempo. A vida é o imprevisto que não se quer ter, mas se é obrigado, ou se morre.

E o que é falso, malfeito, mais ou menos se choca com a realidade, sempre batendo na porta, a todo tempo. E não há como fugir da realidade, nem tanto, da verdade. E, paradoxalmente – a verdade, às vezes, é a coisa mais difícil de se atingir, em um sentido universal, mas também não há como fugir dela, apesar de não sabermos se falamos aqui, de fatos, ou de concepções de mundo.

A verdade é a concepção ou o fato?

- Tudo bem, minha sobrinha. Conversamos bastante, lhe contei que trabalho na área de psicologia. Marcamos algumas reuniões, e queríamos que você participasse.

- Que reuniões? – Não entendi muito bem sua resposta, ficando, ao mesmo tempo, um pouco aflita.

Elas se olharam, conversando através do silêncio, como se tivessem concordando uma com a outra em falar-me algo de extremo sigilo.

- Vamos analisar as bases dos diagnósticos psiquiátricos. Refazê-los. Concluímos que há algo de errado em como se tratam as pessoas nas áreas de saúde, o quanto são indelicados com a vida humana.

Confesso que fiquei um pouco surpresa com essa rápida organização de quebra de paradigmas, porém – não demonstrei a surpresa, me contive. Entretanto, a surpresa ainda lapidava uma mistura de susto com contentamento, um gozo no coração com um soco na zona onde eu me conforto, com estabilidade de como as coisas são, sem esperar nenhuma mudança. Bom, eu espero mudanças! Mas esta foi rápida, súbita, feroz. Não a mudança, mas seu planejamento em jogo, sua organização sendo concretizada por alguém. Um tempero, de repente – para uma comida vazia e sem gosto. Mas, este tempo

sempre demora a aparecer, pois passo tempos e tempos, como uma nômade mental, vivendo em derradeiras aflições, em busca do melhor tempero. E, acabo achando, afinal, após tantas angústias que se interpenetram somente no ambiente interno.

E é isso: como explicar para as pessoas que já percorri uma vida inteira mentalmente; que os estímulos externos não me contentam por essa simples e complexa sensação de já ter vivido aquilo várias vezes, e não me ter contentado, de forma alguma, com aquele prazer chulo e passageiro? Como explicar todas as minhas fúnebres ideias, e não ter vergonha de dizê-las, pelo receio de estragar suas ilusões prazerosas do instante? A grande resposta talvez seja que cada vez que olho e conheço algo, vou me envolvendo, sem nem mesmo precisar tocá-lo. E nesse envolvimento, sinto como se já tivesse vivido. E é como se minha vida fosse acabando, se esgotando mais rápido, pois a minha observação – por ora parece, em si – a vida. Como explicar que já cheguei em um mais alto grau estranho de plenitude de tanto ter gastado tempo da minha vida pensando e dissecando aquelas aflições inúteis? Que, no final das contas, eram coisas rasas, aonde, em insistência, tentava aprofundar-me; e só batia de cabeça no chão, pois não conseguia mergulhar. Não dava. Eu quase morria. Se aprofundar no raso do chão é como penetrar um dedo na parede. É impossível, é concreto, seu dedo só irá se ferir, e pode até provocar lesões, em sentidos mais extremos, quando a dor se torna demasiada aguda. E quase sempre, provoca.

Respirei fundo, e lhes disse:

- Tudo bem, então. Mas não há algo de errado somente aí, com a saúde. Há sempre dando algo errado em outros lugares.

- Mas, de onde acha que vêm todas as coisas erradas? De uma saúde deficitária. Um ser humano doente comandar outros sãos, tornará eles, também, doentes. – A psiquiatra falou.

- Você pode estar certa. – Eu disse, olhando para a parede laranja da sala de espera, imaginando porque alguém teria escolhido aquela cor específica para pôr naquela parede.

Bom, provavelmente as cores tinham uma relevância gradual em todo nosso corpo quando afeta nossa visão. Quando alguém entra em contato com uma cor específica se gera nela angústias, felicidades, alegrias, tristezas. Depende também da memória visual ou retentiva que se tem, não somente da padroni-

zação que aquelas cores proporcionam de modo coletivo. Mas, as cores em si, são o alimento verdadeiro da minha arte; da minha memória visual, faminta por inovações em coisas que olho no exterior. Arrancada de uma rigidez de raiz que necessita de água para se manter, a todo tempo! Para crescer até o mais alto dos céus. As cores são o alicerce artístico dos meus olhos, e meus olhos são os prisioneiros das hipnosés hipotéticas das cores.

Não tinha mais nada a dizer. Meu murmuro interno foi contente o suficiente; para sentir a maciez de sua alternativa elegante, pairar em meus ouvidos e penetrar com leveza no meu coração. A sequência desse ato é extraordinária: quando alguém lhe questiona, sem parecer abominável. Quando alguém lhe questiona, e só se parece com uma energia de vigor.

FIGURA V

As vozes

Elas querem transpassar os limites de toda a cidadania e acepções gerais sobre todos os assuntos, e eu também. Não há sentido em querer refazer uma área, quando não se mexe com o todo. Não há como retirar uma carta do baralho debaixo de um castelo de cartas, e esperar que o mesmo não derrube; esperar que o mesmo permaneça. Mas é claro que o resto irá cair, que o castelo será destruído, não há dúvidas. São coisas imutáveis da vida, ocorrentes aos mais atentos perceberem esses grandes fios que se interligam, com toques sutis e mestrados.

E, com isso, existe a cultura, os povos. Quando penso em cultura, penso em tudo que engloba as pessoas individualmente, dentro de onde vivem, aonde moram, como se relacionam etc. De uma arte pessoal e particular até o cotidiano da vida, junto a outras pessoas. O que fazem estas pessoas? Quem são elas? Como se formaram e deram no que são hoje?

Existe a natureza, e existe a cultura. Existe a natureza externa, e a nossa própria natureza interior, que converge com a exterior, e forma assim, um delicado e honroso equilíbrio. E a cultura entra dentro dessas nossas naturezas, para dar um quê de singularidade a cada grupo, povo ou cidade, ou seja lá quais sejam esses agrupamentos de pessoas. A cultura existe para formar uma imagem do coletivo (que é o contrário da natureza) aonde mostra cada coisa, com sua própria singularidade e papel necessário. E olha como a natureza é indestrutível e extremamente poderosa, é uma unidade que não se deixa nunca ser dissipada, pois ela não se liberta de existir, pois o reino da terra é dela. Quando se passeia no chão das cidades, no concreto, no cimento, sempre perceberá pequenas plantas miúdas, aquele pequeno verde, crescendo ali, em meios aos concretos, aos prédios, em meio a tudo que desonra seu habitat.

Elas sempre crescem novamente. E elas sempre dão a volta por cima, quem possui a natureza interior muito bem conectada com sua própria materialidade, percebe isto: são pessoas que sempre dão a volta por cima, independentemente de ter passado por mil barbaridades, pois sempre estão em contato com sua

natureza. A natureza é indestrutível, é ela, e somente ela – que sempre irá perdurar. A natureza se adequa aos âmagos das coisas, da terra, do céu, de nós mesmos, dos animais, das plantas... tudo que é vivo possui natureza. Tudo que é morto, também já possui natureza. E agora, a cultura aparece. Por que a cultura aparece? A cultura é construção, necessitou de alguém de carne e osso para cria-la.

A cultura aparece porque o ser humano existe. Sem o ser humano, ela não necessitaria estar aqui. Como não podemos nos extinguir e deturpar-nos de nós mesmos, então a aceitamos. No mais bem e infundável comportamento de presunções, é aonde surge o respeito, o preconceito, a indiferença, etc. Claro que não só por isso, mas uma cultura pode olhar para a sua natureza por não condizer com suas próprias concepções de cultura.

É dá cultura que, penetrando nas diferentes naturezas, surgem as vozes. As vozes não ouvidas, as vozes ouvidas, as vozes surdas, cegas e mudas. As vozes da propaganda, as vozes do sucesso, as vozes da reflexão, as vozes dos delírios, as vozes interiores, exteriores. Todos os ruídos saídos das bocas alheias são parecidas; pois são todas vozes, e elas formam uma unidade. A unidade humana. Elas não se parecem quando estão separadas, balbuciando divergências estranhas e desconfiantes sobre a realidade humana. Elas se separam quando entram em um estado anterior ao que não estão. Às vezes, mas principalmente – através de suas vozes interiores.

Mas se não fosse a cultura, todos nós poderíamos ser um só. A cultura também causa separação, mas a separação é necessária para estar atento aos possíveis conflitos que aparecerão mais para frente, quando perceberem que não é o mesmo corpo, o mesmo rosto, a mesma cor, o mesmo jeito de ser, o mesmo coração. São corações que podem transmitir amor, porém – com uma trilha ancestral completamente distinta uma da outra. A ancestralidade é como um pedaço de arame farpado que separa o lado de dentro e o lado de fora, protegendo o lado de dentro de possíveis intrusos – é aparentemente inofensivo quando visto de longe – mas quando tocado sem cuidado por invasores, seu sangramento contínuo pode ser letal.

A ancestralidade é uma porta de separação benfeitora, provocando consequências extasiadas, nunca antes imaginadas. Nem toda separação é maligna; é um trovão que regurgita no dia seguinte, em uma manhã ensolarada.

E eu estava ouvindo a voz de uma pessoa tagarela, que não parava nem por

um minuto de falar. Queria ouvir a minha voz interior agora, após ter acabado de acordar e ter ido até a padaria tomar um café quente e fresco, olhando pela janela, observando as pessoas se olharem com estranhamento e desconfiança. Observando todas elas se vendo como inimigos, eternamente. Tenho pena. Tudo isso foi interrompido por essa voz exterior, que me acompanhava até a padaria hoje. Era Roberto, um homem que ficava na minha rua, vendendo tapetes, os colocando expostos, na frente do seu carro. Eu gostava de sua companhia e de conversar com ele, era homem, apesar de pobre – culto, inteligente e admirador de conversas significativas, assim como eu. Era um leitor obsessivo. Sentamos em uma mesa qualquer e, por enquanto, ficamos em silêncio. Eu esperaria o momento em que ele quebrasse este precioso silêncio, mas não me incomodaria; afinal, Roberto é como eu, normalmente não abria a boca para falar bobagens. Eu esperava por algo significativo. E olhávamos para a paisagem na janela, da vidraçaria que cobria a padaria.

- Sabe, é interessante como as árvores sempre voltam a crescer. Elas nunca morrem, realmente, sempre quando tentam as arrancar, há sempre alguém que quer que elas nasçam de novo. Elas são indestrutíveis. – Roberto disse, após tomar um gole de seu café.

- Pensava nisso hoje. – Falei.

- Mas, infelizmente, o homem é sujo, e não dá valor às coisas imutáveis. Acha que sua ganância é maior que tudo...

- Creio que se acham os donos do mundo, e por isso, haverão de vir consequências.

- As consequências já estão acontecendo! – Roberto exaltou-se – Não há como negá-las.

- Sim. – Concordei com ele – Mas, agora, é grave. As mudanças climáticas estão dando sinais, ela está respondendo. E eles ignoram, pois são ignorantes, provavelmente por essência mesmo.

- É, Eloá... Só vamos esperar para ver o que acontecerá.

Bom, com certeza as consequências já estão bem na nossa frente. Mas o que quis dizer com ainda haverá de vir, é como uma catástrofe: seria, no meu conceito de mundo dramático e fantasioso, o verdadeiro fim de mundo. O verdadeiro fim das nossas correntes que prendem nossos pés ao sistema e à cultura doentia, e se não for o fim das correntes, será o fim do mundo, literal-

mente. Não existe meio, equilíbrio, harmonia, nesse quesito. Já que – quando o ser humano decidiu evoluir em sentidos econômicos e industriais, não pesou em nada, não pesou sobre o peso que as coisas imutáveis receberiam. Foram criando hábitos de consumo irreversíveis, hábitos de produção tóxicas e desnecessárias para a humanidade. Somente para seus lucros materiais, mas em troca de quê? O que, afinal – eles vão receber? É uma pergunta séria, não é retórica. Provavelmente, essas pessoas não devem nem mesmo perceber que possuem almas, provavelmente só são máquinas que não tem nada para sentir – e se canalizam somente para si mesmos, para suas autossatisfações, que nada tem a ver com ter humanidade. Ser humano não é ser como eles. Então, eles não irão receber nada! O que eles têm? Amor, amizade sincera, alegria, inspiração, satisfação interna, paz interior? Não, eles não têm nada disso; eles não possuem nada que satisfaça a alma. Suas almas são pobres, até arrisco dizer, que são quase mortas. São zumbis.

Seu dinheiro, pensando mais profundamente, não vale para nada. Para que servem, estas notas? É apenas simbólico; não é um bem, não há nada para fazer com elas. É apenas papel, se pode sim – fazer criações incríveis, artes extraordinárias com pedaços de papel! Isso sim, é a satisfação interior. Isso sim, é o redemoinho certo das sensações advindas do material. O material serve como base para futuros contentamentos da alma, e nada mais. E eles – os grandes poderosos, querem o material apenas pelo prazer da matéria. Qual é o sentido disso? Alguém um dia já achou sentido nisso? As necessidades básicas, com o tempo, para eles – se tornam coisas secundárias. As coisas básicas para eles, no caso, nada mais são que seus luxos pessoais. E enquanto isso, crianças com sonhos que engrandecem a alma e têm a chance de inspirar tantos outros, estão morrendo. É difícil entender tudo isso no contexto emocional e das sensações; todos sabem disso, mas sabem disso apenas pelo racional, o racional entende que há desigualdade, mas as sensações, nada sentem sobre isso, pois não são eles ali. E assim, se continua a mesma coisa, se continua o ciclo de egoísmo, pois não é si próprio, e por isso – não importa de verdade. Claro, a racionalidade é a maior ajudante da sentimentalidade das capas que dão mágica à vida, não esqueçamos disso. Mas toda ajuda, quando em excesso, acaba tornando-se uma muleta irreversível. E é isto o diabólico: a muleta sendo usada até quando não se precisa mais, sendo usada pela mecânica constante; como se virasse, de repente uma cadeira de rodas, não querendo mais andar sozinho. Não conseguindo mais andar sozinho.

Mas é estranho, repito para mim mesma. Quando estou em determinada realidade, a realidade dos sonhos, das ideias, do que poderá vir a acontecer, das telas, (sendo essas telas janelas de vidro, ou mesmo uma tela virtual – não importa), quando se está navegando entre esses mares que trazem surpresas a todo instante, de repente – se é obrigado a voltar para a realidade concreta – tocar em objetos, em pessoas, olhar-se no espelho e ver-se como está sua condição, andar, dormir, tomar banho, conversar; é de se tomar um susto, como se, de repente, tivesse ido para uma outra atmosfera. Quero dizer, como se tivesse descido novamente para a atmosfera aonde sua alma está habitando agora, no corpo. Como se ele tivesse saído para dar voltas, fora do ambiente corporal. É de se arrepiar a ideia de várias atmosferas quando se pensa nela como algo abstrato, mas ela é calmante quando a vemos como uma coisa imutável, fixa e natural, e também, muito mais concreta do que tudo isso que se vê, pois na verdade – são coisas ocultas à primeira vista, pois são ditas por outras bocas, e assim, passado conseqüentemente. Mas, as coisas ocultas são coisas, nada mais nada menos, do que aparentes para todos.

As coisas ocultas são a verdadeira aparência, aquilo que se é visto em primeira instância. E se pararmos para pensar nisto – ora, não há isso de fingimento. Aquilo que se vê da pessoa (ou melhor, se sente) é um fragmento seu, na qual o mesmo acha que está muito bem escondido. Mas não está. Enfim – essa troca de realidades somente se torna uma coisa realmente assustadora quando não se sabe lidar com a alma entrando em ação em outras atmosferas para trazer-lhe mensagens. Quando acha que sua alma deve ficar aprisionada.

Quando o susto passa, a alma se liberta. Se liberta de crer que há algo de errado em comunicar-se com outras dimensões.

- Como está se sentindo? – Roberto perguntou-me – Está bem?

Sempre quando alguém me pergunta isso, me dá uma vontade irrevogável de desabafar, vomitar todo meu espanto sobre mim mesma, sobre a cada dia me conhecer, e sobre o mundo, sobre os outros, desabafar tudo que me tormenta, tudo que compõe um equilíbrio com o que me atormenta. Desde que comecei a mudar-me, prestar mais atenção em mim, a me rever, me refazer por completo, percebi que todas as minhas relações, e a base delas, haviam mudado: percebi que eram relações por conveniência, e de nada me acrescentavam. Percebi que fui ficando mais solitária e reclusa, não que isso seja ruim – mas aprendi a ficar mais seletiva em relação às pessoas. Esse processo de deixar

ir uma fase aonde tem tantas pessoas próximas de você, e perceber que não são tão próximas assim quando se acorda no dia seguinte, sobriamente, sem estar alcoolizado, sempre dói. Mas, essa dor se transmuta em uma espécie de compreensão acerca de como todos eles se relacionam entre si: a grande maioria sempre estão por lá, por algum interesse. E é disso que me dei conta quando fui progredindo no meu afastamento de coisas que não engrandeciam, e tentando aproximar-me mais de mim mesma e das cousas significativas que me preenchem quando podem.

Às vezes, creio que esse estado pode ser decadente, já que é uma caminhada um pouco sozinha, mas na verdade não é; quem pensa que é decadente são os outros, e não eu. Eu somente estou projetando as falas e ideias dos outros em mim mesma, nada mais que isso. Mas a decadência, são eles – que não sustentam acreditar em suas próprias emoções e expressá-las, como uma coisa normal. Eles acham que é fraqueza, e enfiam-se em caminhos impuros, aonde creem que as emoções são fins deturpados. Quando, na verdade, é o contrário. Afinal, quem irá dizer quem é o certo e o errado em todas as histórias do mundo? São todos contextos, e os contextos devem ser analisados a partir de várias perspectivas – como uma câmera, que necessita olhar todos os ângulos para discernir, qual é o que realmente se adequa a uma noção de fotografia decente. A questão do hábito, de saber quem está lá por interesse ou não, é a prática de análise sobre as pessoas. Senão análise, a pura conexão. Ela já indica absurdamente se aquilo ali, será benévolo ou não. Será maligno ou não. A conexão. O ato de conectar-se, principalmente com pessoas – é um ato nobre e de imensa raridade, e deve ser conservado a priori. A conexão com algo é a única certeza que se tem das imensas possibilidades vastas e densas que se existe por aí, não se prendendo ao sentimento (que na verdade, é raso) de se sentir sozinha, sem ninguém. Quando há milhares de possibilidades de conexões para o futuro, presente e pelo passado. Tudo que se precisa é olhar mais perto, e estar atento ao que acontece. E adentrar no que acontece, a partir do seu mundo e das suas visões, sendo elas – distintas ou não da do outro, na qual se está atento. Quando se trata de transformar o que se vê de desagradável do lado de fora, é hora de ignorar o outro pelo seu próprio estado de saúde mental. Quero dizer, não ignorar completamente o que se vê, e o que se está atento, mas, ao ver algo de desagradável no que se atentou – transformar o desagrado em uma espécie de agrado humorístico. Transformar o que incomoda, assusta, aterroriza, atemoriza, amedronta; em algo na qual se possa dar risada. Senão

agora, depois que se passa as angústias. A risada é aquele remédio que se usa para tudo, independente do que se sinta.

Resolvi ser simples na minha resposta:

- Caminhando, como posso.

- Todos nós, estamos sempre caminhando. Mas nunca sabemos para onde, exatamente. – Roberto complementou.

- Sim – Estava concentrada no vapor do meu café saindo da xícara e esquentando um pouco meu nariz – Mas o caminho sempre nos encaixa nos trilhos certos. Você não acha?

- Do seu modo, sim. Mas, às vezes, os trilhos já estão caindo aos pedaços, e é preciso trocar de rumo. Todos os passageiros ali presentes.

Eu não sei exatamente a que ele estava se referindo com essa grande metáfora, mas Roberto era um grande metafórico: tudo que ele explicava, sempre que podia explicava através desse grande ingrediente poético. É um vício de linguagem. E, às vezes, para que uma tragédia soe mais bonita para os ouvidos já desgastados dos dias cansados, exaustos e sem esperanças, surge uma metáfora grandiosa para lhes salientar e intensificar os sonhos. A tentativa de entendimento de uma metáfora era o primórdio de tudo. É o primórdio da curiosidade; se ainda se tem curiosidade, ainda tem vida por dentro, então, ainda tem esperança.

A tentativa do entendimento de algo era um sinal: ali ainda há esperanças. Ali ainda existe alguém que tenta entender. Pois o entendimento é a chave secreta dos calabouços dos esgotamentos e das fraquezas. Quando se abre o calabouço com esta chave, ele, de repente – fica cheio de luz, vindo dos cômodos de cima. E o calabouço iluminado, está aberto, e tudo que está aberto tende a entrar entendimentos. E os entendimentos dão capacidade às coisas mortas e sonâmbulas.

Os entendimentos tornam as coisas mortas em coisas concretas e sólidas, dão a elas vidas para que possam se mover nos arredores do calabouço. Quando se entende, se dá vida ao corpo, a alma, a mente, ao exterior.

- Tem certeza que está bem? – Roberto perguntou, franzindo o cenho, como se estivesse estranhando algo em mim – Estou te achando mais introspectiva que o normal.

- Afinal, o que é estar bem, não é? – Perguntei-lhe.

Ele deu risada.

- Você, sempre querendo transformar as coisas simples em complexas.

- Mas é verdade! – Disse-lhe, já me animando com minha problematização sobre essa pergunta, e de sua reação a isso ter sido, de certa forma, positiva – Porque estou sempre lidando com algum fantasma. Acho que não sou eu, todos nós, seres humanos extremamente ignorantes de suas próprias limitações em reconhecê-los quando aparecem à tona.

- Acham que sempre é algum tipo de maldição, não é? – Ele me pareceu meio sarcástico, como se estivesse pensando em alguém específico – Não saber lidar com sua própria dor é fatal. Mas, me diga mais sobre esses fantasmas.

- Minha mãe sempre me diz para eu não me referir às minhas angústias como fantasmas, pois dá um teor negativo às próprias vivências e sentimentos.

- E é.

- Você acha?

- Sim, mas não vejo problema nisso. Ela pode ver problemas, pois talvez ela não goste de nada muito negativo ao seu redor.

E não gostava. Mas eu também não; e mesmo assim, eu usava essas expressões, esses termos. Fiquei pensando: o que há de definir alguém em seus gostos? São as expressões que usa? Elas podem ajudar a conhecer melhor o outro, porém – vejo que há gostos e aversões parecidas entre duas pessoas – porém usam sua linguagem de modo distinto e diferenciado uma da outra. Vai saber. O ser humano, e suas peculiaridades no linguajar, será sempre um grande mistério. O mistério, que, como eu disse – está sempre aparente, está sempre exposto, para todos verem.

O mistério é a exposição das amarras, através da comunicação não-verbal. Tudo que se comunica através das expressões é o mistério mostrando suas faces, é ele se expondo, quando tudo está quieto.

De repente, no meio do nosso café, ouvimos tiros vindos do lado de fora da padaria, e de repente – todos se esconderam debaixo de suas respectivas mesas aonde estavam sentados, e os atendentes e a mulher do caixa esconderam-se debaixo do balcão.

- É tiroteio! – Alguém gritou do lado de fora. – É polícia e bandido!

Mas, que contexto foi que se deu esse tiroteio? Provavelmente, o que todos já estão cegos de saber. Quem tem a autoridade externa abusa de seu poder auto-

maticamente, e assim – arranja briga com quem há de ser invisível a todo tempo entre a sociedade – pois com os desprezados, eles podem abusar de seu poder, já que não há de acontecer nada contra eles, e suas armas potentes. E assim, esse ciclo se repete a todo instante, quando os desprezados continuam sendo vistos como o puro desprezo, o lixo da sociedade, o catarro dos maltrapilhos. Eles têm aquelas posturas de serem sisudos, para demonstrar uma seriedade, que na verdade, não existe por dentro. Eles não são seres sérios de caráter, que prezam pela justiça. Toda pessoa séria, há de levar as coisas a sério, e consequentemente, há de pensar muito sobre o que faz e sobre o que se pratica no cotidiano. No caso, eles não são isso; o problema da grande maioria das pessoas, no geral, é essa – são feitos de pose, interpretando personagens para si mesmos, mas que, na verdade, interiormente, não sentem nada daquele personagem que criaram. É somente uma faceta criada para mostrar aos outros, se adequando aos meios sociais para poder encaixar-se ali.

E acontece que, sem desvendar os mistérios (principalmente os mistérios que cada ser individual esconde, até mesmo dentro de suas intimidades mais profundas), é impossível se obter justiça. Pois o mistério é o que esconde, e se não for exposto à luz, de nada vale, de nada vale porque é oculto, nunca foi exposto. Não há como haver justiça lidando com flexibilidades de concepções, se o mistério é uma coisa só, junto com a aparência. Eles são um só, não são flexíveis, são apenas aquilo, como a rigidez de uma pedra parada. É assim que – o que é maleável, tende a tornar-se rígido, e o rígido tende a deixar-se de ser flexível por determinados tempos. Tudo pela justiça, mostrando o que é oculto, e como esse oculto se reflete em revelações para a honestidade e a verdade.

Tudo que está no íntimo é exercido em outras áreas – mas de formas indiretas e discretas. E quando não se exerce nada, nem uma palheta do seu íntimo – ele tende a sair depois de tempos, em forma de rajada. Como não querem dizer que o mistério não atinge, então, o que está aparente? Sempre há de atingir, se não for agora, será em outros momentos, quando as relações de conveniência não poderão mais se sustentar por si próprias. E, por isso, as relações espontâneas têm um papel valioso na vida de cada cidadão: eles derubam as máscaras alheias, eles não deixam ninguém fingir ser o que não é. As relações espontâneas são as mais valiosas, pois induzem a coragem de saltar.

Muitos dizem que é impossível se obter a justiça, pois – o oculto sempre existirá. As coisas não reveladas sempre existirão. Bom, é verdade, mas o que é

escondido sempre tende a revelar-se, mais cedo ou mais tarde. Pois, o que fica escondido por muito tempo, não toma sol, a luz não entra em seu organismo, e por consequência – adocece. E morre. Se não colocar logo suas revelações para fora, acontece o mesmo, sendo induzido por alguma força mística, a jogar para fora, todo aquele lixo que esteve apodrecido. Elas sempre saem, por bem ou por mal. Quando é o caso de um indivíduo, sua baixa inteligência e mau senso, poderá levá-lo a esconder coisas por décadas; mas antes de morrer, aquilo sempre será revelado, senão por ele, por outrem.

Então, voltando ao contexto aonde estou agora; tudo que se esconde sobre a falsa seriedade dos policiais e dos falsos cidadãos do bem, tende a se revelar, a justiça sempre tarda e demora, mas sempre chega; não tem outro caminho, não há outra saída. A justiça sempre acaba atingindo a todos. A justiça é como a energia cósmica que vai pairando por anos, até atingir aquilo que nem mesmo se lembrava de ter sentido, pensado ou feito. A justiça é como um raio de luz que atinge, de repente, as mentes lúcidas para se terem estratégias de ação. A justiça é tudo que deixa de ser agora, para deixar para ser depois, quando todos já esqueceram-se dos atos injustos.

A justiça só pode acontecer quando a injustiça cometida não está sendo lembrada a todo tempo.

Quero dizer, os policiais não são treinados a obter uma falsa seriedade, mas treinados a exercer e a praticar uma desumanidade, em si mesmos, para poderem salientar esta falta em suas ações. Por que eles existem? Não os homens, cada um com sua própria individualidade e sentimentalidade, mas por que este agrupamento de pessoas, este grupo, esta redoma – jorrando violência por todos os cantos, que foge do princípio de proteger alguém? Por que a polícia existe? Para deixar perdurar, o quanto antes, a violência que decapita a humanidade de cada um, deixando todos como se fossem zumbis sonolentos, transformando-os nas ferramentas desejadas? Viu só? Como tudo está conectado? Tudo que se vê de abominável nesta sociedade, está intrinsecamente ligada com uma outra coisa abominável que se viu há quinze minutos atrás. Tudo sai de um mesmo ventre, formando assim, partículas que se multiplicam a cada mês e a cada ano.

A justiça é uma utopia para algumas, e uma verdade de vida para outras. E essas segundas, são as pessoas incompreendidas. E eu faço parte dessa incompreensão. Para mim, se deve vivê-la, se deve viver a justiça, em todos

os mínimos atos. Para eles, se deve apenas apreciar. Apreciar a linda beleza da justiça, pois nunca poderá tê-la. Bom, para mim – está aí o erro. O erro deles. Eles nunca a terão, pois não acreditam nela. E então, se concretiza a injustiça. Na falta da calma de acreditar, que há de se ver exatamente tudo que se faz quando se está sozinho, somente com seus pensamentos. Cada um sabe de si, mas deixa velado. O velado há de sair sempre, quando acontecem injustiças, tudo tem que ser revelado, para a balança poder progredir em seu peso.

Então, a balança está falhando, com a falsa seriedade dos policiais, pois as ordens que recebem brincam com os princípios da vida humana. A balança falha, pois algo está sendo velado, falsificado, escondido.

Ouvi, de repente, a vidraça da padaria sendo estraçalhada do lado oposto aonde estávamos. Ouvi prantos, gritos e sustos. Provavelmente, a bala deve ter pego em uma das clientes ali sentada na mesa. Estava acontecendo, literalmente, um *show de horrores*. E não havia nada que pudéssemos fazer, pois não sabíamos o contexto de nada. Roberto olhou para mim, após ter olhado para o ocorrido, viu a mulher deitada no chão, mas não via sangramento ou algo do tipo. Quando ele me olhou, seu olhar foi também de desespero, porém seus olhos se abrandaram assim que olharam para mim. Por algum motivo, eu tinha esse grande e estranho poder (não sei se poderia chamar de poder, pois é algo na qual a minha convicção não era tão certa, gostaria de chamar de capacidade) de fazer as pessoas se acalmarem em meio ao caos; ou vivendo dentro do caos, nos exatos segundos e milésimos da violência irreversível.

De repente, todo o barulho parou. Só ouvíamos a sirene da polícia do lado de fora saindo das áreas e das esquinas da padaria. Tudo, de repente – ficou em silêncio. Creio que eu fui uma das primeiras pessoas a levantar de seus respectivos esconderijos. Quando me levantei, olhei para o lado aonde estávamos sentadas, olhei para a rua, entre a vidraça: meu coração palpitou e meu corpo se colapsou em tremedeira. Tinha dois meninos mortos no meio da estrada, sangrando. Eu queria fingir que aquilo era apenas um simples pesadelo, e eu estava sonhando. Mas, é trágico e mágico (dependendo do que se vê com seus próprios olhos) como a realidade e o sonho, por ora – podem sempre se confundir. E se confundem, dependendo de como se enxerga as coisas, e se faz conexões com tudo que toca, sente, vê e ouve.

Roberto, enfim, também se levantou. Segurou em meu ombro, e senti sua mão tremendo apoiada em mim. Aquilo me desconfortava, pois eu poderia

sentir todas as suas fiéis sensações corporais, mas ao mesmo tempo, queria passá-lo conforto nessa hora. Os garçons levantaram-se, viram a mulher deitada ao chão, ferida. Não parecia estar morta. Ligaram para uma ambulância imediatamente.

Era aterrorizante e surpreendente ver essas coisas acontecerem. Claro, era aterrorizante no senso comum, e de fato – o senso comum acha algo por um motivo. Mas, é surpreendente também, pois quando acontecem estas tragédias e horrores são sinais para se repensar sobre sua própria vida e sobre o que lhe cerca, filosofar – digamos assim. Coisas que as pessoas não estão acostumadas a fazer; e quando esses acontecimentos de portes calamitosos ocorrem, são avisos premeditados. São alertas necessários sobre si mesmo. Todos que estavam na padaria, enfim – se levantaram. Olhei para o rosto de todos – rostos conturbados, assustados, tenebrosos e em pânico. Depois disso, se encontravam paralisados. Não mexiam um músculo sequer, não sabiam o que fazer, a não ser o homem do balcão, que ligou para a ambulância. Mas todos, absolutamente todos, estavam como se estivessem petrificados. Até mesmo Roberto, com a sua tremedeira, que dava para sentir em meu ombro. Fomos lá para fora – eu e ele. Antes de chegar a ver de perto aquela tragédia estendida no chão, chegou uma mãe, gritando, desesperada.

- Meu filho! – Agarrou o de camisa vermelha e preta, se debruçando sob o chão, aonde ele estava.

Ela encostou sua cabeça na dele, e segurava ele como se fosse um bebê necessitando de carinho e proteção. Chorava, mas não foi um choro baixo, ou um choro contido, foi um choro de desespero, um choro de grito, de esperneio. Foi um choro tão alto, que foi como se tivesse recebido uma facada na mão, e estivesse gritando de tanta dor. Mas não. Foi o seu filho, o filho morto, o filho assassinado.

Filhos que se vão são como facas enfiadas dentro de algum membro do corpo.

Roberto – solícito, como sempre, se debruçou junto ao menino, junto com ela. E começou a consolá-la. E eu estava em pé, observando as coisas acontecerem, tecendo conclusões sobre tudo. O outro menino morto ainda estava estirado sob o chão; não se sabe quem é sua mãe, e quem ele é. Ninguém veio pegá-lo; pelo menos, não imediatamente.

As vozes da suposta autoridade ecoaram nas vozes da morte. Elas chegaram

e ressonaram em sua mais alta ressonância. Mas, sei que eles já estão sujeitos pela tinta da corrupção e da tirania; por mais que não parem para pensar nisso, ou nunca cheguem a essa dúvida. Creio que não somente eles. Todas as pessoas com quem convivo do lado de lá, estão cercados de uma redoma estranha, não exatamente escura, mas embaçada, que não se deixam ver através da transparência do ser e da alma que forma o ser, que neles habita. Todos que tiverem contato com essa verdade, provavelmente, irão ignorar o fazer parte dessas pessoas, pois eles foram sim – com o tempo, submetidos a um comportamento de se acharem intocáveis e superiores, desprezando qualquer verdade que não se submeta aos seus modos sádicos e violentos. Mas, também – não é de todo mal. No mundo das minhas próprias teorias, pode-se dizer que existem os dois tipos de redoma embaçada. O primeiro são aqueles presos na própria sensação de não enxergar nada e sufocados com o ar; e o segundo são aqueles extraviados, desesperados para livrar-se logo daquela sauna, que aspira todos os sentidos humanos. E nisso, para identificá-los não é um trabalho tão fácil assim, quando esse trabalho é operado pela maioria das pessoas. A diferença entre elas só poderá ser vista dentro dos olhos sensíveis das fontes poderosas, dos destinados à servirem aos maus indiferentes.

E por falar nos indiferentes (provavelmente os que dão a ordem de matar a qualquer custo), e na servidão à eles, que sempre acaba se propagando, sendo de um modo mais agressivo ou mais discreto, eles são “merecedores” de servidão, pois não reconhecem o próprio valor da servidão. Eles são servidos (as pessoas ditas apáticas) – pois não possuem nada de muito grandioso, são seres medíocres. Os indiferentes a tudo são dignos de servidão pois, sem isso, não há muito o que se fazer para eles – aqui na terra. Nasceram para serem servidos pois não tem o talento e o dom de servir, que engloba o amor, e dentro do amor, existe todas as coisas positivadas da atmosfera. De todos os elementos da natureza, está aí o conjunto perfeito do respeito. E os seres humanos, todos eles se separam, desarmonizando essa estrutura, para persistir em estarem presos na sua própria redoma sanguínea, resguardando uma individualidade ilusória.

Muitos se perguntam o porquê então – nasceram estes insensíveis, desapaixonados, indiferentes a tudo, se fazem sofrer os grandiosos? Ora, tudo há de haver um equilíbrio. Nada é tão ruim que não seja tão neutro, aonde possa se transformar em um desenvolvimento. E sem ele, não haveria empecilho algum, para deixar mais prazerosa – a intensidade da vida. Sem a dor, não há

como evoluir da forma, a pessoa continuaria estagnada em sentir e pensar as mesmas coisas, e, sem os indiferentes, os grandiosos se tornariam os indiferentes, pois não existiria nenhuma comparação saudável, não existiria nada para manter o equilíbrio entre eles.

Tudo que se vê, se ouve, se toca, se sente – faz parte de um delicado ciclo; quando o sem consciência não quer, não pode, não deve fazer parte deste ciclo, pois não o entende ordenadamente, logo – se sofre, ou faz o outro sofrer compulsoriamente. É estranho entrar em um estabelecimento e não falar com ninguém e ninguém falar com você. Mais uma vez, como se todos se achassem separados um do outro. Mas não são. Nunca serão. Todos precisam de cada um que está ocupando o espaço ali. É estranho ocorrer uma calamidade dessas junto a outras pessoas que não se conhece, e não se ajudar a cuidar dos sustos ao virem essas cenas horríveis. É estranho. E tem pessoas que assim o fazem.

- Chamem alguém! – Ela gritava.

- Calma, senhora. Estão vindo – Roberto tentava acalmá-la, e olhava para mim logo em seguida.

Acho que ela não havia percebido ainda que seu filho estava morto. E percebi a agonia de Roberto em tentar mostrá-la que, sim – ele havia partido. Mas não tinha como; ela estava completamente agonizada e fora de sua racionalidade. Seus prantos poderiam, facilmente – formar um rio, uma água corrente, e esperar que o líquido leve todo o sangue escorrido do chão.

Para onde vão todas essas almas quando morrem brutalmente? Como elas vivem com essa memória devastadora em suas andanças sem corpo? E como viverão em outras vidas? Para onde será que vão todas essas almas?

De repente, a natureza fez um alarde, se pronunciou. Começaram a cair gotas do céu, a chuva estava vindo para molhar o chão sujo e insalubre da desonestidade, da violência e da mediocridade, da falta da pureza. O que nos une e nos torna um é o amor ausente nos corações. Todos os policiais e todos os bandidos são parecidos; tem algo em comum: possuem a fraqueza irredutível de ignorar seus próprios corações, e seguir seus impulsos lastimosos dentro de um parâmetro que só preza por ele: a disputa, a guerra e a violência. Se os mesmos seguem esta linha, como não acabar na mesma linha com qual se começou e se seguiu? Tudo que se há de adentrar, há de se sucumbir neste mesmo ângulo. Todos eles – com problemas mentais, beirando ao desespero e as suas iras encandecidas, sendo que a solução é a coisa mais simples e mais

óbvia, e como é óbvia – é fácil de ser ignorada, pois não se permite que as coisas hoje em dia sejam tão fáceis assim e, por desacreditar, pegam o caminho mais trabalhoso e mortífero. A solução para tudo, é o que todos enchem a boca para falar, mas não sabem exercer: a prática da conexão amorosa, guiada pela concretização da paz da alma.

Isso não é um discurso religioso, ou algo do tipo, muitos pensariam que isso é uma espécie de calmante para suas respectivas raivas imediatas, mas não: isso são as vozes, as vozes que penetram em mim através de outras dimensões, e devo encaminhá-las para todos, para que saibam da grande verdade universal. Isso é comprovado cientificamente (para os mais céticos) e é fruto das crises espirituais, decorrentes do excesso de autovalor que se dá a essa realidade material, cheirando a hipocrisia e a descaso. O que sucumbe todos os problemas, e derrota todas as tragédias, é isso. Isso não é uma cousa na qual se pode rotular, coisas universais são coisas universais, estão além de rótulos, que são extremamente pequenos e rasos, aonde, com eles – impedem de se aprofundar na palavra dita. Essas vozes que permeiam em mim – são uma parte que não consigo entender, pois minhas emoções também sentem a ira e a raiva de injustiças serem cometidas. Mas, algo maior pede-me para seguir um outro caminho. São essas vozes – as vozes do interior, ou do espírito. Essas vozes que não me deixam em paz, até que essa paz seja semeada nas entranhas da ignorância material. E a vejo agora, em frente a mim, essa ignorância, vestida com a capa da vingança.

Reconheço que a paz vem da garra potente do lado resplandecente de cada um, obscurecido pelos padrões – mas muitos não se responsabilizam em assumir essas garras ferozes do silêncio e da ação branda, pelo comodismo que os aliena a continuarem no mesmo precipício dos padrões opressores, da vitória de algum supremo que não se sabe quem é, nem se tem nome. É uma figura enigmática. E essa figura quer que todos matem uns aos outros, aos poucos. Essa figura aliena e infelizmente – consegue fazer esse trabalho perfeitamente.

Roberto, então – se levantou para falar algo no meu ouvido, colocou sua mão novamente em meu ombro, já não mais trêmula – e, na sua mais inocência dúvida, que me pareceu mais retórica do que querer, de fato, obter uma resposta digna de mim, perguntou:

- Isso é justiça?

E as vozes se calaram com essa pergunta.

FIGURA VI

Os amores

Há amores que marcam mais que outros. Quero dizer, sempre há – na vida atribulada e conturbada dos seres – aquela necessidade de amores marcantes, pois se falta a tranquilidade em suas vidas. Ou, quando não é o caso – criam os amores em sua cabeça – pois são imaginativos, ao ponto de não se intrometerem na realidade amorosa, pois sabem que é conturbado demais para lidarem, então preferem estar no campo idealístico. Eu me encaixo nesse segundo exemplo.

Porém, esses amores sempre vão embora, sempre se adiantam na estrada da vida, sempre lhe deixam sozinho com sua própria fantasia tola e boba. Esses amores avançam, e você se percebe então – parado no mesmo lugar, desde que todos os amores te deixaram. Pois vive em suas fantasias, imobilizado e estático. Então, a impressão que me resta é de ver-me como uma mera observadora da vida. Provavelmente, foi para isso que nasci. Para observar e anotar. Isto é chato por muitas vezes, mas... há como fugir? Há como fugir do destino que se foi destinado? Sim, há sempre as fugas, mas depois percebo que me sinto mal com essas fugas externas, então... não. Não há como fugir. Não no meu caso. Pois percebo, e a percepção é a negação da fuga.

Mas, independentemente de eles serem sobre o primeiro ou segundo exemplo, ou de fugir ou permanecer no destino: os amores marcam. Eles são marcantes ao ponto de te inspirarem a agir com furor, quando tudo que quer é vegetar no leito. E quando falo em amores, falo nos amores sexuais e dos não-sexuais também. Tudo aquilo que possui conexão, é amor. Amor não é isso que se conhece, que a mídia propaga; amor não é necessidade, apego, desespero, paixão. Amor é um elevado estágio que se alcança, quando se permite que todas as coisas aconteçam de uma forma natural e espontânea, suportando o sofrimento, pois sabe que aquilo estava predestinado. O amor não é um infante, um privilégio, ou uma fantasia de ingênuos – amor é um guia pessoal. O amor não é cor-de-rosa, infestado de meiguices e simpatias, fraco e frágil. O amor é treva e luz ao mesmo tempo, é a dualidade harmonizada. O amor é aquilo que já se conhece, e por se conhecer tanto, já pode se dissipar

entre a poeira das estrelas. A questão é que ignoram o amor porque tê-la ao seu lado faz sofrer convivendo com outros pois, acima de tudo, ela está ligada aos aspectos honestos da vida. E ser honesto machuca, quando se está vivendo em meio às discórdias e ao caos.

Mas, estou aqui agora no contexto mais esperado possível: estava fazendo amor com uma antiga paixão minha, de anos atrás. Por acaso, uma antiga paixão – que se tornou amor. Um amor de lembranças, um amor vivo na memória. Nos encontramos semana passada por acaso, e decidimos marcar de sair, para lembrar velhos momentos aonde convivíamos uma com a outra. E estamos aqui, agora. Na minha cama de casal, deitadas, nos olhando profundamente, como dois oceanos de diferentes continentes – fazendo costeira, debruçadas uma para outra, nos oferecendo carícias intermináveis, demonstrando uma saudade recíproca e quase que fantasmagórica, saciando-se mutuamente através dos planos dos sonhos nunca realizados por nenhuma das duas, quando eu era aparentemente apaixonada pelo seu jeito de ser e pelo seu toque sutil das mãos.

Enxergava todo meu quarto vermelho, como a cor da paixão, como se tudo tivesse retornado, retrocedido para tempos passados, lá onde a intensidade da sua ausência se alastrava a cada dia banal que se deixava correr, sem eu nada ter feito. Mas agora, estou aqui. Estou aqui! Como é difícil para mim, estar aqui, agora, no presente. Quando estou, estou sempre como mera observadora. Mas, agora, não mais como uma observância, e sim como protagonista. Me parece estranho, mas ao mesmo tempo – é prazeroso. Só que esse prazer dura pouco, dura alguns segundos, somente. Tudo porque tenho a exata consciência de que esse prazer se lastima em momentos, ele não é duradouro, eterno. Então me pergunto sempre: por que estou fazendo isso, afinal? O tempo todo. É cansativo, muitas vezes esqueço de parar um pouco e descansar, em algum oásis mental para refrescar-me um pouco.

Achar o não-sentido das coisas a todo tempo é cansativo, destrinchá-lo até perceber que nada disso faz sentido é uma prova absoluta do meu não-encaixe entre as socializações, de qualquer tipo. De sociais até opiniões e compartilhamento de interesses.

Enquanto eu pensava e vivia intensamente dentro das minhas próprias sensações e dos meus próprios pensamentos, ela perguntou-me:

- E então? Está tudo bem?

Não queria responder com um “sim”, simplório. As conversas para mim

sempre tinham de existir um quê mais profundo e intenso, principalmente quando esta conversa se iniciaria após um ato sexual feito sem desconexões ou feito, como costumam chamar, “com amor”. Não há como se esconder de tanta visceralidade, depois que já mostrou sua nudez em tons eróticos para o outro. E dentro do erotismo, surgiram comportamentos primitivos, que a racionalidade humana interpreta de diversas formas, variando – de consciência para consciência.

Não somente com profundidade de sentimento, mas com a racionalidade da reflexão. São os dois níveis exaustivos mais eletrizantes que elevam o corpo no nível de bem-estar da alma. Mas, quando se está atormentado, não há como elevar-se dentro da conversa necessária.

- Mais ou menos. Pensando em coisas que não deveria pensar.

- Por que não deveria pensar?

- Acho que não é a hora certa.

- A hora de se pensar sobre coisas que nos afligem sempre é a hora do agora. Afinal, como irá deixar de te afligir, se nunca o dissecar? Viverá sempre adiando isso, e depois que ver, já se está preso em uma armadilha, desesperado.

E ela estava certa, falava as coisas quando eu precisava. Mas, mais ainda – creio que ela o fazia somente porque sabia dos meus gostos, prazeres pelo pensar e pela necessidade de puxar as raízes obscuras dos conflitos internos, deixá-los à mostra, na luz do sol. Ou seja, muito provavelmente, eu sabia: ela não costumava fazer isto com as pessoas. De puxar a profundidade das coisas para a superfície, ela fazia comigo pois nossa relação era de intimidade, e a intimidade não se perde. Se se perdeu, era porque era uma relação de conveniência ou, talvez, superficial – aquela que não sabemos para qual caminho seguirá.

- Mas, voltando... – Ela pegou em meu ombro, e o acariciou, colocando imediatamente suas pernas nuas em cima das minhas – No que é que tanto pensa, que acha que não deveria pensar?

Sua voz era doce, delicada e baixa, quase como uma melodia de uma orquestra em meus ouvidos. Ela colocou sua mão em meu rosto, começou a acariciá-lo, de leve.

- Bom... Ninguém entende meu lado espiritual. Tenho certa dificuldade em ser compreendida por completo.

- E quem é entendido por completo, afinal? – Ela perguntou-me, querendo

analisar minha possível reação e resposta.

Ora essa, o que eu temia aconteceu. O meu temor em relação a falar coisas que eu prefiro manter em reserva, sempre acontece. A questão de comparar-me com outros. A questão de comparar-me com o restante do mundo, com todas as outras subjetividades presentes no universo, dentro de cada ser – como se toda subjetividade agisse de uma única forma, e terminasse por aí.

Creio que esse seja a pior tendência dos humanos nas sociedades modernas. E ainda se encontra mais intensificada na figura da mãe: a comparação. Estão sempre se comparando, com tudo e todos. São baseados através das aspirações dos outros, não neles mesmos, nos próprios desejos de suas naturezas. Pois absolutamente tudo na vida é mutável, exceto a essência – a natureza indestrutível das coisas. E é esta, que se esquecem de conectar-se, e por isso – se comparam com uma imagem qualquer, que lhe induzem a achar bonito ou agradável, sem nem mesmo pensar se lhe agrada ou não. Surge a compulsão da comparação eternamente, nunca tarda, nunca falha, ela sempre volta a aparecer. E, por isso, me sobe raiva pela cabeça e tenho vontade de gritar. Parem de causar horror e tragédia, parem! Para si mesmos e para os outros! Parem de transformar os outros em fantoches e em coisas banais e usuais, simplórias. Eu não me considero simplória e, por isso mesmo, não aceito que me comparem a ninguém e nem mesmo que me chamem de um adjetivo qualquer, comum. Eu não sou comum. O meu pedido é demais? O de pedir para que parem as comparações? A comparação adoece, envenena. Transforma o que deveria ser evolucionário em mecânico. Como alguém pode achar isso normal, tranquilo, comum? Não é. Somos iguais em nível de humanidade, mas todos somos diferentes em nível de subjetividade e sensibilidade. São milímetros e centímetros diferentes!

A minha vontade, agora, foi de falar exatamente isso para Helena. Não me compare, pois a pior incompreensão que poderia advir dos outros que ouvem determinado desabafo é a comparação. A pessoa sente-se logo diminuída, como se aquilo não fosse nada demais. A intenção é ouvi-la atentamente, prestar auxílios para a sua própria individualidade, senão ela entrará em um buraco fundo sem nunca conseguir sair dele. Se achará em prantos novamente, e começará a comparar-se com outros, novamente, achando que será isto a solução para o problema. Tentar ser igual a alguém que é são, em determinado aspecto, um aspecto que ela não é. Bom, os que não são entendidos por

completo, provavelmente não são iguais a mim! Todos merecem ser ouvidos, mas as respostas dadas para cada um serão sempre interpretadas a partir de sua própria concepção, logo – nunca será a mesma coisa a ser dita para todas as pessoas. Existem estilos, jeitos, atitudes, que soarão de formas diferentes para todos que se sentem incompreendidos, ou que, pelo menos – sentem isso, sentem que são incompreendidos.

Mas, se eu falasse – como ela me conheceria, daria risada, e diria que estou sendo um pouco dramática. Provavelmente eu esteja, já que problematizo quase todas as palavras e ações das pessoas, e a problematização sempre tem um quê escondido de drama, que não quer se rebelar como um, pelo puro medo do diagnóstico de trágico. Então, se prefere problematizar profundamente as questões para ver no que vai dar. E sim, devo estar sim sendo dramática, mas o meu drama é uma parte interior de mim – não é algo que eu faça estardalhaço ou alvoroço sobre. Na quietude, exerço um drama interior sobre minha própria existência e meus próprios encantos e desencantos. Às vezes, paro e penso que não há nada de errado. E por pensar que não há nada de errado, os problemas surgem e se criam automaticamente, começo a problematizá-los, por assim dizer. O drama, propriamente dito – só acontece na minha cabeça, e não para um público. O drama fica guardado em mim. Mas, se fica guardado, então – o que seria agora? Dor? Pois drama velado já não significa necessariamente drama, pois não há nada no externo para propiciar a dita e necessária expressão. Provavelmente, é algo discreto que não se deixa adoecer por maus comentários, por isso prefere se resguardar.

O meu drama é reservado; tímido, quieto. Só se mostra quando há a certeza de não haver perigos eminentes, que vá sufocá-lo até assassiná-lo.

Mas o ato de problematizar, questionar, se faz necessário em qualquer momento que seja. Tudo bem, muitas vezes pode ser exagero. Mas sem o exagero, não há como levar as coisas a sério; se deixará sempre passar coisas avulsas que magoam, ferem o ser, ferem tudo que há de melhor em alguém, e, sem o exagero da ação ou da palavra, não há como dizer, como soltar, como expressar, tudo aquilo que se dói nos buracos das cascas das feridas, com as cicatrizes formando marca. Então, o exagero, às vezes – também é necessário.

Para mostrar o quanto se carrega o peso tremendo sob as costas, os comédicos dizem algo fora da área de compreensão do indivíduo. Mas, claro, os comédicos também têm o seu papel, sem eles nem mesmo saberíamos o que é achar graça

de alguma coisa. O que se faz graça e o que se não faz. Os cômicos sérios, que eu digo. Não os que atravessam o desgosto comum da humanidade e repetem os mesmos padrões dos indiferentes. Falo daqueles que sabem achar graça da vida e sabem fazer o outro rir da sua própria condição. É claro que – existe uma linha tênue entre rir da sua própria condição e fazer brincadeira com o que não deve em relação a sua condição, que afeta outros também. São concepções muito delicadas de se tratar, pois, para alguns, podem representar a mesma coisa. Enquanto tudo que se sabe do seu próprio sofrimento pode ser visto (e na verdade é) como uma seriedade a ser tratada, o lado cômico aprende a rir até da própria morte trágica.

Quando se sabe quando é hora de ter seriedade, ou a hora de rir de si mesmo? Quando se sabe quando deve permanecer na memória de um, mas pertencendo ao outro, em alma? Quando se sabe qual é o limite que passa de um para o outro? Como saber os momentos de rir ou de chorar? Não se sabe, nunca se sabe.

- Mas o que você entende sobre os outros, afinal? – Lhe perguntei, sem parecer prepotente.

- Entendo muita coisa! – Ela disse, alterando a voz – Até mais do que você.

- Tipo o que?

- Como conviver com eles. Posso te dar certeza que sei mais do que você, já que não sabe nada de convivência. Vive fora dos conflitos, tem medo deles, como se isso fosse te levar a algum lugar.

- Pode aprender sobre convivência, mas não sabe como funcionam suas naturezas humanas. Já isso, é um ponto para mim, já que sou extremamente observadora.

- Você categoriza as pessoas na sua cabeça. – Ela afirmou, com tom pre-sunçoso.

- Não sei. Só as sinto como são, e pronto.

- Categoriza, de certa forma. Sempre pronta para interpretar alguém como a que viu parecida com ela, anteriormente, na sua memória.

A categorização vem essencialmente da classificação, da ordem. Ora, eu prezo pela ordem, os papéis todos empilhados nas gavetas como se nunca fossem sair dali para serem usados. Como se a organização, em si – não servisse para nada mais, a não ser para um uso decorativo. É isto, a função dela, uma

função meramente estética. Gosto da ordem pelo gosto, pela boa estética, mas ela em si – não traz profundos sentimentos ou sentimentalidades saudáveis. Ela torna-se uma obsessão, e transforma os outros em obsessores.

Então, se categorizo as pessoas, como ela diz – quer dizer então que só observo e as analiso, mas não me permito ser feliz junto à elas, pois estou ocupada demais, as categorizando e diferenciando, de acordo com seus comportamentos e posturas, assim como faço com os papéis empilhados na gaveta: não os leio, não tenho interesse em saber o que estão escritos neles, pois estou prestando atenção em sua ordem e organização, como estão postas, uma em cima da outra, dentro da gaveta. Então, se não tenho tempo para ser feliz ou para me alegrar, a culpa é meramente da ordem e da organização, o grande controlador.

Mas ora, isso me parece contraditório às vezes, assim como tudo na vida! Porque preciso lê-los para poder categorizá-los, e para categorizar preciso da organização. Só que, se a organização aparece, automaticamente já se perde as diferenças entre cada um, pois acaba tudo tornando-se números estranhos e não mais diferenciais entre si, algo que prezo sempre quando observo os outros! O que diferencia cada um do outro. O que diferencia aquele menino daquele outro, enquanto conversam? Um fala mais, o outro ouve mais. Porém, o que ouve não parece tão concentrado, já o que fala, apesar de sua eloquência tediosa, consegue ser mais focado. De longe já sabemos quem é o ativo e o passivo atuando dentro da vida, e quem é que concede ser nenhum dos dois. Então, quais são os sinais que os diferenciam? A categoria surge para dar um equilíbrio nisso: categorizar as pessoas não é, necessariamente, uma coisa ruim, nos indica quais são os caminhos mais ou menos que aquele indivíduo tomará. E observá-los é saber, é ter quase certeza de sua irrevogável ida e volta para seus encontros e perdições consigo mesmo, sem que ninguém esteja olhando.

É isto também que me acende uma chama interna: tentar entender como eles agem sozinhos, através do que observo como eles agem no social. Isto não é algo difícil de se decifrar, só perceber: o que está sempre à mostra, normalmente, não é o que fica à mostra quando sozinhos; imaginar a polaridade de temperamento abre uma porta maior de percepção.

E isto de analisar e ler as pessoas é o que me traz a falta do medo. Pois, se leio as pessoas, sei como elas são, pois também sou um ser humano, assim

como ela, por qual motivo terei medo delas, ou do que elas fazem? Se entendo este potencial que todos possuem, que está sendo ali exercido por ele? Por que teria medo? Como ter medo de algum ser da minha mesma espécie? Se sei de todas as suas estratégias, manobras e ferramentas para se fazer o que quer, de suas intenções para um prol maléfico ou benéfico?

O medo não faz parte de mim, o medo fazia parte de projeções construídas pelo meio, desenfreado sempre em provocar desarmonia com o próximo. É daí que surge o medo de supostas ameaças: os conflitos que se somatizam aos poucos na sua carcaça vital. Se há medo constante, verá ameaça em todas as partes. Quanto mais se prende coisas necessárias de se expandir (que devia ser para a troca mútua, gerando conhecimento profundo sobre si e o outro), mais se terá medo de tudo que vier lhe afrontar. Este medo muitas vezes pode ser revestido em agressividade, que, em sua essência, não é força, mas sim fraqueza; o medo.

Se o medo é natural, é porque naturalizamos ele, conforme a sociedade foi gradativamente “evoluindo”. Se tenho medo de algo, não estou concentrada em sua essência, mas sim em sua aparência e no que essa aparência poderá fazer de ruim com a minha!

O que existe – na verdade, é o medo das vibrações das coisas e dos seres, e não deles em si, como objetos, mas sim como presenças.

- Se você está dizendo, então. Deve ser verdade. – Me podei com um pouco de ironia na fala, apesar de não concordar com esse tipo de resposta abrupta.

- Não faça isso... A fortaleza dentro de você é gigantesca para ter respondido dessa forma. Responder com ironia é sinal de fraqueza de espírito, coisa que você não tem. Na verdade, não vejo nenhuma fraqueza, de nenhum tipo.

Claro, se ela não vê a fraqueza espiritual, de certo – não haverá nenhuma outra visível, pois não existe. É nula, desconexa com este mundo. Pois, se tem o espírito de ferro, a força mental e física vem no pacote. A resistência da alma, que se impregna em todas as outras resistências materiais. O mundo terreno poderá lhe enganar sobre estas forças por, muitas vezes, não se adequarem ao que chamam do ideal de força, ou talvez, por não querer mostrá-la como eles queiram que se mostre. Porém, ela existe, o indivíduo sempre a sente, jorrando de sua alma poderosa e magnética.

Ela, de repente, tirou seu ar de seriedade e carranca, sorriu como uma princesa encantada. Logo depois, deu-me um beijo na bochecha, olhou em meus

olhos e percebeu que eu não tive reação alguma. Então, me beijou nos lábios, por um longo período de tempo. O beijo foi ficando tão intenso que agarrei suas coxas e trouxe para mais perto das minhas, para nos apertarmos, corpo a corpo. Ela, de repente, parou – e me olhou novamente, com aqueles seus olhos verdes penetrantes, e sorriu, falando algo, quase sussurrando no meu ouvido:

- Comigo você não precisa atuar.

- Atuar? – Interroguei-a, sem entender sua fala.

- Te conheço. Não precisa forçar nenhum comportamento para parecer interessante, eu te acho toda interessante por completo.

- Mas eu nunca fiz isso.

- Comigo, sempre fez. Foi o que sempre percebi. Desde que nos conhecemos.

- Bom... Então percebeu errado.

Mas o que era, no seu mais denso significado, a atuação? Para mim – a atuação era doar sua imagem para o público, estar em cima de um palco e deixar que todos façam o que quiserem com sua figura (aonde torna-se uma figura coletiva, de todos), já que está em exposição. A intenção é – não ser tocada, nem interrompida a performance do mesmo. Mas, e se acontecer o que não deveria? Não há nada que possa se fazer no instante, já se está exposto. A partir do momento em que se atua, em qualquer campo que seja – se está expondo uma cousa na qual se sabe que não é verídico, se sabe que não é genuíno, pois logo quando o faz, logo quando o ímpeto da atuação acaba, aparece em si – um vazio estranho, e esse vazio só fica esperando pela próxima exposição, aonde o público o verá. Então, a atuação para mim – não é tão benéfica assim, pelo fato de que meu mundo particular é extremamente sigiloso e secreto! E quem há de atuar, há de mostrar tudo do seu mundo, e do mundo de outros também, através da doação de sua própria aparência física, pronta para ser remendada a partir dos olhos de terceiros – com milhares de interpretações que lhe saltam das bocas, após o drama se encerrar.

- Nunca me senti bem fazendo teatro por conta disso. Não consigo não ser eu.

Ela, então, deu risada. De quê, eu não sei. Pois não havia nada do que eu havia dito que tenha soado cômico. Mas, para ela, o que haveria de cômico na minha seriedade? Será que, quando estou achando que estou sendo séria,

na verdade – está soando completamente engraçado para o público? Eu não sei. Tenho dúvidas.

Para ela, tudo era leve. Helena era professora de Yoga e meditação era um de seus hábitos, possuía um estilo de vida completamente leve e livre de qualquer droga ou tóxicos para o próprio corpo. Meu estilo de vida era parecido, mas claro, com a diferença de que – com ela a coisa era levada ao extremo, uma filosofia de vida convicta. Enquanto minhas filosofias talvez sejam outras. Bom, eu nunca saberei, pois estou constantemente instigada com todas elas e como funcionam.

Eu tenho dúvidas sobre tudo. Tudo que sinto, penso, ouço... tenho dúvidas sobre o que sinto, os outros não de sentir também. Em relação a tudo, a todas as coisas que observo, que admiro, que absorvo... será que há alguém perto de mim, que sinta as formas, os ângulos, os parâmetros, todos com as mesmas minúcias que eu? Ora, eu poderia ser bem mais segura de mim, se tivesse alguma verdade muito bem engarrafada dentro da minha memória! Mas, acontece que não tenho. Quando tomo algo como verdade, uma hora depois já questioneei tanto aquilo, que já não acredito que seja verdade, mesmo que me comprovem. Por que, afinal – o que é um comprovante senão fruto de uma mera interpretação de um universo particular? Senão algo criado para persuadir discretamente alguém, sobre determinada coisa?

Nem os comprovantes mostram a verdade. Então, aonde ela está? Não saber aonde ela está é uma eterna aflição. Ou talvez, dependendo para aonde se olha, uma salvação.

- O que foi? – Lhe perguntei, logo para saciar esta dúvida.

- Eu tinha esquecido. O quanto discordávamos em tantas coisas... O quanto éramos tão diferentes.

- Eu sempre lembrei. – Fui um pouco rude na fala – Mas, ao mesmo tempo, o quanto somos tão parecidas.

Apesar de não parecer, Helena sempre foi o meu amor platônico da eternidade da vida, e até hoje, de vez em quando, discutíamos e tínhamos atritos constantes sobre nossos contrastes em relação a como víamos as coisas. Tudo isso porque – ela era uma pessoa livre, e eu leal. Não haveria como ser ambos ao mesmo tempo e, apesar de desejar tanto a liberdade pessoal, isso iria contra o que eu prezava. E ela, apesar de desejar tanto a lealdade dentro das relações – isto não era possível, pois ela sabia que seu instinto pela liberdade

era maior que qualquer relação que podia construir.

Eu era liberta, dentro do meu próprio mundo interior. E ela era leal às pessoas – dentro de sua própria mente ativa e desconexa com a realidade. Mas, o mundo externo nunca sabe o que realmente acontece dentro dos mundos interiores, então é uma parte velada de cada uma. E assim, todos nós seguimos este fluxo eterno em esconder algo que todos já sabem da existência, tentando mostrar algo que todos veem ser uma fachada eterna, criada apenas para saborear os paladares dos personagens sociais, criados para se protegerem. E assim, se criam as minhas neuroses, e as neuroses sociais – que nada mais é além do inconsciente gritando para ser visto, notado, compreendido e acalentado.

Ela, então, saiu da cama. Levantou-se rapidamente, vestiu sua calcinha preta e minha blusa branca na qual eu estava vestida, e se dirigiu a porta do quarto, a abrindo. Me olhou e disse:

- Vamos, vem cá. Vamos fazer um café. – Saiu e, indo para cozinha, esperava que eu fosse junto.

Demorei um pouco para levantar-me, mais ou menos uns cinco minutos, e então pus minha calcinha-cueca, indo para a cozinha, com a parte de cima do meu corpo nu, deixando-me a vontade para sentir o alívio que é a nudez sem a malícia. Estar nu sem ninguém para lhe indicar se isto é algo vulgar, ou pervertido, é uma das sensações mais extasiantes. A moral social é exagerada e descomedida; compreende toda a natureza como uma ameaça constante às suas construções.

Fui até a cozinha, me sentei em uma das cadeiras da mesa de madeira, fiquei olhando Helena de costas, colocando água no coador com o pó do café. Olhava para ela e começava a pensar na nossa relação. Não somente a relação amorosa, sexual, mas a relação como um todo, em todo seu potencial. Voltando ao antigo assunto anterior da atuação; a nossa relação não era uma dessas, onde se era necessário atuar em atos sexuais. Pois, principalmente antes desse grande e majestoso prazer que todos veneram, entre nós existia a amizade sincera, o que anulava completamente a atuação no sexo, a performance. Pois, o sexo para a grande maioria das pessoas que necessitam tanto fazê-lo, apenas como algo mecânico, é isso: uma performance. Não se tem exatamente sexo, prazer, mas performance, como se a pessoa com quem está ali, trocando suores, fosse o público, e você estivesse no palco. Há de se notar que se torna mais importante a opinião dele sobre você, do que o próprio prazer de ambos dentro

de uma cousa, na qual todos veneram por ser tão bom. É bom... eu não sei, pois desconfio se falam isso somente pela performance social, para fomentar a personagem que criou para os outros – ou porque, realmente, conseguem aproveitar o momento do sexo em toda sua plenitude.

Mas, apesar de todas essas elucubrações minhas, tenho uma ferida profunda sobre a rejeição. Digo, é rejeição de todas as partes. Família, amigos, mulheres... sinto-me rejeitada, e não sei de onde vêm exatamente esse sentimento. Ou, talvez – ele nem mesmo exista, mas somente porque as circunstâncias da vida me fazem acreditar que sou constantemente rejeitada, aonde uma força cósmica quer que isso aconteça a qualquer custo. Talvez as circunstâncias que criem o sentimento, e não o meu sentimento que crie essas circunstâncias. Então, como posso lidar com essa posição horrível de se viver sem afeto nenhum? Helena – há tempos que me rejeitava, essa ocasião de hoje é estritamente especial, pois caiu como se fosse um maná dos céus. Mas, a rejeição discreta sempre acontece. A rejeição discreta – aquela que não se permite dizer nunca que é uma rejeição! Mas sim, usa-se as desculpas mais frequentes e solidárias de um mundo que vive de aparências, sociabilidades, e de uma autoconfiança que, na verdade – não é uma confiança, é uma máscara para se beneficiar dentro do mundo. Que, na realidade – a autoconfiança exagerada é prepotência. A insegurança sempre tem de fazer parte daquilo que é importante, que se importa, que se presta atenção. Pois, se está inseguro, tem uma razão: o cuidado, a cautela. A cautela nos deixa naturalmente inseguros ao agirmos, e isto não é uma característica malfeitora.

A renúncia já dói, imagina se a renúncia é com um ser humano; um ser, com ou sem ego, com ou sem felicidade, com suas respectivas histórias e mistérios! A renúncia para ele – é sempre dolorosa. Agora, para uns, é um motivador, para outros, é estagnador. Depende, após a dor o que se fazer com essa pontada que recebeu. O que se fazer agora? Mas, posso lhes dizer: a rejeição não é algo supérfluo, que se esquece com o tempo. Ela é traiçoeira, e persegue a todo tempo, como sombra, sempre como uma lembrança estranha, que não consegue se lembrar exatamente como obteve essa segunda sombra.

Mas antes, era mais fácil. Digo, antes de crescer completamente e iniciar um percurso de mergulho em mim mesma... Antes de dar esses mergulhos nas palavras alheias sobre mim, antes de cobrar demais de mim mesma. Sempre cobre, desde criança. Mas, existia uma diferença: quando se é criança, se

esquece rapidamente das coisas, não se prende demasiadamente numa mesma coisa, esquecendo do que está ao seu redor, como se faz hoje. Esse excesso de rigidez comigo mesma, esse excesso de regras para mim mesma, esse é o problema que antes eu não tinha, nem mesmo existia. Essas malditas regras, que eu mesma inventei para mim mesma! Se posso ou não fazer aquilo, deixar eu mesma me moldar aos meus próprios padrões. Sim, até quando se cria o seu próprio padrão – se torna sufocante, não é somente o padrão social, é qualquer um. Todos eles são sufocantes, mortíferos e deixam qualquer um enlouquecido. Quando eu era mais nova, era mais fácil. Agora, tudo isso que vivo se torna um determinado padrão para mim mesma, mas quando saio dele, sinto-me estranha e não-eu. Antes era mais fácil de conviver com isto; afinal, eu só estava conhecendo as coisas.

O começo é sempre mais fácil, bonito, elegante, mesmo que triste. O começo de tudo é sempre a parte mais feliz, é a parte que se está vislumbrando. O começo tem um quê de materno, do qual nunca queremos separar-se. E que, em breve, logo tornará a morrer, e terá que prosseguir sua vida inteira em caminhadas solitárias. Então, terá que se criar novos começos para si.

- Toma. Acho que ficou meio forte, experimenta. – Ela colocou uma xicara pequena e branca em minha frente, com o café dentro, saindo a fumaça da quentura, indo em direção ao meu rosto.

Tomei um gole do café, e falei com tom de brincadeira:

- Acho que prefiro álcool.

Ela fez uma expressão de reprovação, e cruzou os braços, no mesmo instante.

- Que pena. – Disse – Eu não sei muito bem por quê, até hoje.

Bom, ela não sabe, mas eu sei. Tenho esse hábito de me analisar até o fim para saber de todas as minhas desordens que podem vir a atrapalhar os outros. A questão é que o álcool me impede absurdamente de começar a criar regras e restrições para mim mesma. Quando passo tempos e tempos sem ele, sem um calmante para o pensamento – começo a tornar-me excessivamente racional, controlando cada passo que dou. Como eu disse – a extrema rigidez comigo mesma, é isto que sou. E, para isto, preciso de uma válvula, para poder relaxar um pouco esses pensamentos que tanto me julgam, sem mais nem menos. Sem ele, a minha intensidade vive presa, vive sem se soltar. Claro que não necessito dele, mas ele foi uma das minhas primeiras válvulas que conheci

em vida, e de vez em quando gosto de refrescar a memória, tomando-o, para assim me libertar de possíveis amarras que eu mesma crio para mim. Se me perguntarem do porquê reprimo minha intensidade: e eu que sei? Bom, eu sei – mas se eu lhes dar a explicação que possuo, de que vivo em sociedade e necessito infelizmente reprimi-la, vão dizer-me inúmeras coisas sobre mim, críticas que sei não serem verdade.

Eu odeio bons costumes, bons modos e aquela educação refinada que chega dá agonia de olhar o indivíduo que a exerce, de tão forçado que soa. É uma sociedade de atuação; não gosto de olhar para essas coisas forçadas, não gosto! Dá-me náuseas, nojo e tenho vontade de isolar-me, mais do que viver em meio a seres estúpidos; que se forcem a serem algo que não são. E não confundam a educação refinada com respeito ao próximo, são coisas distintas. Uma pessoa pode ser socialmente educada, mas não respeitar ninguém. O respeito é algo intrínseco.

Ela sentou-se na cadeira próxima de mim, pegou minha mão e me olhou, sorrindo, novamente:

- Você, às vezes, me parece como uma pessoa velha, idosa. Sentada em algum canto, refletindo sobre a vida, como se estivesse esperando pela morte, como se ela estivesse vindo a qualquer instante agora, no presente.

- Por que está falando isso?

- Estava te observando agora olhando a paisagem da janela.

- Engraçado, muitas vezes me sinto o oposto. Como uma criança, sempre receosa para conhecer coisas novas, para pensar sobre elas.

- É... – Ela se manteve em estado de transe – Os dois são parecidos. Talvez seja os dois.

- Os dois levam a uma certa melancolia de viver neste mundo. – Eu disse, respirando fundo, com um tom cansado e exausto.

- Não veja dessa forma. Se sabe disso, você pode fazer a diferença.

- Fazer a diferença é uma caminhada muito solitária.

- Mas você não já diz que é sozinha? Então, o que mudaria? – Sua pergunta foi aparentemente retórica.

E ela tinha razão. Claro, nada mudaria, mas ao mesmo tempo, tudo mudaria. O mostrar-se para o mundo, o importar-me com a minha imagem, com a opinião alheia sobre mim, o ato de fazer a diferença provoca e aciona ódios

diversos das pessoas adormecidas e inconscientes. Porém, poderá despertar o amor de alguns mais atentos e conscientes sobre o que tudo isso aqui significa. Sobre como tudo está fadado às tragédias, se algo não for feito. Se as injustiças não cessarem imediatamente, haverá um colapso nervoso, que atingirá a todos. E quem irá impedir esse colapso de acontecer?

Decidi contar a ela sobre o ocorrido de ontem na padaria, já que este evento, em particular, abalou-me e sempre abala a todos que ouvem falar de um horror como esse. Se não é abalo de raiva ou de susto, é abalo de tristeza profunda. De não poder conseguir fazer nada, de sentir-se extremamente pequeno e impotente diante das circunstâncias que lhe são mostradas no cotidiano. Por que nos sentimos tão impotentes diante do cotidiano? Da vida do cotidiano? Bom, porque o cotidiano é rotina, e a rotina que falo é a rotina programada por alguém que aparentemente está acima de você, e te controla. Nos sentimos impotentes, sem poder fazer nada – pois sempre algo que controla, seja uma pessoa, um símbolo ou uma representação morta de algo.

Falei para ela de Roberto também, sobre como ele era meu amigo há tempos, e como nos conhecemos – através de seu trabalho ser perto da minha casa, vendia tapetes na esquina seguinte da minha moradia; falei em como sua visão de mundo poderia se erguer junto com a minha. Suas expressões após o meu relato me pareciam com um misto de medo com raiva, de um desalento distorcido com o sentimento da indignação. Olhava então – para o nada, não para a mesa, ou para suas mãos, entrecruzadas apoiadas sob a mesa. Olhar para o nada quer dizer estar olhando para si mesmo; está atento para suas percepções, indagações, pensamentos, sentimentos, opiniões. Olhar para o nada é estar consciente de seus próprios sentimentos e emoções. Queria tirá-la deste redemoinho de fundo após ouvir esta minha notícia, mas achei melhor não, ela mesma se tiraria disso e escolheria o instante certo para se pronunciar sobre o que sentia em relação ao acontecido.

Acontece que – quando essas coisas ocorrem, normalmente nos falamos em termos universais e impessoais, sobre esses casos trágicos que acontecem, como se não nos atingissem. Como se fosse um horror, porém não é conosco – então não nos afetamos, somente nos desesperamos, achando que seremos os próximos. E estes termos universais são bons e propícios para falar sobre como tudo é injusto, mas acabamos esquecendo de falar em termos pessoais, em termos íntimos. Pois, antes de dizer que qualquer coisa é injusta, está lá

tentando ser justo com os outros ao seu redor, e consigo mesmo? É isto que tem que ser questionado, a intimidade, o pessoal. O pessoal é tão diferente assim do universal? Não. Eles, na verdade – são a mesma coisa. Quando se fala em termos impessoais, as pessoas acolhem, concordam. Agora, quando é sobre a intimidade, muitos deles se fecham, se incomodam, se agoniam. Ora, como dizer que as coisas que acontecem são de tal ou tal modo, se em sua intimidade se sabe que não faz sua parte para aquilo que está errado dê certo?

Os termos universais e pessoais são muito mais gêmeos do que se parece. A intimidade é sempre pública. Tudo que achamos ser reserva, é exposição, está sendo exposto em algum outro lugar, aquilo que se preserva e se esconde.

- E vocês fizeram alguma coisa? – Ela finalmente abriu a boca.

- Ficamos lá com a senhora... esperando a ambulância chegar. Mas não fomos com ela até lá, só a acolhemos.

- Por que não foram com ela? – Ela levantou a voz, parecendo irritada.

- O enfermeiro não deixou! Como eu iria?

- Ora, ia de outro jeito! Ela foi sozinha, com o filho aparentemente morto até lá?

- Não. O pessoal da padaria também foi junto.

Helena estava, agora, indignada com a minha atitude de ter ficado lá com Roberto. Mas, logo a acalmei.

- Nem mesmo sabemos se os dois meninos estavam mortos de verdade. E como não fomos, isso irá ficar como um eterno mistério entre nós.

- Como não sabe? Eles receberam uma bala. – Ela levantou-se da cadeira, emocionando-se para falar em pé.

- Sim, mas não vimos aonde.

Ela calou-se, então, pensando. Logo depois, abaixou sua voz:

- Eles são uns porcos, ladrões, nojentos. – Falou, referindo-se aos policiais – São os piores bandidos, entre todos os outros.

- São, mas não vamos esquecer que também nós somos responsáveis por isso. Os cidadãos permitem toda essa sujeira ser perpassada porque, na verdade, todo mundo é assim, não somente eles. Falamos deles porque eles são os que deveriam garantir a segurança.

- Pois é, e que trabalho é esse?

A fala de Helena foi interrompida por uma batida na minha porta. Fui até o meu quarto rapidamente vestir uma camisa e um short para atender quem quer que seja. Ajeitei meu cabelo bagunçado pelo vestir apressado da roupa, e abri a porta. Era a minha tia, surpreendentemente, a última pessoa que eu esperaria hoje. Ela estava com uma expressão de preocupação.

- Oi, tia, entre.

Ela ignorou a minha fala, e entrou antes mesmo de ouvir-me. Olhou para Helena com estranheza, franzindo o cenho.

- Tia, essa é a Helena. Uma amiga. Helena, essa é minha tia Lígia.

- Olá. – Helena foi séria e não mostrou muito interesse em conhecê-la, supus que era por conta da minha notícia dada.

Me sentei no sofá da sala, e falei:

- Então, o que te traz aqui?

Ela, imediatamente, olhou para mim, com a mesma expressão na qual havia chegado. Fiquei esperando ela falar.

- Minha sobrinha, tem uma amiga sua necessitando de uma ajuda. Aconteceu uma coisa com ela.

- Que amiga?

- Julia.

- O que houve? – Na mesma hora, levantei-me assustada com suas próprias condições, e Helena fez o mesmo.

- Eu não sei. Soube que foi despejada, ou algo assim. Me telefonaram, acho que tentaram te telefonar, mas você não atendeu.

- De novo... não é a primeira vez. – Não tive muitas surpresas após essa notícia, e me mantive fechada na fala - Explicaram o porquê? – Perguntei.

- Bom... A comunidade aonde ela estava tinha uma regra, um regulamento.

- Minha tia foi explicando aos poucos.

- E qual era?

Ela relutou um pouco em se expressar, mas decidiu finalmente desembuchar.

- A comunidade não aceitava narcisistas dentro de sua área. E Julia era uma. Tinha a principal regra, não se olhar no espelho durante muito tempo. Não sei por quanto tempo, nem qual foi o contexto, mas Julia já tinha passado dos limites para eles.

- Mas por quê?

- Ela é uma narcisista! – Minha tia parecia irritada – Não se pode mais ser um narcisista nesta sociedade escura, sem rosto.

Parei um pouco e pensei neste estranho caso. Ora, mas isso não poderia ter acontecido com qualquer um, dentro de onde vivemos? Todos nós não temos uma tendência inata a somente fechar-se em si mesmo e olhar para si? Olhar para si não é algo maléfico, mas provavelmente interpretam isto como egocentrismo, o que não são sinônimos. Eu tenho um profundo medo desses rótulos, pois não sei qual é o limite de estar dentro ou estar fora deles. Quem irá dizer, afinal? Que se é uma coisa, quando não se é, e vice-versa?

- Mas não somos todos, um pouco? Dentro dessa cultura doente? – Perguntei-lhe.

Ela não estava muito aberta no instante para refletir, e me respondeu rapidamente:

- Não sei, só sei que você deveria vê-la.

- Aonde ela está agora?

- Sentada na escada de onde foi despejada, fumando um cigarro. – Minha tia Lígia ria discretamente, enquanto contava como via Julia despreocupada sobre seu futuro, achando a situação engraçada. Mas, na verdade – engraçada não era a situação, mas sim Julia. Ela tinha o hábito em transformar os cenários desastrosos, em cenários despreocupados. Transformar as cortinas fechadas, em novas oportunidades para o próximo aplauso. Para ela, não para os outros.

Julia poderia ter todos as deformidades e manchas possíveis de alguém supostamente narcisista, mesquinho e perdido em disposições autodestrutivas. Mas com ela, a relação era espontânea. Estranhamente espontânea. Não sei bem se isso se deve ao fato dela ser tão exaustivamente destrutiva consigo e que, por isso, me dava a liberdade de ser também destrutiva na minha fala e nas minhas ações com ela; ou se somente era porque eu a conhecia há anos. Mas, a primeira opção fazia sentido, apesar da segunda não ser regra para nenhuma relação.

Pois, quando vemos o outro se estragando, temos vontade de estragá-lo junto, inconscientemente. E quando vemos o outro se cuidando e se amando, temos vontade de fazer o mesmo para ele, oferecendo a mesma coisa na qual ele oferece para si próprio o tempo todo! Esse é o reflexo do espelho: o que dá

para si, receberá dos outros.

- E então? – Helena olhou para mim, querendo alguma resposta – Vamos lá vê-la?

Eu tinha me esquecido: Helena tinha uma queda por Julia, desde tempos remotos. Mas, não sei se isso ainda persistia, porém – agora não é a hora adequada de pensar sobre esses egoísmos persistentes e pessoais, adquiridos de hábitos juvenis sobre ciúmes escondidos. E mesmo se isso se concretizasse, eu iria sentir e saber – no instante. Quero dizer, eu já estava sentindo. Só pelo tom da sua fala, pude sentir. Por que eu insistia tanto em subestimar as minhas intuições primárias e mal elaboradas pelo racional? Porque não aceitar a intuição, ainda em sua forma abstrata e não entendida, não compreendida? Por que eu soaria uma louca, sem uma elaboração do racional? Talvez. Talvez o medo da loucura seja o medo maior, que no caso – já existe.

- Vamos logo! – Helena gritou.

De repente, comecei a sentir-me enfurecida e estressada. Sim, o seu grito assustou-me. O seu grito foi suficiente para eu me desvencilhar da minha paz interior e seguir a vibração de sua voz, de seu nervosismo prepotente. O seu grito facilmente passou para mim. Mas, como isso era possível? Algo que vem do outro, afetar-me tanto assim, afetar-me tanto ao ponto de inibir a minha calma e a minha paz interior? Inibir, ocultar, jogar para o escanteio, para a margem do meu próprio universo. Por que as transgressões alheias, e tudo que diz respeito a eles mesmos, somente a eles, entendo como algo próximo e íntimo de mim? Como se eu tivesse responsabilidade por aquilo que presencio ou que fui o alvo e a vítima principal? Todas essas posições instrumentalizadas de quem sou, do que o outro é, de como a minha relação se dá dentro dessas perspectivas, são uma grande e eterna incógnita para mim.

Mas, ora essa, sou alguém completamente fantasiosa, tendo devaneios sobre como o outro quer me atingir. Como se ela quisesse atingir-me de proposito, falando dessa maneira. É muito improvável que ela tenha falado comigo dessa forma pra isso, por conta dessa intenção em particular – minhas emoções inventam coisas que a minha razão não quer acreditar. E ela nunca aceita o modo como minhas emoções tratam as coisas: de forma genérica, irracional e intensa. Uma dor na cabeça, minha emoção inventa milhares de possibilidades para o que pode ser aquilo. Quero dizer, isto deveria ser função da racionalidade, ponderar as coisas e tratá-las com maior calma possível, pois de nada

adianta desesperar-se em situações de aflição. Mas a minha intensidade não entende isso, ela desespera-se e pronto, acha que é o fim do mundo (ou fim da vida). Mas não é. Nunca é o fim do mundo. Até quando se é, literalmente, o fim do mundo, ele recomeça em outros aspectos, em diferentes ambientes e contextos, e o fim se torna, então, o começo.

Mas, claro, há também a possibilidade dela, sem perceber a si mesma (ou não) – ter a intenção de ter falado grosseiramente comigo. E não a culpo, pois a própria pessoa nem mesmo percebe, pelo calor e fúria do momento; a fala acaba emergindo de qualquer jeito. Entretanto – acredito que, como nós seres humanos adoramos sentirmo-nos superiores por exercer a linguagem. Acredito que ela deva ser usada com perspicácia, principalmente por conta disso; por conta de seu impulso controlador vitalizar todas as suas virtudes.

Então, era isso: a grande fala é o maior veneno! A fala, esta atitude concreta, feita pelas cordas vocais, que todos veneram. É um veneno estranho, você nem mesmo percebe se envenenando aos poucos. E quando percebe, já se foi toda a pureza do recanto e da retidão. Ela é amedrontadora, sedutora, maligna. A fala é uma verdadeira vampira, sugadora de sangue inocente. Quando eu falo, já percebo as impurezas que estão por dentro, e como são passadas para os outros. Quando eu falo, me sinto horrível, não me sinto muito digna, pois sei que, quase sempre, estou falando a coisa errada. Pois raramente a fala diz alguma coisa, esse é o mais trágico: amam a fala, pois ela não diz nada. E mesmo assim, nos deixamos martirizar por incertezas que só existem aqui, dentro de nós – invenções, suposições, conjecturas. Podem até não ser, podem ser frutos de sensações imediatas, mas – mesmo assim, essas sensações são mais ou menos as mesmas de um sentimento de alienação perpétua. Quando tenho certeza de algo – sinto, de repente, uma alienação grudada e estancada dentro do meu organismo. Sinto-me estupidamente alienada, mas sei que isso não é culpa de ninguém – é culpa minha, quando resolvo falar, abrir a boca para dizer coisas que não fazem sentido algum. E o sentimento de alienação é o pior que existe: não me sinto bem comigo mesma, sinto-me estranha e tenho vontade de sumir por tempos indeterminados.

Quem eu sou? O que faço no meio de toda essa gente, de toda essa multidão? Há tempos achava que era carência, depois isso foi se transformando em desconforto por atenção, e agora me parece mais como um vazio. Um vazio abrupto e denso; aonde estar entre eles não me parece ter motivo, razão ou

circunstância. Digo, não estar com eles, mas socializar com eles. A socialização é cansativa, minha alma se sente atônita, perdida e em constante desespero! Por qual motivo tenho que colaborar com essas malditas socializações do cotidiano? Não tenho, não posso. Senão, acontece que acabo doente e infestada de enfermidades. Eu falo sério, não posso socializar por muito tempo, senão automaticamente desligo e adoço. Se isso é triste? Quem diz isto são eles, e não eu.

Nessas horas, eu percebia como o amor estava sendo corrompido pelas minhas dores e imaginações vivas. Alguns amores marcam mais que outros. Suas marcas são perigosas, e suas feridas mais ainda.

Depois de toda a minha corrida mental e usurpadora de energia, encontrei-me agora extremamente exausta para rebater Helena no mesmo tom – não que eu fosse fazer isso, pois normalmente não tenho forças, mas sim: a respondi com um volume quase baixo, fora do meu comum, e minha voz ecoou quase como um sussurro, em minha resposta:

- Vamos.

FIGURA VII

Os significados

Os olhos, a boca, o nariz, as orelhas, o cabelo, a garganta, o rosto, os cinco sentidos. Tudo isso possui um significado por si só, ou somos nós que damos significados a eles? Todos os significados, constantes e imersos em nossos próprios mergulhos interiores, são frutos de criações íntimas de cada um; e possuem sentido histórico, aquela criação perpassa por décadas e milênios, até chegar em nós, os pequenos seres horríveis da modernidade. Nós, as podridões exatas e personalizadas do que dizem ser, os humanos.

Estávamos indo até lá, ver Julia, com minha tia Lígia. Ela estava de carro e fez o favor de nos dar uma carona. Ela tagarelava absurdamente, mas Helena não se incomodava, pois gostava de tagarelar também, e de falar sobre sua vida. Já eu... eu era a única que me incomodava com isso, dentro do meu próprio mundo particular. Mas não dizia nada para elas, não sei se isso as afetaria ou não; mesmo crendo que não, preferia me manter calada em tempos de dúvida. Quando a tempestade da incerteza se enlaçava em mim, não havia mais o que balbuciar. Silêncio, era só o que a minha essência pedia constantemente. E, por isso, eu colocava fones de ouvido para distrair-me desse maldito mundo que não deixa ninguém em paz, sempre nos atormentando com maldições próprias, advindas de uma corrente negativada dentro das conexões humanas.

Mas, por qual razão estar dentro de um carro e possuir ele tem um significado enorme para as pessoas, a sociedade e o contexto em que vivo? Por qual razão estar andando com as próprias pernas na calçada da rua não tem significado algum para eles? Creio que os papéis estão invertidos. Não vejo significado em possuir, e andar a todo tempo de carro, nem nunca vi. Na verdade, nunca entendi, desde criança – esse excesso de autovalorização pelos bens; qual é o nexo? De ter algo para si próprio e acabou? O que se irá fazer com aquilo depois que se possuir e obtiver? Lhes digo: nada. Se perde o valor, automaticamente, pelo que se conquista. Os significados para o senso comum – não tem significado algum, são todas insignificâncias pequenas e efêmeras, tão rasas e indefinidas, que não podemos nem colocar a mão e sentir a profundidade, sentir a grande densidade que aquilo tem! Mas não. Colocamos a mão e senti-

mos somente um chão duro, aonde nosso punho se fere com tamanha dureza.

Entretanto, não falo sobre os significados em si. Eles se intrometem de jeito bélico acima da banalidade do cotidiano, são obrigados a fazerem dos meus olhos um brilho entusiástico. Os significados talvez não existam, sou eu que os crio. E que mal há nisso? Não há mal, somente olhares mortos visando o empobrecimento e a anulação desses significados. Esses olhares, na verdade, são construídos com o tempo. Os significados não. Quando se sente a sensação, já se tem certeza: há ali um significado. E quando tornam os significados insignificantes – se torna ambicioso (de um jeito negativo), e não se percebe mais nada além de si e do seu suposto autoritarismo. Um pequeno crescimento de capim em cima da calçada mostra um significado enorme. Um ser querendo lhe fazer um favor com gosto – nisso há um significado enorme. Uma companhia aleatória no meio de um período de solidão; há um significado enorme nisso. Há, também, significado na própria insignificância.

A história – seja ela qual for – ao contrário do que pensam, é um pouco óbvia pois é feita de ciclos. Há coisas fixas e permanentes dentro de todas as épocas, como a injustiça. Agora, há as diferenças dos cenários e contextos, mas não se muda a essência dos comportamentos. O que comprova que a história se repete. E nisso, há um significado enorme, mas não sei se tão óbvio. As pessoas costumam achar que o que aconteceu, nunca mais irá acontecer, mas está apenas começando.

A magia dos significados é isso. O saber através da intuição, o conhecimento por trás do aparente.

Não há nada que eu tenha motivação e entusiasmo suficiente, se eu não souber o significado daquilo e os motivos e as razões para fazê-lo. Qual é o sentido real de fazer algo sem saber o porquê se está fazendo? Eu, nem ninguém, somos pessoas estúpidas, nós temos um cérebro, aprendemos a pensar. Somos seres que pensam racionalmente. Qual é o sentido de aprender matemática se eu não sei, nem faço ideia, de como usá-lo na minha vida prática? Qual é o sentido de comprar roupas novas, se não sei de onde aquilo vem, nem sei como fazer por conta própria? Estarei eu, sempre dependendo dessa sociedade sem rosto para me satisfazer? Através de um dinheiro que é somente simbólico, mas que não representa nada, somente um papel que posso fazer também por contra própria? Isso é triste.

A falta de independência das pessoas consumistas é triste.

Os significados são muito importantes neste ponto: saber de onde se vem e para onde vai, saber o que são todas essas coisas que lhe dão de bom grado, e porque dão, e se você é realmente obrigado a aceitar tudo isso. Saber se cada mínima coisa é necessária. Está aí, a raiz mais profunda do significado da vida.

Quando se começa a perceber o verdadeiro significado das coisas, começamos a se questionar arduamente sobre tudo. Isso é de um máximo cuidado, pois a pessoa poderá achar que está enlouquecendo. Mas não. Os significados, na verdade – têm profunda correlação com o ato de questionar. Só se vê o significado de cada mínima coisa que se ouve, que se vê, que se sente, que se toca; quando se questiona sobre o que não estava vendo antes de tudo isso, quando esses verdadeiros significados eram insignificantes para a pessoa.

A única serpente com veneno da história é o materialismo que, às vezes, se presta como o único conhecedor das coisas, salvador de todas as derrotas e desastres, ativando um comportamento de polarização, do bem e do mau. Mas tudo bem. Há de se entender o excesso das pessoas, apesar de saber que estou incluída nisso, mas incluída somente porque convivo com eles. O meu maior íntimo está perfeitamente equilibrado, até... entrar em contato com o desequilíbrio, seja ele qual for.

E o desequilíbrio já estava feito, moldado em barro. Assim como o equilíbrio; porém, em campo invisível, artefato de uma outra percepção sobrenatural.

Havíamos chegado. Vimos várias pessoas com sacolas de lixo se afastando das casas e avistamos Julia com sua sacola, sentada ainda nas escadas de uma das casas, que pareciam mais depósitos. Olhava para algo como se estivesse enjoada ou entediada. Aquilo era só birra, eu sabia. A sua grande pose de narcisista não me enganava; como eu disse, não era como achavam que era: era só pose. Julia tinha um coração bonito e preocupado com o bem-estar alheio. Mas sua pose de mulher despreocupada lhe dava uma segurança maior para perambular pelo mundo.

Descemos do carro imediatamente, fomos até ela. Ela, absorta em seus próprios pensamentos e no trago do seu cigarro, olhou para nós, de repente. Deu um sorriso grandioso, como se nada tivesse acontecido, e ela estivesse sentada na escada da porta por pura vontade própria e modéstia.

- Meu doce! – Ela gritou, imagino que tenha sido para mim, pois ela não é tão próxima assim de Helena, e muito menos de minha tia Lígia.

Assim que gritou, levantou-se na mesma hora com seu saco enorme. Fui

chegando mais perto, e pude perceber que eram roupas e utensílios de higiene. Ela me deu um grande abraço, senti seu cheio de cigarro e a fumaça entrando em meus olhos e nas minhas narinas. Não retribuí o abraço, pois estava muito difícil mexer-me dentro de seus braços me asfixiando até a altura do rosto. Quando parou o abraço, ela saiu de repente, foi buscar algo nos fundos da casa, eu acho. Helena então, cutucou o meu ombro. Olhei para ela, perguntou-me:

- Qual é o signo de Julia? Não me lembro.

- Peixes.

- Ah! – Ela animou-se – Parece um pouco. Mas deve ter algo em fogo... A lua provavelmente.

- Lua em sagitário! – Ela gritou dos fundos, ouvindo discretamente nossa conversa.

- Acredita em tudo isso? Sobre a astrologia? – Minha tia Lúcia perguntou, um pouco desconfiada da resposta de Helena.

- Acredito.

- Bom... Você acha mesmo que alguns signos podem te definir assim? Não acha limitador demais?

- Mas a função dos signos é essa mesma. Definir. Quem quiser acreditar, está aí. Quem não quiser acreditar, quem prefere não se definir, está aí também, apesar de não pode fugir disso.

De fato, precisamos falar um pouco sobre o que se tornou o fenômeno da astrologia. Há tempos atrás era conhecido e vangloriado somente pelos atraídos pelo misticismo e ocultismo (apesar de oculto não ter nada, astrologia é quase como matemática). Agora, hoje em dia, esse conceito de místico se deturpou completamente, transformando o estudo de autoconhecimento em um modismo tenebroso! Sim, tornou-se moda, e quando algo se converte em moda, é impossível se aprofundar e se obter algum significado genuíno daquilo. A moda tira todo o significado de algo, transformando aquilo em um instrumento banal e fugaz, que passa com o tempo, como se a busca pelo autoconhecimento fosse uma coisa efêmera e passageira. A questão é que os símbolos são as minhas maiores paixões, mas não dá para se conviver com essas paixões quando percebo o resto dos alienados usurpando dessa paixão e a transformando em um lixo obscuro e fétido. Isso me dá tristeza, e prefiro manter-me calada em situações como essa.

Como assim, não se relacionar com alguém pois ela é de tal signo? Isso é, no mínimo, estupidez. Não se conhece nem mesmo a pessoa, não trocou uma palavra com ela e a deduz pelo seu signo? Isso é ignorar a imensidão humana, isso é ignorar a expansão de consciência de cada um. Isso é ignorar que o outro também sente coisas parecidas às coisas que sinto, mas tem reações diferentes com esses sentimentos.

Enfim, os símbolos, os signos, as simbologias... eles não deveriam ser definidores, mas infelizmente se tornam, pela forma como as pessoas as usam e as interpretam dentro da sua vida e no seu cotidiano infestado de prepotências. A astrologia é importante, no que tange os seus significados e os significados de cada signo, que, juntos, se transformam na roda zodiacal, que representa todas as energias unidas para formar a harmonia do universo funcionando como deve ser. É isto que são os signos, não tralhas insuportáveis para definir pessoas que não sabem nem mesmo quem são, pessoas que não importam-se com o outro, mas usam os signos e o estudo do mapa astral apenas para aumentar o tamanho de sua arrogância e prepotência sobre si mesmo, se achando diferente dos demais. Está aí: o significado da astrologia se torna insignificante com a moda. Quero dizer... tudo se torna insignificante com a moda.

O significado some, evapora, no instante em que o objeto se transforma em moda; torna-se um objeto puramente comercial, conhecido somente para se ter uma aprovação social. Está aí um caso primordial – aonde o significado de uma importância imensurável torna-se insignificante. Por isso que – pensando profundamente – o que é insignificante hoje em dia, possui sim significado. Só basta olhar mais fundo, pois a moda não está lhe deixando ver o verdadeiro significado de tal objeto.

Existe um outro fator, a astrologia, muitas vezes, é um atalho insuportável para os mais impressionáveis; esses que possuem uma certa preguiça em se conhecerem mais a fundo, através do sentimento – e, para isso, vão conhecer o seu mapa astral para ter do que falar sobre si mesmos; mas eles não sentem realmente quem são, só incorporaram o conhecimento do seu próprio mapa e estão, agora, fantasiados do seu mapa astral. E então, seus intelectos ficam cheios de nada, sendo impossibilitados de sentirem algo sobre si mesmos, pois foi tudo bloqueado graças ao atalho, graças a terem ido olhar as coisas pelo caminho mais fácil. Quando se olha pelo caminho mais fácil, tudo é muito supérfluo e desnecessário.

A astrologia é verdadeira, mas não deve ser usada nunca como um guia do seu próprio destino, fica-se louco vivendo em delírios, ou então se desiste de tudo por osmose. Ela deve ser, nada mais nada menos, apenas uma comprovação dos caminhos que percorreu, ou uma comprovação das possíveis intenções. A astrologia não é um guia, não te guiará a nenhum caminho, só te dirá algumas informações, e sua consciência lhe dirá se elas fazem sentido ou não.

Sinto-me, constantemente, como uma eterna viajante da roda zodiacal. De tempos em tempos, transformo-me em um signo diferente, e o sinto extremamente vivo em mim, quando, assim, o incorporo no meu ser. Mas não posso demorar demais em um dos seus estados e em suas naturezas, senão passo por crises psicológicas severas, acreditando que estou na beira da insanidade. Então retorno pra mim, apesar de agora saber – o que é ser o outro.

O mundo material é muito complexo, vasto e confuso para ser analisado somente sob uma perspectiva.

- Se essas são as funções dos signos, como pode aceitar isso assim, não se permitir mudar? – Minha tia Lígia parecia perplexa com a aparente aceitação de Helena perante a vida.

- Não é que eu aceite assim, é que entendo o meu lugar.

Eu não havia entendido muito bem essa resposta de Helena, nem mesmo minha tia Lígia, que me olhou com expressões espantosas e como se tivesse visto uma assombração. Julia havia voltado dos fundos, mas ainda não tinha percebido o que ela foi fazer ali.

- Foi para onde? – Perguntei.

- Esqueci meus sapatos.

- Você espera ir pra onde? – Fui direta, e um pouco rígida na minha pergunta.

- Vamos comer! – Julia falou.

- Comer? Julia, você está desabrigada. Vamos resolver isso logo. Aonde acha que vai ficar?

- Vai com calma, Eloá. – Helena disse – É por isso mesmo que ela tem que se descontrair um pouco, já é um peso demais para ela saber disso.

Eu já previa: ela ficaria na minha casa. Por isso as minhas preocupações eram tantas, ela sabia que eu era a única pessoa disposta a cuidar dela, permanecendo atenta à sua vida; o peso caía era mais em mim. Não era nela, a sorridente e despreocupada! Pois Júlia, em si, não sentia peso algum. Mas,

para ser sincera, nada disso importava para mim, a questão era que Helena e Julia juntas era o meu pior pesadelo de ciúmes. Ver Helena a defendendo era o pesadelo se tornando real, chegando perto do seu grande clímax filosófico, uma grande batalha escondida, uma guerra fria acontecendo. Era tudo muito implícito e, ao mesmo tempo, explícito. Quero dizer, as pessoas ali supostas creem que está tudo acontecendo implicitamente, mas, na verdade, está mais à mostra do que parece. Quando duas pessoas se paqueram, se percebe que ambos estão tão encantados um pelo outro que creem: isso está só acontecendo entre eles, ninguém percebe. Mas, na verdade – ficam cegos, e por isso, a coisa está mais visível do que se pensa, por conta de sua cegueira flamejante, sexual, contagiante e poderosa, inibindo todo o resto da vida.

É como quando o corpo está com fome e não se come direito há dias; quando se encontra, finalmente, um prato de comida para comer, tende-se a ficar absorto e concentrado naquilo em que come, pois é especialmente um presente dos deuses lhe pedindo para não morrer.

E é por isso que casais monogâmicos e apaixonados reciprocamente, que mantêm uma relação estável e durável, tendem a se distanciar do mundo (os casais inconscientes de sua própria paixão, no caso), pois é isso que passam – uma espécie de hipnotismo pela própria necessidade do encanto, atônito a si mesmo com o outro.

Existem inúmeras razões para as pessoas fazerem o que fazem, elas só não necessitam comprovar algo para o mundo social. Por isso, por eles não se desesperarem em serem compreendidos, acabam sendo interpretados de diversas maneiras. Enquanto a pessoa não fala, não assume, não diz o que acha e o que sente – será sempre um sujeito mal interpretado. E é o que acontece com o significado do clímax errante das paqueras: se não diz o que sente, estará sempre em um plano invisível, que – apesar de se estar vendo – não se assume; e quando não assume, não há nada a se fazer, senão ser deixado à mercê das interpretações alheias.

- Estou calma. – Eu me comprovei e me defendi – Estou calma. – Repeti, novamente, com um tom mais baixo e olhando em seus olhos dessa vez.

Seus olhos estavam tensos e estranhos; típicos de quem estaria atordoado por um constrangimento pelo outro. Ela estava constrangida por mim; por estar percebendo minha defesa perante Julia. Bom, se não fosse isso, não sei o que seria.

- Então, você acredita mesmo? – Minha tia Lígia não desistia – Me diga, quero entender seu raciocínio.

Helena tinha um pouco de pavio curto, senti quase como se ela estivesse segurando todas as suas tripas por dentro para não dar um grito no rosto da minha tia. Mas percebi ela mesma se acalmando por dentro, para respondê-la com o mínimo de educação.

- Olha, se você quiser não acreditar, não acredite. Agora, qual é o problema? Deixe os outros acreditarem no que eles quiserem!

- Eu só queria entender. – Ela disse, com um ar sínico, mas percebi que ela queria provocar algum tipo de reação em Helena.

- Isso existe para mim, e pronto. – Helena falou.

- Existe, mas de onde será que vem tudo isso? Será que foi uma mera construção do humano para nos enganar? Mais uma forma de alienação? – Minha tia Lígia fazia conjecturas, continuava a provocá-la.

Neste ponto, minha tia Lígia poderia nos dar um bom sinal de questionamento: foi uma construção ou uma descoberta? Pois tudo que é criado pelo ser humano, é reflexo da natureza, de tudo que é natural, ou seja, que já existe. Tudo que se vê na sociedade (as construções do homem) são coisas que ele presenciou de algum lugar, de uma forma mais primitiva; pegou a ideia e se construiu. Ou seja, não há nada para se aprender, tudo que se aprende, no fundo – já se sabia. Pois todos os conhecimentos, no final, são uma coisa só, representam uma mesma força e significado.

Tudo que se aprende é óbvio. A complexidade surge pelo alto esquecimento da própria natureza da coisa. Tudo é simples, o que torna difícil são as negações perante a afirmação de que as coisas são fáceis.

Todo conhecimento que se digere hoje, vai voltar a digerir milhares de vezes durante a vida, até entendermos que se trata da mesma coisa que se aprendeu ou que se viu há dez, vinte, trinta anos atrás. Porém, em um nível mais assustador de linguagem.

Tentei mudar de assunto entre elas duas, e me direcionei para Julia.

- Então, qual foi o motivo do despejo mesmo? – Lhe perguntei.

- Dizem eles que sou narcisista demais para conviver com os outros. Mas não os culpo, afinal, a sociedade já tem narcisistas demais, não é? Ninguém merece mais um convivendo com eles. Logo eles, que são desprezados e esque-

cidos por essa sociedade obscura.

- Narcisista? A palavra melhor não seria egoísta?

- Sim, pode ser. – Ela falou, tragando seu cigarro – Mas aqui eles chamam de narcisista. Podem ter gostado da palavra e decidiram usar.

Estava me concentrando na indolência de Julia; um carro da polícia chegou, inusitadamente, naquela comunidade. Novamente, a maldita polícia. Julia pediu para escondermo-nos, apesar de não necessariamente haver algo de errado, mas por precaução. Enquanto subíamos as escadas para ficar no fundo da casa, observei um menino, uma criança de mais ou menos dez ou onze anos, com dois sacos enormes na mão, carregando um peso dentro deles, levava até um policial que saía do carro para esperá-lo. O menino entregou-lhe os dois sacos, e deram dinheiro para o mesmo. Eu já sabia: era um quilo de cocaína.

Helena perguntou para Julia:

- Como podem fazer isso? – Helena estava indignada e não havia nada a se fazer, senão fazer estas perguntas inteligentes, mas ao mesmo tempo, tão estúpidas para o momento de agora.

- O quê? – Julia não entendeu sobre o que ela falava.

- Isso, explorar o menino desse jeito.

- Ah, Helena... se ele não fizesse, suas irmãs ou mãe provavelmente sofreriam. Ele tinha que fazer.

É claro que tudo isso que acontecia era culpa exclusiva do Estado. O Estado podre, fétido, desumano e corrompido. Creio que toda forma de Estado tende a tornar-se corrupto, quando já não nasce assim. Provavelmente nenhuma dessas famílias da comunidade precisariam passar por isso, se não fosse o bom entendimento do que significa justiça e moral dentro de suas vidas e seus contextos. Mas, claro – o estado escroto e vil, máscara todas as informações e conhecimentos que poderiam dar vida a eles, lhes dar uma verdadeira energia para fugir desse contexto que não é vida – se não fosse essas mascaras horríveis sobre seus próprios direitos.

As mulheres sofreriam, provavelmente seriam mortas ou estupradas! Porque elas são, aqui dentro – um meio de objeto para se torturar os homens que se desviam e se corrompem juntamente com o Estado.

Se eles soubessem de seus próprios direitos, nada disso precisaria estar sendo visto pelos meus olhos. Esse circo de horrores. Só peço salvação de

algum lugar, não sei muito bem de onde virá, senão da própria força conjunta de todos, tornando os ignorantes em conhecedores e, para isso acontecer, o processo já deveria ter começado. Os que não sabem já deveriam estar começando a saber de si mesmos.

Mas, acontece que as leis – no geral, angustiam. Quero dizer, não as leis em si. Mas a forma como são escritas e reveladas para cada indivíduo, como se fossem códigos, como se necessitasse de um tradutor específico ao seu lado. Ora, se os direitos foram feitos para o povo, por qual razão – não lhes dar uma linguagem também do povo? Não há sentido nisso, usar uma linguagem difícil, acadêmica e profissional, só para, intencionalmente – segregar as pessoas de acordo com sua escolaridade, ou o que quer que seja. Pois[,] todos somos estudantes, se não estudantes da escola, estudantes da vida.

É isso que nos une, que nos deixa em um nível satisfatório de união e solidariedade. Mas, a partir do momento em que os desenvolvidos auxiliam uma entrada de separação entre as pessoas, ficamos sem saber para onde ir. Ninguém sabe de seus direitos, o que deve ou não fazer dentro da sociedade; todos se encontram perdidos, pois ninguém os ensina o caminho, desde o momento em que nasce até o instante em que se morre. Ninguém os ensina o caminho, a não ser a mãe, e se não a mãe – a própria vida, ou alguém mais importante que um laço de família não seja páreo. Isso é justo? É claro que não; mas ninguém pensa sobre o que é justo e o que não é, e quando pensam – se pensam – é somente para preencher uma leve sensação de peso. Que já se preenche somente não fazendo nada, só pensando em uma pequena possibilidade. Isso é justo? Creio que não – não é, e continuam fazendo, continuam no mesmo ciclo de corrupção anônima, como se não existisse nenhum agente responsável para toda essa tragédia. Como se pode viver em sociedade – dita democrática – quando todos os governantes não fazem questão de informá-los, informar a maioria que sofre – sobre os seus direitos básicos, necessidades básicas, desejos individuais e de grupo? Como se nega o básico para o ser humano que dizem ser cidadão? Como isso, em algum lugar – é admissível? Como deixam tudo isso acontecer, sem pensar nas consequências do que está por vir?

Eles depois destroem, reclamam, furtam, matam. O que eles querem, afinal? Que o que sofre se mantenha calado a todo tempo? Isso é ir contra seu próprio instinto natural de sobrevivência, isto é ser robotizado. E os que dominam são,

na verdade – os verdadeiros burros, não usam seu potencial de inteligência para fazer progredir a semente de uma linguagem fácil para todos, para que todos compreendam, de maneira simples e clara, tudo que lhes envolve como pessoas postas em determinado ambiente ou lugar. Isto é uma verdadeira calamidade! Por isso que prefiro meu mundo particular a viver nas atrocidades mundanas e terrenas.

E ainda há o fator de que, com o tempo – as constituições, as leis, acabam virando uma bagunça, um quarto de uma adolescente, pronto para ser comido pelos insetos noturnos. Vira-se um lixeiro, um lixão, um depósito horrível de anomalias e presunção. Confundem leis de épocas tradicionais com leis de agora, já evolucionárias e aceitando a diversidade. O país e sua constituição acabam sendo extremamente contraditórios e controversos, por defender a qualidade de duas coisas completamente distintas, que não se harmonizam em nenhuma lei, são como dois rivais disputando a liderança da papelada. E não há como saber quem vai ganhar, pois são tantos contextos históricos e progressos emaranhados com retrocessos vergonhosos, que eles acabam até pirando a cabeça de alguém que os lê.

Não quero aqui bancar a salvadora – mas se não dão educação apropriada para entender suas linguagens, então que lhes dê uma linguagem apropriada para seu nível de educação recebida. Não é óbvio? O indicado é que a educação seja igualitária para todos, mas como isso não acontece (e há de derrubar sistemas, estruturas e afins para isto acontecer) o que há de mais viável é a mudança da linguagem rebuscada, pomposa e falsa em corpulência, sair um pouco da atenção dos holofotes, e prestar mais atenção a clareza dos significados. Os significados escondidos atrás dessa maquinaria de transtornos de palavras raras – que por si só, tornam-se rasas, pois de nada dizem.

Não há como querer estudar, quando tudo que se aprende é como falar difícil, decorar nomes e datas, e de nada realmente aprender. Isso está errado. Não era para ser assim, as instituições de ensino deveriam ensinar, e não fazer obedecer. Ora, mas que tragédia... E ainda, há sonhos sendo destruídos por conta dessa coisa terrena que é a falta da vontade de aprender, tudo para se ter um diploma e ganhar logo seus bens materiais, para se ter um conforto digno no futuro. A falta da vontade de aprender qualquer coisa – pois eles transformam o aprendizado em algo sujo e medonho. Como se fosse aquilo, o aprendizado, como se fosse aquilo, a essência do estudo.

Novamente, os significados se deturparam. Novamente. A cada nova cena que presencio na minha vida, soa a decepção, mas a decepção automaticamente percebe o real significado daquilo que se foi deturpado por estes idiotas, os que normalmente são bem vestidos ou fazem expressões arrogantes.

- O que elas sofreriam? – Helena perguntou.

- Você sabe o que elas sofreriam. – Tia Lígia falou, alegando que a pergunta de Helena foi desnecessária, pois sua condição de mulher se destacava e era entendível para todas nós.

Esperamos o carro ir embora para podermos, novamente, nos reestabelecer pela rua.

- E para onde vamos agora? – Julia perguntou – Sei que não tenho para onde ir, sendo assim, tenho a liberdade de ir para qualquer lugar.

Ela falou de modo divertido e descontraído, no mesmo instante em que Helena olhara para ela com o mesmo olhar que estava há minutos atrás: um olhar de paquera, de flerte. Como se só existisse ela. E, para meu pesadelo, Julia retribuiu o olhar. O sentimento de constrangimento me abateu, misturando-se com o sentimento de indignação do que acabei de ver agora juntamente a elas. Indignação com constrangimento não é uma boa mistura, parece que algo por dentro se intensifica quando se mistura duas emoções negativas, formando uma eclosão explosiva de um ácido verde e espumante, como naqueles desenhos animados de cientistas distraídos que, por um mínimo de erro, destroem todo o seu experimento químico.

- Julia, você parece como uma miragem para as minhas vistas. – Eu disse.

- Por que? – Ela perguntou-me, com um sorriso no rosto, e curiosa.

- A cada vez que te olho, enxergo uma coisa diferente.

2

- Ciúmes? – Helena deu risada de mim, após uma falha tentativa de explicar para ela o que eu estava sentindo.

Voltamos novamente para a minha casa, e estávamos tendo uma conversa em particular no meu quarto, sentadas na cama. Dessa vez, com roupas, vestidas, como pessoas civilizadas, não mais como animais ferozes esmagando-se de amor ou desejo em cima de uma superfície macia para os corpos se adularem e se confortarem.

- Para com isso. Sabe que não temos nada sério, só o amor. O amor é o nosso único sentimento sério, e nele não há ciúmes. – Ela falava comigo em tom carinhoso e sensual, como se quisesse me mimar com suas palavras estranhas.

- Não quero parecer que estou puxando uma espécie de discussão, como se fôssemos um casal. Mas... é que não consigo mentir para mim mesma, e se não consigo, também não vou fingir que está tudo bem, quando o que sinto é uma coisa oposta.

- Não quero que reprima seus sentimentos. – Ela disse.

Gosto da forma como Helena lida com as coisas que ouve; pois, frequentemente, quando se trata de termos pessoais, ninguém sabe ouvir como deve ouvir, com entendimento e compreensão. Tudo se leva na ameaça, como se quisesse, de alguma forma, atingir a personalidade alheia. Só que é exatamente o oposto: quando as pessoas falam, falam delas mesmas, e de nada mais. Pois a sua fala reflete o que está por dentro; ela só pode falar sobre o que ela sabe, e o que ela sabe é o que sente e pensa por dentro. Então, por que sentir-se ameaçado? Quando não é sobre você de quem se fala?

Ela se manteve pensativa, soltou minha mão para colocar os dedos no queixo e posar como uma fiel pensativa do momento. Esperei tanto, até que alguém bateu na porta.

- Oi! Quem é? – Perguntei.

- Sou eu – Era a voz de Julia – Seu irmão acabou de chegar com um amigo. Eu abri a porta para eles, ok?

Mas que diabos! O que todo mundo estava fazendo na minha casa? Inclusive meu irmão, aparecendo de intrometido quando não é chamado, e ainda com um amigo? Tudo bem, eu não era tão má ao ponto de não o deixar entrar. Mas, sempre quando ele está por aqui, é sempre para me explorar, seja pegando alimento daqui, por pura preguiça de fazer o seu próprio, ou para bagunçar o banheiro, prateleiras etc. Ou, simplesmente, para me encher o saco com seus papos triviais e de jovem – muitas vezes convincentes, mas ainda de jeito leviano.

Mas tudo bem: deixei-o entrar. Depois, acalmei mais meu pensamento quando lembrei do jeito descompromissado e inadequado do meu irmão.

- Tudo bem. – Eu respondi Julia, depois de tê-la deixado na porta esperando alguns segundos pela minha resposta.

- Tudo bem mesmo? – Helena perguntou-me, dando risada, e segurando minha mão novamente. Ela sabia como eram minhas reações em relação a meu irmão, e grandes quantidades de pessoas dentro da minha casa, o meu lugar de reestabelecer minhas energias.

Uma casa não era somente um simples abrigo aonde se dorme, come e tem relações íntimas. A grande maioria dos que vivem – passam a vida sem perceber o significado real de se ter uma casa, uma moradia, um canto especial, só seu, pois estão embotados demais nas perdições e nos emaranhados das ruas, das esquinas das cidades poluídas e mal encaminhadas. Um lar era um palácio enfeitado do seu jeito, uma obra-prima feita de sua presença, um ilustre santuário nascido com a sua própria religião, e a sua religião se chama seu próprio bem-estar; sendo meramente observado por uma plateia ordenada nos palanques ensolarados.

A casa, o lar, o espelho de si mesmo. Um reflexo nobre de quem se é, e de como espera que os outros também lhe vejam: isto é, em seu ato mais puro, quando permite que outros entrem em sua casa. O significado de permitir a entrada de estranhos é como se abrir eternamente até o âmago de sua própria ingenuidade, e deixar que vejam o que quiserem, e até toquem em qualquer coisa posta ali, qualquer ferida, qualquer vestígio de antiguidade.

- Tudo bem sim. – Eu disse – Só não queria que ele tivesse trazido alguém que não conheço para cá.

A areia pior de se andar é quente, escaldante, aonde o sol não dá nem um mínimo de apoio para se permitir que se coloque os pés no chão. Assim me sinto; como o sol, sem dar qualquer apoio sob quem escolhe pôr seus pés na areia escaldante do meu chão, que no caso – é a minha casa, o contato mais íntimo com o meu espírito. Ele está todo aberto – assim como se fosse exposição em algum museu famoso de arte; e como isto soa ridículo, pois estes museus normalmente entram os refinados e com bons modos, os que mais detesto.

- Você precisa aprender a se acostumar com o novo.

- Mas quem disse que não me acostumo? Me acostumo, só continuo com as minhas preferências, que é o costume. O novo não me agrada, mas já aprendi a aceitá-lo.

Helena me olhou com um rosto de desconfiada, mas uma desconfiança brincalhona, como se sua mera desconfiança não fosse nada demais, senão

um aviso prévio para eu não mentir para mim mesma. Mas ela me conhecia: mentir para mim mesma era uma atitude que nunca fui muito boa. Quando percebo-me fazendo isto, minha cabeça de repente pesa, e paro de funcionar. Necessito estar sozinha para colocar as coisas no lugar, ver o que há de errado.

É isso o que a minha casa tinha, possuía também nas bases dos argumentos que ela me colocava, coisas que ela me falava. Provavelmente sua percepção sobre como eu gosto do costume foi baseado na minha casa, como ela é decorada, como eu lido estando dentro de casa. Tudo se encontra dentro de casa. Quando se quer conhecer alguém, observe sua convivência íntima com os outros, em casa. Observe suas relações caseiras e partilhadas no seu convívio diário. Observe toda a intimidade de um ser, descubra-o de vez, tire a capa que o tornava só mais um e verá: seu abismo denso se encontra em casa; como também pode haver seu anjo adormecido. Todos descansam em casa.

A casa é o conforto da alma. A alma que nela reside, a transforma em lar. E o lar é a mãe de todas as dores; o lar é o consciente da brilhantina tomando forma de seu próprio conteúdo e da sua própria forma, que é ser fiel a si mesmo. E isto, somente a Mãe-Lar proporciona.

Olhe só para mim, já comecei a personalizar uma casa material... Mas não, não é este o sentido que quero dar. Falo em sentidos mais simbólicos, falo sobre [como o lar] onde se resguarda suas energias, que se entranham em ti; falo em como aquele ambiente começa a assemelhar-se consigo, como ele mesmo já se modifica só pela rotina ser girada em torno de si, como um bambolê enlouquecido, que não se larga de rodopiar em seu corpo, seguindo seu movimento ritmado até cair no chão! O bambolê se encontra mutável girando ao redor de seu corpo, e quando ele para no chão, próximo aos seus pés, se torna permanente, fixo, perene, inalterável ao chão. O bambolê em movimento é a sua casa, uma simples casa lhe rodopiando os sentidos – e o bambolê caído ao chão é o seu lar, já fazendo parcerias mútuas com seus pés; seus combustíveis de andanças incansáveis.

- Entendi. – Helena disse, com um pouco de ironia, como se não acreditasse – Mas então... você está com ciúmes? De Julia? Sério? – Ela voltou ao nosso assunto anterior.

- Sim. – Fui séria e mantive minha postura.

- O que foi que você viu que te regurgitou esse sentimento, tão de repente?

- Não foi algo de agora... eu sempre soube.

- Soube de quê? – Ela perguntou – Por que o que você sabe é somente o que está visível na sua própria percepção, na do outro você nunca saberá.

Queria dizer a ela que não; esta é característica de quase todos, mas não se engloba em mim; simplesmente pela minha sensibilidade ser gritante, que mal consigo pôr meus pés no chão, aonde as virtudes do pisar com seu próprio pé me parecem tão tolas e bobas, aonde só sinto uma plena vontade de flutuar e de penetrar com asas em todos os lugares e ambientes do mundo.

Ninguém é páreo para alguém que carrega asas invisíveis sob as costas.

Mas, por que as coisas tendem a ser assim, por que as coisas têm de ser assim? Quero dizer, o que vemos não é o que realmente vimos, mas somente um caco de um espelho inteiro que foi quebrado. E com o caco, somente, não se é possível assistir-se de corpo inteiro, não é possível ter um quadro panorâmico de si; então, o que vi agora, e o que senti agora, ou em outros momentos, não passa de um milímetro, de um micro de alguma informação avulsa que recebi ou de delírios que criei. Pois, o fragmento em si – é algo agradável de ser estudado e analisado, até para formular novas ideias sobre aquele fragmento. Porém, ele nunca – em instância alguma – deve significar um sentido geral sob algo que é universal ou que não se sabe que existe. Pois assim se dilata, se desmancha, se destrói toda a verdade lícita e lúcida, se metamorfoseando em furacão negro delituoso e penoso; como se um vinho suave tivesse sido derramado sob a mesa por conta de agressividade de quem o toma. Não faz sentido: um líquido suave, proporcionar ira. Assim como a verdade ser penosa. Não há sentido, mas dentro do não-sentido, achamos o sentido: a deturpação dos significados, advinda das relações dos seres humanos, advinda dos mesmos criarem novos sentimentos contemporâneos e se apegarem neles como se fosse sentimentos necessários e exclusivos para sua sobrevivência, como a comparação com o outro, a falta de senso crítico (que vêm da falta de senso de individualidade, que não é algo ruim) e por aí vão milhares de questões que não se pode dizer nada, senão se está sendo incoerente e diferente demais para eles. E o isolamento começa desde mais cedo, quando o encaixe entre eles é insuportável e intolerante para o meu próprio organismo.

- Eu concordo. – Eu lhe respondi – Mas sabe que comigo não é bem assim.

- Claro, mas sei que você também inventa situações, somente para ficar se martirizando sozinha, quando ninguém está olhando. E só sei disso pois você já me confessou uma vez, e desde então, comecei a reparar.

Hoje em dia há mais o coleguismo do que uma amizade mais profunda. É uma espécie de coleguismo o que possuo com Helena, talvez com Julia, e com as pessoas que estão na sala agora.

Na verdade, é muito raro encontrarmos uma amizade verdadeira, até porque – a verdade também é rara nos tempos de hoje. É raro falar a verdade, pois afinal, nem eles mesmos sabem o que significa a verdade. A verdade é relativa, porém universal. E só será sabedor dela quando conhecer a si mesmo. E quando falo em conhecer a si mesmo, significa perceber-se em silêncio, não através de outros, de manuais, instruções, guias externos que se conhece, não é isso. Isso não é aprofundar-se em si. Os mergulhos provocam falta de ar, e tem pessoas que não se lembram disso. Ter o ar é necessário para se sobreviver, mas quando se é ventania, ou somente lazer, vento na cara. Quando não dói, quando não sufoca, algo está errado; não é aprofundamento. Quando não se sente liberdade interna e não consegue se pensar com a imaginação, que resultará em uma lógica extrema, está indo pelo caminho errado, pois o aprofundamento resulta nessas consequências existenciais.

- E então? Você acha que me conhece o suficiente para provocar indagações sobre mim?

- Não. Você é extremamente complexa, mas, mesmo assim, cativante.

Eu sorri, sem graça.

- Obrigada.

Esse meu agradecimento foi necessário para o clima sair da tensão e do atrito, se suspendendo em carícias novamente, como se tudo estivesse agradável e pacífico; mas o sentimento ainda estava aqui, e ele não estava sendo sanado, ele não evaporava como as nuvens no céu, ele persistia como chuvas de verão.

- Mas então, Eloá... O ciúme não faz sentido, ele pode ser doentio, às vezes. Assumo que também sinto, mas vejo que ele não me faz bem algum, então o descarto.

Claro, os sentimentos universais! E os ciúmes fazia parte deles. Se sente, se gosta, se ama, há de vir alguma coisa no fundo que deseja o indivíduo somente para si. Isto é óbvio, quem não sente? Algumas resolvem assumir-se como ciumentas, outras preferem esconder-se do rótulo, por inúmeras razões.

Ele pode ser doentio, claro – ele pode tornar um santo em um assassino. As emoções não controladas provocam doenças devastadoras na alma. Mas, até o

pior assassino que já se viu, o pior ser humano, que mata por prazer, já foi um ser completamente inocente para todos; já foi um bebê, recém-nascido, já teve infância e já se sentiu mal-amado em determinados momentos. A infância é o âmago do destino central de cada um. Como era você quando era criança?

Até o ser mais cruel teve doçura. Ou pelo menos, já aparentou doçura. E o demonstrar então, é referência para quê, afinal? Para nada.

O demonstrar é referência para quem não sabe perceber e sentir a ancestralidade progressiva e contínua, emergindo nos porões abertos e luminosos do ser, desde as posturas e identidades da infância, até os dias de hoje – quando se é gente grande e se tenta lidar com as situações, sendo seu próprio responsável. Para quem percebe todas essas coisas, a demonstração de quem se é ou de algo que quer se mostrar, não é necessário.

- Eu te amo, você sabe disso, não é? – Ela falou – Então, se sabe disso e tem certeza, por que ter ciúmes? O sentimento é maior que qualquer atitude que eu possa chegar a fazer que contrarie isso. As ações podem ser contraditórias... não se baseie nelas, se baseie no que sente. É isso que importa, tá? O que está dentro do seu coração. – Ela colocou sua mão em meu peito, para demonstrar seu cuidado com as batidas do meu coração.

- Eu sei disso. – Falei – Mas a gente se desequilibra, muitas vezes. Nos deixamos cair um pouco.

- É difícil persistir. Mas é também muito prazeroso continuar.

- É a intimidade, são os problemas que atingem toda a sociedade... tudo me atinge.

- A intimidade é, na verdade, algo que todos têm, então ela não está muito separada do que atinge a sociedade como um todo. – Ela disse.

- É, eu sei. Mas todos eles costumam separar as coisas. Os ciúmes que sinto, outras pessoas sentem, e como você disse, pode ser doentio, e esta emoção que se tornou doentia, pode levar-nos a praticar tragédias, que refletirão no todo, em toda a sociedade, por exemplo.

- Isso. – Ela falou – Então, não é aceitável que se esconda essas emoções. Podem ser inofensivas, mas movem montanhas.

- Qualquer sentimento move montanhas. – Eu falei – Não importa se negativo ou positivo, não é verdade?

Mais uma vez, esta é uma lei universal: todas as coisas, aparentemente opos-

tas, são parecidas, pois pegam o mesmo caminho, uma mesma trilha, um leva ao outro, sempre, não há como ser de outro jeito. Todo micro é guiado para tornar-se macro, que chamamos de outro nome para acharmos que são coisas diferentes, mas na verdade – o macro é um estado cinco vezes maior do micro. Como ninguém percebe isto? Como ninguém suspeita das terríveis atrocidades que acontecem e só fazem um simples julgamento de espanto e de medo? O que está por trás de tudo isso? Ninguém pensa? O que está por trás das sombrias e calculistas missões de violência, coordenado por pessoas de portes emocionais?

O que é ruim sempre tem, por trás – algo bom, mesmo no seu estado mínimo, algo bom. O que é bom sempre tem, por trás – algo ruim, mesmo no seu estado mínimo, algo ruim. As coisas boas nascem de coisas ruins, as coisas ruins nascem de coisas boas. E é só isso. Esse é o ponto que se deve ter em mente, este é o ponto aonde se deve chegar.

- É, pode ser. – Sua resposta foi pouco motivadora, com uma voz baixa e serena.

E então, se manteve um silêncio perpétuo entre nós. Quero dizer, sentia que o silêncio vinha mais de sua parte do que da minha. É estranhamente perturbador perceber que quem prefere manter um silêncio gritante é a outra parte; pois, normalmente, os papéis estão invertidos, e acho que cometi, ou pronunciei algo errado. Pelo principal motivo de que sou eu mesma que provooco estes silêncios constrangedores com as pessoas. E não deveria ser assim, mas esse silêncio acaba sendo absurdamente gritante, tornando-se um revelador de sigilos e segredos obscuros.

O silêncio esperneia as verdades entre as pessoas, quando elas não estão vendo. Não, elas não veem; somente sentem, e até este sentimento pode parecer insignificante para uma das pessoas ali, enroscada e emaranhada naquela desconfortável escolha para a mudez momentânea.

É isso que me provoca náuseas e arrepios: o medo dos outros. O medo dos outros quando a verdade surge. E normalmente, ela é trazida à tona pelo silêncio, pela não-resposta, pela indiferença. Todos estes gestos são semblantes próximos do que se quer sentir e perceber como honesto, e me dá náuseas querer dizer-lhes tudo isso através da não-verbalidade, porém eles não escutam! Pois morrem de medo da verdade. E eles só as captam, voando com suas asas exaustas, querendo repousar em algum oásis – quando escutam a voz do silêncio.

Não se precisa de nada mais; somente isto, somente este momento, agora. Nada está sendo dito pelo mundo, as quatro paredes do quarto estão cochilando, é o instante perfeito. Está tudo brilhante em agradável repouso.

3

Sáímos do quarto, devagar, após duas horas conversando sobre minhas emoções e como lidar com elas, enquanto estivermos aqui progredindo juntas, apesar de que a vontade de separar-se seria dolorosa, porém – mais bonita de se lembrar, já que os momentos, os sentimentos e as pessoas soam melhor, mais bonitas e mais harmônicas no campo vibracional da imaginação e das lembranças frequentes, que nos pairam inusitadamente a memória. Sem mais nem menos.

A porta do meu quarto rangia absurdamente, mas continuamos a abrindo devagar. Estavam todos lá, na sala: Julia, minha tia Lígia, meu irmão Augusto, e seu amigo, que, percebendo agora, era um conhecido meu, que reencontrei semanas atrás, quando saí estarecida de um prédio. Era Theo, mais conhecido como Boina. Na verdade, não era muito surpresa, pois todos os amigos de Augusto eram conhecidos meus; apesar de não manter muito contato, por mera reserva minha e abominação da exposição exacerbada que a convivência com eles, principalmente com Augusto, me proporcionava. Eu só tinha interesse em beirar-me e jogar-me nas margens das loucuras prodígios de ter de estar sociável – e manter-me por lá com uma astúcia fingida.

Eu não conseguiria; ser sociável é o oposto da honestidade, o oposto da comunicação honesta. Ser sociável é manter uma fachada, ter um disfarce, um personagem – não permitir que os outros descubram que se é apenas um ator, e não aquela incrível figura em cima do palco! Assim como uma criança se espanta quando descobre que seu herói é, infelizmente – uma pessoa normal, como todas as outras, e este herói tem de viver como uma pessoa normal.

E os meus pensamentos são todos desnudados. Eles não possuem roupas, nem mesmo um mínimo de enfeite. Eles são cheios de si mesmos, são puros e criados, vindos de não sei de onde; meus pensamentos e a minha fala dentro de um meio social, é como uma pessoa entrando nua dentro de uma festa de gala. Eles são, em essência, eles mesmos, em sua natureza intransponível – e são os mesmos, desde o momento em que nasceram, em que saíram do ventre da minha garganta – até agora.

Enfim – eles então, olharam para o corredor da casa, esperando nossa chegada até a sala, já que ouviram a porta se abrir com seu enorme rangido. O chão era de madeira, então eles também poderiam ouvir facilmente nossos passos. De repente, fizeram silêncio quando chegamos na sala. Provavelmente queriam uma resposta, uma ação, um avanço do nosso lado. Mas Helena foi a primeira a dar esse passo.

- Então, como estão? – Ela suspendeu-se de alegria em seu ânimo - E você, Augusto, como está? – Foi abraçá-lo imediatamente.

Sempre quando olho para meu irmão, uma das lembranças que tenho é o da minha infância. Não, não exatamente lembrança, mas sensações de infância, sensações nostálgicas, que fazem me lembrar vagamente das sensações primárias de ter que se passar pelo o que eu passei quando criança. E sempre quando lembro da infância, lembro que estou até hoje (e sempre estive) – conectada com os sons que ouvia, com as imagens que eu via e a sensação não muito confortável dos toques extraordinários, exagerados ou delicados. E das vivências na pele escura, tão fina e macia.

E daí, hoje em dia – quando vejo ou ouço coisas que lembram-me da primeira sensação que tive ao ouvir determinado som ou ver determinada situação, lembro-me automaticamente da infância.

A infância, para mim, é uma fase indispensável e obrigatória para se conhecer alguém mais a fundo, todo o seu buraco negro que entra em negação com ele, quando se cresce no mundo pervertido de hoje. Sempre que eu procuro conhecer alguém de verdade, procuro investigar sua infância. Quem foi essa pessoa quando criança? Como ela era? Qual é o significado real de toda sua fase primária, de onde ela tirava seus estímulos, seus risos, suas vontades, seus desejos?

Talvez nunca ninguém saberá como eu interiorizo as coisas em mim, em meu ser imagético que não se satisfaz com as pequenezas do cotidiano – talvez ninguém nunca saiba como eu, ao presenciar determinada circunstância, nunca mais voltarei a ser a mesma. Mas ao mesmo tempo, ao ouvir determinado som, voltarei sempre para meu nascimento, minha instância de milagre de vida. E é isto que me faz permanecer viva e inteira: a volta e o avanço ambíguos e unidos, o passado e o futuro juntos em um só ápice de segundo.

- Que surpresa boa te encontrar por aqui! Nunca imaginaria te ver na casa da minha irmã. – Augusto disse – Estou ótimo, e você?

- É, nós acabamos... – Helena me olhou com aqueles olhos sedutores e instantâneos, aparecendo em sua expressão como cometa – Nos esbarrando por aí. Pelas estradas da vida, que insiste em programar encontros e desencontros.

- Que bom! – Augusto respondeu, animado – E como você está, Eloá? Venha cá me dar um abraço, sabe quanto tempo não nos vemos?

Enquanto eu o abraçava, percebi: havia carne na mesa. Animal morto, fatiado, assassinado. Imediatamente, Helena olhou para mim, sabia sobre como isso era considerado um ultraje e uma ofensa para mim. Ela percebeu minha expressão de nojo, e tentou se posicionar como pôde entre todos:

- Quem colocou isso aqui na mesa? Aqui é a casa de Eloá, isso é uma falta de respeito!

- Ah, desculpe. Eu preparei isso, tinha esquecido que você não comia. – Boina falou, envergonhado.

Não entendo como alguém em sã consciência pode oferecer-me um pedaço de animal, após anos me conhecendo; depois de tempos sabendo de minhas convicções e crenças sobre essas torturas horríveis. E o pior: como ainda continuam consumindo animais assassinados, mesmo tendo consciência de onde eles vêm. Como ainda contribuem para a exploração de animais fêmeas, e especificamente, deixando-os sofrer e nem se interessar por todo o processo até chegar na sua boca. Quantos seres morrem de forma brutal somente para se fomentar uma crença e uma simbologia “de sustância”, nessas cabeças alienadas, para continuarem consumindo um ser – que não foi feito para ser consumido pelo nosso estômago? Até quando se existe a indiferença para com o outro? Mesmo que esse outro não seja de sua espécie? Isso não é – em última instância – a mesma brutalidade que um estupro e o mesmo que o genocídio de um povo considerado inferior para o patriarcado branco? Não é a mesma coisa que atirar uma bala na cabeça de um jovem pois o mesmo tem aparência “suja”, como os policiais fizeram, quando eu estava na padaria com Roberto? Sim, é.

É tudo brutalidade; não se questiona se todas as brutalidades estão conectadas entre si? Assim como as angústias, as alegrias, a paz, todos as ações e sentimentos parecidos, estão sempre conectados em uma outra dimensão invisível. Tudo faz parte da carcaça da violência fomentada pela estrutura social, se mata por ser inútil para o capital, por não se possuir nenhum valor monetário ou nenhum meio para se alcançar o monetário. O dinheiro que eles amam; o dinheiro, esta simbologia de um papel impresso em uma máquina

específica, que eles tanto veneram. Um pedaço de papel; a simbologia do caos, o capital entranhado em um símbolo, e quando se olha verdadeiramente para o que aquilo significa, se sente estúpido por estar perseguindo uma coisa tão chula e trivial. Mas, infelizmente – eles fazem com que se necessite dessa trivialidade. E então, se vê encurralado. Para onde vou? Já me desesperei várias vezes por me fazer estas perguntas diversas vezes. Não vou me juntar a eles; então, para onde vou?

Helena, imediatamente, tirou a panela com pedaços de uma galinha fatiada e decepada, jogando no lixo, fazendo também – expressões de nojo enquanto jogava aquela vida-morta fora. Ela também não comia animais mortos, porém – tinha alguns deslizes em sua conduta; se deixando facilmente levar pelo meio quando se entretinha demais, e assim – colocando uma fatia de assassinato e sofrimento em sua boca, sem dar-se conta. Ou quando se divertia demais, esquecendo de um de seus propósitos principais.

Malditas sejam as indústrias! Que lhe obrigam a consumir pedaços mortos de seres que sentiam, que sofriam – para poderem passar a vida toda com o mal-estar deles em seu organismo, achando que estão saudáveis, e daí, de repente, se enroscar em alguma doença anos depois, só para consumir – remédios e mais remédios. Novamente, tudo que eles querem. O consumo das suas indústrias, dos seus produtos. Tudo muito bem organizado e equipado; e seus disfarces, seus argumentos e justificativas são as mais hilárias. A imaginação humana pode chegar em um nível de perversidade tão mais surreal, se é que não já chegou em seu auge.

De que adianta, então, eu encher os ouvidos de terceiros e falar-lhes que necessito de paz e harmonia para viver bem, para poder viver uma vida digna (pois é assim que funciono; somente com a paz interior e exterior), se – não deixo outros seres em paz? Se como seres que foram mortos? De que adianta eu dizer que necessito de tranquilidade, quando, na minha própria casa e no meu próprio estômago, frequenta um ser que sofreu e que, agora, é comida, como se não houvesse nada de errado nisso? Como se isso também não fosse – uma forma de violência, um jeito de dizer não às pacificidades. Não, não daria certo. Seria incoerente demais para mim; seria hipócrita demais. Isso não sou eu.

Augusto veio para perto de mim e me abraçou, quase sufocando-me. Olhava para Boina enquanto isso, e o mesmo, ainda com o rosto envergonhando, sem coragem de verbalizar uma palavra quanto ao seu ato; olhava constantemente

para o chão. Percebi que ele carregava algo nas mãos. Parecia algum tipo de vinil embrulhado.

- Não se importe com ele, é um descuidado mesmo. Eu trouxe um presente para você. – Augusto falou – Boina, me dá aqui.

Imediatamente, ele entregou o quadro na mão do meu irmão, me deu rapidamente, e disse:

- Se não for abrir agora, eu abro.

- Abra, então. – Eu falei.

Ele foi rasgando o saco e fui vendo cada fragmento, pouco a pouco do disco, a cada medida que ele retirava uma parte do embrulho. Era um disco de jazz. Eu desconhecia o autor.

- Para você. – Ele me deu – Você poderia se interessar por dança, não acha?

- Eu nunca me interessei por dança. – Eu disse – Sabe que essa é a pior coisa para mim, nunca fui flexível o bastante para isso!

- A pior coisa para você não era teatro? Mas, eu sei que também não se sente bem com a dança, mas é por isso mesmo que te dei esse disco. Para enfrentar isto com o que não se sente bem.

Helena, então – tirou o disco da minha mão, e colocou imediatamente no som ao lado da pequena tevê, para tocar. Helena sabia dançar qualquer coisa, então foi o que ela fez. Ela começou a dançar em meio a todo mundo, e Julia – a pessoa mais próxima dela, estava sentada no sofá, hipnotizou-se por ela.

O que era a dança, afinal? Mais uma forma de arte, porém, uma arte expressiva pelo corpo, não se esbalda pelos olhos, não se admira pela constelação de um talento mental, não se esvai pelo tempo gasto com trabalho manual, somente com as mãos. A dança era arte do corpo inteiro, fazendo jus à toda fluidez corporal; sendo flexível, levado completamente pelo som, pela música, pela melodia alarmante e sedutora. Era o corpo sendo convidado para flutuar nos céus dos empenhos amorosos de uma boa música, e passar pelas nuvens brancas da pureza de acordes e cordas vocais perfeitamente harmonizados e tranquilizadores para os tímpanos. Era o corpo batendo na porta de outros talentos, outros anseios, outras artes, e os enviando um sinal para lhes prestar mais atenção ao que o corpo fala, ao que o corpo grita. Ao que o corpo anseia absurdamente, há muito tempo – e quase lhe adoece se não lhe dá um mínimo de atenção e cuidado.

Eu escondia uma vergonha crônica de dançar em frente aos outros, principalmente porque não se tratava de uma dança performática para ser assistida, como a de Helena. A minha dança se tratava, simplesmente – de um extravaso, de um alívio, uma necessidade. Um extravaso vergonhoso, mas continua sendo uma necessidade. Era uma dança sem público definindo se foi bom ou ruim, típico de uma performance. Nada do que eu fazia (e faço) era para dar-se nota de público; eu faço por fazer, para meu próprio deleite e para minha própria angústia; decido a minha nota própria, pois a pior e a melhor juíza para mim, sou eu mesma. Tanto o meu deleite quando a minha angústia, são em mim – nuvens que vêm à tona, brancas ou cinzas, dependerá, se minha sensatez estará pulando de alerta ou pulando de contentamento.

Mas, a arte existe em tudo, em todos os lugares. É impossível viver sem a arte; ela não é o que todos pensam, aquela coisa estranha que ninguém entende nada, que só se vê em museus elitizados, coisas difíceis de serem entendidas, de serem digeridas, estranhezas de seres loucos e marginais. Não.

A arte é tudo que nos move, tudo que nos faz viver. Toda paixão, chama, faísca que mora dentro e não se sabe nem mesmo de onde vem, somente porque faz algo por paixão, por pura vontade de fazer, e por se ter tanto gosto por fazer, acaba-se emergindo e expelindo todo o seu portal gigantesco de criatividade que existe no interior! Isto é arte. Este é o significado da arte, em essência; tudo que sai do coração e penetra nas almas que o enxergam.

Uma arquitetura colorida e inovada, um prato de comida colorido, uma mesa bem-posta, uma decoração combinada e criativa – tudo é arte. Tudo que agrada os olhos e chama atenção é arte. Não se tem como dizer que sente falta da arte, pois ela está em todos os lugares; e está também nos olhos de quem as vislumbra, as pequenas minúcias e os significados escondidos no dia a dia. A arte está em toda parte, não se pode fugir dela, ela é necessária em todos os lugares, mesmo que se ache que não. Até os mais arrogantes da sociedade necessitam da arte! Porém, não reconhecem isso. Desconhecem e insistem em praticar maldizeres sobre esta necessidade humana. Desconhecem que, para estarem vivos, se precisa de arte para continuar. Se precisa de vida, de cor, de vivacidade. E isso é arte.

A arte vagamente lembra-me das minhas aulas de desenho, quando eu era criança. A minha infância era cercada de arte; assim como a de todos os alunos crescidos em uma escola aparentemente instrutiva e bem organizada com prol

de educar verdadeiramente. Isso falo da primeira infância; os primeiros anos de vida. A arte me lembra de tudo que lembra-me infância: ora, os artistas nada mais são que crianças se recusando a crescer. Recusaram-se a crescer! E os admiradores da arte recusam-se a crescer também, quando assistem as belas obras e gravam suas grandes representações das virtudes do espírito e das vitalidades invisíveis do ser. O ser mágico, fanático, idealista e delirante. O ser-criança. A arte é o ser-criança.

Após sua dança, olhava para Julia firmemente e com um instinto meio sagaz de loba – como se estivesse calculando os milímetros para pegar sua presa da semana, tão preciosa e bela, com seu sereno ciclo de vida e morte.

Creio que a música de jazz não me encantava tanto assim, neste momento de estranha angústia inesperada, por estar observando as duas flertarem. Ora, nestas horas eu necessitava de algo que instigasse a tristeza; pois somente com essas músicas capazes de abrirem um pouco a melancolia dos seres, que se era provável um mergulho em si, para entender melhor esta estranha emoção que perdura em meu peito.

Augusto interrompeu a minha concentração no momento delas duas, e perguntou:

- Então, quem quer um café? Eu posso fazer. Duvido que alguém negaria um cafezinho.

- Por que duvidaria? – Helena perguntou-lhe, estranhando.

- Ora, café é o que une a todos em todos os momentos. Não acha? Une todas as pessoas diferentes, em momentos da manhã, da tarde e da noite.

- O chá também. – Tia Lígia ressaltou.

De fato, o café une todos os diferentes. O café transforma as simples diferenças em meras banalidades e trivialidades; deixa todos os semelhantes, somente pelo momento de se tomar um café, tranquilamente. Quem recusaria um café ou chá? Quando digo café, não digo o líquido em si, mas sim sua simbologia e o ritual que se põe às pessoas para tomar um café, tanto sozinhos como em grupo. Esses rituais temporais são sagrados – são bebidas, digamos, “sagradas” para se ter mais perto o semelhante. O semelhante, tão diferente de si, mas só se percebe isso (que se é diferente), depois que a tristeza dos finais dessas bebidas liquidadas se findam e daí, volta novamente para o nada nas mãos, e somente olhar no olho. E quando se olha no olho, se vê a alma distinta, o

papel já rabiscado do outro em diversos espaços, aonde sua mão vazia nem mesmo seria capacitado de tocar! O efeito desses rituais de bebidas é bastante semelhante com o ritual das drogas, para quem as usa. Elas unem – querendo ou não – os semelhantes.

Os rituais, no final das contas, sempre acabam unindo todos, para um propósito conjunto e completamente unificado.

Augusto começou a fazer o café; a água borbulhando na chaleira fez-me perceber que ela só começa a borbulhar quando a pessoa que o botou ali some, evapora, desaparece. Como ele, que tinha acabado de ir ao banheiro. E por sinal, estava demorando muito para aparecer. Resolvi fazer seu papel e fui coar o café.

Sempre quando eu colocava a água ali dentro e via o pó todo se dissolvendo para transformar-se em café, fazia conexões com as metamorfoses dos seres, planejava, em particular, metáforas singulares para eles.

Não somente dos animais, mas dos humanos também, em seu gradativo processo tortuoso ou benfeito, de evolução. O ser borbulha, até que chega o tempo em que se queima e se dissolve por completo, se não houver nenhuma ação ou fonte transformadora dentro de si (como o pó do café), para fazê-lo se transformar em café, ele mesmo acabará se matando de tanto seu fervilho ser chamado para ser apagado e metamorfoseado, e ninguém nunca deu ouvidos. Acabará como a água que ferve, e não se faz nada com ela: some, evapora, morre. Acaba não sendo nunca explorador de si mesmo, sendo sentinela somente de suas próprias bolhas na chaleira.

Eu olhava para Helena e Julia no sofá. Estavam conversando, e Helena rindo de tudo que Julia dizia. Tipicamente para impressioná-la de alguma maneira. Eu queria parar de olhar para a cena, mas é difícil, é extremamente difícil não se martirizar por aquilo que não se tem, ou que se pensa que não tem. Pois, se eu parar de olhar, haverá uma consequência inútil repungindo dentro de mim: eu não sei o que será do meu martírio eterno de sofrer pelas coisas mais inúteis! Por isso, necessito de algo que alimente isso em mim. É tão fácil parar de fazer sofrer, é tão fácil! Simplesmente pare de pensar sobre o assunto. Mas, quando se para, sente-se que algo está faltando, sente que algo não está certo, não está se martirizando. No final das contas – tudo tem que acontecer como deve acontecer, e tudo existe porque existe, não há mesmo explicação, e todo mundo tem um devido lugar no mundo aonde ocupar; então, por que ficar

pensando e tentando descobrir todas as coisas místicas e impossíveis da vida? Por quê? Será que o martírio é tão necessário assim? Será que ele também faz parte do prazer de ser quem se é?

O martírio e o sofrimento são duas armas para se brotar perspicácia e sensatez dentro da alegria. Sem o sofrimento, a alegria seria somente uma euforia abobalhada, euforia de um palhaço. Mas, com o sofrimento – a alegria se torna calma, ponderada, serena.

Eu olhava, e olhava. Mas não com o intuito de sentir raiva, ou ter algum sentimento de posse sob Helena. Era somente para projetar imagens em minha fonte eterna do pensar e do tormento eterno que finjo ter, que preciso fingir que tenho – somente para dar-me maior inspiração para a superação. Pois, sem o tormento, a aflição – não há por que continuar. Sem a agonia e a angústia, não há nada de graça para se aprender, para se fazer, para se criar, para se pensar. Não há nada para se viver sem a tristeza.

- Ei, já fez? – Augusto então, interrompeu minha observação nelas duas no sofá, elas viraram-se imediatamente quando ouviram o grito de Augusto para mim.

- Claro, você demorou. O que fazia no banheiro?

- Ora, minhas necessidades. O que mais eu faria?

- Eu não sei. E prefiro nem saber. – Eu disse, como se ele estivesse tentando me esconder algo.

Eu sei que não estava, mas minha reação para com ele foi puramente vinda de um nervosismo por Julia e Helena terem olhado para mim enquanto eu as olhava atentamente, enquanto eu as observava com olhar de lanterna, de vigia, de coruja. Um olhar atento demais para se estar distraído.

- E você, tia Lígia, o que faz aqui? – Augusto perguntou.

- Estou esperando o café! – Ela falou arrogantemente, mas ao mesmo, em tom de brincadeira.

- Só por isso?

- Não. Tenho coisas para conversar com sua irmã.

A olhei, franzindo o cenho.

- Que coisas?

- Ora, Eloá... você já esqueceu? Sobre eu e aquela psicóloga.

De repente, lembrei-me de seus auspiciosos planos, e minha memória se refrescou quando apurei meus sentidos com suas decisões de teor revolucionário; que, para mim – era mais evolucionário. A revolução parecia ter mais um quê e um astral de destruição e de quebra de estruturas; e isto que elas duas planejaram não deixa de ser uma quebra de estruturas no ramo da psicologia, porém – quando se fala em evolução, é uma outra coisa que está faltando: é uma revolução discreta e carente de espiritualidade. E só esta revolução – a evolução – que poderá ser o caminho mais adequado e certo para se satisfazer as chamadas da justiça e da vitória; esta, que tanto prezam, veneram, almejam, e mesmo assim, se vai pelo caminho errado aonde ela pede que vão. Todos estão cegos, sendo seduzidos pelas teorias das coisas e de tudo que acontece, se desviando dos seus caminhos verdadeiros: o da ação genuína e verdadeira, aquelas virtudes, aonde só o coração pode doar para o mundo; a teoria nunca dará, pois são apenas especulações (bastante queridas, mas não em essências).

Quando se vê um adesivo em um carro falando sobre deus ou Jesus, sobre ter fé – o que será que isso realmente significa para a pessoa? Por que será que ela precisou colar aquele adesivo no carro? Foi para lembrar-se de ter fé? Ora! A fé se sente, como se pode lembrar de se ter fé? Se tem que se lembrar, então não se tem, pois ela vem de dentro, automaticamente – ela vem quando o desespero surge, não se necessita de nada material para lembrar-lhe, pois o coração não se lembra de nada material, é somente seu cérebro que precisa lembrar-se da fé! E o que o cérebro pode fazer, além de provocar sensações e de lembrar de coisas? Ele age por você? Ele pensa; mas pensar não é agir, onde está o outro lado?

- Ah, sim! – Eu falei – Então, qual é o plano de vocês?

- Que psicóloga? – Augusto interrompeu-me.

- É uma longa história. – Eu falei.

- Conte a longa história. – Ele começou a pirraçar.

- Ignore Augusto, Eloá. A questão é, queremos primeiro juntar fatos concretos sobre a saúde dos pacientes no geral e, depois, partirmos para uma solução mais adequada.

De repente, houve um silêncio imediato, após uma voz que estava em silêncio na sala, se ressoar:

- Isso não será mais necessário. – Todos olharam para Boina.

Augusto franziu o cenho e levantou-se da cadeira aonde estava sentado.

- Porque isso não será mais necessário, Boina? Do que é que você está falando?

Boina, então – subitamente pegou seu celular que estava segurando em uma mão, com um fone de ouvido – retirou o fone do celular e o colocou na mesa de madeira, para todos verem o que ele tanto queria mostrar. Todos imediatamente foram para perto do celular, assistir o estranho vídeo aonde ele tinha colocado. Quando pus os olhos na tela, vi imagens de uma onda do mar engolindo uma cidade, me parecendo ser uma notícia de televisão, um jornal exibindo comunicados e reportagens diárias, como se fosse do outro lado do mundo.

Mas não.

Era aqui, próximo de onde estávamos. Suas ondas estavam levando todas as casas, prédios, moradas diversas e pessoas corriam pelas ruas apavoradas! Eu só não entendi como estava conseguindo gravar tudo aquilo ao vivo. Provavelmente quem estava gravando já aceitou sua morte e seria engolido daqui há alguns segundos pela mesma onda.

“As pessoas que ainda não foram atingidas por essa onda gigantesca ainda têm chance de sair da cidade!”

Foi o que a mulher do noticiário disse, enquanto minha atenção foi emprestada ao que ela dizia, ao invés das imagens que se passavam. Eu olhei para a feição de todos, estavam, senão apavorados, com os olhos tremendo, completamente abismados, arregalando não somente a visão atônita, mas tudo neles parecia estar intensificado em graus magnéticos, que se passavam para mim, automaticamente. Eu, então, fiquei apavorada junto com eles. Apavorada, internamente, como se estivesse reagindo às suas reações por essa nova onda que atingia nossa cidade.

Lembrei-me do meu papo com Roberto e sobre como o tempo andava estranho esses dias. Estávamos certos em desconfiar daquela forma, estava realmente acontecendo. Tudo que plantamos, colhemos. O ser humano fez imbecilidades por tempo prolongado, agora chegou a hora de estar sendo devolvido tudo a ele, o mesmo que causou às coisas imutáveis, a natureza sagrada, aonde os mesmos idiotas se sustentam. Desrespeitá-la é como desrespeitar a mãe, aquela que lhe criou, sem querer nada em troca. Sem pedir nada, sem transformar-lhe em um ser mísero e indigno.

Como se desrespeita a própria mãe? Como se desrespeita aquela cujo ventre foi ocupado para dar-lhe a vida? A vida... você sabe o que significa a vida? Sabe o que é nascer, e estar aqui, vivendo? Sabe o que é isso? Não pediu para nascer? Bom... pediu, mas não sabe disso ainda. Todos nós pedimos, acontece que a vida ainda está sendo mistificada, ela se torna muito intolerante quando a vê pelos olhos dos outros! Que é o que acontece, é o que ocorre. Ela se torna desgostosa, pois se sai de dentro de si e se mescla absurdamente nas construções sociais, nos moldes, padrões e no que “se deve” ser. Tudo isso é bobagem. A vida não é isso. A vida é o que está acontecendo agora, essa tragédia tomando forças, pois nunca soube explorar seu verdadeiro significado.

Seu significado está sendo exposto agora, porém – vomitado por um dos elementos. Vomitado por um elemento sofredor, sendo tolhida e espancada por essa discórdia que é uma sociedade oculta, que não se mostra como é. Quem está fazendo tudo isso? Por que não mostra seu rosto?

O significado mais profundo da vida é saber aceitar sua reação; sobre a sua principal semente e sobre a sua plantação.

FIGURA VIII

As tragédias

Quem ouve falar em tragédias, acredita em cenários horrendos e dramáticos. Acontece, e muito, das tragédias serem fantasiosas e romantizadas. E o são, pois assim tornam-se belas. Transforma o horripilante, medonho e fedorento, no harmonioso e perfumado. As tragédias têm um quê de romantismo, e sempre terão. E eu não sei o que seria de mim, dos meus sonhos, das minhas vontades, das minhas paixões – se não fossem as tragédias! Eles são verdadeiros instrutores, permanentes chefes, para se lembrar de quem se é e seguir adiante com uma dor aguda dentro do peito; para, quando algo de glorioso acontecer, lembrar-se sempre dela: isto me aconteceu, então é uma história para contar. As tragédias são histórias para se contar.

Porém, quando ela acontece na vida real, não sendo criada – acaba se tornando uma coisa crua, rasa e estranha. Como uma rua cinza, aonde se passam ratos de esgotos, e a única coisa que se consegue ver de colorido é o seu sapato sujo. Quando ela se acomete na vida real e não se tem tempo de imaginar e fantasiar sobre a tragédia que realmente aconteceu ou está acontecendo, quando não se dramatiza para expor, a imaginação se atravanca e a cabeça pesa, como se fosse morrer junto com as cores da falta da fantasia. Ora, aonde estão as tragédias? Ela está aqui. Ela já chegou. De tanto eu mesma reclamar de sua falta, ela chegou e me provoca arrepios e náuseas.

Ser engolida pela água profunda do mar é um pacote para abrir-se em miolos para o novo. Ser engolida é algo novo, em si. E pelo mar, é uma honra agressiva e suicida. As estações e camadas de cada altura do mar me faz pensar se boiaremos ou afundaremos. Que seja, não estou sendo racional enquanto todos estão desesperados para tentarem salvar suas próprias vidas. Ou talvez eu esteja, são eles que estão sendo levados pela emoção. Quem será que devia mudar? Eu devia desesperar-me com eles, ou eles deviam acalmar-me comigo? Não importa agora, pois seus instintos estão a flor da pele e jogados pelas correntes da agressividade animalisca! Salve-se quem puder! Foi o que ouvi de um deles; dentro das multidões, como se estivesse em uma cena de filme de drama.

Como eu disse: as tragédias precisam ser dramatizadas e romantizadas, senão como há de se obter uma memória marcante e um gosto pela tragédia, um prazer exato e precioso por sobreviver? Quem não dramatiza a tragédia, há de ter aceitado a morte. E assim, está pleno e distante, ignorado pela confusão mental dos demais. Está realizado nas constâncias mais fundas que esse mar pode penetrar na respiração de cada um. As tragédias são sentenças; as tragédias são apocalipses perpétuos para quem não entende nada sobre ciclos sem fim.

Quem entende, não embolora os miolos; quem entende, não se sente mofado como todos os outros. Quem entende, se salva de ser jorrado para fora do campo de batalha, pois o seu entendimento sozinho – já é um campo de batalha, e não precisa competir com ninguém dentro desse campo.

Ali estava eu, sem saber quem eu sou na hora do desespero conjunto e unido. Quando todos se desesperam por uma causa única (como o café une todos por uma justa causa), se esquece quem se é, se esquece sua própria identidade, para lembrar-se então do que está abaixo sustentando a identidade: a cooperação mútua, afim de manter seu corpo, sã e salvo.

Augusto olhou para mim, com seu rosto de desespero conjunto com os demais, e falou:

- Eloá, você é estranha, eu não te entendo... – Disse enquanto andava rápido junto com a multidão para a construção de um bote, e eu corria junto com ele.

- O que você não entende? – Perguntei.

- Se desespera por pequenas coisas. Por exemplo, o medo de ter machucado os sentimentos de alguém, mas... mas está tão tranquila agora, sabendo que podemos perder nossas vidas, sabemos que podemos morrer. Como pode estar com esse rosto sereno?

- Ora, eu...

- O fim do mundo pode ser agora, em nenhuma das vezes você se desesperou. Isso só mostra um comportamento complexo... um mistério estranho, como se você me surpreendesse todo tempo. – Ele interrompeu-me.

- É que vivo de acordo com meus valores. Se vamos morrer ou viver, não é tão priorizado nos meus valores.

- Será mesmo? – Ele questionou-me – Veremos, então. – E continuou andando seguindo a multidão embravecida e acirrada com seus receios de se perderem tangivelmente.

Eu dava respostas superficiais frequentemente, mas dentro de mim eu sabia que não era nada disso. Era tudo mentira; a superficialidade só existe para que todas as outras coisas possam parecer minúsculas e passíveis de desprezo. Não tinha nada a ver com valores, tinha a ver com o meu eu profundo, o meu âmagô insaciável e curioso sobre o fator da morte e das tragédias. De como senti-me – há anos, desde que me entendo por matéria existente – tão fascinada e entusiasmada pelo fenômeno da morte. Por que ela é um mistério tão severo, e ao mesmo tempo, tão sereno? A morte me atraía, e eu me atraía pela morte. Eu tinha medo de baratas voadoras, mas não resistia à minha grande tentação pela morte. Isto, para os outros – é considerado uma coragem. Enfrentar o mais temível pelos outros, a morte, a criatura mais tolhida e menosprezada pelos outros, em vida. O que muitos não sabem é que, quanto mais se vive e se deixa caminhar pela vida, mais se caminha junto a morte.

Não há como se querer viver demais e não se assustar com os riscos da morte. Ora, se há a sede de viver, há o risco da morte.

Mas eu sou assim, insuportavelmente agradável perante as coisas que falo. Coloco enfeites, adormeço os gritos dos meus tons graves e dou calmante para as minhas cóleras internas, na hora da minha boca começar a falar. Toda pessoa que me vê, me acha calma, diplomática, tranquila, leve. Mas isto é somente porque já criei um método de anestesiar minhas profundas raivas, agonias e irritações. Me irrita com extrema facilidade – porém o método do calmante me serve muitas vezes. Alguma mágica acontece dentro de mim que não me permite mostrar-me por inteira, até o talo da raiz. Não, não me suporto por isso.

Sou insuportavelmente agradável, até com quem não merece um mínimo de agrado. E a maioria deles não merecem, pois não fazem esforço nenhum para serem também agradáveis. Porém – quando ajo sob meus próprios impulsos, quando permito, finalmente, a minha raiva subir pela garganta e amedrontar os mais próximos e afastar aqueles que me querem bem – sinto-me extremamente mal, e sinto falta, de repente, da minha harmonia. A harmonia que deixo pelo fato de ser agradável, e a harmonia que eu mesma prezo pelo meu bem-estar.

Como todos dizem que eu emano paz e tranquilidade – se dentro de mim tenho raiva de um mínimo detalhe errado que vejo? Como emano todas essas coisas graciosas, se quando estou comigo mesma, estou imersa dentro de uma profundidade extremamente ferina e agressiva, aonde – só existe para mim, e não permito que ninguém a toque? Como posso emanar todas essas coisas se, no

meu eu mais profundo, encontro impulsos impensados e um sangue quente abominável, capaz de agredir qualquer um que me desagrade?!

Essa minha obrigação comigo mesma, de ser agradável com os outros, me leva sempre para um penhasco sem fim. E fico sentada ali, na ponta do penhasco, sem me jogar, até que todos percebam: eu não sou o que eu venho mostrando. E então, minha seriedade e o afastamento para com o mundo toma o lugar do meu ar simpático e todos eles se surpreendem. Sinto-me distante quando estou próxima; sinto-me próxima somente quando estou distante. E sozinha, me sinto em paz. Sem ser incomodada.

Tenho isso somente quando estou no chão, sob superfície macia e plana, longe das alturas. Quando estou voando, as viagens são prazerosas, mas depois que a decolagem tem de cessar, sinto-me tão tristonha. Então, creio que – as coisas pelo chão são mais suscetíveis de tornarem-se fixas, estáveis, paradas; são mais suscetíveis a serem deixadas em paz, sozinhas. As coisas voadoras são incríveis, provocam espanto, medo ou deslumbramento! Eu queria ser uma águia, com seus voos planos e perfeitos, mas então me lembro de que elas necessitam estar sempre rondando por aí, arriscando suas vidas. E não sei se o risco seria tão satisfatório assim para se obter uma paz.

- Anda, Eloá, anda mais rápido! Você por acaso acha que isso é um tipo de passeio? – Augusto gritou comigo, e puxou meu braço para persegui-lo a mesma rapidez na corrida, dentro da multidão.

A questão é que eu preferia bem mais sentar ou deitar em um lugar, permanecer parada e estável, aceitando a morte, do que – me juntar à essa multidão desesperada e descontrolada, arriscando sua própria paz interior (não sei se eles têm isso), em prol de uma tentativa de sobreviver ou não. Se sobrevivo, isso não vai depender da minha rapidez. Se sobrevivo, não vai depender de seguir a manada, tem a ver com os milagres secretos, os segredos estranhos que ninguém acredita, até que eles realmente aconteçam. Se sobrevivo ou não, depende de mim, e não de juntar-me aos meios alienados, que temem a morte e as tragédias. Temem e nem sabem o porquê! É por isso mesmo que as tragédias os perseguem, pois temem. Pare de temer, e então terá a paz. Quem tem a paz interior, saberá: mesmo quando morre, não se morre, de fato. Quem tem paz, tem alma, e tendo alma, não se morre. Nunca. A morte é um processo, não um fim. E Augusto sabia, desde sempre – que essa era a minha verdade, que eu sabia disso, e o ensinei durante toda a minha vida, mas nunca me deu

ouvidos, preferiu sempre seguir os prazeres ordinários e momentâneos. Os prazeres efêmeros, e não os da alma. Augusto agora, desespera-se pela morte, assim como todos eles. Mas agora, perguntei-me: aonde estariam os nossos pais? O fiz a mesma pergunta, o puxando pela gola da camisa:

- Aonde estão os nossos pais? – Perguntei.

- Você acha que eu sei? – Ele gritou – Se tivermos sorte, encontraremos eles por aqui. Me ajude a procurar.

Esse aspecto de união indestrutível é que eu acho mais bonito no conceito e na ideia de família. Até em épocas finais, desafiadoras de vida ou morte, ela insiste em manter-se unida. Apesar de saber que – esta é a família de coração. A família de sangue, nem sempre está em todos os momentos. Ela quer cobrar-te algo, e acha que deve algo a ela. Mas, e nas horas mais imprecisas, indelicadas, de sede e fome pela vida? Eles estão lá? Bom, a família estará lá. Agora, qual família será, eu desconheço. As pessoas surpreendem, constantemente. Eu realmente não sei (saber no sentido do próprio significado em si) – o que significa ter uma família, ou fazer parte de uma.

Mas, independentemente de família estar lá por mim ou não, nunca me preocupei com isso. Pois meus aspectos de independência e de identidade se fortificam desde pequena em mim. Mas talvez, eu precisava mais do que deveria deles e não notava isso, pois sempre estavam lá por mim. Mesmo com seus tratamentos poucos delicados com minhas vontades, desejos e sonhos. Sempre escondia – até hoje escondo – grandes sonhos! Dentro deste olhar misterioso, que muitas vezes assustam os que me enxergam de relance, rapidamente. Precisam ter a garra necessária e a coragem ousada de se aproximarem do bicho que veem, do lobo solitário que cristalizam nos meus olhos que afundam em tudo que olho, em qualquer direção, roteiro ou horário. E agora, não sei se é a minha família que descobrirá os meus grandes sonhos de revolução, de evolução, de um mundo melhor. Pois, encontro-me encurralada cada vez mais. Para aonde vou agora?

A vida e o cotidiano me encurralaram. Aonde mostrarei essa força estranha que possua em mim quando estou sozinha no quarto, sonhando com grandes mudanças? Aonde mostrarei esse grande tsunami de sonhos invencíveis que possuo? Sinto que a hora está chegando. Talvez seja agora, talvez seja essa tragédia, o clímax, o meu ponto de partida. Nossa aparição – do nosso verdadeiro eu – perante o mundo, normalmente acontece após uma tragédia, ou talvez até

no meio dela, na sua própria solução. Nos obrigam a esconder nossos sonhos, e anos mais tarde – somos obrigados a mostrá-lo a pulso e fazê-lo acontecer, ou simplesmente – esquecê-lo, e tornar-se uma carne morta que anda por aí, como zumbi. E eu me recuso a ser um zumbi. A maioria das pessoas optam pela segunda opção, reprimem sua coragem genuína, sendo a primeira opção – para eles, somente para os poucos.

É engraçado quando paramos para pensar em um aspecto preocupante da vida e como nos sentimos sobre ele, somente quando ouvimos falar nisso, ou quando algo é retirado e modificado dentro da nossa rotina ou expectativa. É engraçado como só notamos os sentimentos quando eles – decidem nos deixar como seus escravos, até olharmos para eles. Quando não olhamos, apaixonadamente – para o que está dentro, acabamos querendo fugir e, correndo para a fuga do que não existe, tropeçamos e caímos com o rosto no chão. De repente, não sabemos mais aonde estamos, e nem o que aconteceu com nós mesmos, com nosso antigo eu, com a nossa tralha e nossos anseios – que guardávamos há tanto tempo e ninguém nunca soube, ninguém nunca ouviu falar deles.

- Anda, procura eles! Não fique parada aí, feito uma estátua. Você sabe aonde estamos? Se posicione! Faça alguma coisa! – Augusto gritava cada vez mais – Para de ficar vivendo no seu próprio universo, você vai morrer! – E ele não parava.

A multidão estava até mais concentrada e focada do que ele, indo atrás de barcos e botes para prosseguirem para a sobrevivência conjunta; e por estarem focados, não estavam tão desesperados como ele. O seu foco, na verdade, era em mim, e não na tragédia, no desespero de querer se salvar. Ele achou uma ótima oportunidade para poder criticar-me em tudo que tenho, em tudo que sou. Ele sabe que isso tira a minha paz interior, talvez por isso o faça. Talvez ele, e mais a grande maioria das pessoas, tem agonia de pessoas quietas e calmas demais. Talvez ele queira atíçar-me agora, provocar como puder, pois achou uma ótima oportunidade para fazê-lo. Bom, a má notícia é que ele sempre consegue tirar minha paz interior, pois os conflitos e as agressões me atingem inevitavelmente. Mas a boa notícia é que – não importa quantas vezes eu saia ferida e completamente dilacerada desses conflitos, sempre volto ao meu estado normal, ao meu estado de essência, ao meu estado de pertencimento e comunhão com a minha alma. Não importa quantas vezes fui espancada e como fui – minha alma sempre chama pelo lar, por esse lar secreto, sigiloso, harmonioso, e como um templo – ele vem, pois minha alma clama por ele!

Os conflitos que vêm até mim e chegam, penetram – não são nada do que minha alma prepara para a sua recuperação. A minha cura é maior e mais rejuvenescedora do que as guerras estúpidas, onde – sem mais nem menos – abalam todo o meu corpo e fazem-me adoecer. Porém, a minha alma sabe os cuidados que ele precisa. Agradeço a ela, sempre.

- Por que insiste em falar comigo desse modo? – Perguntei-lhe – Por que insiste ainda que eu seja como você, como eles? Desesperados?

- Porque você não acorda! Você precisa acordar para o que está acontecendo! Vive não sei aonde.

Seus gritos só pioravam mais a situação que eu me encontrava. Talvez, eu sairia daquela multidão para achar um lugar quieto e sossegado, morrer em paz. Para falecer tranquila sem esse tumulto. Porém, eu olhava para trás, e não achava o final da multidão, estávamos todos cercados por seres humanos entranhados e emaranhados em suas próprias desesperanças. E Augusto era um dos piores; era um dos que se deixava ser emaranhado em sua própria coluna de agonias e fobias difíceis de serem decifradas. Ele era, eternamente, uma alma jovem – sem rumo, sem saber para onde ir, seguindo a emoção da multidão, como a fluidez do vento; sendo levado facilmente pelo caminho que preferir, pelo caminho que mais lhe atrai no instante e no momento.

Mas eu não era assim. Eu não era, e ele sabia. Então, para onde vou agora? Preciso sair dessa multidão enfurecida, sair do meio. Nunca fui como eles, por que iria morrer juntamente a eles, dentro de uma selva de lama?

- Você tira minha paz interior. – Eu falei.

- Que ótimo, eu não tenho isso há muito tempo.

- É, mas eu tenho, e não funciono sem ela. Só porque você não tem, tira a dos outros? Que bela lógica a sua. Só quer que os outros se deem mal, porque você está mal. – Gritei.

O meu grito foi desbravador. Agora, meu coração tinha começado a acelerar, meu corpo automaticamente já tinha somatizado toda a vibração de conflito que aquilo estava me dando; meus ossos já sentiam suas palavras agressivas profundamente, e eles doíam. Doíam, juntamente com o coração, envolvendo-se em tudo que ouvia, via e sentia. Os meus gritos são normalmente sinais, avisos e advertências. Significa que me desamarrei, me desatei da minha paz naquele instante e entrei na vibração baixa do outro. Significa um deslize, uma

queda, um passo paralisado, e não para frente. Um passo errado, torto, não dado. Quando perco a minha calma, perco tudo – até mesmo a capacidade de andar corretamente. Não funciono; não me reconheço.

Os conflitos causavam isso em mim; eles eram os inimigos amordaçados da esperança. Não são as pessoas, mas sim as situações que elas causam, a situação que criam. Situações horríveis, maléficas, tóxicas, insuportáveis. O meu grito é sinal de que o meu instinto selvagem se ergueu, chegou ao seu limite. Significa que o externo está sendo uma ameaça inevitável para ele, e agora o instinto selvagem terá que agir, não mais correr, como normalmente faz.

O meu grito é sinal de que uma fera adormecida acordou, após tempos sem enxergar maldades ou sinais de ameaças pela frente. Não que tivesse enxergado, mas a fera sempre soube driblá-las. O meu grito é um aviso para as cobras e serpentes do ninho que estou próxima, que fizeram-me urgir, estejam atentas a minha mensagem; fujo constantemente, mas também ataco. Fujo, me driblo dos conflitos pois fazem-me perder a consciência e meu contato comigo mesma, mas também não tenho medo de enfrentar. Pois não se trata de medo; se trata de saber o que é bom para si e perseguir o que é bom, deixando o que é ruim passar.

O meu grito é a minha defesa, quando todas as munições acabaram. Ele é o substituto da minha calma, o aliado quando já estou cansada de lutar, quando a defesa necessita de um repouso. O meu grito é a reserva, quando o meu protagonismo já não pode exercer seu papel, de tão calejada que está.

- Pare, Eloá. – Ele, de repente, se acalmou, deixando-me em uma sensação de ira solitária – Vamos em frente, já estou vendo um bote daqui.

Percebi, enquanto fui deixada sozinha no próprio clima que o outro criou – que há um perigo enorme nos extremos. Não só um perigo, como o abismo em si, te empurrando à força para que pule. Há perigo em ser respeitado demais, e há perigo em não ser respeitado. Um leva ao distanciamento de si mesmo, e o outro leva ao distanciamento dos outros. Ambos não acham nunca o caminho do meio. Isto porque, o vácuo na qual fui deixada – me fez realizar no instante: a solidão de não ter ninguém começou a me perseguir. Eu, que sempre fui solitária – caí nas armadilhas insalubres de achar que fui amada demais por outros, e agora – em meio à esta loucura de fim de mundo, perdi todos, perdi tudo. Porque todos estão querendo salvar suas próprias vidas. Então, quando a morte estaciona – o que é que resta? Nada. Tudo evapora, tudo que foi con-

quistado. Tudo que se achava ter nesta vida, era só uma ilusão, um delírio do ego, uma miragem que lhe fizeram acreditar. Na realidade, não se conquista nada nesta vida, pois quando se chega ao final das coisas, se percebe que não havia nada, tudo some de repente, em um passe de mágica. Não se conquista nada nesta vida; já se nasce com os mesmos dons e as mesmas imperfeições com que se morre.

E tudo que se faz nesta vida com estes dons, virtudes, imperfeições e fraquezas, não são conquistas, mas sim coisas que já existiam antes. Pois o tempo não existe; o que se constrói, já era para se construir, já era destinado: já existia. Não é conquista, já existia! E seu nascimento foi apenas uma forma de prosseguir com essa existência.

A única conquista que existe é a do autoconhecimento. É deixar sua alma aprender, para em outras vidas – prosseguir com construções mais próximas da perfeição. Suas conquistas nada têm a ver com o externo; isto é supérfluo, e não acrescenta ou toca a alma, não a alimenta, somente mata a fome de coisas fluidas e momentâneas, mas, para necessidades de longo prazo, não há solução. E aqui estou eu, tendo minhas reflexões diárias e costumeiras enquanto o mundo está desabando, está se perdendo, murchando, se destruindo. Quer dizer, quem o destruiu não foi ele mesmo, foram seus habitantes. Os malditos que somos; humanos, os que – por natureza, parecem não respeitar nada.

Estas minhas reflexões me levam à andar em círculos o tempo todo. São sempre as mesmas conclusões nas quais chego, porém – em contextos distintos, fazendo contraste com a imaginação e com o que crio a partir do que penso e transformo em um alvo doméstico, que virá a ser uma conclusão. São sempre coisas diferentes para se pensar, mas a conclusão é a mesma quando se trata de um mesmo âmago. O mesmo é com os aventureiros, os viventes, eles vivem a todo tempo, não param; mas sempre sofrem as mesmas coisas, os mesmos desgastes e crises. Prometem mudar, mas não mudam, seus instintos aventureiros anseiam por mais! Mesmo eles sabendo que – vão sempre chegar no mesmo lugar, sempre pela mesma estrada – apesar de ser uma direção diferente dessa vez.

Por isso, faço a semelhança entre os aventureiros, os que sentem amor pela vida e querem vivê-la intensamente a cada momento, e os pensadores, os que têm a necessidade de pensar sobre a vida a todo tempo. Eles não são muito diferentes um do outro. Ambos fazem a mesma coisa o tempo todo e,

no fundo, sabem – que sempre chegam no mesmo lugar, sempre terminam aonde começaram. Não importa para onde vão! Os aventureiros, em suas viagens físicas, e os pensadores, em suas viagens mentais. Sempre irão parar, e quando pararem, seus instintos acordam para lhes dizer: o fim é o começo e não estará saciado. Ora! Sabemos disso, todos sabem. Mas continuamos, pois a vida é essa continuação sem sentido algum.

Assim, não faço muita distinção e nem me vejo distante dos outros e do mundo. Pois, quanto mais me conheço, mais percebo que conheço o outro e, conseqüentemente, fica mais árduo e complicado separar-me do conjunto, do outro que se aproxima, do outro que simpatiza ou do que antipatiza comigo. Fica difícil; todos são eu, pois eu poderia agir de todas estas formas, sabe-se lá por qual motivo eu agiria assim.

Quando, por exemplo, mato um mosquito, posso sim comparar-me a um assassino. Tanto ele, quanto eu – assassinamos um ser com vida, a diferença é que a moral social o pune, a mim não, pois um mosquito é uma vida completamente irrelevante para eles! Entretanto, foi assassinato. Eu sou capaz de fazer o mesmo que a pior pessoa para eles pode fazer: matar. Assim como ajudo uma pessoa enferma e doente, sem poder levantar da cama, necessitando de cuidado e de atenção constante – poderei sim aumentar e intensificar este meu gesto nobre e transformá-lo em uma humanidade latente, acima do normal, me engrandecendo até sem querer, pois me encho de prazer vital quando minha ajuda é necessária. Sou capaz de fazer tudo que os outros fazem, por isso – não me distancio de ninguém. Do grande salvador até o grande vilão maléfico!

A compreensão sobre mim mesma traz uma compreensão maior para o outro também. Por isso que dizem: não se pode amar ninguém sem se amar primeiro. É isto! Centrar-se em você, para conseguir centrar-se no outro. E chamam isto de egoísmo...

Finalmente, chegamos aos botes, e todos subiam neles, como se isso fosse adiantar algo. Tentei então – despistar-me de Augusto para ir para um canto mais tranquilo, fui voltando toda a multidão, levando empurrões, alguns socos, mas enfim, após alguns minutos, consegui sair dali. Estávamos perto do aeroporto da cidade; entrei no lugar fechado, me sentei em uma das poltronas azuis, em minha frente estavam parados todos os aviões, que iam e viam de sua decolagem. Eu não ouvia mais nada ali dentro; senti-me gratificada, realizada, plena, finalmente, apesar de ainda ouvir os gritos soarem em meus ouvidos,

como uma memória auditiva. Acontece que – dentro de mim – não possuo muita paciência para interagir com uma multidão que não sabe para onde está indo. Eu não tenho muita paciência para pessoas, no geral, principalmente estas que não pensam, não sabem fazer nada além de seguir a massa. Isso tudo me aborrece, e depois deprime.

Estou no meio de uma catástrofe, não sei se mundial ou nacional – e estou aqui: quieta, como sempre estou, como sempre permaneço. E quando estou no meio de coisas belas e tranquilas, estou mentalmente – pensando em catástrofes. Agora, percebo uma lei e uma ordem que invento em mim mesma: a partir do momento em que as coisas que penso passam para o real, já não sinto mais nada, nem mesmo alegria, então permaneço plena, como se estivesse vazia, mas não é isso. É um vazio bom, não é um vazio de ausência, mas sim de contentamento. É como estou sentindo-me mais ou menos; a catástrofe chegou, mas ora, estou constantemente pensando em catástrofes, então, qual é a diferença quando se sucede no real?

O meu destoar dos demais é a inviável certeza de que vivo uma vida mais mental do que uma vida real. E isso, por ora, me consome, mas me alivia de certas angústias que todos sentem. A população, quando se desespera por determinadas circunstâncias, não chega a me abalar completamente, pois minhas emoções são feitas puramente de imagens que crio em minha cabeça, e pela imaginação sou capaz de traçar o melhor sentimento para situações importunas. Assim como, quando está tudo bem, resolvo pensar em catástrofes irremediáveis, como se elas fossem chegar a qualquer instante – e então, o pesadelo cinza se alastra, invento o próprio desespero e desespero-me pelo o que não existe, ou que se desconhece de sua existência, desespero-me pelo o que não nasceu, ou que nunca chegará a nascer. Não é estranho como o parto, o aborto de viáveis emoções, impedem-nos de ver a realidade como ela é? Não é estranho como ela nunca é o que é, pois estamos constantemente a inventando com cores e formas diferentes? Como marcas de sabonete, com aromas suscetíveis ao conforto, e outros suscetíveis ao seu próprio desmerecimento agradável de olfato.

Fico constantemente perguntando-me como deve funcionar a cabeça dos demais. Para andarem por aí tão despreocupados com as coisas, importando-se apenas com ter um possível conforto no futuro através de um dinheiro bem pago para eles, através de suas profissões. E, quem não tem esse dinheiro,

vive infeliz, dizem eles. Fico perguntando-me como devem se limitar tanto, ao ponto de achar que a vida se resume somente à isto. Fico perguntando-me como não pensam em todas essas coisas que penso de jeito tão incessante!

Me pergunto como eles não conseguem se questionar sobre o que fazem, como se sentem em relação às coisas... por alguns minutos, queria ser eles para sentir na pele – como é não absorver, observar e questionar tudo o tempo todo; todas essas correntes de profundezas que me desagüam... como seria não afundar-me em mim mesma? Como seria não me afundar nas coisas e nas pessoas? Nos gestos, nas falas, nos silêncios, nas mortes, nos tormentos, no cotidiano, nas estranhezas dos acontecimentos repentinos? Como seria não ser eu?

Nossa... E estas coisas, que me alfinetam a todo momento, são de tamanhas tramas e diásporas que não me contento em ser somente pensamento. Apesar de que é isto que sou: uma pensadora, mas uma pensadora sem leitura, sem referências, sem exímias inspirações, senão as minhas próprias ideias sobre as imagens externas, que formo instantaneamente nas horas em que possuo foco no que observo. Não sou uma intelectual, uma revolucionária, uma pessoa bondosa, como já me disseram; eu sou uma estranha incógnita, que mistura tudo isso, e gera uma grande fusão que dissipa todas essas características, formando um estado de liquidez total. Eu sou o líquido que se esvai, que escorre pela pia da cozinha até pingar no chão – antes sólido e, quando se passou da hora da solidez, de repente se cansou das imagens de ser um cubo atormentado pelo congelamento.

É uma intensidade que corre no sangue, uma penumbra desmistificada, toda vez que o sangue decide ir mais rápido em sua corrente. Sem eu mesma saber o porquê de desmistificar essas penumbras tão facilmente, essas falas e escritos que não tem embasamento nenhum em suas certezas. Normalmente, só se dão certezas supérfluas, não-sólidas, que se esvaem rapidamente (como meus estados pessoais), não tocando em nenhum ser, em nenhuma alma. Se não se toca, rapidamente – se esquece.

De repente, vi uma pessoa sentada em outros bancos, afastados do meu. Olhei mais de perto, não acreditava que acidentes assim poderiam ser coincidência: era Roberto. Estava totalmente absorto em algo que segurava em suas mãos, olhando para baixo. Não me via, e eu também não o tinha visto; até agora. Levantei da minha cadeira, e fui até a dele, ele percebeu uma presença

se aproximando e levantou a cabeça, me olhando. Sorriu para mim, com pouca vontade de sorrir. Mas sorriu, pois sabia que esse gesto podia melhorar alguma coisa em seu ânimo. Ou talvez, porque simpatizasse comigo ao ponto de ter sorrido mesmo sem vontade.

Sorrir sem vontade de sorrir é um veneno, que descontraí você mesmo de sentir o que se está sentindo no momento; pode significar uma coragem forçada de estar bem, quando não se está. Ou pode ser um grande ato de doação para o outro.

- Acredita mesmo que essa onda irá nos engolir? – Lhe perguntei imediatamente, sendo direta.

- Não sei, Eloá. Mas, foi o que eu te disse. Estava tudo andando estranho demais. Isso serviu de lição para eles, certo? A sociedade estava se deformando aos poucos, pois ela já deformou tudo que tinha para deformar, para destruir. – Ele foi sério e pontual em sua fala, como se estivesse dando um sermão – As pessoas perderam a noção, e agora se desesperam.

O que eu gostava em Roberto era isso, que havia algo em comum com o meu modo de pensar: ele tinha um bom senso, e intuição necessária para discernir o justo do injusto, o certo do errado. Tudo que ronda e passa do seu limite individual e invade a do outro, já pode ser considerado algo um pouco suspeito. O problema é: ninguém sabe onde fica esta linha, que separa o meu limite e começa a entrar na do outro, ou na de outro ser vivo. São poucos os que percebiam as nuances, aonde os detalhes se vigiavam entre si, e transformavam as nuances em coisas grandiosas, demonstrando o grande poder que aquela passagem significava.

As tragédias estão aí: vieram para demonstrar que ninguém prestou atenção às nuances das modificações dos detalhes.

Sua seriedade na fala me fez prestar mais atenção à minha resposta para ele. Eu, com toda certeza, gostava de ter conversas particulares, de modo geral. Com conversas particulares se tem uma maior brecha e maior liberdade para se aprofundar juntamente com o outro, que está ouvindo e captando tudo, e prestar atenção às necessidades compreensivas dele: se está compreendendo tudo que falo, dando-lhe também liberdade de responder o que quiser, o que sentir e o que pensar no momento.

Conversas particulares são a porta de abertura principal para o entendimento inteiro, de uma mudança exata do âmago, de uma consciência que se

sinta importante para progredir. As conversas individuais são os primórdios de uma verdadeira reflexão, porque não se está somente transferindo informações, mas sim fazendo aquele que está ouvindo sentir-se especial e digno, por aquilo estar sendo dito e dirigido para a sua pessoa, por inteiro.

Mas tinha um porém em conversas individuais, que contradiziam completamente a minha vontade anímica e desmoderada. Frequentemente eu me encontrava exausta demais após a conversa – pois quando falo, ela exige esforço de dentro, das minhas entranhas que estavam ali em seu conforto silencioso de sombras ainda não descobertas e apreendidas por estarem silenciosas. Quando falo, minha intensidade se esvai, sai como um jorro de água, uma cachoeira descendo a correnteza como se corresse de um inimigo invisível, o fogo sobe para os céus e as faíscas iluminam um breu tenebroso, mas vantajoso. A minha fala extrai minhas energias, como se espremessem de repente, como uma bucha de pia que lava pratos. E, quando minha fala se expressa com tamanha voracidade e vontade, é como a espuma que se expressa com sua vontade excessiva de limpeza! Em virtudes necessárias para se sonhar com uma adequada ordem das coisas.

Não é para se ter medo dos meus olhos quando falo! É para sentir. Sentir, sentir, sentir... é isto que quero quando ouve minha voz, quando me olham nos olhos. Me sintam, sintam o que quero passar, o que quero doar. Sintam-me por inteira, por favor.

Não precisei falar mais nada para ele, pois continuava indagando suas conjecturas e preocupações e, por isso, deixava-me mais tranquila para permanecer em silêncio comigo mesma, e junto a ele. Alguém que, querendo ou não – respeitava o meu silêncio inocente.

Por qual razão incomodam-se com o silêncio? Nunca saberei... talvez o silêncio dê uma brecha maior para os horizontes se expandirem, e se fazerem entender mais rapidamente dentro de cada um. E quase ninguém quer isso, quase ninguém quer abrir o seu próprio horizonte. Talvez ele dê uma brecha maior para a conexão consigo mesmo; se penetrar, finalmente, como deve ser penetrado. Como cair dentro de um buraco negro. E quase ninguém se prepara para esses tombos, arrombamentos, sequestros de si mesmos. Mas ele, em mim, necessita ser respeitado: se não respeitam meu silêncio, desrespeitam toda a minha estrutura, o meu ser, o meu estado imaculado e estável; sólido (que deverá tornar-se líquido, quando vejo-me enclausurada em armadilhas nos rótulos do dia-a-dia).

- Então, só temos que esperar mesmo, e se esse adeus for definitivo, Eloá... saiba que aprendi muitas coisas com você. E saiba que, se você pudesse, estaria lá na frente, coordenando todo mundo, toda essa multidão louca. Você os guiaria para um caminho melhor, que iria prepará-los para uma possibilidade de morte. Mas não pode. Não pode porque eles já estão impossibilitados de escutar qualquer coisa.

Ele, então, apertou a minha mão, e me sorriu sinceramente, com lágrimas nos olhos, deixando as gotas todas pingarem em sua bermuda preta.

Agora que notei esta estranha e humilde reação de Roberto: a poeira que se esconde por trás da porta é a mais forte, mais densa e mais aglomerada que se podia encontrar, em todo o cômodo que se está a arrumar. E a sua limpeza é o que torna realmente – o astro de todas as constelações brilhantes, no caminhar estrelado. Roberto nunca havia demonstrado essas emoções para mim; essa reação dele eu poderia chamar de uma poeira escondida atrás da porta. Uma poeira discreta, invisível, perceptível somente quando se fecha a porta dos instantes, quando se fecha as portas dos momentos sociais e se está no escuro consigo mesmo. E, então, em um vislumbre: a poeira detrás da porta aparece! Para limpá-la, para perceber que há sempre aquele segmento sujo, na qual se necessita de uma revisão brusca.

Há determinadas pessoas que, notando seus arquétipos através das minhas experiências de observações e intuições altamente aguçadas, pude perceber que não vivem sem uma imagem externa, uma imagem social, e isto é, sem dúvidas, ter poeiras demais atrás de suas portas. Quando fecham elas estando dentro do cômodo, está – não somente sujo, mas com teias de aranhas, com mofo e impossível de se permanecer por mais de uma hora. A relutância na limpeza lhes torna, novamente, sombras de si mesmos. Fogem de si, e para tudo isso acontecer, para driblar lhes deles mesmos, fazem de tudo: culpar outrem, gritar, agir com inconseqüência, tudo que podem para não se enfrentarem. E essas respectivas poeiras e sujeiras vão aumentando cada vez mais, até que – não se sabe mais o que fazer. Já que está acostumado com sua imagem criada, culpa-se o outro pela sua falta de liberdade interior, crendo que é o outro que está tirando; quando, na verdade, são os próprios que não são libertos internamente.

Essas minhas observações sobre as pessoas me dariam uma boa potência para ser detetive, é o que minha mãe já me disse uma vez. Mas, um detetive prende-se demais às minúcias! Eu não – eu noto as minúcias, mas faço o esforço

constante para que o quadro inteiro floresça. Nas noites de sábado à noite, as ruas se enfurecem e se tumultuam de jovens, como eles agem, como deveriam agir, e como não agem. O que está faltando para todos eles? O que está se ausentando em seus respectivos perfis de personalidade para que a harmonia entre todos se perpetue? Tudo que vejo são conversas supérfluas que não levam a lugar algum! E por não levar a lugar algum, a amizade vai continuando sem se aprofundar, e quando se vê, está brigando e conflitando por algo que nem mesmo se sabia sobre o outro. Por que? Porque não se teve interesse em ver a pessoa de perto, mais aproximadamente, olhar suas verdadeiras atitudes nas esferas íntimas e particulares... olhar seus olhares, suas reações, o jeito intrínseco de ser do indivíduo, seus motivos para aborrecimentos e seus motivos de risadas; se são risadas verdadeiras ou forçadas.

As notoriedades dos traços das pessoas não de serem vistos, para serem captados as suas verdadeiras fontes essenciais. Mas ninguém nota. Ninguém nota o que necessita ser notado; os detalhes. Ninguém nota quando alguém está incomodando, ou de mal jeito ou sem saber o que dizer, o que fazer? Ninguém nota quando alguém está paralisado? Ninguém nota as emoções alheias? Ninguém. Nossa. E eu achava que era eu, a ingênua. Sempre pude perceber como as pessoas são, somente ao observá-las nos ambientes, olhando em seus olhos. E, normalmente, eu estava certa – depois que eu a conhecia mais intimamente. Eu estava certa. Aquela pessoa era a que eu pressenti; agora, por qual razão ninguém nota estas coisas, como eu? Quando falo, ninguém entende, se deixam levar pelas aparências levianas! Como são tolos, bobos. Como não conseguem vislumbrar através destas máscaras velhas e usadas há tanto tempo?

Como não conseguem avistar a poeira atrás da porta? A porta de quase todos estão fechadas. E a minha alma está cansada de tanta cegueira. Quero dizer, não sei, na verdade – se me camuflou nesta cegueira, ou se me mantenho distante e plácida, como sou. A minha alma, para mim – será também um eterno mistério. Pois ela é um mistério para os outros; e para a imagem que fizeram de mim. Pois, então, encontro-me perdida, como eles estão. Mas o que fazer, quando se sabe quem se é, mas esse saber de si lhe é negado automaticamente, pois sua obrigação com a vida em sociedade lhe impede de lembrar-se de quem se é?

- Obrigada por essas palavras, Beto. – Eu disse, aceitando seu gesto de carinho – Mas sabe que não funciona assim. O que importa agora?

- O que importa agora é que não vamos embora. Talvez iremos, nesta vida. Mas, não vamos embora de verdade. Você sabe disso.

- É o que toda pessoa que “tem fé” diz, mas na hora em que vai acontecer, morre de medo.

- Por que o medo? A morte é como uma agulha pinicando! Depois que pinicou, já foi, não há mais dor, não há mais nada.

- Sim, eu sei. Deve ser tão tranquila, não é? Mas eles não acham isso. São como crianças que vão ser vacinados pela primeira vez.

Roberto, então – deu uma risada fingida.

- Só espere. – Ele falou, e olhou para o cenário do aeroporto, os aviões parados com seus rostos artificiais olhando-nos; olhava como se olhasse para uma coisa muito bela, mas sei que as coisas belas não estavam no que ele olhava, mas sim – em imagens que formava em sua cabeça.

E então, esperei. Os homens... eles costumavam ter o hábito de me irritar facilmente, sem fazer um mínimo movimento. Sem encenar qualquer gesto, qualquer ação, qualquer palavra. Mas, o Roberto tinha algumas nuances que o faziam driblar este costume arbitrário que eu tinha sobre os homens; ele era relativamente manso, conhecia sua vida íntima e não notava as nuances irritáveis dos homens, que os tornavam todos seres irracionais e incapazes de se controlarem, difamando e causando guerra neles mesmos, sem saberem o porquê, se enfileirando de carência e discórdia, jogando seus lixos em um depósito social, chamado a mulher. A mulher é o depósito social dos homens, os porcos imundos que se passam de seres equilibrados e autossuficientes. Não que eles também não sejam necessários, afinal; eles são, tudo que existe é necessário. Porém, não merecem o que recebem constantemente da sociedade. Dessa sociedade cega e sem rosto, movida somente pelos seus próprios interesses e questões, ignorando a atitude de mudá-la por completo.

Tudo bem. Eu entendia.

Mas havia esperança. Eu avistava os prelúdios incessantes das vontades de viver em eterna alegria e harmonia. Senão de outros, avistava os meus. E isso já era necessário; pois avistando em mim, avistava a dos outros; mesmo que de forma imaginária. Ela tenderia, em longa ou pouca virtude – tornar-se tocável, bem em sua frente – como uma fome da semana passada, apressando-se em devorar alimentos frescos.

FIGURA IX

As inseguranças

De onde elas vêm? Com toda a certeza, elas faziam parte de toda composição terráquea e vivia em conjunto. Pois, em sua formação, são formadas a partir de uma quebra de padrão que determinaram para todos. Se se sente fora do padrão, e esse sentimento gera uma sensação negativa de deslocamento e medo de exposição, então terá insegurança. A insegurança é gerada pelo sentimento de não-pertencimento mais um pessimismo irremediável sobre a própria imagem, sobre essa própria sensação que lhe pertence.

Porém, ela existe em todo ser humano. Mas alguns conseguem a ignorar, outros não, talvez pelo alto grau de aprofundamento em si. E todas essas traições de exposição da sociedade, fortificam mais ainda as inseguranças. As traições de fazerem eles acreditarem em qualquer coisa que veem, que leem, que ouvem. As ciladas e as traições das propagandas, das mídias. De não se fazerem questionar sobre como tudo isso chegou ao seu alcance, e porque se deve engoli-las, logo assim, de instantâneo.

Estava eu aqui – ainda esperando a onda do mar chegar, tão esperada por todos. Mas não estava mais no aeroporto, próxima de Roberto, estava agora observando a paisagem do lado de fora. Toda a multidão estava logo lá na frente, pude vê-los de longe. São pessoas inseguras, por acreditarem no que ouvem e no que veem, de imediato. O desespero só aparece pois já estava esperando algum sinal para ser acionado! O desespero já estava na ponta da língua, no nó na garganta, nos olhos vermelhos e arregalados, nas mãos trêmulas.

Eu sempre notei o desespero das pessoas, sempre notei as coisas que escondem, e que escolhem ou inventam para mostrar aos outros. Sim, tudo que se mostra aos outros, pelo menos metade delas – é invenção, formada a partir do meio em que se está adentrado. Isso que digo da grande maioria que não se conhecem. Precisam sempre buscar referências em algum lugar para se conhecerem, não sabem buscar nada em si, não sabem entrar em si mesmos, e daí passam a vida nas escuras, querendo alguém ou algo, alguma ideia que os sustentem como pessoas dignas, para parecerem que são fortes e individuais. Buscam, desesperadamente, algo para se identificarem, não sabem viver como são.

Mas não são, nunca são; todos eles necessitam de algo para se sustentarem. E por isso, também se forma insegurança, pois quando se tira tudo isso que estão os sustentando, a tal segurança some, acaba. E então, viram animais enfurecidos, embravecidos, sórdidos, maléficos.

Digo e assumo: às vezes, consigo ter momentos de alegria, quando essa obsessão e necessidade que tenho, inata em mim – de analisar o comportamento das pessoas a todo instante – não está martelado e pairando ao meu redor, descansa e dá uma trégua. Nestes instantes, consigo um mínimo de alegria. É, mínimo, isto mesmo. A alegria para mim – é mais localizada na região das minhas memórias e lembranças; sou mais alegre lá, pois no presente estou, a todo tempo, irritadiça e estressada com as coisas horríveis e injustas que presencio. Estas máscaras divertidas e extravagantes dos outros, normalmente – por trás há alguém que pode ter sido desrespeitoso, agressivo e monstruoso com outro que não merecia. Bom, é isso.

Tenho essa obsessão em adivinhar o que deve acontecer por trás daquelas máscaras sociais das pessoas. Não sei se o nome disso é desconfiança. Talvez seja, talvez não. Mas independente dela, possuo a inocência. Mesmo que eu veja os monstros dentro de alguém, mesmo assim – ainda escolho trabalhar com o lado mais angelical dele. Lado que – mesmo quase nulo em alguém, existe um rastro, passo, sussurro; que precisa de uma pequena oportunidade em ser ouvido e lido muito bem.

Ok, então provavelmente a mídia e a televisão enganaram-nos a todos. Não havia onda que iria engolir a cidade. Provavelmente nenhum deles tinha ido olhar o mar ainda. Oh, como são tolos, todos os humanos, e me incluo também. Talvez ela possa até vir, mas não agora. Mas, e todas aquelas imagens presentes na tela, que vi com meus próprios olhos? Provavelmente montagens muito bem-feitas? Decidi voltar para casa. Fui andando vendo a cidade toda deserta nas esquinas, por onde voltava todo o meu processo de correria junto com a multidão. Não havia absolutamente ninguém no caminho do aeroporto até a minha casa. Foram uns seis quarteirões e nenhum sinal de humano. Bom, melhor para mim! Aproveitava melhor a minha solidão e o silêncio. Mas, aonde será que estavam todos eles? Será que toda a cidade estava aglomerada achando que vão ser engolidos pela onda? Será que eles não perceberam que está demorando tempo demais para esta onda vir?

Fui me perguntando como o trabalho da natureza branda, se transfor-

mando em um monstro, pode ser visto de uma coisa parada para uma coisa aterrorizadora! Ora, os elementos são como... Como uma mulher doce e gentil, que constantemente é explorada pelos outros, exatamente por ser boa demais, até que chega um momento em que o vulcão entra em erupção, acontece um tsunami de emoções dentro daquele ser, por chegar ao seu limite escondido, de não suportar mais as explorações que lhe são cometidas, e então... O doce e o gentil se transforma em uma coisa aterrorizadora para os outros, e desesperam-se, como estão agora: desesperados por uma coisa que sabiam que ia chegar, uma hora ou outra.

Mas o próximo nunca se indaga se será com ele. Este é o lema dos arrogantes e prepotentes: acham-se intocáveis, insubstituíveis, inabaláveis. Imagino como seria minha vida se eu fosse assim, provavelmente seria uma vida bem triste e miserável, pois eu saberia, lá no fundo: eu não valeria a pena. Mas, claro – penso assim porque sou uma pessoa extremamente funda e que insiste em ver o lado pessimista das coisas. Claro que poderia não ser assim, mas essa foi a primeira possibilidade surgida na minha cabeça. Que venham outras. Assim, espero.

Cheguei em casa. Para minha grande surpresa, quando abri a porta, Julia estava ali, sentada na cadeira da sala, fumando um cigarro. Enquanto tragava, sorriu ao ver a minha presença.

- Minha grande amiga! – Ela abriu os braços, indicando um desejo de um abraço, mas claro que eu não daria isso a ela; meu carinho só era demonstrado quando a minha vontade também fosse recíproca.

Claramente, eu não era alguém muito carinhosa (apesar da minha aparência dizer o contrário, e apesar de gostar de ser acarinhada), nunca gostei muito de carinhos excessivos e tantas adulações. Talvez por enxergar, desde menor – que o carinho excessivo era uma atitude um pouco forçada e fingida, usada para disfarçar coisas que ainda não vieram à luz, coisas escondidas; o carinho em excesso era, para mim, um disfarce elegante para se distrair de seus próprios erros e culpas. Assim como todo o excesso de sociabilidade! Me irritava. O carinho era algo forte, raro e revigorante. Não era para ser de qualquer forma e jeito, como os abraços mal dados que vejo por aí. Os abraços são trocas fortificadoras; e banalizaram o gesto como se banalizaram o sexo.

- E então, nada de onda, não é? Nenhum mar nos engoliu. – Fui um pouco irônica na minha pergunta.

- Disseram que isso é só o começo, a onda só vai vim daqui há dois dias.
- Daqui há dois dias, e a última coisa que você vai fazer é fumar cigarros?
- Perguntei-lhe.

- E o que mais eu iria fazer? Sexo? Queria eu! – Ela deu risada de sua própria pergunta.

- Por que queria você? Teve oportunidade com uma pessoa que estava aqui conosco, dentro de casa.

De repente, Julia me olhou atenta, ficando séria.

- Eloá... Não é o que você pensa.

- Não é o que penso o que? Eu não disse nada! – Fui um pouco intolerante na minha fala.

- Ora... Helena te ama. É claro que temos uma química, não vou negar. Mas, ela tem muitos sentimentos por você. Não se engane, por causa de uma mera distração carnal.

- Como assim?

- A distração carnal que temos faz você se desviar, achar que não existe sentimento entre vocês, por conta do desejo da carne. Mas, existe. As duas coisas são muito diferentes, por isso que não dá para ser comparado.

- Eu não sei de nada. – Falei, pensativa, querendo encerrar rapidamente o nosso assunto.

Pois eu era assim em conversas que viam verdades do outro, direcionados para mim – como um foguete. Quando recebo em demasia estas informações difíceis de se digerir, preciso parar um pouco e pensar. Refletir. Só foram dois minutos de um simples diálogo com Julia, e já me deu vontade de estar sozinha com meus pensamentos. Quero dizer, nestes instantes, simplesmente desligo. Não funciono mais, até que toda a emoção causada pelas palavras do outro sejam completamente digeridas pelo meu estômago; se isto não acontece, acabo passando mal e o bem-estar é anulado, fico de cama.

Julia pegou em minha mão e a apertou, me olhando como uma mãe olha para sua criança, cheia de amor e ternura.

- Confie em mim, sei que falo besteira muitas vezes. Mas agora, é sério.

- Como você pode ter tanta certeza dessas coisas?

- Ora, eu percebo como ela fica quando fala de você. Quer dizer, não só

ela... eu também. Mas de jeito diferente, claro. – Ela gargalhou com vontade.

Eu nunca havia estado neste silêncio tão conveniente com ela antes – principalmente dentro da minha casa, onde ela habituava desrespeitar imensamente todo o ambiente em que sustento e conquisto para causar este conforto manso e ameno para a minha alma; tão vítima destes desastres acometidos pela inconsequência da maioria!

- Então, vamos morrer daqui há dois dias, não é? O sistema automaticamente vai ser derrubado, pois não estaremos mais aqui, para ver mais nada. Para onde será que vamos? – Julia perguntou, tragando o final do seu cigarro.

A fumaça veio para os meus olhos, e inalei um pouco daquilo, me fazendo tossir. Franzi o cenho.

- Me desculpa. – Julia disse.

- Não acho que o sistema automaticamente vai ser derrubado. Provavelmente esse lixo de alienação será todo construído novamente. Enquanto existir ser humano, continuará a existir a possibilidade das alienações.

- Ah, Eloá... você é muito pessimista. Talvez não! Talvez aconteça o contrário.

Me conheço suficiente para dizer e me expressar no nível de minha própria verdade, não na veracidade inventada de outros sobre a imagem que veem: não é pessimismo que se instala aqui, apesar de saber que por ora me chamo assim. Mas sim uma tentativa de abrandar mais o fogo da esperança e do otimismo. Tudo porque, quando o fogo da criação está alto demais, penso que estou tirando os pés do chão, e então tento abrandá-lo, para poder equilibrar-me, pondo meus dois pés na balança. E claro, sou uma pessoa que também nunca gostou de fazer o que não tem vontade. Quando percebo que estou fazendo algo sem entusiasmo, ou por ordem autoritária – automaticamente saio de mim, e sinto cóleras imensas, causando-me febre séria. Então, este fogo que era para ser abrandado, volta tão alto que queima quem tiver próximo de sua lareira.

- Como pode ter tanta certeza que seu otimismo ganha de tudo?

- Eu não tenho certeza, é por isso que é tão instigante! É por isso que me animo, porque não sei o que vai acontecer.

- Isso não é otimismo, então. É instinto de aventureira. – Eu mesma corriji a minha própria fala anterior, e seu oculto significado.

- É, tanto faz. Prefiro não dar nomes. Não sei por quê você tem isso, essa

mania de dar nome para tudo, só para poder enquadrar as coisas e as pessoas nas suas gavetas mentais.

Eu diria que Julia me conhece muito bem, mas daí lembrei de uma conversa que tivemos anteriormente, quando contei tudo isso a ela. Na verdade, ela só tinha uma boa memória e lembrou do que eu havia lhe contado sobre essas minhas gavetas mentais. Que, se não estivessem muito bem organizadas – perco o sentido da minha suposta sanidade, uma tal de sanidade fingida, que na verdade só é uma sanidade medrosa, não real; e daí então, fico sem rumo, sem a tal da organização das intuições. Sim, a tal da sanidade era uma ladra, uma mentirosa. Ela era a loucura mais poderosa que havia em mim; pois, se lhe roubam algum Norte, algum senso, alguma opinião que sustenta todo o resto dos mártires das minhas crises existenciais, ela de repente – se torna uma esquizofrênica andando por aí sem saber para onde ir, atropelando as pessoas com suas mãos.

A minha sanidade torna-se a minha maior inimiga quando acontece os roubos da alma, os roubos da companhia, parecendo que me sugam aos poucos; quando são os outros que estão perdidos, e me roubam algo de especial, então me sinto assim, tão prestes a causar uma explosão interna. E implodo, no fim das contas. Implodo; pois não suporto os roubos, furtos, e os que roubam nem mesmo sabem do que se tratam todo este roubo. Não se trata de um relógio, um celular, uma mochila. Se trata de mim mesma, da minha sede pelo espírito.

Parece que me roubam de mim mesma quando não tomam o cuidado e a cautela devidos com a companhia que resolvem me dar.

Estas coisas sobre as pessoas me mostram algum certo grau de desinteresse para com elas; sobre como eu, primeiramente – poderia crer que Julia me conhecia através de sua aguçada percepção e observação sobre mim, não passou de um bom teste de memorização para ela. Quero dizer, eu projeto as minhas inseguranças tamanhas nos outros. Tudo porque percebo e aguço a minha intuição para com a intenção dos outros, tendo a crer que outros fariam isto também. Mas não o fazem, eu acho.

Fui logo entristecendo e murchando dentro de mim, quando percebi como me expus assim, sem nem mesmo me dar conta, para Julia. Por mais que a mesma seja minha amiga, a exposição dessa forma – não me cabe. Não consigo, não me dou bem com todas essas irremediáveis luzes o tempo todo, como se fossem holofotes estarecidos. Talvez esta minha necessidade de querer ser

uma entidade quase nunca vista pelos outros, um fantasma da ópera – por vezes pode me impedir de viver tudo como deveria ser vivido. Claro, sei disso; mas a minha principal função aqui não é viver nada; pois já sinto a vida em si, extremamente aprisionadora e sufocante. Sinto que este cotidiano me mata aos poucos; a vontade que tenho sempre é de esquecer todos esses planos de vida, pois ao final de tudo, elas não valem de nada, são somente ferramentas para se mascarar verdadeiros sentimentos de vazio que todos sentem e, por não saberem lidar com esse sentimento, vão se tornando massa de manobra. Uma massa de manobra muito bem moldada e feita! Como um tijolo perfeito para a construção de uma casa! Quase todos são assim, agora eu, infelizmente – nasci um tijolo deformado. E ainda caio nas armadilhas ilusórias de que posso encaixar-me na construção de uma dessas casas.

Um grande erro. Já sei que não me encaixo em nenhuma dessas convenções! Então, por que continuar lutando para caber? Por que continuar insistindo em uma coisa que não encaixa? Por que? Tenho medo, talvez – de enfrentar a vida sozinha, sem fazer parte de algo? Ora essa... mas já sinto, desde sempre – que não faço parte de nada, de nenhum grupo, comunidade, família, instituição... Nada. Não me sinto pertencente a nada, então qual seria a diferença se eu – realmente exibisse este sentimento já muito bem disposto e vivo em mim? O de não- pertencimento? Ah! Talvez seja isso. O exibicionismo. O exibicionismo do sentimento de não-pertencimento; é isto que, talvez – não quero mostrar, pois ao mesmo tempo que sou e sinto essas aglomerações em mim, tenho o anseio de me passar por alguém simples, que nada indaga ou problematiza (apesar de que no fundo sou o oposto).

Se eu mostrar, de repente, para todos – esse meu sentimento de não-pertencimento, os rótulos de rebelde ou de uma aparente revolta começariam a emergir dos outros para mim, e eu então começaria a murchar novamente. Eu só quero... não ser vista. Mas ser lembrada.

Ser lembrada, sem precisar ser vista; pois quando me avistam, minha cabeça dói e minha alma sente-se amedrontada por tamanha ingenuidade e falta de sagacidade dos que me olham. Agora, quando surge um olhar diferenciado (o que é raro de acontecer) que me avista e hipnotiza-se, sinto-me insubstituível e compreendida. Apenas quando um olhar diferenciado me olha. Mas, não vou esperar a vida toda ser salva por estes olhares raros surgirem em frente ao meu... não, não é este o meu desejo, o meu anseio. Estou em contato o tempo

todo com essas nuances da vida em sociedade que me intoxicam e me fazem querer morrer. E o engraçado é que não quero morrer, só quero que tudo isso pare. Só quero que esses olhares desatentos e bobos parem de semear as indiferenças e os preconceitos, porque não sabem o que fazem, pois não levam nada a sério; e acham que, com o mínimo de suas palavras que semeiam por aí, não haverá consequências de nada. Péssimo engano.

E ainda tem isso! Ainda tem esse amontoado de paranoias e neuroses, que beiram o pânico, quando percebo que falei algo que não devia. Quando percebo que falei palavras e verbos forçados, sem querer dizê-los. Quando percebo que não prestei atenção ao que foi dito por mim, e quando as palavras para os outros são coisas chulas, e em vão. Malditos sejam as universidades, as escolas, as famílias, toda essas organizações supérfluas e artificiais, que me obrigam a ter de abrir a minha boca para dizer coisas que não tenho vontade, mas, por causa deles – sou forçada a dizer. As palavras para mim – são preciosas, e não devem ser usadas para coisas sem importância. Elas são promessas e pactos, não devem, de forma alguma – serem faladas sem a vontade do próprio autor que fala. Quando isto acontece, eu poderia chamar de um processo de robotização, alienação, lavagem cerebral. O que seja. Mas são lixos mentais, despercebidos até com seu alto teor fétido.

A mesma coisa sinto com compromissos muito bem organizados e marcados, que nunca acontecem, por parte do outro. Sinto extrema raiva e angústia quando o outro não coopera e não faz o seu lado, não faz a sua parte, como deveria fazer, como deveria ter feito. Eu posso, provavelmente, soar rígida, severa e intolerante. Mas, não posso controlar como as coisas afetam-me, também pouco controlo a lucidez das minhas verdades e convicções, elas simplesmente chegam, e necessito soltá-las. Qual é o grande problema nisso? Pessoas que marcam coisas e não dão a mínima importância, esquecem, fazem descaso de você. Ora, eu tenho o total direito de embrutecer-me com estas faltas de sentidos de outros! Assim como suas palavras faladas da boca para fora, sem terem nenhuma intenção boa e genuína ao dizê-las. Assim como as palavras que falam porque ouviram de outros, e não porque sentiram de seu coração – se transportando para a sua garganta, como uma luz embriagada de vultos, como um vômito sufocante, que necessita ser expelido a qualquer custo.

- Preciso dar nomes, se não serei engolida. – Eu disse.

- É, Eloá, o problema é que você pensa demais.

- Não acho que sejam pensamentos, mas sim fluxos de intuições.

Julia deu risada, e expressou-se desentendida, observando-me como se eu mesma fosse o que eu sempre senti de mim: um extraterrestre abduzido para viver neste mundo.

- Chame do que quiser. Mais uma vez, você aí, dando nomes.

- Olha, Julia, entendo sua agonia em querer que eu seja como você, que eu viva a vida como você, mas a verdade é que nunca entendi muito bem ela, e não aproveito algo quando não a entendo, quando não entendo seu principal objetivo.

- Nunca disse que queria que você fosse como eu.

- Então por que está me dizendo todas essas coisas? – Lhe perguntei, não entendendo seu ponto, ficando confusa e, conseqüentemente, encolerizada.

- Eu não sei. Eu gosto de falar. – Falou com um ar despreocupado, e acendeu novamente, mais um cigarro – Apesar de saber que você não gosta muito, te respeito, mas precisamos equilibrar isso. Você é a única pessoa agora que tenho para falar minhas bobagens.

Quase todos eles possuem a insegurança, e essa insegurança é vista em suas necessidades ultrajantes de precisarem falar a todo tempo. O problema é que – suas falas não são mensagens e comunicações, são apenas falácias. Falácias tolas e desprezíveis, que apenas engrandecem as vontades e os desejos, e empobrecem a alma. Chamar alguém de nome vulgar, referir-se a alguém através das idiotices da adolescência, apelidando de nomes horríveis, aonde ninguém em sã consciência deixaria de reagir internamente às ofensas dadas. Tudo isso, ao mesmo tempo em que vai aumentando o desejo de algo para si, o desejo de ser mal, exatamente porque somente se fala o tempo todo e não se reflete, vai também diminuindo a vibração da alma – que é a verdadeira aliada e salvadora; que usa um cajado branco, impedindo todas estas falácias de se apoderarem das emoções dos terceiros, que ouvem idiotices sobre elas, capazes de transformar negativamente sua vida por completo. Todos estes idiotas, não sabem o que fazem. Alguém há de perdoá-los no futuro, após perceberem as idiotices que cometeram no passado. Alguém há de dar força para estes, pois sei bem: os que dominam a falácia – são os mais inseguros de todos, é uma insegurança que escondem, ignoram, e por ignorarem, é a que se estabiliza mais facilmente no cerne da alma.

As falácias têm um poder enorme, exatamente por se tratar de um poder possuído; e não um poder liberto, como o poder da alma. Ao invés de quererem buscar a verdade da raiz, limitam-se com um simples discurso falacioso, ou com uma falsa simpatia.

Elas, além de causarem dor e angústia para os outros, também se injetam o poder possuído de semear informações importantes, as transformando em assuntos da moda ou em assuntos supostamente levianos. As falácias são aborrecedoras, malignas e de naturezas severas. Tento não me aproximar de que cheira aos que dominam esta verbosidade asquerosa; os falaciosos cretinos. E não somente os falaciosos, mas os que usam todas as informações para humilhar a imagem de terceiros. Como em uma sala de aula, por exemplo, aonde o professor usa de sua posição na hierarquia do conhecimento para humilhar e sentir-se superior aos alunos, principalmente quando estes o veem de forma também superiorizada, perpetuando todo este ciclo horrível de hierarquia de ideias e opiniões.

Sendo que, dentro do mundo das ideias, não há como existir hierarquia. Pois as ideias não seguem idade cronológica, não seguem referências, conhecimentos, receitas; as ideias seguem a intuição nata de cada um, quando o indivíduo nasce com sua alma sendo acostumada com aquele corpo. Ou seja, há pessoas com ideias brilhantes, que têm apenas quinze anos, mas pessoas de trinta, quarenta, que precisam estar sempre lendo livros para ter algum tipo de ideia, pois eles, por si só, não conseguem criar nada e nem mesmo inovar nos âmbitos precisos. Eles não conseguem fazer outras leituras, se não essa de letras, a mais difícil de ser compreendida. São pobres de espírito, e por isso, querem se encher de enfeites de conhecimento e mantras; querem buscar a espiritualidade através dos modismos, mas eles mal sabem que os meios não ajudam, os meios sociais não são deuses. Eles informam, entretém, mas não lhe fazem, de forma alguma – modificar a natureza de sua alma. Na verdade, nem livros fazem isso, nem centenas de livros lidos pelo seu cérebro fazem isso, por que então – os meios sociais fariam?

- Vamos lá, temos dois dias para fazer as pazes e dizer tudo que nos incomoda em nós mesmas. – Julia falou, após o meu longo período de silêncio.

- Eu não sei. – Eu disse.

- Claro que sabe, sei que você julga. Principalmente as pessoas próximas a você, deve ter muitas coisas a dizer sobre mim.

- Eu julgo? – Perguntei-lhe, apontando meu dedo para mim mesma.

- Não de modo negativo... julga, quero dizer, você cria suposições e conjecturas sobre os outros, mas nunca afirma nada, pois nunca têm certeza. Talvez você seja insegura para não afirmar nada.

- Não é insegurança. – Eu disse – Mas sim, a certeza de saber que não existe uma coisa absoluta.

Eu estou aqui, falando sobre a insegurança alheia, quando a minha está muito bem-posta e visível para Julia, e provavelmente para todo o resto que já me conheceu. Estou aqui dizendo sobre as inseguranças, sem perceber que os outros percebem as minhas, as quais tento dissimular muito bem. Mas, talvez, Julia tenha percebido por me conhecer há tanto tempo e pelo acúmulo de desabafos que mantém em sua ótima capacidade de memorização.

Eu sei quando é o momento certo de calar, e a hora certa para falar. Falar coisas certas e calar as vertigens cegas.

- Não tenho o que falar, é sério. – Eu disse – Porque, qual o sentido de você ir ser levada por uma onda, morrer e só ter ouvido críticas a seu respeito? Você irá embora com desprezo de si, ou com raiva de mim. E as duas são emoções que não valem a pena serem sentidas no momento de morte.

- É verdade, bom ponto. Mas então... vai deixar de falar? Vou morrer sem saber as coisas que arduamente me critica?

- Isso é delicado. – Falei.

- Delicado são outras coisas. Delicado é o que passamos agora, o fim de uma era. Queria estar aqui, para ver o que virá depois, quando a onda pegar todos nós. – Julia falou isso com uma voz melancólica e com uma tristeza no olhar.

Incrível como Julia desvalorizava as minhas indagações e afirmativas frequentes, somente para supor uma aparentemente maior – uma de morte material que virá – uma morte que não é morte, é somente um susto.

Me fechei, então, nesta sua fala. E a refleti, por longo tempo. Um fim de uma era. Isso soa dramático, mas ao mesmo tempo – previsível. A era que destrói e se renova na palidez de seu próprio desalento esperançoso.

2

Necessito repetir diversas vezes o quanto a mídia e as propagandas deixam-nos atordoados e completamente inseguros. Talvez sejam eles, os principais incêndios de toda insegurança, que deveria se manter como temperança. Mas, com seu surto desmedido de atenção, eles fazem com que se alienem as cabeças abertas demais, tornando todos alienados; gerando assim, a insegurança tóxica e industrial. Não é uma insegurança inata, o que a mídia provoca – insegurança que todos nós já sentimos ainda crianças, quando ainda não sabíamos andar direito sem a ajuda de algum adulto. Não, não é esta insegurança de quando nos deparamos com algo novo e desconhecido, ou uma insegurança advinda do desconforto. Não, falo da insegurança crônica que a mídia provoca.

Ora, ela passa estas informações sobre um tsunami, onda enorme que irá engolir a todos, causando terror em todos os corações esquecidos de bater por aí, alertando somente seus neurônios intoxicados para seguir suas informações brutas, e é só isso. A insegurança se torna crônica, a partir do momento em que não se pensa, nem se sente mais como um ser único, mas sim como uma massa, que deve seguir a informação que está sendo passada. Sua perda é enorme, a possibilidade de sentir por si mesmo é perdida, e se sente, na verdade, o desespero. O desespero é filha da insegurança.

Eu e Julia decidimos ligar a televisão e ver o noticiário, e então – com essas famosas notícias de previsões das ondas marítimas – decidi fazer essas constatações breves e passageiras, que irão se romper imediatamente, a partir do instante em que alguém mostrar-me uma verdadeira solução para o descreditar das coisas que se ouve.

- Imbecis. – Julia falou – Não sabem o que estão fazendo.

Não sei sobre o que ela falava, e nem sobre quem; mas, provavelmente, se dirigia aos repórteres. Pobres repórteres, nem eu, nem eles – sabíamos o motivo de estarem sendo chamados de imbecis. Ora, é o trabalho deles, semear a informação, seja falsa ou verdadeira. Alguns podem sentir-se mal com isso, mas o fazem em troca de salário, em troca de uma sobrevivência monetária; tudo que necessitamos é, na verdade, aquilo que nos mata todos os dias. Conhecendo Julia, ela nem mesmo chamaria eles de otário se os visse passeando na rua, ou bebendo uma cerveja com os amigos no bar, muito pelo contrário: simpatizaria com eles, conversaria. Mas, por eles estarem representando algo que ela odeia, automaticamente ela lhes presenteia com palavras de baixo calão. Tudo

pela imagem e pelo ambiente que o indivíduo circula, dizem que isto modifica quem uma pessoa é. Porém, não é necessariamente precisão.

Ao mesmo tempo, acho confuso e complexo; como uma pessoa pode soar totalmente diferente para nós, apenas pelo ambiente em que se está, em que se trabalha, em que se come e dorme, como ela pode soar diferente do que é! Apenas por estar sendo abafada pela imagem do ambiente onde se encontra. Sua identidade, individualidade, independência, está sendo cruelmente abafada. Como a desse repórter, que está sendo chamado de imbecil por Julia, simplesmente por ser um repórter, e não pela pessoa que é, e não pelo o que fez ou deixou de fazer.

- É a vida deles que está prestes a acabar. Deixe eles fazerem o que bem quiserem, provavelmente não se importam mais se são imbecis ou não.

- Talvez tenham deixado de se importar há muito tempo. – Julia respondeu-me – Quando perceberam que estavam no fundo do poço da vida, sendo mensageiros de mentiras deslavadas sobre tudo para ganhar seu salário.

Isso, a vida. A vida que – acabando daqui há dois dias ou não, não me importa muito, pois já me sinto exausta dela desde o momento em que soube da percepção e dos ciclos das coisas. Quero dizer, a vida é tão previsível, que já me sinto conhecedora de toda a sua essência há muito tempo. E saber da essência dela, saber como as coisas vão acontecer, prever todos os acontecimentos – desgasta e provoca um cansaço perpétuo. Então, permaneço fincada nas minhas próprias raízes, como se não tivesse como sair.

As árvores antigas são sábias pelo seu tempo e poder de terem permanecido fincadas em seus lares até a idade que possuem – porém não são como as folhas; não viajam por aí, não são como o vento que as leva para todos os lugares com uma pequena força da gravidade! Não. As árvores são rigorosas, suas raízes estão ali, firmes, nem mesmo a ventania mais grave pode retirá-las dali.

Não lido bem com questões práticas sem cooperação, com questões não-organizadas, com coisas que não dão certo. Com a ausência de amor, com a ausência de reconhecimento. Não, isso para mim é o fim do mundo, horrível. Minha cabeça de repente pesa, e sinto que os miolos irão se explodir! De uma hora para a outra. Mas é assim: tenho que suportar a vida modesta, a vida pacata, a vida serena. Até porque – não saberia nunca viver de outro modo. Mas a vida é corrosiva, dói, agonia, estressa, provoca atrito no meu próprio corpo. Não me sinto suficientemente bem para prosseguir, enquanto as coisas

não dão certo, não possuem leveza, diversão e suavidades. Não, isso eu não aceito. Mas que bela merda se torna a vida, quando não há o reconhecimento, o prazer do amor, as alegrias (mesmo que efêmeras, servem para combustível de lembranças sagradas) e a serenidade da rotina. Quando não há nada disso, o que é a vida? Senão diversos zumbis fazendo coisas no automático? O meu medo é isso. De tornar-me um destes zumbis que não sabem nem mesmo o que fazem, não se sentem vivos, não sentem alegria, não sei nem mesmo se sentem algo. Não sei. Mas também tento entender o que se passa por dentro deles; se é algo relacionado ao destino, ou eles deixaram-se chegar a este estado de morte em vida.

- Ou não, pela sua expressão na tela, ele somente está perdido, e triste com sua perdição.

Julia olhou para mim, e me encarou, de repente. Continuou me encarando, com aqueles seus olhos escuros e grandes. Creio que ela se preparava para me falar algo, e foi o que fez. Eu somente fiz esperar, a encarando de volta.

- Você estuda demais as pessoas, Eloá. Não acha isso uma coisa meio peculiar?

- Peculiar? – Não havia entendido com tanta clareza sua afirmação.

- Sim... acho que estudando as pessoas, você pode salvá-las de coisas que elas mesmas não percebem nelas.

- Isso é verdade. – Falei.

- Isso é uma coisa boa... acho que, isso já aconteceu com nossa relação. – Ela disse.

- É?

- Sim! Suas críticas sempre me aborreceram, mas me fizeram pensar depois. Isso é importante.

Queria agradecer-lá por essas suas palavras, mas logo quando fiz o meu gesto de sorrir, abrindo a boca para dizê-la outras coisas bonitas, bateram na porta. Olhei no vidro da porta: era Helena. Abri a porta.

- Oi, está tudo bem por aqui? – Ela parecia desesperada, seus cabelos estavam extremamente bagunçados, sua boca pálida, e seu rosto suado, como se tivesse vindo correndo até aqui. E acho que veio.

- Está sim. – Eu e Julia falamos em coro.

Helena olhou-me. E me chamou para conversar do lado de fora da minha

casa, alegando que o clima da natureza era mais confortável e aliviante para ela trocar uma conversa densa – mais que a prisão de um quarto fechado. Concordei com ela.

Então, deixamos Julia na sala assistindo às reportagens sobre o tal do tsunami, e fomos até o jardim. Fazia um sol escaldante e as plantas brilhavam com as gotas das folhas, depois de uma chuva repentina há meia hora atrás. Ela segurava minhas duas mãos como se fosse me dizer uma coisa reveladora. Estava soando dramática toda aquela cena, então – meu corpo começava a ficar nervoso, e eu também o seguia, voluntariamente.

- Eloá. – Ela disse, iniciando algum discurso impactante.

Só que, para mim, na verdade, nada era impactante. Quero dizer, existia o susto, mas ele era só a preliminar, o prefácio, não era por conta da real questão. As coisas eram impactantes por conta do drama e das emoções feitas e criadas dentro daquele contexto posto, mas no fundo – nada era tão grave assim como tornavam. Nada na vida era tão grave, nem mesmo a própria morte. Nem mesmo a possível tragédia de um tsunami. O drama existe, então o impacto existe. Mas não é a situação em si, e sim uma de suas interpretações, dentre milhares de outras. Porém, eu não podia evitar: eu era uma pessoa dramática por dentro, apesar de não aparentar para todos. E isto era o que mais me doía, o não-aparentar como sou, para os outros.

- Oi. – Minha voz tremia, mas tentei ignorar isso e acho que ela também.

- Eu e Julia estamos decidindo uma coisa. Percebemos que sentimos algo uma pela outra. – Ela disse algo que eu já esperava – Mas, eu não sei. Algo muito forte, mas é muito diferente do que sinto por você. Entende? Nem deveria estar te explicando nada, pois nem lhe devo nada, não temos nada, mas precisava te falar isso, pois me preocupo se isso te fira.

- Não... – Eu parei e pensei um pouco – Me fere um pouco, mas não há nada com isso. Eu sinto a dor sozinha, não é nada com você. Se está preocupada que eu guarde algo de ruim de você, não vou, fique tranquila.

- Não, Eloá. Não é isso. Você só tem que entender que tudo isso é diferente demais de você... aonde estamos. O que queremos uma com a outra, não é isso que você espera e quer. Eu sei disso. Seus objetivos e intenções são outros, diferentes dos meus e dos de Julia. Só quero que você se cuide, e saiba que seu coração é de ouro, é único. – Me deu um beijo lento na bochecha, como forma de afeto a minha pessoa.

Claro, eu valorizava arduamente valores como a lealdade e a reciprocidade de sentimentos. Mas, somente porque eu os valorizava, não significa que eu teria que viver à mercê disto, me render a eles. Não. Eu sabia que eles existiam, mas não eram meu verdadeiro norte. Meu verdadeiro norte é – e continuará sendo, a minha alma faminta e, simultaneamente, satisfeita com tudo que já tem: ela mesma; no modo como a sua leveza carrega o meu corpo e o faz caminhar pelas ruas de cimento concreto. Meu corpo anda e tem a satisfação de correr – apenas pelo desespero de alcançar algo que, no final das contas, não há por que se alcançar, pois virá outra coisa da mesma forma logo em seguida, me mostrando se estou no caminho certo ou no caminho tortuoso.

A questão do desespero ocorre quando, depois que se inicia e se finda o processo, não há nexos, aparece um vazio, um oco, e então, a percepção de não haver sentido no desespero se fixa. Não há sentido, não há por quê correr atrás de um ônibus para pegá-lo, se – no final das contas – virá outro, mesmo que demore, mesmo tarde – ele há de vir, e você chegará ao destino, do mesmo jeito. Se chegará a algum lugar, do mesmo jeito. Então, o desespero é irrelevante, descartável, oscilante. O desespero não leva a lugar algum, pois o lugar algum sempre chegará, mesmo que se encontre parado, aonde está. Até sobre o que se está desesperado chega a sua fiel resposta alguma hora, e o que vier de ser, será; e para isto, há de se eliminar todos os medos possíveis existentes nas bordas e nas margens do âmagô, para ser o que vier, o que tem de ser.

- Tudo bem? – Ela me perguntou, pressupondo talvez que eu não estivesse prestando atenção às suas palavras, aonde permanecia sempre presa aos meus próprios pensamentos.

- Sim. – Falei baixo, quase como um sussurro.

Nessas situações (e em outras) aonde pareço que sou a vítima de alguma coisa, que não sei bem o que, me pergunto sempre: quem será a pessoa realmente educada e quem será realmente o bicho, entre eu e o resto do mundo. Sou eu, ou o mundo? Ora, em contextos diversos, sou educada demais, enquanto ninguém o é – porém, sinto-me um bicho, por inteiro. Em quase todas as vezes, quando tenho de ser madura demais, sinto-me um bicho; porém, ajo educadamente, sou educada até demais. Então, e eles? O que eles são? O que Helena é? O que Julia é? São bichos, ou, na verdade, são os seres civilizados, que tanto desprezo e possuo amargura? Não, não pelos seres, cada um, individuais, mas sim – toda a sua aglomeração irritante. Eu sei que elas são um pouco bichos,

como eu – mas sou por inteira. Mas elas não transparecem, estão sempre agindo com bons modos, sendo agradáveis e fazendo coisas que não querem, coisas que são obrigados a fazer. Mas, para quê? Assim como todo bicho, se acostumam a viverem em jaula, em cárcere; mesmo que libertos na realidade, por dentro – as sensações de aprisionamento ainda persistem.

O que eu sou, dentro da civilização? O bicho aluado (e acuado) ou o ser educado? Para mim, sou o bicho, para eles – o ser educado, muito bem resolvido consigo mesmo. Eles me fazem rir. Sou o meu ser masculino ou o meu ser feminino? Sinto que ambos vivem dentro de mim, conversando, dialogando, por horas guerreando arduamente, só para depois, estarem em harmonia novamente, me causando dor de cabeça de ter de ouvir suas guerras desnecessárias. O meu masculino e o meu feminino predominam igualmente em mim; apesar de saber que minha maldita ardência masculina está sempre querendo se sobrepor à minha intuição feminina. Mas, como eu disse – parece que no final de tudo, encontram constantemente uma harmonia perfeita, que me torna o ser que sou: um bicho feroz, porém – elegantemente educado, rosnando e atacando em horas exatas e necessárias.

- Tudo bem mesmo. – Eu disse, para ressaltar minha aceitação mecânica perante aquela situação.

Eu, na realidade – nem sei se estava tudo bem mesmo, só queria me livrar daquele clima de tensão que estava entre nós; criado por ela esperar e adornar expectativas em mim, como se eu tivesse de responder o que ela quisesse que eu respondesse em sua consciência, quase como uma obrigação invisível e oculta. Para mim, o aceitar estas situações já tornou-se uma coisa mecânica; e por ter, pouco a pouco, se tornado mecânico, o prestar atenção e o saber explicar minhas sensações e sentimentos perante aquilo, se distorcia, atravancava, e acabava não especulando nada sobre meus sentimentos através da expressão; quando, na realidade, eles estavam dilacerando, agonizando, flamejando; cuspidando fogo dentro de mim, como um dragão raivoso na torre mais alta de um castelo.

Quando uma aceitação perante algo (como as minhas concordâncias) se torna mecânica, não há mais como explicar os gestos e as ações, ou sentir nada sobre eles; pois nem mesmo se está prestando atenção no que se está fazendo, e quando não se presta atenção, não há como fazer aquilo como se estivesse atuando pela primeira vez, como se estivesse aprendendo novamente, depois de

inúmeras vezes praticando a mesma coisa, sendo que – todos os dias – aquele ato mecânico é um ato diferente, pois sempre fará de formas autênticas (de acordo com as novas informações que atravessam seu córtex, dia após dia), aquilo que a rotina lhe pede, aquilo que é aparentemente mecânico.

E, além do mais, junto com a mecanicidade não se está digerindo com as riquezas e os infortúnios dos ouvidos inebriantes da alegria. É assim; novamente, como um bicho, quero fugir desse tal confronto que é – a obrigação de ter de responder como querem e das obrigações fugazes, para seus próprios benefícios e prazeres próprios. Claro; elas queriam a minha aceitação, de certa forma – para um alívio de consciência.

Mas elas iriam conseguir o que queriam; com ou sem a minha aceitação. Afinal, por que um intermediário é tão importante e essencial entre os demais? O intermediário, em princípio, possui um papel tão desimportante, mas quando se olha mais de perto para ele, é o verdadeiro mensageiro que mantém a calma e a paz perpetuando entre as entradas dos portões de ouro das relações duradouras e harmônicas.

Eu dizia para mim a todo tempo: “Controle sua mente”, mas é ela que me proporciona alguns lapsos de consciência necessários para prosseguir adiante, sem precisar esbravecer ou embrutecer, como uma insanidade passageira. Sem ela, essa situação de agora estaria mesmo me afortunando mais do que deveria, principalmente porque – eu seguiria a opinião da massa em não aceitar essa aparente “traição”, ao invés de deixar passar e entender que a liberdade é universal, e que, se privo alguém, privo também a mim mesma; e me firo por isso. Me mutilo quando retiro a liberdade de alguém, porque é como se fosse a minha que tivesse sido retirada.

Tenho a famosa sede de liberdade – porém, é muito difícil demonstrá-la, pois a todo tempo estou a retê-la no exterior. Talvez seja por isso que perdo. Pois a liberdade do outro e a minha – é a memória mais importante e previsível para o perdão. O abrir das gaiolas, o soltar-se da coleira, a andança dos pés descalços. O perdão, para poder-se ir embora, solta das correntes.

Helena sorriu para mim, e voltamos para a sala de estar, aonde Julia ainda se encontrava assistindo o noticiário. Quando entramos, ela olhou pra nós duas – apreensiva, com um pouco de ansiedade lhe corroendo o instante.

- Algo de errado? – Ela perguntou.

- Julia, conversei com ela. Está tudo bem.

Julia, então, olhou para mim. Estava com uma expressão inusitada, como se quisesse reafirmar várias e várias vezes, se estava realmente tudo bem.

- Mesmo? – Perguntou-me.

- Sim. – Minha confirmação foi quase como um sussurro, novamente, como a minha primeira resposta para Helena.

Minhas mãos, de repente, começaram a suar. Minha cabeça pesava, como se algum martelo tivesse caído sobre ele. Não só pesava, como mesclava com uma sensação estranha de vazio e esclarecimento, ou seja, eu estava confusa, com sensações confusas. Engoli a seco a saliva, enquanto estava ali, em pé – em frente das duas. Eu estava ficando ansiosa. Comecei a tocar minhas mãos, uma na outra, para voltar aos meus sentidos, e dispersar a energia mental. Toquei minha mão direita no meu pescoço, e o deixei ali, agarrado, como um coala se agarra a um tronco de árvore. Não sei o que havia de errado em mim: sensações de despersonalização com sentimentos de não-pertencimento ao ambiente e ao aparente conflito.

Às vezes, apesar dos meus estados físicos serem um desastre nessas ocasiões – se era necessário passar por eles, pois sei bem que as mesclas de tudo que existe é primordial para uma nova fase de reconhecimento de si mesmo. Não só de um reconhecimento de si mesmo, como o reconhecimento das coisas existentes; quando se conhece algo, acha que se sabe tudo, mas ainda há inúmeras complexidades dentro daquele conhecimento; nada é tão simples, mas ao mesmo tempo – tudo é.

E atire a primeira pedra quem diz o contrário. Quanto mais se conhece, menos se conhece. E quanto menos se conhece, mais se tem a vislumbrar e a se encantar com tudo que ainda não conhece. Bom, neste caso – sei que não há escapatória senão enfrentar. Para onde vou? Para o meu quarto? Trancar-me lá, como eu sempre fiz? Não, as coisas às vezes necessitam de reparos imediatos. Essa poderia ser a hora exata para isso.

- Sei que vocês querem ficar juntas, e respeito isso. – Eu disse – Mas, não há como dizer que sempre fica um sentimento de segunda opção em mim.

Pela expressão de Júlia, percebi seu atordoamento pela minha pequena confissão. Ela levantou-se do sofá, e veio até a mim.

- Sabe que não é bem assim. – Ela disse.

- Eu sei, só estou querendo dizer que fica um pequeno fiapo aqui. Acredito

que, em todo mundo. Mas não tem problema. Mesmo. Como eu disse para Helena. – Sentei-me no sofá, esperando que elas simplesmente se contentassem com a minha resposta.

Quando me sentei, o noticiário ainda estava passando sobre a calamidade do tsunami que estava por vir daqui há dois dias. Parece-me que a cidade não se conformou com isso, e estão todos arrumando as malas e fugindo; filmaram os aeroportos e está tudo lotado, como se – de fato – a cidade toda fosse viajar, para um lugar distante e misterioso, sem saber aonde o destino se enclausurava nas preposições das verdades. Nunca sabemos; só sabemos que esta era a voz do desespero falando, a voz do povo era a voz do desespero. Só sabemos, e sentimos.

Quando a alma está presa no corpo, fica difícil saber como ela realmente quer se expressar, pois o corpo é quase sempre um fortificador de prisões e tapamentos de buracos que deveriam se deixar abertos. Então, quando encontro o povo em desespero, paro para pensar: “como a alma dele deve estar neste momento?”. Será que aflita, realmente, com a calamidade da matéria, ou talvez – até serena, mas levada naturalmente pelo fluxo, como é próprio de sua natureza? Ou, talvez esteja em prantos, pois agora existe a possibilidade de sair de seu lugar de conforto em breve, o corpo? O corpo que abriga, cuida, leva, carrega, sustenta. A alma tem medo de perder o corpo? A alma tem medo de estar desabrigada? A alma tem medo mesmo? A alma tem medo de sair do corpo ou despreza ele o tempo todo? Pois, às vezes, o trata como se fosse seu próprio escravo, o tratando como coisa qualquer, um boneco, um fantoche.

O que a alma acha de seu fiel aliado – este corpo, que suporta as piores instâncias materiais? Ama o humilde e forte corpo, ou prefere trabalhar sozinha? Será que eles formam um só dentro de uma pessoa? O que é uma pessoa? É a sua alma, o seu corpo, a sua psique, ou todas as coisas juntas? Mas, se for todas as coisas juntas, como falamos de alguém muito bem, como falamos de sua alma bela? Sem também ressaltar seu corpo; seu rosto expressivo, que se expande de alegria; como há de falar de um ponto principal, que é a alma – se está sempre a ressaltar outros aspectos? O que é uma pessoa, afinal? É o que ela mostra, o que ela sente, ou o que ela expressa? É o que ela passa para os outros, sua vibração? São suas palavras, seus trabalhos, suas relações? O que forma uma pessoa? O que a torna ela, e o que a torna diferente ou comum? Talvez isso seja um mistério, mas não um mistério tão prolixo assim que não

possamos, nós mesmos, desvendar através da observação proeminente nos comportamentos discretos, escondidos e avergonhados.

Como alguém reage quando está com vergonha, quando erra? Como alguém reage quando percebe que sua ação tocou outros, afetou a psique emocional de outros, como será que essa pessoa reage? Podemos então, começar por aí. Descobrir suas expressões escondidas e veladas, que só se tem quando sozinho. Podemos começar em tentar observar a pessoa em solidão. Ela está distraída ou atenta ao que sente e ao que pensa? Na situação em que estou agora, Julia e Helena parecem bem preocupadas comigo, pois suas expressões – apesar de tentarem esconder – revelam uma astúcia de proteção enorme para comigo. Eu só queria que elas esquecessem isso; eu estava mais preocupada com o fato de saber como o povo queria ir embora, que seria através de uma calamidade natural.

Mas, acontece que – eu não tinha como ignorar, era impossível ignorar. Pois sentia constantemente uma sensação de que não podia entrar muito em contato com ideias de outras pessoas, senão haveria o risco das minhas supostas ideias que ainda não tivessem sido criadas, esparramarem e escorregarem pelo chão, se misturando intensamente com a de outros. Com o tempo, começaria a confundir as minhas personalidades com a de outros, talvez pelo excesso de envolvimento que minha alma se propõe a se abrir; e daí, não saberia mais o que penso sobre determinada coisa. Digo, sei que não há nada de completamente original, mas é pela ideia da originalidade na minha cabeça que conta, não do lado de fora. Nunca é sobre o lado de fora, é sempre pelo lado de dentro. Então, o que faço? Simples, não entro em contato com ideias, mas com sensações. Quando leio e aprendo sensações, minhas ideias conseguem, rapidamente, fazer uma organização imediata em mim e assim, passar para o objeto, como se todos que souberem me ler estivessem entrando em contato com as mesmas sensações.

- Olha, Eloá – Helena sentou-se ao meu lado no sofá, pegando a minha mão – Não podemos fazer isso se soubermos que está se sentindo mal. Eu não posso.

- Por que estão se importando com isso? Daqui há dois dias um tsunami vai nos engolir, e estão preocupadas em quem fica com quem? – Eu disse, com um tom de voz decidido.

- Não é você que sempre diz, as coisas pequenas são tão importantes quanto as coisas grandiosas, ou talvez até mais do que elas? Iremos morrer com incertezas?

Como sabem elas que nada disso faz parte das coisas grandiosas? Automaticamente, quando uma coisa é pequena, ela também faz parte do grandioso. Então, a importância que se dá para a pequenez está no monumental, no caso, na grande catástrofe. Então, aqui estou novamente, tentando dissecar todo o pensamento alheio. Pois, sei bem o que é isso; os pensamentos alheios são confusos, mas não tão confusos quanto a própria causa do embaralho. Sim, a causa; o costume de padronizar os atos inúteis para se viver, e assim – o pensamento deles se mantém em confusão. E tento os entender, tento entender e ressuscitar a confusão para um outro nível de harmonia de espaço. Certo? Tenho a necessidade absurda de fazer isto; senão, meus próprios pensamentos se embaralham na sequência em que afundo e penetro no outro. Então, qual é a solução? Se, querendo ou não, acabo também – estando bagunçada no meio da bagunça que penetro em outros mundos? Nada parece fazer sentido, mas essa é a maior graça de continuar penetrando: a ausência de sentido. Se houvesse em algum lugar, morreríamos, pois estaria tudo pleno e em paz. Mas de onde vêm toda essa bagunça de terceiros, que faço tanta questão de dizer, explicar, verbalizar para o mundo, como processo de cura? De onde vem, e como suportam esconder toda essa bagunça dos outros?

Ora, e de onde vem todo esse bel-prazer enigmático que temos de falar do outro, de esconder a bagunça dos outros? Por qual razão temos tanto dever com o outro? De esconder, de expor, de fazer tudo em relação ao outro? Sinto que falamos demais pela insatisfação interior; dizemos coisas demais, sem parar – pois habita em nós uma verdadeira insatisfação ampla e talvez até desconhecida, sobre as ferrugens e vertigens da vida, ou sobre nossas próprias ferrugens. Quando há algo de errado conosco, falamos do outro. Quando há algo de errado neles, eles falam de nós. E quando um começa, há de saber que o outro, normalmente, revida. Então, torna-se uma bolha gigante, movendo-se para um lado e para o outro, sem poder chegar ao seu ponto principal: o estourar da bolha.

Me pergunto. E agora, o que fazer? O que fazer? O que fazer? Sinto que tenho de falar palavras e perguntas repetidas para que as mesmas possam ser ressaltadas mais adiante e, enfim, serem completamente entendidas e compreendidas através do uso da repetição. Coisa que, sendo ela – de aparência tão cansativa, é a arte que libera todo o aprendizado para quem ouve a primeira palavra e a acha uma mera bobagem, uma coisa tola e desnecessária para

sua vida; afinal – quase todas as almas que estão na terra sabem o que há de melhor para eles mesmos, só que alguns deles não acertam. Alguns deles não sabem, outros sabem, e o que irá identificar quem é quem, será a sensatez de lidar com o outro e de saber os limites exatos das circunstâncias e situações. O trato nunca é com o outro, mas sim com a elevada consciência que lhe induz a pagar de um servo que não é. Pois, quando chegamos aqui, não sabemos exatamente para que viemos, então – quando alguns chegam – encontram-se perdidos, e nessa perdição acham que aquilo é sua vida perpétua, ou seja, se desvaloriza a vida. Já existem alguns que enxergam a perdição se aproximando – sabem também que podem ser tentados por ela, mas escolhem, mesmo com tamanho sofrimento, não mover um passo à frente dele. Um passo à frente daquele caminho, que – na maioria das vezes – é sem volta benigna, ou inteira. Quando se volta, é uma volta de bengala ou no ato de mancar.

- Todos morrem com incertezas. – Falei – Mas acontece que essas coisas pequenas, só se tornam esplêndidas quando as coisas gigantes engolirem a importância delas.

Helena, então, franziu o cenho. Provavelmente, não havia entendido minha fala.

- Ah, deixa para lá... – Disse, com um ar cansativo – Um dia você entenderá. – Mesmo que morrêssemos, ela um dia voltará a construir essa ideia em sua própria alma, fora de um corpo.

O que eu queria saber, e como eu achava tremendamente impressionante, é o artifício do nosso cérebro e do nosso próprio condicionamento interno. Como Helena interpreta as minhas ações, de como eu realmente quero demonstrá-la, de como eu quero que ela entenda. Quero dizer, sempre haverá falhas de comunicação, em todos os lugares. Mas não se trata somente de comunicação, esta é só a ponta – se trata da própria interpretação interna do outro, que vem estritamente de como se condicionou (ou de como nasceu propenso) a enxergar as circunstâncias de forma diferente.

Nossa alma, juntamente com o que as experiências que recebemos nessa vida – cria uma mescla incrível de possibilidades para interpretações. Agora, me resta dúvidas se essas interpretações já são escolhidas desde o momento em que nascemos, ou elas começam a nascer conforme o crescimento do indivíduo com este corpo. Creio que há uma grande junção. Constantemente percebo pessoas enlouquecendo dentro da espiritualidade, tentando chegar ao cerne

de uma coisa que só estão se envolvendo com a mente racional. E isso, infelizmente, é um processo, um débito que se paga, da alma. Não há como, mesmo tendo conhecimentos, se tornar o próprio conhecimento; muitos se enganam quanto a isso. É preciso que a força do conhecer emane da alma, não que se precise ler algum livro para que isso aconteça. Ela simplesmente existe, inata, na própria pessoa. E não há ninguém que o retire dessa redoma de esperança.

Então, as interpretações individuais e próprias devem surgir daí; da coisa fixa da pessoa, como se estivesse mastigada e grudada em algum órgão, que lhe fizesse surgir os firmes brilhos nos olhos, ou um olhar que se negue a estar vivo, que ande por aí, sem encantar-se com nada.

Mas, estas pessoas que se negam a estarem com os olhares vivos, a estarem atentos às simplicidades e magnitudes da vida, de uma simples caminhada até uma saída para troca de ideias com alguém agradável, não as culpo; não diria que isto é algo estritamente necessário, afinal – cada ser é cada ser. Porém, penso nas doenças e enfermidades mentais como causas desses confrontos, penso e necessito de soluções e verdades; sou obcecada pela verdade das coisas, principalmente porque tudo isso me envolve, tudo sobre as enfermidades me envolvem, pois as tenho e já tive, e tento desmascará-las a qualquer custo. Tento ir a fundo, pensar do porquê e como elas se formam na psique de cada um. É facilmente disponível para mim, acessar o outro, o entendo como me entendo. Então, as enfermidades são coisas próprias de interpretações mal pensadas e articuladas por pressão externa. Ninguém olha para si, pois já nascem obrigados a olhar para fora, olhar para o que não lhe pertence de forma alguma.

E o que te pertence (a si mesmo), perde o equilíbrio quando se encontra só. Creio que – todas elas também se intensificam e criam uma coisa mais perpétua pela falta de compreensão de quem está de fora. Posso citar uma das piores – a esquizofrenia – como uma coisa meramente ingênua no começo. Ela piora de estado, pois ninguém presta atenção, ninguém percebe as nuances e os avisos. A imaginação fértil que, quando em contato com outra dimensão como a nossa – não encontramos na realidade, mas eles encontram. E eu poderia dizer-lhes que eu os entendo perfeitamente, que também sinto suas imaginações estritamente férteis, pois também a tenho – mas isto deve ser usado para a arte, para coisas belas, estéticas; e não para se intoxicar, intoxicar seu corpo e sua mente. O esquizofrênico se torna uma pessoa temida pelos outros, por não se expressar como deveria através dos meios artísticos, pois uma vez que

ele põe suas ideias em criações, ela já foi criada. Ele não precisa imaginar mais nada. Ele está vendo ali, em toda sua forma, cores e com pura magia – o que criou sendo concretizado por si mesmo. E, então, sua consciência mudará, todas as histórias criadas na sua cabeça estarão ali, para todos verem; e ele se sentirá realizado, por estar recebendo o mínimo de amor; o inegável para todo e qualquer ser humano. E se sentirá especial... pois agora é um criador. Um criador de suas próprias histórias, que agora fazem sentido, já que virou uma coisa bela de se ver, de se ler, de se assistir. De se sentir.

Bom, mas indo mais ao fundo de tudo isso, acredito que as doenças mentais não existam, de fato. Tudo faz parte de uma perfeita armação da sociedade para nos depararmos e nos assustarmos com nossas próprias emoções e sentimentos. E então – acreditar nos diagnósticos quando estes se intensificam dentro das salas de psiquiatria, fazendo-os acreditar que há algo de errado em si mesmo quando se sente o que se deveria sentir, o que se é normal de se sentir. O que deveria ser normal. As doenças mentais nada mais são que as emoções humanas intensificadas por conta da sociedade que os obriga a inibir as emoções. E quando se inibe elas, as mesmas se intensificam em um certo grau que fica impossível de não se explodir em nível que se pense que é loucura. Mas não; não é loucura, a loucura na verdade, é sanidade. A “loucura” somente é um abafamento das expressões de suas próprias emoções.

Curar uma doença mental é como curar algum desespero temporário: somente se necessita de um bom diálogo sincero; está livre dele após frequentes conversas. Quer dizer, não após – eles necessitam de conversas e trocas sinceras, constantes. Assim como todos nós. Assim como qualquer ser humano, com sua necessidade de ser sociável e de compartilhar tudo o que sente.

Falo isso pois percebo tudo isso em mim: percebo todas as doenças mentais em mim mesma, em diferentes situações e em diferentes contextos, e posso lhes dizer: todos sentem os sintomas, apenas alguns sabem delas, e outros não. Todos possuem; a loucura existe em todos nós, mas apenas alguns tem a consciência dela, outros não. O que os distingue são seus comportamentos; e os comportamentos vêm da alma, vêm da conduta dos aprendizados do espírito.

Mas todos sentem a mesma coisa! Não é lunático isso, mas, ao mesmo tempo, saudável? Ser parecido com um esquizofrênico, um assassino? Essa ideia não é muito agradável para as pessoas, mas no final das contas, somos sim – todos parecidos com os aparentes loucos. Pois todos sentem um pouco

de loucura, um pouco de alucinações constantes; mas há formas de censurar e de limitar essas loucuras para que elas não fiquem à mostra para a sociedade em que se vive. Que, na verdade – é a grande causadora, a grande criadora das doenças. A civilização. Falsa e polar. Sem identidade e sem rosto. Maldita por dentro, tão querida por fora.

A sociedade, em suma – quer reprimir a autenticidade e características únicas de cada um. Por isso, denomina tudo de doença. Quando não se adapta, quando não consegue se adaptar; mas... alguém deveria se adaptar a isto? À essa selvageria de ódio, competitividade, medos intensos? Quem se adapta é que é o verdadeiro louco.

E era esse o meu plano com a psiquiatra e com a minha tia Lígia: reformular toda essa estrutura de tratamento psiquiátrico. Na verdade, aboli-la de vez da formação das cabeças que necessitam de ajuda. Mas não sei se aquela psiquiatra aceitaria a total demolição dos métodos psiquiátricos de ajudar seus pacientes, afinal – ela era uma psiquiatra que trabalhava para o sistema; talvez ela aceitasse, se fosse uma pessoa realmente aberta para compreender a mente humana e trazer para estas mentes mais lucidez de sua própria loucura, se sentindo plena e satisfeita com os resultados. Se ela fosse uma pessoa que não trabalhasse pelo dinheiro, mas sim pela felicidade de ter feito algo bem feito e com resultados proeminentes. Mas, não sei, permanecia com o pé atrás, se seus interesses fossem tão entusiastas assim, não se renderia aos trabalhos escravos do sistema. A maioria dos psiquiatras rendem-se às farmácias, para poder ganhar o seu sustento. O que fazer quando se vê obrigado a tornar-se escravo contra sua própria vontade?

- Ah, Eloá... – Julia falou – Você é toda assim, com ideias subtendidas. Deixa que o outro entenda, ao invés de explicar.

- As explicações não explicam. – Falei.

Helena sorriu, e me deu um beijo na bochecha, e abraçou-me tão forte, como se o mundo acabasse amanhã. E talvez iria.

E assim, surgiu-se um hiato de mudez impenetrável no ambiente. Nenhum som, nem mesmo o noticiário da tevê ainda ligado – podia exercer tamanha interrupção na conclusão da nossa ligação momentânea. O clima estava imperturbável; e eu também. E acredito que as duas também, mostrando seus relances de expressões melancólicas, como quem quer um adorno e um aconchego, antes de partir para debaixo da capa preta da morte.

FIGURA X

Os detalhes

Só vim aqui fazer esta figura – pois os detalhes são essenciais, e talvez até os mais importantes vislumbres de tudo que há de existente; quase sempre, eles são esquecidos e menosprezados. Até eu mesma tinha me esquecido deles. Do quanto as coisas que passam despercebidas são as que mais precisamos! O quanto nem as percebemos, de tanto se usurpar e de se usar dessa necessidade, já não vê mais o seu gosto, já não tem o prazer adequado de usufruir dela como é. Os detalhes... algo que nem se nota pela maioria, mas, quando eles somem, quando suas funções somem, se desespera.

Como está acontecendo agora, com esse tsunami sendo capacitado de engolir a cidade. As pessoas em sociedade consumista tendem a desvalorizar suas próprias vidas em prol de uma vida acirrada e louca, para impressionar outras pessoas; e quando nos acometem esses medos e ameaças da natureza, de repente, abrem-se os olhos! Se vê o quanto de tempo perdeu, se desgastando para inutilidades. É uma espécie de maldição, que havia de acontecer com todos.

Fui eu passear pelo centro da cidade, junto com Julia, Augusto e Boina, para conversarmos melhor sobre o que estava acontecendo com a cidade. E, no meio do caminho, haviam passeatas. Caminhões e ônibus parados, em todos os lados, gritando em desespero:

- Exploraram-nos o tempo todo, e agora estão com medo de perderem suas vidas! É nisso que dá, brincar com a vida do outro! – Um dos motoristas do ônibus falou.

- Exploram nós, trabalhadores, para ganhar dinheiro, seus porcos imundos. Agora, tomem, pelo menos vão receber o que deveriam ter recebido há muito tempo. A perda de sua vida.

E esbravejam, como se suas cordas vocais fossem ser arrancadas, e suas veias pulavam arduamente de seus pescoços, pude ver a metros de distância.

- Meus filhos passam fome todo mês, e acham ruim quando eu, em meus dias de tristeza deixo passageiros ao vento, sem parar no ponto. O que vocês

querem? Um robô no volante? – Um deles disse, dessa vez, com a voz mais amena do que os outros.

Refleti: o meio de transporte é algo estritamente necessário para todos, mas quase ninguém pensa nisso durante o dia. Quero dizer, para ser mais exata, ninguém pensa na natureza das coisas. Em hora nenhuma! Estão preocupados demais com miragens supérfluas, somente das vistas ao seu alcance. Então, quando ela para, aí está: a falta do detalhe. A falta de ter enxergado esse detalhe: o valor do transporte. Se tivessem enxergado, teriam dado um jeito nos funcionamentos dos seus próprios sistemas e como eles são monitorados. Teriam dado um jeito, principalmente, nas máquinas humanas que trabalham, suas emoções não podem sair do eixo, senão de nada conseguem fazer, de nada conseguem ter aprimoramento, pois seu psicológico está abalado por algo – não há como o corpo ignorar, então se trabalha dentro do sistema de forma desagradável.

A necessidade de olhar para os detalhes é sempre pertinente. E olhar para os detalhes é o olhar com sensibilidade apurada, sem a necessidade de óculos. Isso já ajudaria um pouco esse caos formado por bolhas sujas e escuras de nuvens cheias, mas que quase nunca molham.

Estava tudo fechado, não havia ninguém que tivesse ido trabalhar, pois não havia transporte. Como as pessoas em civilização convivem sem o transporte grupal? Como a civilização vive sem algo para transportar seus mantimentos? Tudo parou. Temos nossos próprios pés; eu tinha fé nisso, eles eram imbatíveis, mas as necessidades básicas de todos não nos permitiam tamanha liberdade ideal.

- Concordo com eles, estão no caminho certo. – Augusto disse – Eles vão morrer também, mas pelo menos, a justiça será feita.

- As pessoas estão loucas. – Julia falou – Depois do meu despejo, só faltava isso para a minha felicidade. Ver o caos se realizando, finalmente! Todos estão absolutamente frenéticos. – Ela deu risada do seu próprio gosto pela destruição.

- E não é de hoje... – Boina falou – Bem antes das notícias inesperadas desse tal tsunami, a cidade vinha ficando com um clima estranho. Estão todos em guerra.

Eu me mantinha quieta, como sempre; os observando discutir uma coisa que, querendo ou não, já estava predestinado a acontecer. Eu já tinha previsto! Ora, há tantas décadas de matança, exploração e expiação, como não acontecer

nada? Como os agentes imutáveis (natureza) ficariam sempre calados, assistindo tudo, e sendo explorados? Não, não é por aí, isso é ser cético demais e não acreditar que tudo que se faz sempre é descoberto.

- Sinceramente, não acredito que essa onda venha. – Boina disse.

Julia deu risada.

- Então, é desacreditado? Tomara que venha. Eu tenho fé.

- Não... – Ele relutou – Apenas preciso de mais confirmações para acreditar.

- Não existe. – Julia disse – Esperar confirmações é o mesmo que esperar a morte.

Continuamos nosso rumo, e durante ele, encontramos mais greves! Greves de diversos trabalhadores aparentemente desvalorizados. Tinha os professores, logo em frente.

- Vocês nos desvalorizam por quê? Somos nós que formamos os alfabetizados, somos nós que ensinamos e educamos, um cargo de grande responsabilidade. Os papéis estão invertidos. – Um deles disse, segurando o megafone.

Passamos por ali também. E continuamos andando pela cidade, passando pelas multidões. Mas não havia entendido suas principais motivações para tal: será que esta preocupação com perder suas próprias vidas está em jogo?

Existem alguns detalhes propriamente ditos, feitos somente para o possível desmascaramento de uma verdade maior. Cada detalhe que assisto, nas cenas reais da vida passando pela estrada, me mostra um detalhe sobre determinada circunstância que me traz uma ideia nova, uma ideia do todo. E, assim, aprendo com o mínimo detalhe que pude observar em meio às infelicidades e vislumbres caóticos dos outros.

- Estamos ferrados. – Augusto disse, com um tom um pouco desesperador – Vai faltar comida, água, tudo. Se esse tsunami não nos pegar, acabaremos morrendo do mesmo jeito.

E nesse detalhe de imagens, de lapsos, de uma simples caminhada, nós quatro passamos pelo corredor da multidão de pessoas. E, após isso, continuamos nosso caminho, nos despedindo um do outro, hipoteticamente.

E como todo detalhe, ele dura pouco; sua vista cansa-se de não o agrupar com o todo. Assim como essa figura. Assim como essa caminhada. O detalhe dessa figura é mínimo, mas seu efeito no todo é máximo.

FIGURA XI

As partidas

Era isso. Aconteceu. Já estávamos navegando nos redemoinhos do mar, e eu não acreditava como posso estar tendo fluxos de pensamentos contínuos enquanto lutava para sobreviver, me agarrando ao que viesse em minha frente, que penetrava na resistência de não me deixar ser afogada pelas alturas das ondas. Nadava, nadava, nadava, e era impossível encontrar alguém conhecido para onde a onda me levava. Chega uma hora em que paramos de resistir, e simplesmente aceitamos o que está acontecendo, sendo levados na mercê das hipóteses neutras, que servem como calmantes quando se aceita as hipóteses como possibilidades de verdades suscetíveis a tornarem-se alvos de uma possível concretização.

E então, foi o que fiz. Aceitei. Me deixei ser engolida pelo mar, e afundei. Penetrei em suas entranhas mais fundas – apesar de estar um pouco suja, pude ver seus resquícios de limpidez sondando minha pele, meu corpo e tudo que me cobre como uma preciosa armadura de ouro. Pensei que não pude, nem tive, oportunidade de me despedir de pessoas que me marcaram. Mas, se me marcaram (e com certeza, marcaram minha alma) então – o encontro de almas há de se rondar por aí, após o corpo ter se tornado um cadáver. Então! Aqui estou, prestes a morrer, a perder meus últimos segundos de vida. Esses segundos demoram uma eternidade, já sabemos disso. Pois o que morre é o corpo, eu continuarei falando e progredindo como a minha alma deseja, e assim – continuarei aqui na eternidade contraditória da razão do que se chama vida.

Vida.

De onde será que vem este nome, tão curto e tão alegre, capaz de saudar alegrias desmanchadas, quando se pronuncia? Ora, as palavras – elas têm um efeito tão estranho sob nossos ouvidos, quando as pronunciamos. Algumas causam medo, pavor – outras dão uma sensação leve e de segurança. Já outras – causam a força possível para se seguir em frente. E o que dá essa força é a própria palavra e a sua tonalidade (que também deveria ser firme): força. Força. Força. Quando soa outras vezes, o eco penetra em nossos ouvi-

dos e ficamos atordoados; mas depois – o eco para de ser um inimigo e sai de sua jaula enegrecida, passa a ser o encanto de um mergulho. Nas apreensões das vivacidades. O que se necessita apreender dentro do eco sonoro que se escuta, que se lê, que se vê; mesmo que na memória imaginativa. Tentar ver o significado do eco. Por que aquilo está persistindo há tanto tempo? Por que a vida persiste? Por que ela persistiu esse tempo todo? Por que estou debaixo da água, e ainda respiro? Por que este eco de vida persiste? Ela não quer ser interrompida! Desespero-me agora, por não estar enxergando a morte penetrando em mim aos poucos. Com o tempo, comecei a olhar os peixes de diferentes espécies passando sob meu corpo necessitado de ar puro, com minhas roupas encharcadas, provocando estranhezas. Mas passavam sem mesmo fingir que me viram, ignoravam absurdamente a minha presença, a minha vida – assim como o ser humano ignora a vida deles, e do resto dos animais. Nada mais justo, nada mais digno. Agora que me lembrei deles, lembrei-me também das atrocidades que já vi contra eles, em vida. Lembrei-me de tudo, dos horrores, dos gritos de todos eles. Do matadouro, e de seus procedimentos repugnantes, enjoativos e mortíferos. E o que fazem com as pessoas que se submetem a um trabalho tão letal como esse.

E quando me lembro, ou somente imagino as coisas, de repente, acontece algo estranho dentro de mim: é como se eu vivesse aquilo. De fato, é como se eu estivesse no lugar que estou imaginando agora, e – se eu não for para outro lugar agora na minha cabeça – é capaz de morrer com essas imagens horripilantes. E, por consequência – morrer intranquila, agoniada, como eles. A perversão humana parece nunca ter fim; sua imaginação para a perversidade parece persistir como algo meramente inofensivo.

O jeito dos peixes que passavam por mim era engraçado, suas nadadeiras faziam milhares de bolhas que chegavam até o meu rosto estourando bem em minha frente. O jeito de cada peixe era um jeito diferente de nadar. Perguntava-me agora: de onde vinha esse jeito tão exótico e original de cada espécie de nadar e usar seu equipamento de nascença para adquirir o melhor equilíbrio possível? O jeito de ser de cada um era algo misterioso, mas ao mesmo tempo – tão simples e capaz de perceber entre as nuances, de onde eles vêm: acontece que o ser humano é um pouco mais complexo, pois possui a consciência que pode se desenvolver; então, o que acontece? Além dele adquirir os trejeitos de outros seres pelo meio em que vive (o social), há o seu arquétipo, que sempre

traz algo único dentro de si, aonde geralmente não o usa, por conta do meio social que o induz a acompanhar o comportamento dos outros seres, que estão próximos dele.

Agora, os peixinhos! Estavam vindo até a mim, diferentes espécies deles, e os peixes dourados, especificamente, começaram a me rondar. Me olhavam, com seus olhos enormes, esbugalhados e atentos, e continuaram a me rondar, até aparecer uma outra frota que seguia na frente deles. Eles fugiam dos mais hábeis e maiores; talvez essa questão de tamanho e inteligência seja mesmo verdadeiro em toda a natureza, e não mera invenção dos humanos. É que, quando se é humano, e se está sempre em contato com a sua própria natureza (como eu) é difícil não se perder entre as coisas inventadas pelos da minha espécie (pois são da minha espécie, logo, tendo a compartilhar certas características) e entre as coisas que realmente são naturais e universais em todos os seres, coisas fixas, enraizadas, imutáveis.

Voltando ao jeito de cada um: acredito que me forço a sair de mim sempre quando necessito socializar com alguém, por conta da comunicação verbal que criamos. Ora, a verbalização, para mim – é sempre como sair de dentro de mim, em prol do outro, pelo outro, para o outro sentir-se confortável. Se a minha socialização fosse apenas por outros gestos, que não a fala – seria então uma comunicação na qual eu aderiria e seria reconfortante e agradável para mim, estar perto e entrar em contato. Mas a exacerbação da fala – essa maldição da sociedade! Faz-me sempre sentir como se eu não pertencesse a lugar algum. Como se a minha existência estivesse mais próxima das redondezas da pureza. Novamente, o contato com a natureza, com a minha natureza. Quando digo que algo em mim mudou, provavelmente foram – hábitos, a aparência, os trejeitos (adquiridos pelo social); mas eu? Eu nunca mudei. Nunca me sinto como se tivesse mudado. Pois, sempre estive, e sempre estarei – em contato com a minha eterna natureza, a minha raiz de galhos e folhagens firmes e fortes. E aconselho os outros da minha espécie a estarem também. Traz uma calma em momento de desespero, quando olhar para si, está totalmente perdido nas seduções do social, do mundo podre e consumista – não sabe mais onde está a si mesmo, e daí decorre para meios externos. Novamente, um erro.

Constantemente sinto-me nas profundezas de toda a minha totalidade enigmática. Sinto a presença dos outros seres da minha espécie quando socializam comigo, de querer puxar-me para dentro do buraco deles, para dentro de uma

massa gosmenta e nojenta, que se move somente com a presença de modismos, falácias e aparências. A sociedade sem rosto. Os vejo, a todo tempo – puxando-me para fazer parte desta sociedade sem rosto, sem nome, sem identidade. Obscurecida. Sei, já faço parte dela, inevitavelmente – mas digo nesses meios: sinto suas vibrações querendo puxar-me para suas malícias, sempre quando há uma percepção de que gostaram da minha pessoa. Ora, eu é que deveria puxá-los para cima, para o não-sentido de suas perversidades, para a dissolução total de suas fantasias maliciosas; puxá-los para a clareza das coisas, que são – a natureza das coisas. A natureza. Os peixes dourados, me rondando novamente. Me olhavam, pareciam que queriam beliscar meus dedos.

Os seres... me dão nojo. Estes peixes, agora que me cercam, são parte de um todo que insistem em usar e ingerir para seu próprio prazer do paladar. Como podem fazer isso? Quando será que suas cabeças irão perceber que se trata de um ser vivo, como ele – que respirava, que vivia sua vida normalmente, antes de um predador chegar? Os predadores sempre existiram, ou foram nós que os inventamos? Não, o nome disto não é este. Não se trata de caça individual de algum animal; o que fazem é exploração da vida conjunta, da massa inteira de animais; um genocídio. A matança só para quando há o desespero de todos que faziam parte disto e foram testemunhas. Esse tsunami, talvez, tenha vindo para mostrar-lhes isto: “irei matá-los, pois todos vocês não param de matar”. Quem sabe a nova geração que nascerá repense seus hábitos, se é que sobreviverá alguém daqui para contar histórias para outrem.

Não sei como ainda não morri. Estou aqui, tendo mil pensamentos finais de vida sobre tudo, mas ainda não morri. Creio que já se passou tempo demais, eu não deveria mais estar respirando. Não consegui subir de volta para a superfície, ainda estou aqui; debaixo d’água, aliviada por estar fazendo parte, mas sufocada – por precisar de ar.

Todos os elementos me são absurdamente necessários, mas não tanto quanto o fogo; esse obtém uma necessidade específica e exótica. A água, para refrescar-nos e nos limpar de todas as impurezas que o dia tende a nos impregnar; o ar, para respirarmos o ar puro; a terra, para pisarmos e plantarmos nossos alimentos; e o fogo, para cozinhá-los, e ficarem mais saborosos para nós. Além de que – o fogo, este elemento tão estranho, serve também para diversões, perigos e aquecer, quando o ar resolve ficar pesado. Quem nunca se divertiu perto de uma fogueira? Mas sabe-se que, quando se diverte próximo demais

e decide não se atentar com o que faz nas chamas, é capaz de queimar-se e provocar queimaduras na pele! O fogo é perigoso e divertido ao mesmo tempo.

Óh! Sinto-me tão adiantada ao meu tempo... sinto que... O que todos aprendem em cinco anos, aprendo em cinco dias. E isto tudo porque – a visão estável deles e a covardia de não quererem ouvir o outro, além de suas próprias visões egoístas, os leva a aprender somente quando se acontece um desastre. E aí está; o desastre ocorreu. O mar engoliu a todos, não prestaram atenção aos avisos! O que mais o ser humano teria de passar para aprender que não se mexe com o que não lhe pertence? A liberdade é inata, é natural. Não se pode possuir nada que é liberto, não se pode fazer o que bem entender com ela. Mas os peixes ainda estão aqui, eles estão por aqui, nadando tranquilamente.

E, com eles, sinto uma inconstância argilosa, que me faz, a todo tempo, ter de sair de mim – para poder satisfazê-los, de certa forma. Satisfazê-los, como se eu não fosse boa o suficiente. Sei que sou, sei que meu silêncio é a minha redoma, o meu castelo; sei que só ele basta para mim. Sei que me basto; mas, quando entro em contato com todos eles – é como se me puxassem com uma densidade nefasta, e com uma sensação eminente e estranha de loucura pairando-me. Por isso, o meu silêncio é o meu escudo, protege a minha pureza de qualquer objeto. Não me levem a mal, mas estar debaixo do mar agora, mesmo sabendo que irei morrer em breve, pode estar sendo um processo de recuperação incrível para a minha alma. A minha alma – que tanto sofreu estes anos de pesos e martelos em cima das costas!

A alma: este ser sem carne que lhe dá dores, sem saber exatamente de onde elas vêm, nem como elas se infiltram nas paredes da matéria. A alma: o ser prodígio que lhe explica coisas sem dizer nada, pois não possui boca. Diz com sua lucidez muda, diz com sua visão encantada do mundo.

Então, o mar continuou sua rota. Ele me levava para frente, depois para trás; as ondas não paravam de se mexer, eu olhava para cima e via alguns pés debaixo da água, e o corpo deles, ainda na superfície, ainda usufruindo do ar, do nosso elemento necessário para sobrevivência. Enquanto isso, os peixes fugiam; escondiam-se em seus esconderijos secretos. Mas, engraçado, a única pessoa que afundou, e que vi por aqui, sou eu; não avistava ninguém embaixo da água, somente pessoas que boiavam lá em cima no alto mar, tentando se apegar a alguma matéria, e se livrarem da água que tentava afogá-los.

Por que será? Por que será que afundei, enquanto todos eles permaneceram

lá em cima? Por que será que penetrei tão fundo, enquanto eles tentavam, a qualquer custo, se salvar? Talvez a aceitação more aí. A aceitação, que não se nega nada, somente se afunda na aceitação de que se encontra em seu caminho. Enquanto os outros resistem, persistem, não aceitam nada. Eu costumava agir assim, em vida, com minhas crenças – mas agora... agora é um ciclo, nenhuma crença é tão forte quanto os ciclos. Os grandes ciclos que se miram em direção aos seus olhos cegos de vingança ou de dor, para demoli-los de uma vez, de sua grande penetração em outras almas inocentes. Perfura e permuta, as paredes cinzas das viagens agonizantes de amores reprimidos.

Quando a aceitação das coisas faz o seu trabalho completo – isto é, a renovação da sensação inerte – é como o sol da manhã lhe enchendo de vitalidade corporal; mesmo que lhe queime as pernas e o rosto, está ganhando luz, está exposto à clareza dos sons, das sensações, dos cheiros, gostos, está exposto à intimidade total do que um verdadeiro contato caloroso significa. Está protegido; mesmo que se queime. Está contente; mesmo com o coração desmontado. Mesmo que ele se desfaleça, e se junte a areia quente: ele sobreviveu, e isso basta. Isso deveria ser o suficiente. Sua resistência foi digna, não era necessário ter sido eterna, afinal – sua eternidade regurgita e se petrifica nos horizontes das lembranças dos olhos e dos sorrisos sensíveis; todos com atenção imediata ao que se passa em suas sentimentalidades frequentes, com as lanternas acesas para valorizar o que voltará a aparecer, novamente, pela vigésima, trigésima vez, em suas palpitações pueris.

Tentamos, a todo tempo, falar e discursar como adultos, mas não passamos de crianças disfarçadas! Cada um com seu método muito único de disfarçar suas inseguranças, medos e companhias negativas da infância. Pois, cada um – querendo ou não – traz consigo o trauma dentro de seu discurso e de sua forma de discutir sobre algum assunto. As formas delicadas ou indelicadas de se agir perante o outro está conectado com essa criança escondida. Ninguém é adulto; todos são crianças, e por serem – há um resquício de pureza, envergonhado de perambular por um mundo transtornado, virado ao avesso.

Mas aqui fica um renomado assunto interessante que me paira: este limite entre ser criança e ser adulto. Quero dizer; sinto, pressinto, intuo o limite adequado entre os horários predestinados para o meu espírito, de expor a minha criança, até hoje viva; parece que a mesma vive até hoje, lembro de memórias dos meus instantes infantes como se tivessem ocorrido no dia de ontem! Então,

a exponho quando percebo a segurança, a leveza de onde estou; e exponho o adulto, quando tudo parece estar sombrio e predestinado a algumas possíveis discórdias e violências. Não sei de onde vem esse meu limite: não sei, desconheço de onde vem essa minha linha imaginária que tenho, esse bom-senso estranho e inato, que não aprendi com ninguém, estranhamente, não aprendi; não sei de onde surgiu essa minha noção de limite. Não sei; o limite é um mistério prolixo, usando uma capa roxa, com seu rosto todo vedado.

E outra coisa interessante sempre me acomete! Lembro que conheço muitas pessoas; tenho inúmeras relações, gosto de algumas, mas, após algum tempo, voltando para meus estados introspectivos e pensantes, e depois retornando para uma possível sociabilidade, volto como se eu nunca tivesse conhecido nenhum deles. E, não sei se são eles que me estranham, ou sou eu que os estranho. Talvez os dois. Tudo porque – quando volto diferente, estou em mim; quando estou sociável, parecida com eles, estou fora de mim, me abandonei por alguns dias, e quando retorno para mim – parece tudo tão mágico, límpido e puro. Então, pergunto-me: por que saí de mim? Pois, as sensações de fora, do social, são desagráveis até certo ponto, mas vou até lá, vou até o desagradável para testar-me, e assistir os que são parecidos comigo, mas que, ao mesmo tempo, não me entendem.

Antes dessa onda do mar engolir a cidade toda, e eu estar aqui, na minha breve companhia dos peixes dourados, que ainda me rondavam – falava com Augusto sobre como tudo se resume aos métodos. Tudo na vida são métodos; uma pessoa em si, não muda, mas sim – o seu método de ser ela mesma. Ela não muda, mas sim seus métodos de presenciar a si mesmo no mundo e com ela mesma. Os métodos, em si, são muito difíceis de serem percebidos, tudo porque – as impressões nos pegam muito facilmente através dos sentidos; os sentidos, às vezes, são malignos, podem nos aprisionar nas impressões, que não nos permitem ver claramente! Não nos permitem enxergar o método modificado e mudado, do indivíduo.

Então, podemos dizer que as impressões e os métodos são rivais. Batalham para ver quem é o possuidor dos sentidos de quem olha, de quem ouve, de quem sente, de quem mastiga. Enxergar os métodos significa ver tudo profundamente como coisas interconectadas; que nunca se desligam. Enxergar as impressões significa fazer e viver com o que está possível para seu físico, para sua matéria; agir e responder aos agentes externos conforme o que lhe está

disponível somente para a clareza da materialidade. Enxergar as impressões significa responder na mesma moeda, e não desvendar, realmente – de que material aquela moeda foi feita, ou qual foi o seu método para fazê-la.

E então, o método entra. O método: como são feitas as coisas e como elas chegam até você, em estados mastigados através das socializações, através das aparentes mudanças das pessoas, das situações, dos contextos; das ruindades e das bondades; através dos amigos e inimigos, do bem e do mal; como essas impressões de mudança e de contraste foram feitos? E como todos acreditam tão facilmente que essas coisas chegam a mudar? Não mudam; são os métodos. Os métodos mudam. Mas o objeto, o corpo, espírito, em si, não.

Mas, engraçado: estou aqui, como se estivesse prestes a morrer (e ainda não morri) e estou agindo como se ainda fosse viver uma eternidade, tudo porque estou me dando o próprio privilégio de continuar pensando demais, como sempre fiz, em vida. Não sei como ainda não morri: falo para mim a todo tempo em meus pensamentos. Já era para ter acontecido! Não era? Comecei a sentir a onda arrastar-me para a frente, com seus movimentos bruscos.

Ouvia, em estado sereno, móveis e carros sendo levados pela onda, batendo em postes, caindo e afundando perto de mim.

De repente, outros itens também chegariam: pedaços de vidros, lixos, pedaços de galhos de árvores... eu desviava dos mesmos, lentamente, quando percebia que estavam afundando em minha direção, quase me atingindo o crânio, quase me atingindo a cabeça. E eu nadava, desviando deles. E o meu nado era um pouco parecido com o dos peixes; eu não sabia muito bem como fazê-lo, mas usava meus braços como suas enormes nadadeiras. E, à medida que fui me desviando, os peixes fugiam, sumindo da minha vista e do meu horizonte. Não sei se voltariam; nem eu mesma sei se voltaria. Estava agora perguntando-me: será que já não morri? Será que a minha respiração já havia parado há muito tempo e estou só comigo mesma todo esse tempo fazendo uma análise sobre meus últimos segundos no fundo do oceano embrutecido com a civilização perversa e alucinada pelos seus próprios desejos?

Ora... acho que sim. Acho que sim! Toquei, então, em meu coração, para ver se ele batia. Nada, não sentia nada. Estranho, mas meu corpo continua movimentando-se, continua fazendo o que eu quero; e eu continuo pensando, vendo tudo que acontece com os olhos abertos; mesmo aparentemente sem respirar. Não, não. Calma; senti agora, o coração bateu, pulsou. Eu talvez, esteja

respirando, porém – a água entrava pelas minhas narinas e se atravancava em meu corpo, revestido de água.

O mar leva-me mais uma vez para a frente, bruscamente – enquanto interrompia meu raciocínio para saber se eu estava viva ou não. Enquanto isso, mais um poste caía e afundava no mar, quase atingindo-me, mais uma vez. Um carro prateado também afundava, não deu tempo exatamente de desviar, seu capô acabou atingindo um pouco o meu braço direito. Mas a dor não persistia, ela existia, mas é como se eu não conseguisse mais prestar atenção nela; como sempre foi, na minha vida.

A dor existia, mas é uma dor estranha: uma dor que não exige muita atenção, não vive de usurpar a minha vitalidade; ela se permite ser facilmente ignorada por mim só para, em momentos de solidão, sentar-se comigo em harmonia para conversar. Ela nunca foi tão gritante, apesar de densa – sua densidade não se permitia facilmente ser guiada por estrondos, barracos ou catástrofes, por estas exterioridades fantásticas e sensacionalistas. Não, a minha dor nunca foi guiada por isto. Uma dor intensa e visivelmente implícita, erguendo uma espada poderosa, mas com um escudo bem na sua frente. A minha dor poderia se fazer de invisível para mim mesma, e por isto que – esta dor no meu braço, causado pelo capô do carro tê-la atingido, foi tão grande, que conseguia ignorá-la. Pois o escudo apareceu em frente à espada afiada. E não é como se eu a ignorasse, mas sim ela mesma que faz questão de ignorar a si mesma; quero observá-la, encará-la, mas a mesma prefere manter-se em reserva. Tem preferência por mundos imaginários para se desvencilhar da sua própria existência, da sua própria capacidade de entrar em um êxtase temporário, somente com sua própria figura perpassada como uma agonizante sensação. Ela é nobre, como todas as coisas que existem e são merecedoras de um respeito propriamente dito.

Tentava constantemente me ver do lado de fora do meu corpo. Como será que estou transparecida do lado de fora? O que observo agora são algas e plantas presas na areia do fundo do mar, com objetos da civilização apossando a minha visão, e alguns peixes nadando desesperadamente para dentro de suas anêmonas, como vultos, bem longe de mim. Porém, como deve ser – eu observando a mim mesma? Como se eu estivesse assistindo um filme – eu, a protagonista dentro do mar? Ou então, como será que alguém me observasse, como estou agora? Essa opção é inválida; pois se fosse outra pessoa observan-

do-me, não teria a minha visão interior tão rica, incapaz de observar as coisas ao meu redor, de senti-las intensamente, logo – não teria tanta validade no meu pequeno mundo de valores sentimentais. Por isso, tenho a curiosidade de imaginar, como seria observar-me a todo tempo, do lado de fora. Seria estranhamente bizarro? Talvez não. Talvez não para mim, pois – sempre projeto estas imagens em minha cabeça, e me parecem confortáveis, principalmente quando em desespero, quando a ânsia vem me ranger e roer os ossos.

E não só me observar do lado de fora, como também ouvir a minha voz e não me reconhecer. Como seria ouvir a minha voz, sendo outra pessoa? Como seria se eu nunca falasse nada, e tivesse sempre imersa em mim, constantemente? A questão é que me estranho completamente, logo no momento em que começo a falar, pois a fala é a introdução para a superficialidade, para adentrar no mundo do concreto, do que não afunda. Então, como estou sempre imersa em mim a todo tempo, quando falo e me pronuncio através da voz, é como se as minhas profundezas estranhassem as minhas cordas vocais emitirem algum som, indicando aos meus órgãos para os mesmos agirem para fora, e não mais para dentro. Isso lhe parece algo fora do comum? Estar tão penetrado em si, que, quando se fala e se entra em contato com a outra realidade, a realidade externa, não parece mais ser você? Mas sim alguma cópia de si mesma? Alguma intrusa lhe induzindo a estar em contato com outra coisa que não você?

A voz é ferramenta de rompimento com o mundo subjetivo; o silêncio é um utensílio para progredir no objetivo, sendo subjetivo. O uso da palavra é o uso de disfarce, de esconder o que se está entranhado. Se usa ela para se estar mais confortável, para se mascarar a realidade interna. O que lhes causam tanto desconforto assim, para falarem tanto?

Talvez seja por isso que eu tenha afundado no mar, e os outros terem permanecido na superfície, recebendo o ar natural para a respiração. O fundo é uma espécie de habitat especial meu; nunca me separo dele, nem mesmo no mundo objetivo, nem mesmo nas tragédias.

Constantemente, tento mascarar-me nos meios, crendo que ninguém irá observar quem sou eu de verdade; às vezes, posso até simular uma conversa, mas não suporto mantê-la quando percebo que aquilo que estou dizendo ou ouvindo vai contra quem eu sou. Isso, não admito; é uma coisa estranha, uma traição a mim mesma, falar certas coisas e ouvi-las também. Mas, sempre percebem, assim como os percebo, assim como os decifro absurdamente,

somente em olhar em seus olhos. Minhas decifrações são o reflexo: eles devolvem minhas intuições para com eles. Eles sempre me percebem, pois sempre percebo todos eles.

Porém, existe aquela mescla natural quando estou em um meio sociável: a dúvida surge, quando não sei como devo estar: em estado de interação, observação ou introspecção? Bom, depende. Depende, porque estou sempre em estado de introspecção; então, quando chego em um meio com pessoas novas, posso estar em estado de interação, pois essas interações me darão novos materiais e conteúdos para as minhas próximas introspecções. Mas, o material poderia ser dado através da minha constante observação, apesar de não receber da mesma forma. Quando se recebe conteúdo através da observação, o trabalho de mastigar é seu; o de formular tudo para deixar uma clareza maior, é seu. Só que quando se recebe o conteúdo através da interação, ela vem do outro até você, de forma entendível e fácil demais para não se entender. Porém, as coisas fáceis me desencantam, desanimam-me, não me atraem tanto. Já sabia disso, mas mesmo assim, sempre interagia. Sempre interagia, pois sou curiosa, quero ver no que vai dar. Acudo, assim, os três estados; protejo, assim, meus três estados.

O primeiro vai contra a minha casa, a minha segurança. A interação é como se fosse a rua; já a introspecção, é a casa. E eu sempre gostei de permanecer em casa.

E agora, totalmente submersa nas águas do mar, não posso mais permanecer em estado de interação, pois não há nada aqui com quem eu possa interagir. Os peixes não conhecem a linguagem da minha espécie, como posso induzir-lhes à interação, se somente seus olhos demonstram estranhamento para comigo?

Por vezes, me perco no mundo das possibilidades; acho que – o que estou vivendo é uma das probabilidades que imaginei e que induzi a mim mesma a acreditar... então, por ora, me engano: o que estou vivendo é somente o que estou vivendo, não sei estar nesse instante presencial. Preciso pensar no que está por trás de todas essas presenças atuais, o que veio antes dela e o que virá depois! O que virá depois? Então, eu mesma me saboto por pensar que o que está acontecendo é algo da minha imaginação; porém, não é. E nunca sei se estou realmente certa ao dizer que ainda estou viva mergulhada no mar, se não estou apenas pensando nessa possibilidade, se já não morri. Talvez eu tenha morrido, e esteja pensando na vida, enquanto não faço mais parte dela. E nem

nunca fiz, enquanto eu teria de vivê-la, estava pensando nela. Mas nunca foi um pensamento comum: era um pensamento aéreo, espacial, astral; que me levava para outras camadas de dimensões, dando-me as possibilidades possíveis para se acreditar que qualquer coisa viria a acontecer comigo; enquanto nada acontecia, eram só viagens.

Todos eles, que estão afundados agora em abismos, não sabem de nada, no fundo. Quer dizer; eles acham que sabem, pela quantidade de experiências que já tiveram, pela quantidade de livros que já leram, mas isso não é, ao fundo, o saber. O saber é concretizar-se em si, fazer com que a alma se sinta cortejada de tamanha forma, que não necessite de mais nada; o saber é a fonte de um verdadeiro nada e um verdadeiro tudo. Tudo que se necessita saber já está aqui, não se existe o procurar por ele; ele está aqui, nesse momento! Por isso – ele se torna uma busca nula (o nada), que proporciona a riqueza (o tudo).

O saber é o vazio; e, com base em suas próprias deduções sobre a vida, vão mancando por aí, crendo que estão andando normalmente. Crendo que sabem demais, que sabem de tudo, pois estão estufados de pensamentos que trovejam os neurônios.

Mas, ora... nunca sabem! Quem é o tolo que irá menosprezar um ou outro por não ter vivido tal coisa, ou por não ter lido tal livro, se tal pessoa e sua alma ainda é, de certa forma, desconhecida e indecifrável? Não percebem que tudo é a mesma coisa? Tudo dá no mesmo, absolutamente todo o conhecimento no mundo. Falar algo em termos de outra coisa é um hábito comum em minha vida, sempre incompreendido; mas é a maior solução para os problemas: quando se fala algo querendo falar de outra coisa, na verdade, se abre o maior leque de alternativas para a percepção de conexões e ligações extrafísicas, coisas que não se pode enxergar a olho nu, por um olho terrestre. E quando se olha sempre pelo olhar terrestre, se mantém preso às dificuldades dos progressos da vida.

Não há dificuldade; a dificuldade é não fazer as conexões.

Ora, então porque procurar em um lugar inalcançável uma cousa, que se pode encontrar somente olhando-se no espelho, ou levantando-se da cama? Está aí a solução.

Por falar em autores de livros, as pessoas pasmariam se soubessem que nunca aprendi nada lendo livros, e nem menos falando deles com as pessoas. O que mais me instiga é o conhecimento sobre o que está por trás; o que está

por trás das ideias é o que me instiga. O autor, ao escrever aquele livro, no que ele estava pensando? Como ele era, em sua vida pessoal e íntima? Eu só acharei brilhante suas ideias, quando conhecê-lo, de fato, através da observação. E, por falar em observação, há de entender que o meu conhecimento vem todo daí. No que minha visão penetra, aprendo. Minha visão penetra em determinada coisa, e assim sinto-me curiosa a conhecer; e nada disso inclui ler milhares de livros; através dos livros, conheço pessoas novas, que são os autores – mas nunca aprendo nada, senão o mundo particular daquele autor. Mas as ideias? Eu as tenho no mesmo instante em que observo algo. Está aí o aprendizado. E os tolos sempre quiseram me convencer de que o aprendizado está nos livros e nas instituições. Grandes tolos; formam-se pessoas obcecadas por referências, e não pessoas autênticas. Mas, deixa para lá, um dia entenderão. Ou não.

Estava aqui perguntando-me se devo confiar em mim mesma e nos meus próprios pensamentos. Pois, tenho a certeza absoluta que nada é absoluto, e por isso – vou pensando confiante em minhas próprias certezas – sem saber que elas serão extirpadas a qualquer momento. Só basta eu deslocá-las – então evaporam. Minhas certezas são os mistérios dos meus pensamentos. Inertes, se intoxicam avulsamente, sem se perceberem esbarram nos ombros alheios enquanto perambulam pelas calçadas da rua. E, observando todo o meu monólogo instantâneo, obtive uma conclusão incerta: o que me difere e me separa da maioria das pessoas talvez seja a minha tamanha atenção dada a minha forma de pensar, puramente emocional. Ajo racionalmente nas situações, porém – meus pensamentos necessitam serem emocionais, para poder aprofundar tudo que posso, e agir racionalmente, a partir do aprofundamento com tamanha atividade cerebral emocional. Não era para ser assim? Afundo nas emoções das ideias, para poder dar-me um impulso maior de ser racional externamente. Quanto maior o aprofundamento nas emoções, maior mostrarei congruência e prudência; racionalidade. Eu não diria que, muitas vezes, esta racionalidade vem da mente superficial. Não. Ela veio das reflexões na qual a minha mente emocional me proporcionou e me fez afundar como um navio naufragado.

Sei que repito diversas vezes as mesmas palavras e os mesmos assuntos dentro dos meus parâmetros de intuições virtuosas e desvantajosas; mas é que, a cada vez que algo me atinge, tenho a necessidade de pensar: por que aquilo atingiu-me tão bruscamente? Sendo que – em suas racionalidades rasas – foi somente uma pontada de uma observação, ou opinião não pensada. Para eles,

nada demais. E assim, cada vez que reflito, usufruo dos palavreados comuns novamente, para explicar, para mim e para os outros, do porquê senti aquilo que senti. Leio os rostos, os olhos, o corpo (sendo nervoso ou brando), leio suas astúcias fingidas e as timidez corajosas. E tudo é: eles são o que são, por que atinjo-me com o que são? Por que aquilo penetrou em meu mundo; o mundo deles penetrou no meu, e isso gerou um colapso imergente dentro do meu organismo.

É como se meu estômago recebesse uma tonelada de emoções que não são minhas, mas do outro; assim, quando recebo toda esta carga, somente a reflexão diária me fará sustentar este peso.

Essa mente emocional tem necessidade de reflexão, para interpenetrar no sentido da racionalidade. Já a mente racional não tem necessidade de passar pelas fases da reflexão, já que a mesma se sustenta na própria racionalidade da razão. Então, para esta mente – tudo já fez sentido; já para a emocional, nada ainda faz e necessita das reflexões constantes. Digamos, então, que a mente emocional consegue verbalizar os sentimentos após essas fases; a racionalidade se mantém presa nela mesma, sem passar pelas fases necessárias que a emoção necessita para se manter saudável. Então, já que ela não passa pelas fases necessárias, a racionalidade continua sendo racional? Ou não passa de um brasão qualquer venerado pela população, sem nada por trás desta simbologia fingida de humano?

A solidão, às vezes, é estranha. Pensava nisso enquanto me encontrava aqui, no fundo do mar. Quando penso em como o outro penetra em mim tão arduamente, mesmo sozinha, tenho ainda a impressão de estar no universo do outro, olhando como ele olha. E eu, aonde estou? Perguntava-me. Também dentro da solidão, mas escondida em algum canto sereno dentro de mim, deixando o mundo do outro tomar posse.

O que será que pessoas aparentemente vazias pensam na hora do banho, na hora de dormir? Será que elas têm contato com suas almas e seus verdadeiros sentimentos quando estão nestes momentos diários de solidão?

Sabe, o ser humano é tão simples, mas insiste em tornar tudo complexo demais... quero dizer, sei que as coisas são simples, mas eles não; creem que tudo vai ficando complicado, que as relações e os outros não o entendem, sendo que a verdade disso tudo é que todo mundo sente a mesma coisa – porém criam armaduras diferentes para se protegerem, e usam espadas de tamanhos

e tipos distintos para atacar; com pontas afiadas muito únicas e particulares, como facas. Algumas cortam com maestria, outras nem tanto; somente servem como um suporte, um apoio, na hora de se nutrir. E as pessoas são assim: todas elas possuem seus artifícios, que são de tipos diferentes – mas não deixam de ser a mesma coisa, usado para a mesma função, como a espada e o escudo.

Eu gosto de agir como um fantasma na vida: uma hora apareço, na outra sumo, e ninguém sabe onde estou. Logo depois, volto como se nada tivesse acontecido. Inúmeras coisas aconteceram, mas não aqui, não neste lugar, com essas pessoas. Aconteceram, em outros lugares e em outros úteros que me abrigavam. Não estava aqui, estava em outro lugar. A morte me acontece. E, quando volto, renasço de proporções tão imersas aonde ninguém tem a vista tão apurada para ser sagaz. Ser sagaz para notar os pequenos grãos que deixei com eles; enquanto não estive aqui, enquanto não estava ali – na superfície lá em cima, com eles – aonde todos estão boiando, tentando salvar suas próprias vidas. Eu estava no subterrâneo das minhas raízes, afundada, somente para me fortalecer mais ainda. Para, quando eu voltar, esperar pacientemente que as pessoas tenham notado os grãos que deixei, as pequenas cascas que deixei cair, da árvore que sou; da minha pele fadigada, parada no mesmo lugar, observando a vida acontecer com eles.

Espero que notem os grãos que deixei perto deles! Repito. E quando notarem, saberão que é a hora de avançarem. Saberão que estes grãos são a mensagem sagrada que deixei: é hora de mudar, de avançar, de encerrar o ciclo e de iniciar um novo. É hora de repensar as coisas da vida, e vê-las com outros olhos, não estes – de ameaça, como os seres agitados olham – mas de compreensão. Por que alguns tem medo de avançar? Um ciclo é continuação do outro, mas possuem medo de avançar, atravancam, pois acham que vão perder aquilo que se tem e o que são, mas é só o começo de uma continuação.

É o começo da continuação da caminhada, e não o fim dos seus princípios. Se é que estão presentes. Pois não sei de que eles têm tanto medo.

Uma coisa me é, e sempre me foi, estranha: as pessoas que conheci no passado são como se fossem pessoas imaginárias. Quero dizer, elas existem ainda, de fato. Mas, quem eu conheci e quem elas conheceram – as fases da vida podem ter dado tantos passos para frente que não enxerguem mais as lembranças de vida; como se fosse uma vida passada, de tanto tempo que se passou. Lembro de todos, lembro de seus jeitos, trejeitos, gostos, opiniões.

Entretanto, estas coisas podem sim ter mudado; quando os ver novamente, matarei a saudade. Mas nunca será a mesma coisa de como era no passado. Não; é sempre diferente. Muito diferente. E é como se existisse um universo paralelo aonde, por permanência e vício do meu espírito – passeio por lá, englobando toda essa vida viva, presente dentro do passado. Mais conhecida também como saudosismo em transe.

Por que estou importando-me com sujeitos do meu passado? Afinal, não sei nem se estou viva ou morta agora. Não importando isto, as pessoas que sinto saudade do meu passado existiriam em outro lugar senão aqui, na minha memória? Eu creio que sim, mas não sei como encontrá-los. É somente fechando os olhos?

- Eloá! – Ouvi, de repente, um chamado pelo meu nome, vindo da superfície do mar.

Estou me perguntando se não foi eu mesma que inventei essa voz me chamando.

- Eloá! – A voz repetia meu nome diversas vezes, e eu não sabia como responder ou sequer alcançar essa voz misteriosa e velada que chamava por mim.

Eu não sabia me posicionar neste redemoinho de tornar-se ou não uma pessoa viva, mostrando a minha resposta reprimida pelo gesto involuntário do meu afogamento.

A voz parou por um instante. Então, decidi voltar ao meu monólogo estranho de quase morte. Como deve ser a loucura? Como devo estar louca? Será que estou louca? Ora, eu já sou. Eu já sou, e nunca deixei a loucura, nem nos instantes de sanidade. As pessoas não o sabem; a não ser que eu diga a todos os meus pensamentos diários. As pessoas convivem comigo, e nem sequer desconfiam dos meus traços de loucura, a não ser que – eu os diga o que se passa em minha mente. Aí sim, chamam-me de nomes variados, nomes incomuns. Eu não filtro nada que me dizem, pois tenho necessidade de pensar sobre tudo; e isto não quer dizer que eu sou algo fora do comum, me pergunto por que as pessoas filtram as coisas, quando elas deveriam ser pensadas e sentidas. Devem ser pensadas e sentidas, e por que isto é incomum? Por que chamam isto de paranoia?

Ah, a paranoia! Na verdade, elas nunca entram em consenso com a minha ética moral e minhas vontades de seriedade. Minha seriedade quer adentrar no mundo real meio estranho e acinzentado, mas as paranoias sobre o que

acontece e o que poderia acontecer dentro da realidade, surge quebrando esta entrada completa da seriedade, que significa também ter bom senso. A paranoia poderia ser um grau mais leve de tudo que é considerado um torpor ou um tormento. Talvez, os tormentos podem querer barrar o bom senso; mas não é um caminho tão fácil assim.

Por horas, surgem imagens e ideias estranhas na minha mente, e tento barrá-las, juro que tento; às vezes consigo, porém tento entendê-las: por que elas estão aparecendo, deixando-me tão nervosa e estranha a mim como pessoa? Os inconfundíveis tronos e poltronas de ouro servem apenas para os mais acomodados e não-pensantes. Quem pensa atormenta-se, mas pelo menos – não vivem alienados de si nem do mundo, ou de quem quer que encontre em seu caminho. Atormenta-se e as paranoias provavelmente surgem dos pensamentos desregrados, secos e esquecidos de se manterem em ordem e limpos. Sim, até isto se necessita de limpeza. Até o que se mantém e existe no campo abstrato e não-físico. Até o que ainda não existe – se necessita de limpidez.

A necessidade de se pensar sobre tudo e dissecar as ideias mais assustadoras e atormentáveis – é um dos trabalhos mais árduos. Só que essa discórdia, pelo menos, traz-me um maior entendimento sobre o que acontece pelo mundo. E percebo: as pessoas não são culpadas de nada, nem mesmo insanas; são as organizações que as torna estranhas, suas regras e ordens, mandamentos. Suas experiências necessárias e dolorosas são as virtudes de seus defeitos. Os monstros irão lhe pegar se não fizer o que se deve fazer, me disseram uma vez. Que monstros? Os monstros da inconsciência, me responderam. Quem responder isso foi eu mesma, com uma voz saindo de outro planeta e de outra vida que não a terrestre. Um alienígena com uma inteligência humana.

Ah! Mas estas preocupações incessantes... as preocupações, por ora são tácitas, por ora querem explodir como vulcões em desespero. As preocupações são banidas de se isentar do que leve ao agrado imediato. A preocupação é inimiga do momento presente; é amiga de uma ilusão chamada precaução extremista. Sim, o extremo de uma precaução é sempre uma ilusão; pois não importa o quanto tente se precaver, o que há de vir, irá vir; e, quando vier, nunca será da forma como se pensa, e como se sente o que se pensa. A alma sempre anima o corpo; então, receberemos (independente de nossa precaução) coisas que nosso corpo suporte, carregue, sustente. Ele nunca receberá coisa que nunca tenha transmitido para outrem. Por isso, as preocupações podem

ser tácitas – mas podem ser malignas. Pois elas anulam a verdade universal que a nossa alma anima a matéria, que anda por aí vibrando algo que só sabemos se chegarmos perto.

- Eloá! – Ouvi, novamente, a voz me chamar.

Tentei, em reluto, subir para a superfície. Fui nadando da forma como eu sabia nadar; a onda parece que me puxava para baixo cada vez mais, porém – continuei na minha resiliência de águia.

E subi, fui subindo, e quando ia subindo, pude ver a claridade do céu soltando nuvens como se fossem algodão. Como se aquele elemento tivesse algo a mais a me mostrar, muito além do que as profundezas do mar. Avistava as aves, gaivotas, se embaralhando em seus próprios voos. Estávamos no período da tarde, eu acho. Esse horário elas se juntam no céu e andam em bando por aquela região. Aonde existia mais nuvens para se camuflarem. Talvez elas saibam que nós estamos as olhando, alguns julgando, outros contemplando. Elas sabem que nós podemos ser ameaça. E, por isso, suas proteções são convictas e racionais. Os animais possuem uma racionalidade alarmante.

Subi, finalmente. Coloquei minha cabeça fora d'água, mas eu não via nada. Não conseguia enxergar nada. Estava tudo... vazio. Não havia mar, pessoas, objetos. Nada. Era eu que estava vendo aquilo, era o meu corpo? Ou a minha eterna alma? Aonde estava, tal lugar, tal cerimônia de tragédia, tais desesperos? Aonde estava tudo aquilo que presenciei há dois dias atrás?

A minha alma descansou? Estou eu, após tanto tempo – separada daquela coisa que se faz visível ao olho nu? O corpo? A alma mirou na imortalidade da presença? Fez de mim um ser infinito?

FIGURA XII

A alma

Não sei exatamente aonde estou, mas podia ver todos reunidos em um lugar isolado, uma espécie de praia. Choravam, lamentavam pela perda de seus bens, e também pela minha morte.

- Achou ela? – Meu pai perguntou, pude avistá-lo com uma expressão congruente e lastimável de um desespero secreto.

- Não... – Augusto veio, voltando de algum lugar, encharcado, somente de cueca.

Augusto pareceu atormentado e aflito, pela primeira vez – estranhei seu estado de espírito, pois não era muito de seu feitio. Desconhecia a razão por essa condição infame ter se pronunciado tão brevemente, após um tsunami ter destruído a cidade. Ou talvez, outras cidades. Não sei qual foi sua proporção.

Agora, vejo tudo de cima. Vejo, finalmente como uma mera espectadora. Algo que sempre fui, mas ao mesmo tempo – não me deixaram ser; pois era um ser humano vivo, que permanecia na civilização. Eu tinha de agir, de ir junto com a correnteza, de navegar, trafegar, criar um barco para mim mesma, que desse para o meu próprio sustento e independência disso daí embaixo, da matéria. Nunca deixaram-me ser o que sempre quis: a espectadora, analista, observadora, detetive das almas humanas. Mas enfim, tornei-me! Agora, posso identificá-las em paz. Porém, não poderei mais avisá-las ou alertá-las de possíveis observações que eu já havia cometido anteriormente e, assim – impedir possíveis desastres sobre coisas que nem elas mesmas sabem sobre si, sobre seu jeito de ser; tão visível para todos, mas não para elas, ainda andam desatentas. E caberia a mim avisá-las.

E agora, como irei avisá-la? Já que estou aqui, e eles estão ali?

A morte é uma vida invisível tomando forma na sombra dos cétricos. E por estar na sombra, eles possuem medo. Quanto mais medo, mais essa vida com capa de invisibilidade cresce; e eles desesperam-se, por não saberem de onde está vindo essa vida, que para eles, é morte. Para ele, o espírito é morte, e por isso tem medo.

- Continue procurando! – Meu pai falou em tom altivo e agressivo com Augusto, o qual de nada era culpado da minha triste ida ao outro mundo.

E, vindo de outra perspectiva, a minha razão para ter ido embora é sempre válida. Será que eles irão perceber algum dia – que fui eu que decidi morrer? Mesmo que eu não esteja ciente disso? Uma razão não-racional? A razão não-racional é a razão mais válida e verdadeira que se possa encontrar. Ela não possui os argumentos mais sólidos como a racionalidade discursiva, mas possui a intrínseca saída transcendental desse mundo de vozes gritantes e palavras incoerentes, usadas somente para impressionar os mais leigos e suscetíveis ao conhecimento; crendo que são inferiores a ele. E, crendo que são inferiores às pessoas que obtém fácil memorização de linguagem e uma eloquência hipnotizante, se colocam em uma posição ingênua em relação à racionalidade mental. Mas, a razão não-racional não conta com essas formas de conquistas pessoais. A razão não-racional se chama amor, e é a razão mais muda e sincera que já pude ver. Não necessita de conhecimento: com o contato fortificado e modesto se é possível aprender o que não se aprende em nenhum lugar pelo mundo.

Essa razão poucos podem dizer, é uma razão que não tem fundamentos; mas de onde vem os fundamentos? Da estrutura criada por homens já falecidos (como eu), ou de algo que não sabemos de onde vem, só sentimos a plenitude do sentimento escancarado, como se fosse pular do coração e sair boca à fora? Quem criou os fundamentos? O aprendizado é seu ou do outro?

As razões sem fundamentos e sem lógica, são essas as razões mais plausíveis. Só se enxerga isso após muito tempo de reflexões próprias sobre o ocorrido dito irracional. Isso pode se chamar também de compreensão. Quando decido morrer, mas não sei bem o porquê, e nem ninguém que permaneceu lá entende, apenas julgam como algo irracional. Mas não o é; há motivos, mas os mesmos estão entranhados, tácitos, subtendidos! Mas há. E quando não se enxerga, também não se entende de jeito lógico; só resta a compreensão: a racionalidade não-racional. A passionalidade da compreensão é uma vitória interior; a razão intrínseca, sem argumentos.

- Vamos, meu filho, continue! Não podemos perder sua irmã! – Meu pai começava a chorar, como um menino de cinco anos querendo seu brinquedo de natal.

Os pais adultos desarmam-se em horas nas quais nunca pude imaginar que desarmariam. Desabam, se destroem, a casca se dissolve, é derretida pela

verdade de suas almas; a dor que rasga toda a armadura antiga e velha que seguravam enquanto tinham tudo em efeitos estáveis e definidos pela vida cotidiana e sustentada pela rotina. Ah, a rotina! Que maldade que criaram, que maldade que fizeram; a civilização com os seres.

Será que merecemos todo esse desmascaramento mental?

Será que merecemos toda a discórdia do mundo, jogado bem em cima de nossas cabeças? Somente para sermos considerados cidadãos válidos? Será que vale a pena? O esforço vale a pena? Para chegarmos até o final, o ponto de chegada, e quando vermos, chegamos despedaçados? Será que o caminho até lá é tão difícil assim? Pegajoso, grudento, provocando repulsa?

Porém – tudo que é difícil, em sua faceta mais escura e sombria, tende a ser fácil; pois o difícil nada mais é que uma armadura a ser retirada do abismo de uma incompreensão para com a coisa que é difícil. E o fácil, nada mais é do que algo difícil, pois o “fácil” é leviano, se desmancha com o tempo. E essa é uma das maiores dificuldades para mim, suportar a liquidez incessante das coisas. O fácil se assemelha a um reflexo do vazio, pois em sua aparência, não há nada difícil. Mas quando o mesmo decide penetrar-se na inutilidade de qualquer acontecimento, o fácil pode ser o difícil.

E o difícil se desmancha com a compreensão total e inerte. Inata. Compreensão inata do ser.

Em relação às pessoas, pode-se dizer o mesmo. Tudo que existe na natureza, existe nas ideias e nas pessoas, pois tudo (no mundo concreto e no mundo abstrato) surge a partir de uma natureza. As pessoas são como as partículas minúsculas dos elementos; sabemos o que cada um é só de chegarmos perto. Sabemos: se são uma folha, um galho ou uma árvore. Sabemos: se são um rio, um mar ou um mangue. Sabemos quem são, mas não queremos suspender esse olhar, por nos vermos tão diferentes das outras partículas. Sabemos! Mas a armadura está lá, atuando. Eu nunca enxerguei máscaras, isso é inútil para mim. Meus olhos enxergam além do que se pode ver, vai além das aparências, que na verdade é tudo.

A aparência é tudo, principalmente a aparência dos olhos.

A aparência, no caso, é seu sentido mais fundo e aterrado.

Tudo é mais sereno, ameno, pacífico, quando se atém aos mergulhos sagazes dentro das vísceras. E, quando se questiona, é o caminho oposto: se torna mais inquieto. Ambos são vistos como sinônimos, mas provocam reações diferentes

em um indivíduo. Ambos são necessários, mas os dois só irão atingir, como uma flecha e uma lança, nas costas de um ser – quando o espírito é preparado para isso. Preparado e sedento por intuições, que façam prosseguir-lo para um grau de sensibilidade perante o mundo.

O aprofundamento cala, mas o questionamento fala!

Às vezes, é um caminho único; um leva ao outro. Às vezes não. Os dois trabalhando juntos é necessário para a mudança completa, da alma e do corpo. O silêncio deixa um mistério para os mais ingênuos e impressionáveis; e o questionamento deixa um ar de revolução. Mas como progredir em uma revolução sem o aprofundar-se, sem o silêncio? A revolução seria puramente discursiva. Se faz necessário o silêncio, e aquilo a qual todos insistem em propagar sua nobre ideia por aí: a paz. O sossego do espírito para se andar mais adiante, com os dois pés. Uma revolução subtendida, existente nas preliminares e nas vertigens estarecidas da temperança.

Percebi algo de estranho acontecendo ali embaixo. Estavam todos se reunindo, e fazendo um enterro para mim. Acontece que tinham encontrado o meu corpo no mar. Algum homem que os acompanhava. Fiquei surpresa em ver meu próprio corpo, fora de mim mesma! É estranho e simultaneamente fascinante. É alucinante, mas tão normal. Tudo que tende a surpreender demais é, na verdade – o trivial sendo sugerido pela modéstia das opiniões. A morte é natural; por que surpreender-me ao ver meu corpo morto? Era estranho; aquilo não era mais eu, agora era um corpo sem vida. Não era eu, era carne humana e pele. Não havia ânimo mais; está morto, e a minha aparência superficial também.

Nem sei mais como deve ser a minha aparência agora. Aqui neste mundo não há espelhos senão as longas andanças vagando por aí, em busca de um encosto com a carne. O espelho são as andanças, o espelho são as memórias infinitas de conhecimentos lúcidos e transcendentais.

- Deixem ela aqui! – Meu pai me abraçava com muita força, como se eu fosse sentir aquilo.

Estavam, de fato, fazendo um enterro para mim; uma cerimônia pós-tsunami. Ora, provavelmente não será só eu que morri; certo? Então, por qual razão este privilégio? Por qual motivo toda esta cerimônia triste e chorosa sobre a liberdade da alma? A alma libertou-se, não devia isso ser primórdio de felicidade? De contentamento?

- Calma, pai. Isso vai passar. – Augusto tentou consolá-lo.

Porém, o meu coração já destroçado me dava as rédeas inumeráveis para o meu grande ressuscito na face da carne. Ressuscito, ressuscito, ressuscito. Pois o destroço é a fonte do mais puro nascimento, eu já devia prever no fim de todo o ciclo. E quem não sabe que ressuscitar é assim, de um morto? Perambulando pelas ruas sem importar-se se é desertado, movimentado, seco, molhado? Mas um morto pode ser também um vivo. Um vivo ambulante.

Aqui eu queria lhes passar uma ideia materna, aonde toda voz é entendível e sábia: a voz da mãe. E a mãe é o nascimento. A mãe é o nascimento das coisas que necessitam morrer, pois já estão fúnebres. E se já está fúnebre, é a hora calculada para se tornar límpida. O altar de um morto, é, então e enfim: a vida.

Enterros são sempre sinistros e dolorosos (ao ponto de não querer nunca os presenciar), e este onde eu me encontrava era mais um comum. É um contato mais próximo com a sua própria vida; ao saber de alguém morto. Mas onde se encontra a vida senão aqui? E ela não faz sentido de tanto que pensamos em um sentido para ela. Pensar demais já é morte. E, de novo, a morte é vida. Se não pensássemos nela, também não saberíamos. E o saber só se completa com o sentir. E o sentir é a ferramenta que a morte usa para prender-nos às suas sensações mortíferas. Mas depois... passa. E quando passa, o saber já se apareceu nos seus desfechos após a experiência.

Todos choravam lá embaixo, todos lamentavam, inutilmente. E aqui em cima... vê como aqui está tudo mais claro, mais puro, mais fresco! Lá o abafado é pungente, que até sinto na pele que não existe mais. As pessoas iam chegando de pouco em pouco se aproximando do meu corpo falecido. De tanto que vi a morte durante meus anos de vida, não me vem mais à cabeça que ela já não esteja mais comigo. Ela está comigo. E, quando vejo um enterro, onde o costume dela não é agradável, me sinto uma intrusa.

Mas será que sabem que sou intrusa? Será que sabem desta audácia? Será que sabem que, quando morro, já nasço? E no nascimento começo a entender; mas quando entendo, já morro novamente?

Sou virgem de vida. Será que um dia me descobrirão?

Minha fama será eterna; até a morte tornar-me criança pequena de novo. De novo, e de novo, e de novo...

- Que ela descanse em paz. – Um dos homens que rodeavam o corpo disse,

colocando a mão nas costas do meu pai, que estava agachado em frente à fúnebre imagem anterior que eu residia.

A sociedade sem rosto é tão infesta e perniciosa que, até após as tragédias, ainda se customizam e mantêm as tradições inúteis sobre coisas muito pouco pensadas e pesadas sobre seu real motivo e objetivo. Aonde, tudo irá, para qual caminho? Se a intensificação das tragédias finalmente se sucedeu, mas a zona de conforto ainda permanece na mente dos perdedores materialistas?

O que fazer quando a mente sofre este pane, este baque absurdo de perder a tudo na qual estava acostumada? Quer dizer, para eles, que não se conhecem, e não conhecem seus próprios vícios, deve ser bárbaro.

Para mim, que finalmente morri, nunca foi tão fácil. E tão simples. Vícios são tão inúteis e fáceis de serem abandonados como se abandona uma roupa a qual se desistiu vestir: é só abandonar também a ideia. Torná-la leviana, fraca, imponderável. Tornar sua falta e sua ausência uma coisa indigna de ser pensada e de ser sentida; uma vergonha. Tudo se trata das ideias que se sente dentro de si. É por isso que sou diferente de todos eles: não compreendem isso, nunca compreenderam. Por isso, me angustiava na terra, por estar entre estes desgraçados! Aonde estão os que compreendem estas coisas? Aonde estão os que fazem silêncio, que entendem todas as verdades sem precisar dizê-las? Aonde estão os que tomam o veneno por acidente, e não acham problema algum nisso, pois sabem que a morte é a forma mais realística de liberdade?

Não os vejo, não os via lá embaixo, sentia-me sozinha, incompreendida. São tão impressionáveis e inocentes, e – por conta da minha aparência – pensavam que era eu “a inocente”. São uns pobres de espírito, que se rendem às primeiras impressões. Pobres. Pobres de alma. E eu convivía entre eles, tentando agir como um deles. Tentava, fingia algumas vezes. Não sei se dava certo; não tinha um espelho para me ver a todo tempo. Não sei se eles conseguiam ver que eu estava fingindo gostar das mesmas coisas que eles, fazer as mesmas coisas que eles. Não sei se percebiam meu fingimento com razão, tudo para poder não acabar solitária, sem ninguém ao meu lado. Um lado disso era um desespero, que normalmente não tenho, quando me encontrava comigo mesma. Só desesperava-me quando estava com eles. Sempre com eles! Os que não viam nada além das aparências supérfluas. A melancolia e angústia se instalavam em mim de repente, como carrapato, na presença deles. De todos eles: os que dizem algo, mas fazem outro.

Mas, como esse horrível se acostumará a tornar-se ameno e habituar o lado mais natural e simples de ver as coisas? Será que estas mentes se adaptarão ao nada? Ao perder?

A intensificação das perdas é ressaltante. E eu, uma das ressalvas dessas perdas para eles. Eles, os mais próximos de mim; tive de morrer para mostrá-los que a morte nada é de tão tenebroso, mas sim – suas próprias imaginações erradicadas e quebradiças sobre o ato mais comum existente em vida: o fim da vida. Assim como tudo tem um fim, para aonde achavam que iríamos parar?

Pensar que a morte nunca virá; uma falta de pensar na lógica dos acontecimentos. A falta, a ausência de todo bom senso sobre pensar no quadro amplo das conexões. Longo ou a curto prazo. As conexões que a vida faz questão que cruzem na vida de todos; porém, que não as vê é quem não pensa! E quem não pensa, podemos considerar um ser desperto, prestes a viver a vida de modo natural e simples, entendendo que a morte é eterna e imutável? Quem ignora isto são jovens de alma, que ainda têm muito a capacitar-se nas inconstâncias de uma maré repentina que lhes assolam, e confusos, sem pensar não entendem nada, creem que são vítimas de alguma coisa!

Ninguém é vítima de nada. E nem as situações, são tão assustadoras para provocar um culpado e uma vítima.

Afinal, quase todos, frequentemente, identificam-se com a sua própria mente; e, por isso, caem em calabouços imensuráveis de cheiro fétido. Identificar-se com sua própria mente é a verdadeira loucura, o que se passa dentro dela é o que é; e a essência fica perdida dentro do indivíduo. Por isso, não acredito muito em falas, discursos e exposições teatrais. Pois, geralmente – as ações significavam uma outra coisa, as ações das pessoas são o que são, mas elas não enxergam, pois estão ocupadas demais para se olharem, estão olhando a todo tempo sua própria mente, e deixando-a dominá-la.

- Minha filha. – Meu pai continuava chorando e desabando sem parar na areia.

Suas mãos estavam cheias de areia e jogava alguns grãos, de vez em quando, no meu antigo corpo ali preso em suas mãos de areia com roupas encharcas inundando toda aquela carne que iria apodrecer em algumas horas. Aquela minha antiga carne conhecida. Aquela roupa tão limitadora!

O corpo. O corpo que nos veste de pele, mas seus órgãos nos impossibilitam de tanta coisa. Resistem, quando nossa alma resiste. Um corpo forte é uma

alma resiliente; uma grosseira camada de fortaleza ressaltada pelos olhos, na qual o corpo todo o envia mensagens constantemente por essa famosa janela. A famosa janela da alma; os olhos, e assim, revelar o verdadeiro eu de cada um, revelando como seu espírito age, e como o mesmo é. Não se pode fugir nem mesmo das coisas invisíveis e inacessíveis.

A mentira não existe, pois o olhar nos olhos existe.

Frequentemente, são as imagens que nos confundem. Confundem a imagem com a essência, apesar de que a imagem comporta um fragmento da essência, não é ela por inteira, somente é um fragmento de uma enorme montanha de neve. Assim como a morte: ela pode ser tenebrosa, assustadora, sofrida; mas ela é um reflexo do nascimento, que é um milagre, uma dádiva. O nascimento também pode ser tenebroso, e é o oposto da morte.

Tudo há na possibilidade de ser o oposto de sua imagem, ou do que se é verdadeiramente, quando se mostra o que se mostrou acidentalmente, sem a devida intenção. Quando se mostra algo que se faz questão de inibir; há, nesta atitude, a vontade de mostrar uma imagem.

- Pai, ela já foi. Não há mais nada que possamos fazer. – Augusto disse, tentando novamente consolá-lo.

- Augusto, pare com isso. É assim que trata sua irmã? – Meu pai disse, enfurecido.

Ele parecia estar, aos poucos – entrando em um estágio de delírio com a minha morte. Como se eu ainda estivesse ali embaixo, com eles. Augusto o olhava, misturando sensações: era um misto de susto com pena.

Ah, os delírios. Aquelas sensações alucinantes de loucos e de sãos. Nunca se sabe se, quem delira, é alguém de bom senso ou com excesso de viver, nas camadas irrompíveis dos limites. Nunca se sabe se o delírio é plausível e abraçado, ou parte de algum complexo pessoal incompreendido pela lógica. No caso do meu pai, creio em suas avalanches de controle: elas não estavam mais ali. Ele estava completamente dessolado com a minha morte. Quer dizer, com a morte do meu corpo.

E estar aqui é tão estranho: a melancolia sentida agora não é igual à do corpo: ele limitava minhas sentimentalidades, ele penetrava nos órgãos, que eram incapazes de senti-la em toda sua completude; os órgãos abafavam-me toda! Agora sinto a melancolia, e não tenho nada que a prenda, ela corre

livremente pelos corredores do céu escuro e com diamantes flutuando nas vertigens de quem olha para cima. E eu vou com ela, pois a minha melancolia sempre foi eterna lá na terra. Aqui não é, por isso mesmo que ela corre livre por aí. A melancolia era fruto de uma angústia sofrida pela minha alma, por estar presa a uma carne limitante! E a órgãos que abafavam minha consciência desejosa de avantajarse, extrapolar aquilo tudo. Voar! Não sentir meu corpo, estar em outro patamar.

O corpo só é poderoso quando a alma também é.

Me perturba – a triste realidade concreta. Essa realidade tão ilusória, perdida e sem sentido. As pessoas falam coisas inúteis, coisas que não acrescentam em nada no ser; e ainda querem dizer que contém toda a razão de algo! Como eles querem ter razão, se não se dá nada a quem nunca deu também? Por que dar a razão a alguém que de nada entende, mas vive na mercê do raciocínio de outros? Não busca o seu próprio? Necessita sempre do outro para pensar... essa é a triste realidade. A realidade da perdição, de todos eles.

Não sei também, o que houve comigo em tempos terrenos. Parece que, a qualquer erro que eu cometia, ou que achava que cometia, eu mesma me induzia a uma espécie de penitência obrigatória para comigo mesma; e então, vivia isolada por alguns dias, até achar que estava pronta para retornar; confessando meus dramas pessoais para quem estivesse por perto, tornando o desconhecido como um bispo da igreja. Talvez eu tenha sido religiosa este tempo todo em terra, mas ignorei as religiões como forma de evitar esse meu lado para viver perambulando pela terra.

Quero dizer, eu nem sequer precisei de religião alguma para me manter amarrada em dogmas e em crenças, eu mesma fiz todo esse trabalho comigo mesma, desde que comecei a conhecer-me como uma parte pequena da imensidão do mundo. E essa pequena parte era muito! Era tão gigantesca que o pequeno já nem me cabia como adjetivo. Foi terrível, uma maldição; me privar de certos prazeres durante a vida, sem saber exatamente o porquê de fazê-lo.

Eu sempre fui uma espécie de eremita, talvez; e é um lado que sei – foi o meu lado mais puro; mas algo me dizia para juntar-me ao mundano, a carne de outros, a desfrutar do que eles desfrutavam também. Algo me dizia! Não sei o que era, ou quem era – talvez, o lado religioso ignorado. Esse que não me queria purificada, pois já me olhava pura demais para persistir em estado de permanência, fixa em um só ponto eternamente; tentando me recorrer e me

induzir, para estar junto aos outros, para me tornar imperfeita e impura! E me tornei, sempre fui. Sempre fui impura, por isso mesmo descii para a terra.

Para misturar a pureza do ser, com as impurezas do estar. É o que torna o humano, nas suas prepotências e utilidades variáveis.

- Pai... – Augusto tentou, novamente, consolá-lo.

- Deixe a menina descansar. – Um dos homens disse, tocando em seu ombro, mas meu pai tirou rapidamente sua mão.

Ser um algoz de mim mesma não é o bastante: eu teria que fazer algo para ele parar de ousar a vida, a qual ele não se responsabilizava, e até seu próprio lamento excessivo, seu drama incurável – poderia atrapalhar um processo de fluência abrangente.

Ser algoz de mim mesma não bastava; nem mesmo o mártir: eu tinha de ser a minha própria foice. Não a pessoa que arranca a cabeça, mas o próprio objeto. Eu tinha de me transformar naquilo que realmente me matava, e quem fazia isso não era um alguém, mas uma ferramenta. Eu me transmutava, literalmente – na correnteza que me levou e me fez morrer. O escoamento da maré. A seca da vida, aquilo que se sai subjugado e inibido. Um presumo de uma fartura consolidando-se nos braços de uma esperança, criada através do vazio, da então realizada falta das coisas tangíveis e inanimadas. As mímicas, representadas pelos personagens de mentira, teve um fim.

Ser algoz de mim mesma é permitir-me morrer e deixar outros lamentando por isso, mesmo sabendo que a vida dura para sempre. Ela não acaba mesmo com as tragédias. Eu sabia do segredo; eles não. Então por que não compartilhar? Ora, eles não acreditariam, e se alguns acreditam é por que houve comprovações irrevogáveis sobre, mas são raros os que sentiram as náuseas de seu próprio espírito visualizando as atrocidades com os pés no chão de um cimento sujo e infestado de lamaçal; este lamaçal que se escorrega até bater com o rosto no chão, e perceber: o dente que se quebrou no chão era de um álcool infestado de malícias por não se perceber atento às armadilhas.

Ser um algoz de mim mesma. Isto que sou. Saber intimamente que eu deveria estar atenta, mas perder-me no meio das ardilezas admiráveis das nocividades desconhecidas, que vestem uma capa escura e deslizam na lama, como se o chão estivesse seco e límpido.

Isto é o que significa ser obscuro, misterioso: estar atento, mas perder-se

ao mesmo tempo. Estar fechado para o mundo, ao mesmo tempo em que se está plenamente aberto para ele. O mistério pousa no complexo, pousa no desentendimento da retirada da capa do rosto, no não-explicável das expressões corporais, quando se acha finalmente, que verá a luz solar primordial: se vê apenas uma fresta dela. Este é o mistério: é somente a fresta, e não a porta – inteiramente aberta.

- E aonde está sua mãe? Vá buscá-la! – Meu pai gritava.

- Pai, eu não sei. Eu realmente não sei. – E Augusto parecia irritar-se mais ainda com os tormentos do pai, irritando-se e chorando simultaneamente.

Na verdade, os dois faziam as mesmas expressões. Augusto seguia o pai, às vezes chorando, às vezes entrando em ideias delirantes na cabeça; mas ainda lá, segurando o corpo fúnebre.

O que me instigava em toda essa caminhada de seara hermética eram como todas as emoções e impressões se destoam, quando se abandona a carne. O sentimento de solidão logo se dissipa quando percebo que o sentimento nada mais é que as inúmeras projeções da sociedade sendo captadas para todo o meu ser, como um coração maior que o planeta, o qual pudesse suportar a carga de todas essas projeções escuras e sem identidade de uma civilização incompreensível. Eu não me sentia sozinha, nem nunca me senti; acontece que eram as projeções; elas impediam-me de exercer a minha serenidade em paz e, por isso, rotulava como sentimento de solidão. É tão simples, mas só se compreende a simplicidade quando se pula com a alma, aonde a cachoeira jorra a água, e se escorrega junto com a água para onde a correnteza segue rumo às vastidões.

Minha mãe, provavelmente também haveria partido. Não se sabe para onde, mas partiu, deixando-os ali, como solitários no deserto. Os homens encurralam-se, até no fim das tragédias, aonde o horário para recomeçar já deveria ter sido amanhado e acomodado em uma poltrona confortável, já para se saber o que fará após o fim. O que vem depois do fim? O que o fim nos traz de novo, senão o vazio, o nada, um recomeço branco? Que, talvez não seja nem mesmo branco; talvez esteja tudo já riscado, rabiscado, desenhado com grafite de ponta grossa, os finais e aonde eles se sucedem, onde sucumbem, onde permutam e onde findam. O fim finda.

O fim finda, como um grafite velho de ponta alternada entre o grosso e o fino. E isso é o começo das novas linhas que um papel bege pede. Não é branco,

o branco é tradicional, e remete aos costumes; e o costume está sempre interligado à indiferença e aversão. E a indiferença, para mim, é a única cousa na qual sou indiferente, com toda a vontade e desejo de ser. A indiferença não cabe em mim – torno-me indiferente a ela, no mesmo milésimo de segundo. Isto não é simples? Não, não é, pois se ela é tão indiferente com os outros e com os demais entes, por que não aceita a minha indiferença para com ela? Por que a indiferença não aceita a minha indiferença a ela?

Pois o outro sempre quer agir como quer, até que alguém quebre esse ciclo, fazendo o mesmo. E então, o que está envenenado, de repente para, quando percebe que o outro se envenenou também; quando percebe que não está só! E então, sua redoma se abre para o conhecimento do outro. Se abre para a semelhança com o outro poder ser mais vasta do que sua redoma frágil.

Uma tibieza no meu espírito se sucedera na minha vida terrestre, e um dos principais causadores foi o drama causado pelas tragédias. Ora, isto é o que me corrompia, principalmente. As crises deveriam acontecer com uma natureza propícia para o isolamento em prol de uma cousa benéfica; as crises da perda, principalmente. As crises não deveriam ser vistas como serpentes venenosas. As crises não deveriam ser vistas como fraquezas, mas sim *lassidões esclarecidas*. Fraqueza não é o mesmo que recolhimento; o recolhimento requer espaço, a fraqueza requer invasão. Para sentir-se fraco, basta que outros milhares te invadam todos os dias e arrombem sua alma. Para recolher-se, basta isolar-se em um espaço sozinho, e desfazer todos os arroubos que fizeram nas paredes bem pintadas e cuidadas do ser. O medo não acha passagem, pois está tudo limpo, organizado e revisto através de lentes óticas da paixão de se entender o ocultismo das efemeridades.

O que está latente é o que precisa ser destruído, para essa destruição provocar a explanação dos sofrimentos não explicados e não alterados de ritmo. Só para depois tornar-se latente novamente, por pura necessidade de estar em mais um grau de requinte, através do isolamento da cousa latente. Sua destruição é necessária para se perceber que aquilo que está escondido, não está morto. E para se perceber este fato, basta a explanação dos negrumes. Mas depois, volta-se novamente para um interior cavernoso. Aquela caverna nunca cedida, nunca trocada, nunca substituída por nenhuma cousa material. Esta caverna é a introspecção; esta caverna sempre foi a minha casa, em tempos de matéria. Sempre! E a agradeço por ter sido minha segurança e meu conforto,

quando não havia mais ninguém. E não me ter tornado um deles, sofrendo por coisas tão naturais! Não sofro, pois sei.

Sei que é natural; e esta caverna, meu esconderijo secreto, sempre me mostrou isso. A minha criança sempre foi uma criança inteligente; o significado das coisas estava ali, mas não havia linguagem para dizê-las. Eu só as entreolhava, como se trocasse olhares sedutores com a coisa e seu significado. E eu entendia. Mesmo antes de aprender a escrever, de aprender a ler, mesmo antes de alguém chegar até a mim e explicar-me o porquê das coisas: eu já sabia. A minha linguagem era muda, inaudível e imaterial. E sua substância se refutava ali: no apuro do olhar sangrento através de imagens transparentes, tornando meus olhos aluna das penetrações especulativas, fazendo eles brilharem, como se houvesse um amor imenso existindo ali, em uma lucidez da imagem. Mas há, sempre há.

Há sempre um amor imenso quando se penetra com os olhos, em qualquer partícula de vida. A lucidez é a visão atenta, a capacidade de sentir olhando! A precisão certa de uma fonte inesgotável de amor, que só transcorre quando se presta uma nitidez única ao modo de olhar as coisas, ao modo de entender através das imagens interiores que se iniciam em cada um, quando se abre a boca, quando se sorri, quando se cala, quando se toca, quando se come. Há de entender o que é a representação, se não é fugaz – de cada mínima partícula de movimento, para cada ser diferente. Isto é amor. E amando, haverá mais semelhanças.

Eles que sofrem por quem foi embora, não sei se hão de entender esta verdade agora. Creio que seja tarde demais para entenderem. E quando entenderem, provavelmente – eles também já terão ido embora. Só não sei se suas idas serão tão desgostosas como as dos outros foram, para eles. É um momento neutro, monocromático, parado: a morte, a ida. Ela induz ao intrêmulos da quietude. E não ao sofrimento. Só se provoca sofrimento intenso em alguém que não entende; não compreende o estar parado, o vácuo, que não suporta a calma, que sofre com as coisas feitas com paciência! São estes os que mais sofrem com o fenômeno da morte.

De repente, começaram a surgir mais pessoas, e iam se aproximando do meu pai e de Augusto. Todos eles montavam alguma forma de enterro para mim. Um enterro! Em meio ao colapso de uma catástrofe. As ondas já haviam se acalmado, porém – ela ainda continuava com suas abundâncias raivosas, fazendo emergir ondas assustadoras em cima dos desorientados.

Às vezes, pergunto-me, se fosse comigo aquelas sensações? Se alguém querido de repente se afastasse de sua matéria, será que eu sofreria? Se não, me chamariam de fria, indiferente, avessa às emoções intensas. Muito pelo contrário; de tanto que tenho intensidade por dentro, faço com que ela se controle para não vomitar ou jorrar um sangue inescrupuloso no rosto jovial e alegre dos outros!

De tanto que possuo emoções descontroladas, as obriguei, pela força de minha consciência, a se controlarem desde a minha tenra idade; por proteção, para ser usurpada como uma carapaça ativista, que se fosse toda expelida, eu não teria noção nenhuma de lidar com as consequências sanguíneas das superficialidades alheias e tão distantes da minha realidade, imersa dentro de uma caverna, de uma gruta, quase impossível de ser tocada por uma mão e uma pele saudável, limpa e sensível demais. Apesar de que sou todas essas coisas, ao mesmo tempo a minha gruta é vasta demais para deixar que minhas mãos a toquem, então – prefiro que meus próprios órgãos, que esperam serem nutridos, façam o trabalho, e não a minha vitalidade corporal, que por vezes falha miseravelmente em manter-me de pé, disposta a lidar com as traições, as fraudes, os fingimentos e as deslealdades de outros. Disposta a lidar com o mundo horrendo, do jeito que o encontro, logo quando entro em um espaço.

E os ventres arbitrários, de vontades malfeitas ou interrompidas pelo próprio malfeitor, que não se quer separar nunca de sua própria essência, que se torna servo do mesmo, que se acha parte dele: esta maldita *sociedade sem rosto*. O mesmo te induz a acreditar em verdades que não são suas, como a do fenômeno da morte. O sofrimento sai de um nascimento quase como um aborto espontâneo, de quem não esperava por isto. Pois é um sofrimento que não é seu, não se sabe de onde vem, é um sofrimento indiferente a sua pessoa, mas sim semelhante ao das construções que puseram em cima de sua alma fraca e influenciável.

Queria falar-lhe isto para Augusto e para meu pai, mas como comunicá-los, se agora não falo mais a sua língua? Como dizer-lhes verdades importantes se agora minhas mensagens serão tão dissimuladas para eles, quanto suas ações são para mim? Que língua estou falando agora, se não uma neblina que executa e dissipa as distrações instantâneas?

De repente, um espírito pequeno e raivoso, chegou perto de mim, aproximou-se e disse:

- Ei! Você não deveria estar aqui.

Eu não havia entendido sua indagação.

- Como assim? – Perguntei-lhe.

- Você é um espírito muito grande e luminoso, não há espaço para você aqui. Aqui é o lugar dos espíritos que ainda não têm tanta experiência, morreram e precisam vaguear. Se você ficar aqui, queimará todos os outros espíritos!

- E para onde vou então?

- Você tem que sumir. – Ele disse, enraivecido – Suma!

Eu ainda não havia entendido sua tamanha discórdia para comigo, então – continuei a fazer-lhe perguntas, mesmo que recebendo desfeitas.

- Olha, seja mais específico. Não estou conseguindo entender. – Disse.

- Como você não consegue entender? Não há mais nada para você fazer aqui em cima, nem lá embaixo, seu tempo já acabou. Tudo que tinha de saber, já sabe, já se esgotou. Você tem de virar pó, queimar, se destruir. Sua hora chegou. – O espírito pequeno, de repente, me deu sua mão, de forma gentil.

E eu a segurei, somente o sentimento da força de vontade e do amor, pois sem os sentimentos não havia como fazê-lo, já que não existia mão física para pegá-lo. Ele me guiava para um portal estranho e muito afastado dos espíritos que rondavam ali. Estávamos em pé e postos acima de uma tempestade cinza, onde as nuvens se formavam bem em cima dos outros. Estávamos subindo, mais e mais, e eu só me encontrava vislumbrada. Não fazia ideia de que o céu era tão imenso, mais imenso que o mar!

Existia uma diferença muito grande entre se destruir para o mal e para o bem. Se destruir para o mal é quando a esperança não existe e o desejo que se desapareça todas as emoções poderosas e fortes (que tornam-nos seres vivos) torna-se mais forte do que qualquer outra coisa presencial: o desejo de matar todas as emoções é a mais fortificada bomba atômica do mundo, e esta é a destruição malfeitora. O encarar seus próprios demônios de rosto sóbrio e limpo é um alarde, um escândalo, uma birra para todos eles; não suportam seus demônios, e por isso – vão-se vivendo e continuando no escapismo. Não sei se chamaria isso de fraqueza, mas uma falta de siso.

Já a destruição benfeitora existe para o bem de todos; é uma destruição altruísta e construtiva, aonde os demônios mais poderosos tornam-se aliados na destruição benéfica, tudo porque se prestou atenção a eles como deveria, e

tudo que os demônios queriam (e querem) é atenção. E quando se dá isto a eles, o tormento acaba. A destruição não é cancerígena, mas sublime. A destruição torna-se, aos poucos, uma criação, de tão belo que foi o ato destrutivo. A ação de destruir é barulhenta, mas é apenas por um minuto. Após este minuto, só continua sendo barulhenta quando não é uma destruição, mas uma guerra. E creio que – este espírito pequeno falava da destruição benfeitora; e se fosse assim, então voltaria para minha própria destruição, em prol dos outros que ainda precisam crescer.

O lugar onde eu estava era como um paraíso neutro e cabisbaixo, diferente dos paraísos imaginados com fantasias, como os religiosos imaginavam; era um paraíso silencioso, cada um vinha para cá com um objetivo, sem interromper o outro. Não existiam doenças, pois não havia nada que ficasse doente, nenhum órgão para me amedrontar e me retirar a energia natural, que deveria ser; e que é usurpada por conta das doenças. Aqui não existiam injustiças, pois o senso de justiça prevalece e quem é injusto vai procurar o seu canto terrestre para poder praticá-lo; ou simplesmente vagueia mais para baixo, abaixo do céu aonde tudo é transparente e branco, acima das nuvens leves e quase dissipadas pelos aromas fortes das vidas adormecidas.

De repente, a mão do espírito pequeno que me guiava para o infinito começou a desmanchar-se e virar pó. Ele assustou-se, e falou, ainda com o ar de susto:

- Você está me queimando! – Ele imediatamente soltou a minha mão.

Não sabia mais para onde ir, sem a ajuda dele. Eu teria que sair daqui, de qualquer forma. Encontrei-me perdida em abismos nublados.

- Vamos! Ali, pule! Você tem que ir sem mim, eu não posso te acompanhar. – A cada vez que ele falava, se afastava mais de mim, e eu só conseguia ver uma nebulosidade aguda através de sua áurea infantil.

Era engraçado: como as pessoas tornam-se tão distantes e desconhecidas ao longo do tempo. Olhei para baixo, e não enxergava mais Augusto e meu pai, lamentando por minha morte. Não, era tarde demais, este espírito que me acompanhava já tinha me guiado até o fim. Até o fim do meu percurso.

Era isso; eu me tornaria partículas de poeira cósmica. Eu sentiria saudade deles, e queria despedir-me, mesmo que somente os observando daqui de cima.

- Vá! Não há mais tempo para voltar. – Ele falou.

Ok, eu já havia entendido, aqui era o meu final. O trem nunca mais iria avançar, ele pararia, deixaria os passageiros ali mesmo, e atravancaria para sempre, se enferrujaria nas inconstâncias do tempo que não passa mais, com suas rodas paradas nos trilhos da inércia.

Mas não sei se a tarefa ainda está cumprida. Não, a destruição que falei – se torna criação, está ausente. Está ausente pois observei ambos tentando reviver os costumes antigos daquela sociedade desregrada! E talvez, seja isso.

A maior criação, a maior divindade já preestabelecida em formatos nítidos de criação dentro do mundo seria uma destruição: o fim da sociedade sem rosto.

E após a sua morte agradecer-me e horrorizar-me, acalentando seu rosto sem enfeites, mesmo que na penumbra, irei respirar e deitar no leito feitos de moléculas em profunda paz.

Então fui, pulei, e me tornei pó! Deixei-los lá, sangrando. Até que seu sangue fosse enviado para meus ouvidos celestes, que se tornarão universais.

E a minha tarefa aqui estará cumprida.

Ou já está?

A volta para a origem das coisas é a solução para os problemas. Quanto mais se aproxima do estado natural das coisas, mais os problemas tendem a ir desaparecendo gradativamente.

A origem é o nascimento; quando se volta para lá, se nasce novamente, sem nenhuma sujeira inconsequente, dos ambientes aonde eu vivia, infestados de poluições.



V I S E U

Essa e outras obras em:
www.eviseu.com

facebook.com/editoraviseu
twitter.com/editoraviseu
instagram.com/editoraviseu

Contatos:
falecom@eviseu.com

Quer enviar sua obra para nossa avaliação?
originais@editoraviseu.com

*Este livro foi composto em AGaramond LT e Minion Pro
e impresso por Viseu.*